

THE TURN OF THE SCREW

A VOLTA DO PARAFUSO

LANDMARK

HENRY JAMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



COPYRIGHT 2004-2012 BY EDITORA LANDMARK LTDA.
A EFICÁCIA DO PARAFUSO
A VOLTA DO PARAFUSO
PREFÁCIO
CAPÍTULO I
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
THE TURN OF THE SCREW
PREFACE
CHAPTER 1
CHAPTER 2
CHAPTER 3
CHAPTER 4
CHAPTER 5
CHAPTER 6
CHAPTER 7
CHAPTER 8
CHAPTER 9
CHAPTER 10
CHAPTER 11
CHAPTER 12

CHAPTER 13
CHAPTER 14
CHAPTER 15
CHAPTER 16
CHAPTER 17
CHAPTER 18
CHAPTER 19
CHAPTER 20
CHAPTER 21
CHAPTER 22
CHAPTER 23
CHAPTER 24
HENRY JAMES

HENRY JAMES

A VOLTA DO PARAFUSO

THE TURN OF THE SCREW

EDIÇÃO BILÍNGUE



EDITORA LANDMARK
2012

COPYRIGHT 2004-2012 BY EDITORA LANDMARK LTDA.
PRIMEIRA EDIÇÃO: THE TURN OF THE SCREW : WILLIAM HEINEMANN PUBLISHING COMPANY, LONDRES: 13 DE OUTUBRO DE 1898
PUBLICADO INICIALMENTE EM SÉRIE: THE TURN OF THE SCREW: COLLIER'S WEEKLY: AN ILLUSTRATED JOURNAL EM 1898
DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
TRADUÇÃO E NOTAS: FRANCISCO CARLOS LOPES
REVISÃO: FRANCISCO DE FREITAS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SÃO PAULO, BRASIL)
JAMES, HENRY (1843-1916)
A VOLTA DO PARAFUSO - THE TURN OF THE SCREW /
HENRY JAMES; {TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E NOTAS FRANCISCO CARLOS LOPES}
- - SÃO PAULO: EDITORA LANDMARK, 2004.
TÍTULO ORIGINAL: THE PICTURE OF DORIAN GRAY
EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS / INGLÊS
ISBN 85-88781-14-X: 1A EDIÇÃO: 2004
ISBN 85-88781-23-9: 2A EDIÇÃO: 2005
ISBN 978-85-8070-001-5: 3A EDIÇÃO: 2011
E-ISBN 978-85-88781-71-9
1. ROMANCE NORTE-AMERICANO I. LOPES, FRANCISCO CARLOS II. TÍTULO III. TÍTULO: THE TURN OF THE SCREW
04-0540 CDD: 813
ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. ROMANCES: LITERATURA NORTE-AMERICANA 813

TEXTOS ORIGINAIS EM INGLÊS DE DOMÍNIO PÚBLICO. RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DESTA TRADUÇÃO E PRODUÇÃO.
NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODERÁ SER REPRODUZIDA ATRAVÉS DE QUALQUER MÉTODO, NEM SER DISTRIBUÍDA E/OU ARMAZENADA EM SEU TODO, OU EM PARTES, ATRAVÉS DE MEIOS ELETRÔNICOS, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA LANDMARK, CONFORME LEI N° 9610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

EDITORA LANDMARK
RUA ALFREDO PUJOL, 285 - 12° ANDAR - SANTANA
02017-010 - SÃO PAULO - SP
TEL.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095
E-MAIL: EDITORA@EDITORALANDMARK.COM.BR

WWW. EDITORALANDMARK.COM.BR
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
2012

A EFICÁCIA DO PARAFUSO

A Volta do Parafuso – The Turn of the Screw – de Henry James, foi primeiramente publicado em formato de folhetim, em edições do jornal Collier's Weekly, em 1898. Enquadra-se bem no gênero novela, em que Henry James foi particularmente bem-sucedido, constituindo um paradigma desse formato "curto demais para ser um romance e longo demais para ser um conto".

Fez enorme sucesso e tornou-se um dos trabalhos mais populares do autor, mas, provocou polêmica, porque nunca ficou claro se a preceptora, que narra a história de um casal de crianças possuído pelos espíritos de um criado de quarto e uma antecessora de sua função num casarão antigo em Bly, interior da Inglaterra, viu os espíritos de fato ou os fantasiou. Pelo viés da análise freudiana da reprimida sexualidade da era vitoriana, a preceptora, cheia de romantismo exaltado e sem experiência sexual alguma, podia ser vista como narradora altamente "suspeita".

Com sua carga de sugestividade e seu poder de causar calafrios, no entanto, A Volta do Parafuso tornou-se um modelo de narrativa de terror psicológico e foi adaptada para o cinema em 1961, pelo diretor inglês Jack Clayton, com roteiro de William Archibald e Truman Capote. O filme foi denominado Os Inocentes e é considerado um dos mais belos exercícios de terror psicológico já feitos no cinema, além de constituir um vigoroso exemplo de adaptação cinematográfica bem-sucedida de uma obra-prima literária.

"SINISTRA E PEÇONHENTA"

Fazer sinopse da história contada por um clássico muitíssimo conhecido é tolo, mas é preciso levar em conta o pouco que se lê no Brasil e que há muita gente nova para quem essa novela, embora muito citada, pode ser solenemente desconhecida.

Eis a situação: uma mulher jovem, solteira, filha de um pároco de um vicariato rural, vai a Londres atender a um anúncio em que se oferece emprego para uma preceptora. O tio de um casal de crianças órfãs, solteiro, bonitão e mundano, precisa de uma moça para cuidar dos pequenos, que são, para ele, um grande incômodo. O que ele exige? Que a moça que se dispuser ao trabalho vá

para uma propriedade, Bly, no interior da Inglaterra, e fique lá, cuidando das crianças, sem aborrecê-lo de modo algum com os problemas, podendo – na verdade, devendo – resolver tudo sem que a vida brilhante dele em Londres seja perturbada. É uma exigência absurda e egoísta, mas ele é encantador, percebe que ela é suscetível a esse encanto e um contrato obviamente chantagista é feito. Ela rumará para a propriedade, fará amizade com uma servidora rude e confiável, descobrirá que as crianças são excepcionalmente inteligentes e belas. Até que certas verdades, nada agradáveis, começarão a aparecer.

Isso ajuda e é pouquíssimo. Em Henry James, a trama pode ser pequena ou nenhuma, visto que o decisivo é a maneira pela qual é narrada. E, nesse caso, estamos diante de uma arapuca finamente armada: a narrativa, decididamente, é suspeita. No preâmbulo, estamos em uma sala vitoriana em que uma história de fantasmas foi contada e um seu ouvinte promete ao grupo atento que tem uma muito mais terrível para narrar, excitando a todos. As suspeitas podem começar já aí, visto que esse narrador – que faz da coisa um teatro bem calculado – aparece sob as luzes duvidosas da manipulação e está envolvido pessoalmente com a coisa. É mais indireto: a história aconteceu com uma mulher que foi governanta de sua irmã e que ele conheceu quando pequeno. Na verdade, apaixonou-se por ela. E ela – naturalmente, a jovem que pegou a vaga de preceptora a que nos referimos – lhe deixou o manuscrito em que conta tudo.

É preciso acreditar na fidelidade desse manuscrito. Mas, pode-se duvidar à vontade, na medida em que se vai conhecendo a narrativa da preceptora. Tem-se a impressão de um mecanismo de sedução que gira em muitas direções – tudo é extremamente ambíguo, tudo está implicado em alguma outra coisa e a narrativa tem que ser já vista como algo que nasce sob o signo da arbitrariedade – dos personagens e do autor.

Essa preceptora é um dos personagens mais ambíguos de um escritor pródigo em ambiguidades. Deitou-se tinta a fartar sobre seu caráter duvidoso e sobre sua condição de virgem vitoriana cheia de imaginação e frustração sexual em doses idênticas. Incumbida do casalzinho de órfãos, ela descobrirá que há, por trás deles, duas figuras que moraram em Bly e de cuja existência já não se fala mais: Peter Quint, o criado de quarto do tio, que a contratara, e a senhorita Jessel, a preceptora anterior das crianças.

Os dois estão mortos. A descoberta é pavorosa, mas, muito à maneira ambígua (e, como tradutor, garanto que sentia uma espécie de sorrisinho de James pairando nessas construções irônicas), é feita quando, numa tarde,

devaneando romanticamente, ela imagina que seria emocionante encontrar-se com a bela figura do tio que a impressionara nas cercanias da casa. Sua fantasia se concretiza, e ela encontra um homem desconhecido. Não era, naturalmente, o seu contratante. Era um espectro, o que ela não sabe. Mas a motivação romântica, mesmo através do horror que sentirá quando a verdade lhe for revelada pela servidora, permanecerá – o homem era bonito. Vestia roupas que visivelmente não eram dele. "São do patrão", dirá, acabrunhada, a criada que bem o conheceu. Ela o julgou, a princípio, um intruso intolerável – na verdade, era alguém da casa. E assim começará a desesperadora tentativa de proteger as crianças de verem o fantasma – mais tarde, fantasmas – até que outra descoberta, mais aterradora, se imporá: as crianças sabem e, na verdade, escondem que sabem, encontrando-se com os espectros furtivamente. É caso para enlouquecer, e não é de todo implausível que o manuscrito tenha sido engendrado por uma mulher louca.

O que é imaginado, o que é verdadeiro, nessa história? O público se dividiu enormemente com essa questão. A Volta do Parafuso teve grande repercussão, foi acolhido com admiração e polêmica, desde o início. Oscar Wilde, ninguém menos que ele, disse que era "uma pequena história maravilhosa, sinistra e peçonhenta".

É uma história poderosamente sugestiva e que pode ir sendo descascada, camada por camada, sem que um miolo unívoco seja atingido. Wilde deve ter levado bem em conta as amplas possibilidades de perversão sexual que contém. Peter Quint, monstro, é um homem desejado. Mantinha um caso com a preceptora anterior – caso no mínimo escandaloso (do ponto de vista dos criados, que nada podiam fazer a não ser testemunhar e fuxicar) e que era testemunhado (mais tarde, sugere-se que imitado) pelas crianças. Os outros empregados não podiam falar dele, para não chatear o patrão, que o deixara lá para tomar ares do campo e sarar de alguma doença não explicada. Que espécie de intimidade era essa com o patrão, de quem usava as roupas? Morto, ele é um duplo do tio "gentleman", duplo letal e paródico, que surge para a preceptora cheia de sonhos como a realidade sórdida que há por trás de seus ingênuos ideais românticos. Não é preciso ir muito longe para se imaginar homossexualidade nessa relação do criado de quarto com seu patrão, até porque persiste, nas impressões posteriores da preceptora, a sugestão de que o menino, Miles, fora expulso do colégio por dizer coisas estranhas aos colegas, com atitudes nitidamente influenciadas por seu convívio com o morto.

Homossexualidade, incesto, pedofilia e o que mais se quiser estão nas suspeitas da preceptora e nas do leitor, às margens de uma história vitoriana de fantasmas. Num folhetim com jeito de apelar para a habitual cumplicidade de leitoras e adular o ego feminino, James conseguiu colocar tudo isso com suprema elegância, poesia e com uma peçonha de mestre.

O PRINCIPAL SUSPEITO

Sexo e morte são os assuntos dessa novela, na verdade. E estão organicamente interligados, porque é evidente, no contexto de puritanismo vitoriano em que a história transcorre, que a narradora é um pouco como uma personagem de Charlotte Brontë (pensa-se em Jane Eyre), tomada por anseios românticos, encontrando, numa atmosfera típica do romance feminino inglês – o casarão vetusto em que há um mistério – não o galã sonhado, mas um morto que não perdeu seu atrativo sexual. James estava consciente desse ângulo paródico e se refere à hipótese-clichê do "parente louco" no texto. Nesse contexto, sexo só poderia aparecer na forma de um demônio. Não haveria lugar para ele de uma maneira sã na cabeça de uma filha de pároco rural cheia a um só tempo de imaginação e preconceitos. Sente-se nela uma espécie de curiosidade imensa quanto a um assunto que a apavora – o trecho em que lê um romance um pouco picante de Fielding deixa isso bastante claro.

Sexo, então, teria que ser algo reprimido, indesejado e apavorante – um fantasma. Naturalmente, tal fantasma tem uma atração irresistível e essa tensão entre monstro e fauno de Peter Quint dá ao texto riquezas ambíguas sem conta. Ele, o fantasma, é sempre comparado a um animal, mas é, ao mesmo tempo, exatamente por conter tudo de instintivo e permissivo, ou seja, de execrável, que encarna aquilo que a preceptora desejou – sem permitir que lhe subisse à consciência – no tio gentleman, e, depois, no menino de cuja educação cuida (o tempo todo ela se relaciona com o pequeno como se fosse um homem adulto, sedutor, em miniatura). As implicações dessa história não param de se estender, em múltiplas direções, nenhuma delas inocente, uma vez que as interpretações ficaram (e ficam) por conta da fineza – e da grossura – dos leitores. No filme Os Inocentes, Truman Capote foi um dos roteiristas, e sua percepção de literato deve explicar em parte a felicidade dessa adaptação, que termina de maneira decididamente menos ambígua, com a preceptora beijando

na boca o menino que lhe morre nos braços. Capote deu forma até um pouco grosseira a uma conjetura.

Essas dúvidas com relação à veracidade da narrativa e à sanidade mental da narradora, que por vezes se transformaram em outras tantas duvidosas certezas, marcaram a análise da novela. E por isso é surpreendente encontrar, em A arte do Romance, de James, recentemente lançado no Brasil, o autor em nada se referindo às decantadas neuroses da preceptora, dizendo que sua intenção, ao escrever a novela, era fazer uma história de fantasmas menos previsível, um entretenimento em que prevalecesse um tom de "trágica, mas requintada perplexidade".

Entre as intenções de James e as interpretações que a novela suscitou, há um abismo curiosamente... jamesiano. Essas leituras em aberto, capaz de levarem a grandes acertos e enormes absurdos, na certa deliciaram o autor. Mais (ou menos) apropriadamente, talvez, pode-se dizer que, entre os fantasmas aí tecidos, encontra-se um outro, nada desprezível: o da própria Literatura, que se ergue, no lugar do real, como uma fonte de possibilidades vertiginosas. A Volta do Parafuso tem dois narradores e, quem sabe Deus, quantos infernais giros interpretativos; os deleites pantanosos que oferece parecem não ter limites. O principal suspeito, sem dúvida, é James, o artífice de um artifício que, a partir de si, se espatifa em milhares de espelhos que se refletem e hipóteses que se erguem e se desdizem. É a eficácia do parafuso. É o prazer de criar outros mundos, com uma perigosa e sedutora autonomia, que a Literatura nos dá.

A VOLTA DO PARAFUSO

PREFÁCIO

O relato nos mantivera ao redor do fogo, suficientemente sem fôlego, mas exceto pela óbvia observação de que este era horrível, como um estranho conto, em véspera de Natal numa velha casa, deve essencialmente ser, não me lembro de ter havido comentário algum até que alguém arriscou dizer que era o único caso que conhecera em que uma tal aparição tinha ocorrido a uma criança. Era o caso, posso dizer, de uma aparição que ocorrera numa velha casa exatamente como aquela em que estávamos reunidos na ocasião – uma aparição de espécie medonha vista por um menininho que dormia num quarto com sua mãe e que despertou-a aterrorizado; despertou-a não para dissipar sua aflição e acalmá-lo para que voltasse a dormir, já que ela, antes de consegui-lo, se encontrou diante da mesma visão que o tinha abalado. Foi essa observação que arrancou de Douglas – não imediatamente, mas no transcorrer da noite – uma réplica que teve uma consequência interessante para a qual chamo a atenção. Outra pessoa contou uma história de pouco efeito, quando observei que ele não ouvia. Tomei isso como um sinal de que ele tinha alguma coisa para nos revelar e que teríamos apenas que esperar por ela. De fato, esperamos mais duas noites; mas, naquela mesma ocasião, antes que nos dispersássemos, ele nos contou o que passava por sua cabeça.

"Concordo inteiramente – a respeito do fantasma de Griffin, fosse ele o que fosse – que o fato de ter aparecido primeiro a um menino de tão pouca idade lhe dá uma característica particular. Mas essa não é a primeira ocorrência desse tipo encantador que envolva uma criança, ao que eu saiba. Se uma criança faz dar outra volta ao parafuso, o que diriam vocês de duas?"

"Diríamos que dariam duas voltas, com certeza!" – alguém exclamou – "E que também gostaríamos de saber sobre elas."

Revejo Douglas ali diante do fogo, para o qual dera as costas, encarando seu interlocutor com as mãos enfiadas nos bolsos. "Até agora, só eu soube. É horrível demais". Várias vozes declararam, naturalmente, que isso dava à coisa um valor extremo e nosso amigo, com arte sutil, preparou seu triunfo lançando olhares sobre todo o resto da plateia e continuou: "Está além de qualquer descrição. Não conheço nada com que possa ser comparado".

"Em termos de puro terror?", lembro-me que perguntei.

Ele pareceu querer dizer que não era tão simples assim; pareceu estar

perdido numa luta mental para qualificar a coisa. Passou sua mão sobre seus olhos e fez um pequeno esgar de estremecimento. "Em termos de pavor – pavor além da conta!"

"Oh, que delícia!", exclamou uma das mulheres.

Ele não a notou; olhou-me, mas como se, ao invés de mim, ele estivesse vendo aquilo de que falara. "Em termos de monstruosidade oculta, de horror e de dor".

"Bem, então", disse eu, "sente-se imediatamente e comece a contar".

Ele voltou para o pé do fogo, afastou uma acha com o pé, olhando-a por um instante. Falou como se nos olhasse novamente: "Não posso começar. Antes, tenho que dar providências na cidade". Houve um gemido de desânimo geral e muita reprovação em reação a isso, depois dos quais ele, a seu modo preocupado, explicou. "A história está escrita. Ficou numa gaveta bem fechada – não saiu de lá por muito tempo. Podia escrever ao meu criado enviando a chave, ele me enviaria o pacote assim que o achasse". Era a mim em particular que ele parecia querer propor isso – parecia quase apelar para uma ajuda a fim de acabar com suas próprias hesitações. Tinha quebrado uma espessa camada de gelo, uma formação que vinha se fazendo há mais de um inverno; tinha tido razões para seu longo silêncio. Os outros ficaram ressentidos com o adiamento, mas era exatamente sua dose de escrúpulos que me encantava. Instiguei-o a escrever pelo primeiro correio e a combinar conosco uma pronta leitura; então lhe perguntei se a experiência em questão tinha acontecido com ele. A isso respondeu rapidamente. "Graças a Deus, não!".

"E o relato é seu? Foi você que o escreveu?"

"Fiquei apenas com a impressão. Guardei-a aqui" – ele bateu em seu coração. "Nunca a perdi".

"Então, o manuscrito...?"

"O manuscrito está numa tinta velha e apagada, na mais bela de todas as letras". Ele revolveu o fogo novamente. "Letra de uma mulher. Ela morreu há vinte anos. Mandou-me essas páginas antes da morte". Todos ouviam-no agora, e claro que não faltou alguém para fazer malícia ou extrair a infalível dedução. Mas, se pôs a dedução de lado sem sorrir, também o fez sem irritar-se. "Ela era uma pessoa do maior encanto, mas era dez anos mais velha que eu. Era a governanta de minha irmã", disse mansamente. "Era a mulher mais agradável

que conheci em sua posição; teria sido digna de posições bem mais elevadas. Foi há muito tempo, e a coisa se deu bem antes de eu conhecê-la. Eu estava em Trinity, e a encontrei em casa no meu segundo verão. Fiquei muito lá naquele ano – foi uma bela temporada; nas suas horas de folga, passeávamos e conversávamos no jardim – conversas nas quais ela me deixava atônito com sua inteligência e beleza. Ah, não riam: eu gostava imensamente dela e até hoje fico feliz em pensar que ela também gostava de mim. Se não gostasse, nunca teria me contado. Nunca contara a história a ninguém. Não que o dissesse, mas eu sabia que não contara. Eu tinha certeza; eu via. Vocês saberão facilmente o porquê, quando a ouvirem."

"Por que a coisa tinha sido tão pavorosa?"

Ele continuou a encarar-me. "Você saberá facilmente", ele repetiu: "você saberá".

Encarei-o também. "Compreendo. Ela estava apaixonada."

Riu pela primeira vez. "Você é perspicaz. Sim, estava apaixonada. Quer dizer: tinha estado. Isso transpareceu – ela não poderia ter contado a sua história sem que isso transparecesse. Notei, e ela notou que eu notei, mas nenhum de nós tocou no assunto. Lembro a hora e o lugar – um canto de gramado, a sombra de grandes faias e a tarde longa e quente de verão. Não era cenário para um arrepio; mas...!" Afastou-se do fogo e voltou a recostar-se em sua cadeira.

"Receberá o pacote na manhã de quinta-feira?", perguntei.

"Creio que na segunda remessa".

"Bem, então – depois do jantar..."

"Vocês todos estarão aqui?" Lançou um olhar para todo o grupo novamente. "Ninguém irá embora?" A pergunta continha uma nota de esperança.

"Todo mundo vai ficar!"

"Eu vou – e eu vou!", exclamaram as senhoras cuja partida já estava marcada. A Senhora Griffin, contudo, mostrou-se carente de um pouco mais de esclarecimento. "Por quem será que ela estava apaixonada?".

"A história dirá", incumbi-me de responder.

"Oh, mal posso esperar pela história!"

"Ela não dirá", disse Douglas. "Não de um modo literal, vulgar".

"Mais uma lástima, então. Esse é o único modo pelo qual entendo as coisas."

"Você não contará, Douglas?", alguém perguntou.

Ele pôs-se de pé novamente. "Sim – amanhã. Agora preciso dormir". E, rapidamente, apanhando um castiçal, ele se afastou, deixando-nos um pouco desconcertados. Ouvimo-lo subindo a escada do extremo do salão de lambris escuros onde nos encontrávamos e onde a Senhora Griffin falou. "Bem, se eu não sei por quem ela estava apaixonada, por quem ele estava eu sei."

"Ela era dez anos mais velha", disse o marido.

"Raison de plus" – naquela idade! Mas é bonito, esse longo silêncio em que ele se manteve.".

"Quarenta anos!", Griffin acrescentou.

"E por fim esse desabafo".

"O desabafo", retornei, "fará da noite de quinta-feira uma ocasião muito especial", e todo mundo concordou comigo de tal modo que, tendo isso em consideração, perdemos a atenção para tudo mais. A última história, embora incompleta e sugerindo muito mais o início de uma série, tinha sido contada; apertos de mãos e o que alguém chamou de "apertos de castiçais" foram trocados, nos despedimos e fomos dormir.

Soube no dia seguinte que uma carta contendo a chave tinha sido mandada a seu apartamento em Londres, pelo primeiro correio; mas apesar – ou talvez por causa – da eventual difusão desse fato, deixamo-lo tranquilo até depois do jantar, até uma certa hora da noite que de fato pudesse combinar com o tipo de emoção no qual depositávamos nossas expectativas. Então ele se tornou tão comunicativo quanto desejávamos e deu-nos realmente motivos para ficarmos esperançosos. Escutamo-lo novamente diante do fogo no salão, ali mesmo onde, na noite anterior, tinha-nos mantido num assombro bem-educado. Parecia que a narrativa que prometera ler-nos requeria algumas palavras de introdução para ser melhor compreendida. Permitam-me dizer que essa narrativa, numa transcrição fiel que fiz muito tempo depois, é a que se lerá neste livro. Pobre Douglas, antes de sua morte – quando ela era já iminente – entregou-me o manuscrito que lhe chegou no terceiro desses dias e que, no mesmo lugar, na noite do quarto, começou a ler para nosso pequeno grupo

silencioso e atento. As senhoras de partida marcada que tinham afirmado categoricamente que ficariam, naturalmente, graças aos céus, não ficaram: partiram, devido a compromissos já estabelecidos, morrendo de curiosidade, como diziam, curiosidade produzida pelos toques com que ele nos tinha cativado. Mas isso, por fim, apenas tornou sua pequena plateia mais compacta e seleta, mantendo-a, em torno da lareira, sujeita a uma emoção em comum.

O primeiro desses toques estabelecia que o manuscrito partia de um ponto em que a história já tinha, de certa maneira, começado. Tínhamos que ter em mente o fato de que sua velha amiga, a mais velha de várias filhas de um pobre pároco rural, aos seus vinte anos, à procura de seu primeiro trabalho como preceptora, fora para Londres, agitada, para responder em pessoa a um anúncio que já a tinha colocado em contato, através de correspondência, com o anunciante. Ao apresentar-se para o teste numa casa em Harley Street, o possível futuro patrão provou-se um cavalheiro, um homem solteiro ainda bem jovem, uma figura que, como tal, nunca tinha lhe aparecido em sua vida de mocinha irrequieta e sonhadora de um vicariato em Hampshire. Pode-se facilmente adivinhar seu tipo; felizmente, nunca desaparece. Era bonito e ousado e gentil, espontâneo e alegre e acolhedor. Ele a encantou, inevitavelmente, pelo que tinha de galante e esplêndido, mas o que a encantou mais que tudo e deu a ela a coragem que exibiu mais tarde, foi ele ter posto a coisa em tais termos que seria como um favor que ela lhe fizesse, uma obrigação pela qual ele contrairia uma dívida de gratidão com ela. Fantasiou-o rico, mas perdulário, extravagante – via-o todo resplandecente em alta moda, em bela aparência, mantendo hábitos de luxo, cativante para as mulheres. Sua residência na cidade era um casarão repleto de lembranças trazidas de viagens e troféus de caça; mas era para a sua casa no campo, um antigo recanto de família em Essex, que ele queria que ela imediatamente fosse.

Ele tinha ficado tutor de um casal de pequenos sobrinhos, cujos pais tinham morrido na Índia; o pai era um seu irmão mais jovem, militar, que ele perdera há dois anos atrás. Essas crianças estavam, pelo mais estranho dos acasos para um homem em sua posição – sozinho e sem experiência apropriada ou um pingo de paciência para esses fins – pesando em suas mãos. Tudo tinha sido uma enorme preocupação e, quanto ao que lhe tocava, fora de dúvida, um sem-fim de equívocos, mas ele se compadecia imensamente da sorte dos pequenos e fizera quanto pudera; mandara-os para a sua outra casa, tendo em vista que era melhor para eles estarem no campo, e mantivera-os lá desde o

início com quem melhor pudesse cuidar deles, privando-se de alguns de seus servidores e indo, sempre que podia, ver como as coisas iam se arranjando. A coisa mais espinhosa era que as crianças não tinham outros parentes e que seus próprios negócios mantinham-no ocupado a maior parte do tempo. Instalara-os em Bly, um lugar que era saudável e seguro, colocando à frente dos trabalhos domésticos uma mulher excelente, a Senhora Grose, a quem estava certo que ela apreciaria e que fora primeiro uma criada de sua mãe. A Senhora Grose fazia vezes de governanta e estava incumbida de cuidar da menininha, a quem, por não ter filhos, era, felizmente, muito apegada. Havia um monte de gente para ajudá-la, mas certamente a pessoa que tivesse a função de preceptora seria dotada de autoridade suprema. Nas férias, ela teria que cuidar também do rapazinho, que estava no colégio – era jovem demais para isso, mas que se podia fazer? – e, como estavam prestes a começar, ele poderia voltar de uma hora para outra. No início, tinha havido uma jovem que cuidava do casalzinho, mas, por desgraça, tinham-na perdido. Trabalhara com eles muito bem – era uma pessoa respeitabilíssima – até a sua morte, o que de pior podia acontecer então, pois não lhes deixou outra solução senão mandar o pequeno Miles para o colégio. A Senhora Grose, desde essa perda, fez o que pode por Flora em termos de ensinar-lhe o devido; e havia, além dela, uma cozinheira, uma criada, uma granjeira, um velho pônei, um velho que cuidava da estrebaria e um velho jardineiro, todos igualmente respeitáveis.

Douglas tinha chegado a essa altura da história, quando alguém fez uma pergunta. "E de que morreu a primeira preceptora? – de tanta respeitabilidade?".

Nosso amigo respondeu prontamente. "Isso será esclarecido. Não vou adiantar nada."

"Perdão – pensei que era exatamente isso que você estava fazendo.".

"No lugar da sucessora", sugeri, "eu teria querido saber se o emprego implicaria em..."

"Perigo de morte?". Douglas completou meu pensamento. "Ela queria saber sim, e soube. Vocês saberão amanhã o que ela soube. Naquele momento, naturalmente, a perspectiva lhe pareceu ligeiramente sombria. Ela era jovem, novata, nervosa: tinha pela frente um panorama de obrigações muito sérias e escassa companhia, uma solidão realmente grande. Hesitou – pediu alguns dias para meditar e considerar. Mas o salário oferecido ultrapassava suas

expectativas modestas, e numa segunda entrevista decidiu encarar a situação e aceitou". Nesse trecho, Douglas fez uma pausa que, em benefício do grupo, motivou-me a observar –

"A moral dessa história foi que a sedução do belo homem funcionou, naturalmente. Ela sucumbiu."

Ele levantou-se e, como na noite anterior, andou rumo ao fogo, revolveu uma acha com o pé e ficou por um instante de costas para nós. "Ela viu-o apenas duas vezes".

"Sim, mas é isso que embeleza a sua paixão."

Nisso, Douglas, para minha surpresa, virou-se para meu lado. "Realmente, era o que a embelezava. Houve outras candidatas ao emprego", continuou, "que não sucumbiram. Ele lhe falou francamente de suas dificuldades – para as outras, as condições tinham sido proibitivas. Mostravam-se assustadas. O trabalho parecia monótono – parecia estranho; e mais ainda por causa de sua principal condição."

"Que era... ?"

"Que a contratada nunca o perturbasse – mas isto nunca, nunca: nem apelar nem queixar-se nem escrever sobre coisa nenhuma; teria que resolver as questões sozinha, receber o dinheiro das mãos do procurador, assumir o encargo todo e deixá-lo em paz. Ela prometeu fazê-lo, e mencionou-me que quando, por um momento, aliviado, deliciado, ele apertou sua mão, agradecendo-a pelo sacrifício, ela se sentiu recompensada."

"E isso foi tudo que ela obteve como recompensa?", uma senhora perguntou.

"Ela nunca mais o viu".

"Oh!", suspirou a senhora; o que, como nosso amigo se afastou novamente, foi a única palavra de importância sobre o assunto que nos restou até que, na noite seguinte, no canto da lareira, na melhor cadeira, ele abriu a apagada capa vermelha de um álbum pouco volumoso, de bordas douradas, de um gênero fora de moda. Tudo durou muito mais que uma noite, mas na primeira ocasião a mesma senhora tinha outra pergunta a fazer. "Que título tem?"

"Não lhe dei nenhum".

"Oh, eu tenho um!", afirmei. Mas Douglas, sem me dar atenção, tinha começado a ler com um uma clareza tão límpida que era como se estivesse fazendo uma transposição para os nossos ouvidos da beleza da letra da autora.

CAPÍTULO I

Recordo todo o início como uma sucessão de altos e baixos, como uma pequena gangorra de emoções desencontradas. Depois do entusiasmo com que atendi ao apelo dele na cidade, tive sob todos os aspectos alguns dias muito difíceis – vi-me novamente cheia de dúvidas, chegando a ter certeza de que fizera a coisa errada. Neste estado de espírito passei as longas horas de trepidações e solavancos dentro de uma diligência que me levava até o ponto de parada onde um veículo proveniente da casa devia me apanhar. Eu contava com esta providência, que de fato foi tomada, e finalmente me acomodei numa carruagem que me conduziu por um fim de tarde de Junho. Viajar nessa hora, num belo dia, através de uma região cuja doçura de verão parecia me oferecer uma acolhida amigável, fez com que minhas forças se recuperassem e, quando entramos numa alameda, encontraram um alívio que não era mais que a prova do quanto andavam combalidas. Suponho que tinha esperado, ou temido, alguma coisa tão profundamente melancólica que o que encontrei foi uma grata surpresa. Recordo, como uma impressão das mais agradáveis, a fachada ampla e clara, janelas abertas e cortinas frescas e um par de criadas à minha espera; lembro o gramado e as flores luminosas e o ruído das rodas no cascalho e as copas unidas das árvores acima das quais, lá no alto, no céu dourado, as gralhas voavam em círculos e grasnavam. O cenário tinha uma imponência que o tornava muito diferente da terra natal sem atrativos de que eu provinha, e imediatamente surgiu à porta, de mãos dadas com uma menina, uma pessoa comum que saudou-me com uma mesura tal que era como se eu fosse a esposa de um visitante ilustre. Em Harley Street eu obtivera uma noção vaga do lugar, e isso, como recordo, fez-me julgar o proprietário muito mais que um cavalheiro, visto que o que eu estava por desfrutar agora podia ser algo muito além do que ele me descrevera.

Não tive decepção até o dia seguinte, porque uma sensação de triunfo apoderou-se de mim depois que fui apresentada à minha jovem aluna. A garotinha que acompanhava a Senhora Grose pareceu-me uma criatura tão encantadora que achei uma grande sorte ter que cuidar dela. Ela era a criança mais bela que eu já vira, tanto que me pus a pensar por que meu patrão não teria me falado dela mais detalhadamente. Dormi pouco naquela noite – estava excitada demais; me espantava também a generosidade com que estava sendo tratada. O quarto grande e impressionante, um dos melhores da casa, a cama

ampla e de gala, como a achei, as cortinas estampadas, os altos espelhos nos quais, pela primeira vez, via-me de corpo inteiro, tudo me deslumbrava – como o extraordinário encanto de minha pequena discípula – e me parecia arrebatador. Ficou claro, desde o princípio, que eu teria com a Senhora Grose uma relação diferente daquela que, na diligência, viera me causando cismas. A única coisa que poderia ter me infundido algum receio nesse primeiro encontro era a clara circunstância de ela estar tão alegre por me receber. Em menos de uma hora, percebi que ela estava tão alegre – era uma mulher corpulenta, simples, direta, limpa e sadia – que esforçava-se para disfarçá-lo, para que essa alegria não transbordasse. Pensei com estranheza sobre o porquê desse desejo de ocultá-la e, se me estendesse na reflexão e na suspeita, eu ficaria ainda mais inquieta.

Mas era um alívio que não pudesse haver inquietação em relação a uma coisa tão beatífica quanto a imagem radiante da garotinha, visão cuja beleza angelical tinha sido a causa provável de uma inquietude que, antes de amanhecer, fez-me várias vezes sair da cama e vagar pelo meu quarto para ter uma noção mais compenetrada do ambiente, para observar, de minha janela aberta, o esmaecer da aurora de verão, para tomar ciência de outras partes do resto da casa enquanto ouvia, na escuridão que se diluía, os primeiros pássaros começando a trinar, e supunha ouvir algo mais, a recorrência de um ou dois sons menos naturais não lá fora, mas no lado de dentro. Houve um momento em que acreditei ter reconhecido, débil e distante, o grito de uma criança; houve também outro em que tive como que o começo da consciência de que passos leves passavam atrás da porta. Mas essas cismas não eram acentuadas a ponto de não poderem ser postas de lado, e é apenas à luz, ou à sombra, dos fatos subsequentes, que agora retornam à minha memória. Vigiar, ensinar, "formar" a pequena Flora era uma perspectiva evidente demais de vida feliz e produtiva. Ficara combinado lá embaixo que, depois da primeira noite, ela passaria a ficar ali comigo, e a pequena cama branca já tinha sido colocada junto à minha para esse fim. Eu teria a guarda total dela e ela tinha ficado pela última vez com a Senhora Grose levando ambas em conta o meu inevitável desajustamento e a timidez natural da menina. A despeito dessa timidez – a que ela mesma, do modo mais estranho do mundo, se referia com franqueza e coragem, sem o menor sinal de embaraço, com a profunda e doce serenidade de um anjo de Rafael, colocando-a em questão e atribuindo a si a responsabilidade – eu tinha certeza de que ela gostaria de mim. A Senhora Grose mostrava um prazer evidente, que já me fizera gostar dela, constatando a minha admiração e deslumbramento quando eu me aproximava da mesa de jantar com quatro altos candelabros e a

minha pequena discípula, sentada numa cadeira alta, com um babadouro no pescoço, observava-me com atenção radiosa por cima do pão e do leite. Naturalmente havia coisas a que, na presença de Flora, só podíamos aludir obscuramente, com uma troca de olhares gratos e admirados.

"E o menino – ele se parece com ela? É extraordinário assim também?"

Convinha não lisonjear diretamente uma criança. "Oh, senhorita, muito. Se a senhora acha disso da menina!" – e lá ficava ela com um prato na mão, embevecida com nossa companheira, que nos olhava de uma para outra, os olhos celestiais sem nenhuma espécie de desconfiança de nós.

"Sim; e aí...?"

"Vai ficar arrebatada com o pequeno gentleman!"

"Bem, acho que foi para isso que vim – para ficar arrebatada. Mas, estou com um pouco de medo", lembro-me de ter tido o impulso de acrescentar, "Fico facilmente arrebatada. Já o fiquei, em Londres".

Revejo o rosto amplo da Senhora Grose considerando o que eu acabara de dizer. "Em Harley Street?"

"Em Harley Street, sim".

"Bem, senhorita, não é a primeira – e não será a última."

"Oh, não tenho a pretensão", consegui rir, "de ser a única. Meu aluno, segundo entendo, deve chegar amanhã?"

"Amanhã não, senhorita: chega na sexta-feira. Virá pela diligência, como a senhora, sob vigia do guarda, e depois, a mesma carruagem que a trouxe vai pegá-lo".

Disse então que o mais apropriado, cordial e amistoso a fazer, pela ocasião da chegada da carruagem, era que eu fosse esperar por ele na companhia da irmãzinha; a ideia agradou tanto a Senhora Grose que eu interpretei seu agrado como se fosse uma promessa calorosa – graças aos céus, nunca desmentida! – de que estaríamos unidas em todas as questões. Oh, ela realmente estava muito alegre pela minha presença!

O que eu senti no dia seguinte, suponho que não fosse nada que pudesse ser chamado com justiça de uma reação ao prazer de minha chegada; era muito mais, provavelmente, uma ligeira opressão causada por uma avaliação mais completa dos acontecimentos, ponderando uma por uma as circunstâncias.

Elas tinham, como eram, uma extensão e um volume para os quais eu não me preparara e na sua presença eu me sentia um tanto amedrontada e também um tanto orgulhosa. As lições, devido a essa agitação, sofreram um atraso; refleti que meu primeiro dever era, pelas artes mais sedutoras que pudesse inventar, o de conquistar a atenção da menina. Passei o dia ao ar livre, tendo-a ao meu lado; dispus com ela, para sua grande satisfação, que era ela, apenas ela, quem deveria mostrar-me o lugar. Mostrou-o passo a passo e aposento a aposento e segredo a segredo, com uma tagarelice cômica, deliciada e infantil que teve o resultado de, em menos de uma hora, tornar-nos imensamente amigas. Jovenzinha como ela era, fui arrastada, ao longo de nossa pequena excursão, por sua confiança e coragem em ir abrindo caminho, mostrando aposentos vazios e corredores escuros, escadas em espiral que me obrigavam a parar para tomar fôlego, o que fiz também no alto de uma torre quadrada, de ameias, devido a tonturas, a sua música matinal, a sua disposição para dizer mais coisas que as que me perguntava me causando tanto interesse quanto aturdimento. Não voltei a ver Bly desde o dia em que deixei o lugar, e ouso dizer que para meus olhos mais experientes, ele apareceria, agora, em sua dimensão exata de acanhamento. Mas, enquanto minha pequena guia, com seu cabelo dourado e seu vestido azul, dançava diante de mim mostrando-me cantos e passagens, eu tinha a visão de um castelo de romance habitado por um duende rosado, um lugar que, pela diversão de uma mente infantil, tomaria todo o aspecto de um livro de fábulas ou contos de fadas. Aquilo já não seria uma historinha fantástica que me fizera adormecer e sonhar? Não; era uma casa grande, feia e antiga, mas cômoda, que continha elementos de uma construção ainda mais remota, em parte substituídos e em parte reutilizados, na qual eu tinha a impressão de que estávamos meio perdidos, como um punhado de passageiros num navio à deriva. Nesse navio era como se eu estivesse, estranhamente, segurando o leme!

CAPÍTULO 2

Essa ideia me voltou quando, dois dias depois, fomos, eu e Flora, esperar o pequeno gentleman, que era como a Senhora Grose o chamava; voltou-me devido a um incidente, que ocorrendo logo na segunda noite, deixara-me desconcertada. O primeiro dia havia sido, no geral, como expliquei, bem tranquilizador; mas fui vendo-o transformar-se e trazer uma intensa apreensão.O correio, de noitinha – chegando com atraso – continha uma carta dirigida a mim, que, contudo, na letra do meu patrão, era composta por poucas palavras e incluía outra carta, endereçada a ele, com o lacre ainda intacto. "Reconheço aí a letra do diretor do colégio, e ele é um terror de maçante. Leia, por favor; entenda-se com ele por mim; mas lembre-se de não me informar. Nem uma palavra. Estou viajando!" Rompi o lacre com um esforço tão grande que parecia que não ia acabar-se nunca; levei a carta fechada para o meu quarto lá em cima e só me senti disposta a atacá-la quando já estava para dormir. Teria feito melhor se esperasse para fazê-lo na manhã seguinte, pois seu efeito foi me dar uma segunda noite de insônia. Como não havia ninguém com quem me aconselhar, no outro dia, fiquei angustiada; a angústia chegou, por fim, a tal ponto, que tomei a decisão de abrir-me pelo menos com a Senhora Grose.

"Que significa isto? O menino foi expulso do colégio".

Ela lançou-me um olhar que por um momento estranhei; então, visivelmente, com uma ligeira inexpressividade, pareceu recuperar-se. "Mas eles não são todos... ?"

"Mandados para casa – sim. Mas só pelo período das férias. No caso de Miles, pode ser que nunca mais volte."

Conscientemente, enquanto eu a fitava, ela enrubesceu. "Não vão querê-lo mais?"

"Foi rejeitado de forma absoluta."

Nesse ponto ergueu os olhos, que tinha desviado de mim; vi-os ficarem cheios de lágrimas. "O que ele fez?"

Hesitei; achei mais simples lhe estender a carta – contudo, isso fez com que, sem apanhá-la, colocasse as mãos atrás de si. Balançou a cabeça tristemente. "Essas coisas não são para mim, senhorita".

Minha confidente não sabia ler! Tremi com minha falha, que atenuei

como pude, e abri minha carta novamente para repetir-lhe o que soubera; então, hesitando e dobrando-a novamente, recoloquei-a em meu bolso. "Ele é mesmo um garoto mau?"

As lágrimas estavam ainda lá, em seus olhos. "Os senhores do colégio afirmam isso?"

"Não entram em detalhes. Simplesmente dizem com pesar que será impossível mantê-lo. Isso só pode ter um significado". A Senhora Grose ouvia com emoção contida; absteve-se de perguntar que significado seria esse; de tal modo que, para colocar a coisa de um modo inteligível em sua presença, continuei: "Que ele pode ser prejudicial para os outros alunos".

A essa altura, com um desses sobressaltos comuns em gente simples, ela inflamou-se. "O Senhor Miles! ele, prejudicar alguém!"

Havia tal transbordamento de boa-fé em sua expressão que, mesmo sem ter visto o menino, meus próprios receios fizeram com que eu recuasse ante o absurdo da ideia. Vi-me, para ser solidária com minha companheira, dizendo sarcasticamente: "Prejudicar seus pobres coleguinhas inocentes!".

"É terrível que se diga coisas tão cruéis! Ele tem apenas dez anos", gemeu a Senhora Grose.

"Sim, sim; seria inacreditável".

Tal declaração deixou-a evidentemente satisfeita. "Veja-o primeiro, senhorita. Depois, verá se é possível acreditar nisso!". Senti um recrudescimento da impaciência que já tinha por vê-lo; foi o começo de uma curiosidade que, por todas as horas subsequentes, chegava a ponto de doer. Pelo que percebia, a Senhora Grose tinha consciência do efeito que suas palavras me causaram, e reforçou-as com toda a segurança. "Pode-se pensar o mesmo da pequena senhora. Abençoada seja!", acrescentou – "olhe para ela!"

Virei-me e vi Flora, a quem, há dez minutos, deixara na sala de estudos com uma folha de papel branco, um lápis e o dever de copiar uns "O's" bem redondos e que agora aparecia para dar uma espiada pela porta aberta. A seu modo de criança, expressava um grande desapego às tarefas desagradáveis, e , apesar da existência destas, me olhava com a irradiação de sua infância como se esta fosse um mero resultado do afeto que por mim sentia, o que redundava na necessidade de obedecer-me. Não precisei mais que essa visão para sentir a força inequívoca da comparação da Senhora Grose, e, agarrando minha aluna

nos braços, cobri-a de beijos nos quais havia um soluço de arrependimento.

Apesar disso, pelo resto do dia esperei por uma ocasião oportuna para aproximar-me de minha companheira, especialmente pela noitinha, quando cismei que ela parecia estar preferindo me evitar. Apanhei-a, lembro, na escada; descemos juntas, e na base eu a detive, abraçando-a e colocando a mão em seu ombro. "O que a senhora me disse pela manhã, eu tomei como afirmação de que nunca viu o menino se comportar mal".

Lançou a cabeça para trás; a essa altura, ela, com honestidade, bem claramente, já havia tomado uma atitude. "Oh, nunca não – eu não pretendia dizer uma coisa dessas!"

Fiquei perplexa outra vez. "Então, a senhora viu ...?"

"Sim, senhorita, graças a Deus!"

Refleti e aceitei. "A senhora quer dizer que um menino que nunca...?"

"Não é um menino para mim!"

Abracei-a com mais força. "A senhora gosta que os meninos sejam travessos?". E, antecipando sua resposta, disse: "Eu também!", rapidamente acrescentei: Travessos sim, mas não a ponto de contaminar..."

"Contaminar?" – a palavra a deixou atarantada.

Expliquei-a. "Corromper".

Arregalou os olhos, compreendendo; mas a coisa causou nela uma risada estranha. "Tem medo que ele corrompa a senhorita?" Colocou a questão com um humor tão leve e audacioso que imitei sua risada, um pouco tolamente, sem dúvida, ficando apreensiva pelo ridículo que poderia passar.

Mas no dia seguinte, quando a hora de tomar o carro se aproximava, apanhei-a em outro ponto da casa. "Como era a moça que esteve aqui antes de mim?"

"A última preceptora? Era também jovem e bela – quase tão jovem e tão bela como a senhorita".

"Então, espero que a juventude e a beleza dela tenham lhe ajudado!" – deixei escapar. "Ele parece nos preferir jovens e belas!"

"Oh, ele preferia", a Senhora Grose concordou: "era assim que gostava de todas!" Mal tinha falado essas palavras, procurou emendar-se. "Digo que esse

é o jeito dele – do patrão."

Fiquei alarmada. "Mas de quem a senhora falou primeiro?"

Ela estava pálida, mas recuperou-se. "Ora, dele, claro."

"Do patrão?"

"De quem mais poderia ser?"

Era tão clara a inexistência de alguém mais que no momento seguinte eu já tinha esquecido a minha impressão de que ela dissera acidentalmente mais do que queria; e simplesmente perguntei o que queria saber. "Ela via alguma coisa no menino... ?"

"Que fosse errada? Nunca me falou nada."

Tive um escrúpulo, que venci. "Ela era cuidadosa, nesse particular?"

A Senhora Grose pareceu esforçar-se por lembrar bem. "Em certos aspectos – sim".

"Mas não em todos?"

Ela voltou a pensar. "Bem, senhorita – ela se foi. Não vou ser faladeira."

"Entendo a sua posição", apressei-me em responder; mas logo a seguir, pensei que não haveria mal em aproveitar e prosseguir: "Ela morreu aqui?"

"Não – tinha ido embora".

Não sei o que havia nesse laconismo da Senhora Grose que o tomei como um pouco ambíguo. "Foi-se embora para morrer?" A Senhora Grose olhou para fora da janela, esquivando-se, mas eu achei que, hipoteticamente, tinha o direito de saber o que era esperado das jovens que se empregavam em Bly. "A senhora quer dizer que ela ficou doente e foi para casa?".

"Não ficou doente aqui, que me lembre. Saiu no fim do ano para ir para casa, como disse, tirando uma folga, o que, pelo tempo que tinha trabalhado aqui, estava no seu direito. No seu lugar, ficou uma outra mulher – uma empregada que também era uma moça boa e inteligente; e foi essa que tomou conta das crianças nesse intervalo. Mas, nunca voltou, e no exato momento em que eu esperava por ela, o patrão me comunicou que estava morta."

Pensei e pensei naquilo. "Mas, morreu de quê?"

"Ele nunca me falou! Mas, por favor, senhorita", disse a Senhora Grose. "Preciso continuar com meu trabalho".

CAPÍTULO 3

O fato de, a seguir, ela ter me dado às costas não foi, felizmente, para as minhas justas preocupações, uma descortesia que pudesse estorvar o crescimento de nosso afeto mútuo. Depois que eu trouxe Miles para casa, ficamos mais íntimas que nunca devido à minha estupefação e meu abalo, pois achava monstruoso que uma criança como aquela que eu acabava de conhecer estivesse proibida de ficar no colégio. Cheguei um pouco atrasada ao nosso encontro e senti, enquanto ele permanecia numa espera ansiosa de mim diante da porta da estalagem na qual a diligência o deixara, que o via, naquele instante, sem tirar nem pôr, com a mesma irradiação de frescor, com a mesma indiscutível fragrância de pureza que percebera ao conhecer sua irmã no primeiro momento. Ele era incrivelmente bonito, e o que a Senhora Grose tinha dito era a pura verdade: sua presença fazia com que nada a não ser uma ternura apaixonada subsistisse. O que atingiu meu coração ali, na ocasião, foi algo divino que nunca encontrei no mesmo grau em outra criança – seu indescritível jeitinho de não conhecer neste mundo nada que não fosse amor. Era impossível que alguém carregasse uma má reputação com maior doçura e inocência, e quando voltava para Bly ao seu lado continuei perplexa – ou melhor, indignada – ao lembrar-me da carta horrível que deixara trancada numa gaveta do meu quarto. Assim que pude trocar algumas palavras em particular com a Senhora Grose, declarei a ela que tudo aquilo era grotesco.

Ela me entendeu rapidamente. "A senhorita está falando daquela acusação cruel?".

"Não procede. Minha cara, olhe para ele!"

Ela sorriu de minha pretensão de ser a descobridora do encanto do menino. "Pode ter certeza de que não faço outra coisa, senhorita! Então, o que a senhorita vai dizer?", ela acrescentou prontamente.

"Em resposta à carta?" Eu já tinha me decidido. "Nada."

"E ao tio do menino?"

Fui incisiva. "Nada."

"E ao próprio menino?"

Fui maravilhosa. "Nada."

Ela enxugou os lábios vigorosamente com o avental. "Então, ficarei do

seu lado. O que acontecerá, veremos."

"Veremos!", repeti com ardor, estendendo-lhe a minha mão para que selássemos o nosso pacto.

Ela me deteve mais um pouco, e então ergueu o avental novamente com a mão que ficara livre. "A senhorita se importaria se eu tomasse a liberdade...?"

"De beijar-me? Não!" Tomei a boa criatura em meus braços e, depois que tínhamos nos abraçado feito irmãs, nos sentimos ainda mais fortalecidas e indignadas.

Foi assim que as coisas se passaram durante certo tempo: um tempo tão cheio que, quando tenho que recordá-lo com precisão, preciso fazer uso de toda arte para torná-lo um pouco mais nítido. O que me causa espanto, em retrospecto, é ter eu aceitado uma tal situação. Tinha combinado, com minha companheira, ver o que poderia suceder, e estava sob o efeito de um encanto que aparentemente podia aplainar as extensões e consequências de um esforço tão grande. Eu estava flutuando sobre uma grande onda de fantasia e piedade. Achava simples, na minha ignorância e confusão, e talvez na minha presunção, assumir que poderia lidar com um menino cuja educação para o mundo estava ainda em seu início. Ainda hoje me sinto incapaz de recordar que plano eu tracei para o fim das suas férias e o reinício de seus estudos. Estava teoricamente estabelecido que ele teria aulas comigo naquele verão encantador; mas agora sinto que, por várias semanas, quem tomou lições fui eu. Aprendi – sem dúvida, era a primeira vez – uma coisa que não conhecera em minha vida limitada, sufocada; aprendi a me divertir, a ser divertida, e a não pensar no dia de amanhã. Foi a primeira vez, de certa maneira, que conheci espaço e ar livre e liberdade, que conheci toda a música do verão e todo o mistério da natureza. E havia consideração – e essa consideração era doce. Oh, era uma armadilha – não deliberada, mas profunda – para a minha imaginação, para a minha sensibilidade, talvez para a minha vaidade; enfim, para o que em mim fosse mais vulnerável. A melhor maneira de descrever a situação é dizer que eu tinha baixado minha guarda. Davam-me tão pouco trabalho – eram de uma gentileza extraordinária. Eu especulava – mas ainda assim com uma certa vagueza – como o áspero futuro (pois todos os futuros são ásperos!) iria tratá-los e feri-los. Eram a saúde e a felicidade em flor; e, no entanto, era como se eu estivesse incumbida de cuidar de um par de grandes do reino, dois legítimos príncipes para os quais, visando o bom andamento, tudo tivesse que ser exclusivo, protetor, e a única forma, em minha fantasia, que os anos futuros poderiam

assumir para eles, era a de um prolongamento aristocrático daquele jardim e daquele parque. Sem dúvida, deve ser pela irrupção que se verificou depois, que a lembrança desse período antecipatório me parece cheia de um encanto tranquilo – de um tipo de quietude em que algo se engendra e se prepara. A mudança na verdade surgiu como a irrupção de uma fera.

Nas primeiras semanas os dias se encompridavam; os melhores em geral me proporcionavam o que eu chamava de "minha hora", e era a hora em que, finalizados os ritos de chá e cama para os meus alunos, eu tinha, antes de me recolher, um pequeno intervalo para ficar sozinha. Por muito que eu gostasse da companhia de ambos, essa era a hora do dia de que eu mais gostava; e gostava mais que tudo quando, enquanto a luz se diluía – ou melhor, quando o dia tardava a morrer e os últimos pios dos últimos pássaros vinham das velhas árvores, ecoando pelo céu avermelhado – podia passear pelos arredores e gozar, com um senso de propriedade que me divertia e lisonjeava, da dignidade e da beleza do lugar. Nesses momentos, era um prazer para mim, sentir-me tranquila e justificada; sem dúvida, talvez, para pensar que, devido à minha discrição, meu plácido bom senso e meu decoro de alto nível, eu estava dando prazer – se é que ele levava isso em conta! – à pessoa a cujas exigências me ajustara. Eu fazia o que ele ardentemente esperara e diretamente me pedira, e que eu pudesse, afinal, fazê-lo, provara-se uma alegria maior que a esperada por mim. Em resumo, ouso dizer que me via como uma jovem admirável e me consolava na fé de que isso ficaria evidente algum dia. Bem, eu precisava ser de fato admirável para encarar as coisas admiráveis que se manifestaram no princípio.

Aconteceu abruptamente, numa tarde, bem no meio de "minha hora": as crianças tinham se recolhido e eu saíra para o meu passeio. Um dos pensamentos que me acompanhavam nesses momentos, que não vacilo em anotar, era de que seria encantador como numa história romântica deparar-me com alguém, de repente. Alguém apareceria lá na curva do caminho, ficaria diante de mim, sorridente e aprovador. Eu não pedia mais que isso – queria apenas que ele soubesse; e o único meio de saber que ele sabia seria ver isso, e o efeito luminoso e agradável disso, no seu belo rosto. Isso estava bem presente na minha imaginação – digo, o rosto – quando, na primeira dessas ocasiões, no fim de um longo dia de Junho, estaquei ao sair de um dos arbustos e deparar-me com a casa. O que me prendeu no lugar – e com um choque maior que qualquer visão permitiria – foi a percepção de que minha fantasia, num lampejo, tinha se concretizado. Ele estava lá! – mas num ponto alto, para além do gramado e bem

no topo da torre para a qual, naquela primeira manhã, Flora me conduzira. Essa torre era uma das duas – estruturas quadradas, incongruentes, ameadas – que eram definidas, por alguma razão, como a velha e a nova, embora eu visse pouca diferença entre elas. Situadas em flancos opostos da casa, eram provavelmente extravagâncias arquitetônicas, redimidas em certa medida por não estarem de fato completamente deslocadas nem terem uma altura muito pretensiosa, datando, em sua antiguidade de mau gosto, de alguma moda romântica que já se tornara um passado respeitável. Eu as admirava, entregava-me a fantasias com elas, porque todos podiam se impressionar com as duas em certo grau, especialmente quando, na obscuridade, suas ameias imponentes se sobressaíam.

Essa figura produziu em mim, no claro crepúsculo, bem me recordo, dois diferentes ofegos de emoção, que foram, distintamente, o choque de minha primeira e o de minha segunda surpresa. Minha segunda foi uma percepção violenta do engano da minha primeira: o homem diante dos meus olhos não era a pessoa que eu precipitadamente supusera ser. A coisa chegou a mim num aturdimento de visão que mesmo hoje, depois de todos esses anos, não há visão alguma com que eu a possa comparar. Um homem desconhecido num lugar solitário é um objeto evidente de medo para uma jovem criada em casa; e a figura que me encarava era – em segundos tive certeza disso – como ninguém de cuja imagem me lembrasse. O próprio lugar, além disso, do modo mais estranho do mundo, tornou-se, num instante, devido à sua aparição, um grande ermo. Ao menos para mim que me esforço para contar a coisa com uma determinação que nunca tive, a sensação do momento me retorna inteira. Era como se, enquanto eu absorvia tudo – o que eu podia absorver – todo o resto do cenário estivesse ferido de morte. Ouço novamente, enquanto escrevo, a quietude intensa em que caíram os sons da noitinha. As gralhas pararam de grasnar no céu dourado e a hora perdeu, no ato, todo o seu murmúrio ameno. Mas não houve outra mudança na natureza, ao menos que fosse uma que via com estranha nitidez. O dourado ainda estava no céu, a clareza no ar, e o homem que olhava para mim de lá das ameias era tão definido quanto um quadro numa moldura. Pensei, com rapidez extraordinária, em cada pessoa que ele poderia ser e que não era. Confrontamo-nos na distância que estávamos tempo suficiente para eu me perguntar quem ele poderia ser e sentir, em consequência de minha incapacidade de encontrar uma resposta, um assombro que, instante após instante, ia se fazendo mais intenso.

O grande problema, ou um deles, é, em relação a certas coisas, saber

depois quanto tempo duraram. Bem, no meu caso, pensem os senhores o que quiserem, duraram enquanto eu revolvia um punhado de possibilidades, nenhuma das quais fazia muita diferença, de que havia ali na casa – e por quanto tempo, acima de tudo? – uma pessoa cuja existência eu ignorava. Duraram enquanto eu lidava com o pensamento de que meu trabalho exigia que não houvesse tal ignorância nem tal pessoa. Duraram enquanto esse visitante, em todo caso – e havia um toque de estranho à vontade, como lembro, no sinal familiar de ele não usar chapéu – pareceu fixar-me, lá de seu posto, com o mesmo questionamento, a mesma avaliação sob a luz crepuscular, que sua própria presença provocava. Estávamos distantes demais um do outro para nos falarmos, mas haveria um momento no qual, pela proximidade, alguma interpelação, quebrando o silêncio, seria o resultado inevitável de nossa troca direta de olhares. Ele estava num ângulo da torre que se distanciava da casa, muito ereto, o que chamava a minha atenção, com as duas mãos apoiadas no beiral. Via-o como vejo agora as letras que traço nesta página; então, exatamente, depois de um minuto, como se precisasse exibir-se, ele lentamente mudou de lugar – passou, sem deixar de olhar implacavelmente para mim, para o canto oposto da plataforma. Sim, tive a percepção mais aguda de que durante essa passagem, nunca tirou seus olhos de cima de mim, e posso ver neste momento o modo como sua mão, enquanto ele se ia, passava de uma das ameias à outra. Ele parou na outra extremidade, mas por tempo menor, e mesmo enquanto se afastava mantinha os olhos fixos em mim. Desapareceu; foi tudo que pude ver.

CAPÍTULO 4

Não que eu não esperasse, naquela ocasião, ver ainda mais, porque me sentia tão assustada quanto resoluta. Haveria um "segredo" em Bly – um mistério de Udolfo[1] ou um demente, um parente não mencionado mantido em insuspeitado confinamento? Não sei dizer por quanto tempo pensei e pensei nisso, ou quanto tempo, numa confusão de curiosidade e medo, permaneci onde tinha tido aquele choque; lembro apenas que quando entrei na casa a escuridão já tomara conta. No intervalo, a agitação certamente se apossou de mim de tal modo que devo ter, em minhas voltas pelo lugar, perambulado o equivalente a umas três milhas; mais tarde eu ficaria tão mais esmagada pelas circunstâncias que aquele mero aflorar de um alarma pareceria uma emoção humana comum. A parte mais singular disso de fato – singular como o resto – foi a maneira como me portei, no hall, ao encontrar-me com a Senhora Grose. O quadro me retorna à memória no meio de toda a agitação – a impressão, como tive em minha volta, do amplo espaço revestido de branco, generosamente iluminado e com seus retratos e o tapete vermelho, e a boa aparência de surpresa de minha amiga, que imediatamente revelou ter sentido a minha falta.

Percebi de imediato, em contato com ela, na sinceridade inequívoca, no alívio que meu aparecimento lhe deu, que ela não sabia de nada que pudesse ter relação com o incidente sobre o qual eu já estava pronta para lhe falar. Não supusera que seu rosto consolador me reanimaria, e de certo modo avaliei a importância do que vira pelo fato de então vacilar para relatá-lo. Nada nessa história toda me parece tão esquisito quanto o fato do começo do meu terror verdadeiro vir acompanhado de um desejo de poupar minha companheira. Assim, no agradável hall, tendo seus olhos sobre mim, eu, por alguma razão que não podia exprimir, realizei uma revolução interior – alegando um pretexto vago para minha demora e, com a desculpa da bela noite, do orvalho abundante e dos meus pés molhados, fui para meu quarto o mais rápido possível.

Lá, as coisas mudaram de figura; lá, por muitos dias, o assunto reassumiu seu aspecto fora do comum. Dia após dia, deparava-me com horas – ou eram apenas momentos, roubados aos meus deveres comuns – em que precisava de isolamento para refletir melhor. No entanto, não era porque eu estivesse mais nervosa do que supunha, mas porque estava com um medo acentuado de ficar assim; porque a verdade com que eu tinha que lidar agora era, clara e simplesmente, a de que eu não podia chegar à conclusão alguma quanto

à identidade do visitante com quem eu estivera de modo tão inexplicável e, como me parecia, tão íntimo, em contato. Levou pouco tempo para que eu percebesse que podia fazer uma inquirição discreta e sondar, sem alarde, alguma complicação doméstica. O choque que eu sofrera possivelmente aguçara todos os meus sentidos; ao cabo de três dias, como resultado de atenção redobrada, concluí com certeza que os criados não tinham me enganado nem pregado uma peça. Do que quer que eu tivesse visto, nada se sabia ao meu redor. Só se podia tirar uma dedução lógica: alguém tomara uma liberdade das mais grosseiras. Era isso que eu me dizia, repetidamente, ao mergulhar no meu quarto e trancar a porta. Tínhamos sido, coletivamente, devassados por um intruso; algum viajante inescrupuloso, curioso por velhas moradias, entrara sem ser notado, gozara o panorama de seu melhor ponto de observação e se evadira de modo tão furtivo quanto entrara. Se havia me lançado um olhar tão ousado e fixo, não era mais que parte de sua indiscrição. A boa coisa, no fim de tudo, era que nunca mais teríamos notícias dele.

Mas não era coisa tão boa, admito, para me impedir de achar que era meu trabalho encantador que tornava tudo o mais tão desprovido de significado. Meu trabalho encantador era minha vida com Miles e Flora, e nada me fazia gostar tanto dele quanto a sensação de que me ajudaria a enfrentar qualquer problema. O atrativo da minha pequena missão era uma alegria constante, levando-me a pensar na inutilidade dos temores que tivera no início, do desgosto que sentira ao imaginar a provável monotonia do que seria meu ofício. Não havia monotonia e nem labuta; como poderia não ser encantadora uma tarefa que se apresentava como uma proposta diária de beleza? Era tudo que há de fantasia nos quartos de crianças e tudo que há de poético em suas salas de estudo. Não quero dizer com isso, claro, que estudávamos apenas fábula e poesia; quero dizer que não consigo expressar de outra maneira o tipo de interesse que meus companheiros me inspiravam. Como posso descrevê-lo exceto dizendo que ao invés de tornar-se um hábito – maravilha para uma preceptora: invoco a confraria para testemunhar! – eu era levada a fazer sempre novas descobertas. Havia, sem dúvida, uma direção, nas quais essas descobertas não iam além: aquela da obscuridade que pairava sobre a questão da conduta do menino no colégio. Prontamente, foi-me concedido encarar o mistério sem me angustiar. Talvez fosse mais verdadeiro dizer que – sem uma palavra – o próprio menino o esclareceu. Tornou a acusação inteiramente absurda. Minha conclusão floresceu com o rubor de sua inocência: ele era apenas bom e delicado demais para o pequeno, horrível e sujo mundo escolar, e pagara um preço por

isso. Refleti agudamente que, por parte da maioria, a percepção de tais diferenças e qualidades superiores – e essa maioria pode incluir mesmo diretores estúpidos e sórdidos – resulta em vingança.

Ambas as crianças tinham uma doçura (era sua única deficiência, mas isso nunca deixou Miles abobado) que os tornava – como dizê-lo? – quase impessoais e certamente fora da possibilidade de serem castigados. Eram como os querubins de anedota, que não tinham – moralmente, pelo menos – um lugar em que a gente pudesse aplicar umas palmadas. Lembro-me de sentir na presença de Miles em especial que ele, tal como se apresentava, parecia não ter tido uma história. De crianças em geral esperamos que tenham-na pouco, mas havia nesse belo menino alguma coisa extraordinariamente sensível, e, no entanto, extraordinariamente feliz, coisa que, mais que em qualquer outra criatura de sua idade que eu tenha conhecido, me atingia como se passasse por um renascimento diário. Não tinha sofrido por um momento sequer. Tomei esse fato como uma prova direta de que ele não tinha sido castigado. Se tivesse sido perverso, ele teria "pego" a coisa, e eu a pegaria pelo reflexo – eu teria encontrado algum sinal. Eu nada encontrava, e, portanto, ele era um anjo. Nunca falava de seu colégio, nunca mencionava um camarada ou um professor; e eu, de minha parte, estava desgostosa demais para aludir a eles. Claro que eu estava enfeitiçada, e a parte mais maravilhosa da história é que, mesmo naquele tempo, eu sabia perfeitamente disso. Mas eu me entregava ao feitiço; era um antídoto para qualquer sofrimento, e eu tinha vários. Naqueles dias, recebera cartas de casa, que me diziam que as coisas por lá não iam bem. Mas, com minhas crianças, que mais no mundo importava? Era a questão que eu me colocava nos fiapos de isolamento que conseguia. Eu estava ofuscada por sua beleza.

Num certo domingo – para prosseguir – choveu com tal intensidade e por tantas horas que não pudemos seguir para a igreja; em consequência, como o dia ia se esvaindo, combinei com a Senhora Grose que, se à noitinha houvesse melhora, iríamos juntas para o ofício posterior. Felizmente, a chuva parou, e eu me preparei para a caminhada, que, através do parque e tomando a boa estrada para a aldeia, me tomaria uns vinte minutos. Descendo para encontrar minha companheira no hall, lembrei-me de um par de luvas que tinha precisado de remendos e os tinha recebido – com uma publicidade talvez pouco edificante – enquanto eu estava com as crianças num chá, servido aos domingos, em caráter excepcional, na sala de jantar dos "adultos", que era um templo frio de mogno e bronze. As luvas tinham caído lá, e eu voltei para recuperá-las. O dia estava bem

cinzento, mas a luz da tarde ainda resistia, o que me permitiu, ao cruzar a soleira, não apenas reconhecer numa cadeira perto da ampla janela, as coisas que fora buscar, mas também tomar consciência de uma pessoa que estava do outro lado da janela olhando para dentro. Bastou pisar no aposento; minha visão foi instantânea; tudo estava lá. A pessoa que olhava diretamente para dentro era aquela que me aparecera. Aparecia novamente não vou dizer com uma nitidez maior, porque era impossível, mas com uma proximidade que representava um avanço em nossa relação e me fazia, enquanto o olhava, prender minha respiração e gelar. Ele era o mesmo – era o mesmo, e visto, dessa vez, como fora visto na anterior, da cintura para a cima, porque a janela, embora a sala de jantar se situasse no térreo, não descia até o nível do terraço onde ele estava. Seu rosto estava encostado ao vidro, e no entanto o efeito dessa visão mais acurada foi, estranhamente, apenas me provar como tinha sido intensa a que tivera dele na primeira vez. Ficou ali por poucos segundos – que duraram o bastante para me convencer de que também tinha me visto e reconhecido; mas era como se eu o estivesse olhando há anos e o conhecesse desde sempre. Contudo, aconteceu dessa vez uma coisa que não acontecera anteriormente; seu olhar em meu rosto, varando o vidro e atravessando o aposento, foi tão profundo e implacável quanto naquela vez, mas desviou-se por um momento no qual ainda pude vê-lo fixando-se sucessivamente em várias outras coisas. Ali mesmo tive o choque adicional da certeza de que não era só por mim que viera. Viera para ver outra pessoa.

O lampejo dessa consciência – porque era consciência no meio do pavor – produziu em mim o efeito mais extraordinário, provocando, enquanto eu ali estava, uma súbita reação de dever e coragem. Digo coragem porque eu estava, sem dúvida nenhuma, fora de mim. Rumei diretamente para fora, alcancei a porta da casa, subi, passando pelo terraço o mais rápido possível, e, dando a volta, observei o lugar todo. Mas foi uma observação de nada – meu visitante tinha desaparecido. Parei, quase desmaiei, com o alívio que isso me dava; mas queria estar ciente de tudo – dava-lhe tempo para reaparecer. Chamo a coisa de tempo, mas quanto durou? Não posso hoje falar logicamente da duração dessas coisas. Essa espécie de medida deve ter me abandonado: não podiam ter durado quanto na verdade me pareceram durar. O terraço e o lugar todo, o gramado e o jardim mais além, tudo que eu podia ver do parque, estavam vazios, de um vazio completo. Via os arbustos e as grandes árvores, mas me lembro de sentir com muita clareza que nenhum deles ocultava o homem. Estava ou não estava ali: não estava, se eu não o via. Agarrei-me a essa ideia; a seguir,

instintivamente, ao invés de retornar do modo como tinha chegado, me aproximei da janela. Surgira-me confusamente a ideia de que devia me colocar no mesmo lugar onde ele aparecera. Foi o que fiz; coloquei meu rosto no vidro e olhei, tal como ele tinha olhado, para dentro do aposento. Nesse exato momento, como se para me provar a extensão com que ele se aproximara, tal como eu fizera, a Senhora Grose entrou. Com isso tive uma imagem completa de uma repetição do que já ocorrera. Ele me viu como eu tinha visto meu visitante; deteve-se assustada, tal como eu me detivera; transferi a ela um pouco do choque que recebera. Ela empalideceu, e isso fez com que me perguntasse se eu teria ficado branca daquele mesmo jeito. Em resumo, arregalou os olhos e foi recuando bem do meu modo, e eu sabia que, dando a mesma volta que eu dera, viria ter até mim. Fiquei onde estava, pensando em muita coisa. Mas há apenas uma que quero mencionar. É eu ter perguntado a mim mesma por que ela também ficara assustada.

[1] Referência a uma das obras-primas da literatura inglesa do século XVII, Os Mistérios de Udolfo, de autoria da escritora britânica Ann Ward Radcliffe (1764-1823), de caráter fantástico e um dos precursores do movimento gótico do século XIX, tendo influenciado toda uma geração de escritores, entre eles Edgar Allan Poe. (N. T.)

CAPÍTULO 5

Oh, fiquei sabendo assim que, tendo contornado a casa, ela apareceu. "Em nome de Deus, o que aconteceu?" Ela avermelhara e perdera o fôlego.

Não disse nada até que ela se aproximou bastante de mim. "Comigo?". Devo ter feito uma grande cara. "Estou demonstrando?".

"A senhorita está branca como uma folha. Está medonha."

Refleti; diante da situação, podia encarar qualquer inocência sem nenhum escrúpulo. Minha necessidade de respeitar a pureza da Senhora Grose já saíra dos meus ombros, e se hesitei naquele instante, não foi em razão do que tinha a lhe revelar. Estendi-lhe a minha mão e ela a tomou; abracei-a com força por um momento, gostando de senti-la bem pertinho. Havia uma espécie de amparo no tímido arfar de sua surpresa. "Na certa a senhora veio me apanhar para ir à igreja, mas não posso."

"Aconteceu alguma coisa?".

"Sim. A senhora vai saber. Eu estava muito esquisita?"

"Lá na janela? Pavorosa!"

"Bom", disse, "Eu fiquei apavorada". Os olhos da Senhora Grose diziam com simplicidade que isso ela não queria ficar, mas que sabia muito bem sua obrigação de subalterna para não estar pronta para compartilhar comigo qualquer inconveniência. Oh, estava bem evidente que ela teria que compartilhar! "O que a senhora viu há um minuto atrás na sala de jantar foi um efeito disso. O que eu vi – um pouquinho antes – foi muito pior".

Sua mão me apertou. "O que foi?"

"Um homem extraordinário. Olhando para dentro."

"Que homem extraordinário era esse?"

"Não tenho a menor ideia."

A Senhora Grose lançou olhares ao redor inutilmente. "Então, aonde ele foi parar?"

"Sei menos ainda."

"A senhorita já o tinha visto?"

"Sim – uma vez. Na velha torre."

Ela só conseguia me olhar com mais força. "Quer dizer que é um desconhecido?"

"Completamente."

"Mesmo assim, não me contou?"

"Não. Tinha motivos para não falar. Mas agora que a senhora está sabendo..."

Os olhos da Senhora Grose mediram essa responsabilidade. "Ah, não sei não!", ela disse com simplicidade. "O que eu é que eu poderia saber, se nem a senhorita tem uma ideia?".

"Não tenho ideia, mesmo."

"A senhorita só o viu lá na torre?"

"E aqui mesmo, agora há pouco."

A Senhora Grose olhou ao redor novamente. "O que ele estava fazendo na torre?"

"Ele só estava lá, e ficou me olhando."

Ela pensou um pouco. "Era um cavalheiro?"

Achei que não tinha que pensar. "Não." Ela olhou-me com um espanto maior. "Não.".

"Não era ninguém daqui? Ninguém da aldeia?"

"Ninguém – ninguém. Eu não lhe disse, mas averiguei."

Suspirou, com um alívio vago: isso era, estranhamente, um pouco melhor. Mas, não adiantava muito. "Mas, se não é um cavalheiro..."

"O que ele é ? Um horror."

"Um horror?"

"Ele – Deus me ajude se eu lá sei o que ele é!"

A Senhora Grose olhou ao redor mais uma vez; fixou seus olhos na distância escurecida, e, reanimando-se, voltou-se para mim com uma inconsequência repentina. "É hora de a gente estar na igreja."

"Oh, não tenho vontade de ir!"

"Não vai lhe fazer bem?"

"Não faria bem a eles." – Fiz um sinal com a cabeça na direção da casa.

"As crianças?"

"Não posso deixá-las aqui, agora."

"A senhorita tem medo... ?"

Disse com audácia. "Tenho medo dele."

O rosto amplo da Senhora Grose mostrou-me, diante do pronunciado, pela primeira vez, o brilho distante de um reconhecimento que começava a se delinear; disso percebi que nascia nela uma ideia que eu não lhe tinha dado e que era ainda obscura para mim. Recordo agora que pensei naquilo como se fosse uma coisa que ela poderia me revelar; senti que essa coisa estava ligada com a vontade que ela demonstrava agora de saber mais. "Quando foi que o encontro aconteceu – lá na torre?"

"No meio deste mês. Nesta mesma hora."

"Quase de noite.", disse a Senhora Grose.

"Oh não, não muito. Vi o homem como vejo a senhora neste momento."

"Então, como foi que ele entrou?"

"E como foi que saiu?", eu dei uma risada. "Não tive chance de perguntar! Na tarde de hoje", prossegui, "ele não conseguiu entrar."

"Ele fica só olhando?"

"Espero que fique só nisso!" Ela agora tinha soltado a minha mão; afastou-se um pouco. Esperei um instante; depois, exclamei: "Vá para a igreja. Adeus. Preciso ficar aqui, vigiando"

Ela encarou-me lentamente. "Teme pelas crianças?"

Trocamos um longo olhar. "E a senhora não?" Em vez de responder, ela se aproximou da janela e, por um minuto, colocou seu rosto contra o vidro. "A senhora está vendo como ele me via", fui dizendo.

Ela não se movia. "Quanto tempo ele ficou aqui?"

"Até que eu saí. Saí para encontrá-lo."

A Senhora Grose por fim se virou, e havia um interesse maior em seu rosto. "Eu não ia conseguir sair e vir para cá."

"Nem eu!", ri novamente. "Mas, vim. Sei o meu dever."

"Eu também sei o meu", ela respondeu; e acrescentou: "Como ele é?"

"Morro de vontade de descrevê-lo. Mas não se parece com ninguém."

"Ninguém?", repetiu.

"Ele não usa chapéu." Vendo então em seu rosto que, a esta afirmação, ela já ia, com uma consternação maior, formando o quadro de uma pessoa, eu rapidamente acrescentei pincelada depois de pincelada. "Ele tem cabelo ruivo, bem ruivo e crespo, e um rosto pálido, alongado, com feições regulares, e suíças curtas, esquisitas, tão ruivas como o cabelo. As sobrancelhas são um pouquinho mais escuras; parecem particularmente arqueadas, como que dotadas de boa capacidade de movimento. Seus olhos são penetrantes, estranhos – de um modo medonho; mas só sei com clareza que eles são pequenos e muito fixos. A boca é larga, e os lábios são finos, e, a não ser pelas suíças curtas, ele é bem barbeado. Me deu a impressão de parecer-se com um ator."

"Um ator!" Era impossível relembrar qualquer coisa parecida a um ator na fisionomia da Senhora Grose nesse momento.

"Nunca vi nenhum, mas é mais ou menos assim que os imagino. Ele é alto, elegante, ereto", eu continuei, "mas nunca – nunca mesmo! – um cavalheiro."

O rosto de minha companheira tinha empalidecido à medida que eu falava; ela dava piscadelas de nervosismo e sua boca estava aberta. "Um cavalheiro?", balbuciou, confusa, estupefata: "um cavalheiro, ele?"

"Então, você o conhece?"

Ela tentava visivelmente controlar-se. "Mas, ele é bonito?"

Vi o meio de ajudá-la. "Muito bonito, sim."

"E vestido...?"

"Com roupas dos outros. São apropriadas, mas não são dele."

Ela emitiu, sem fôlego, um gemido afirmativo. "São do patrão!"

Tirei proveito. "Você o conhece?"

Vacilou um instante. "Quint!", exclamou.

"Quint?"

"Peter Quint – seu criado de quarto, quando ele estava aqui."

"Quando o patrão estava aqui?"

Ainda balbuciando, mas recomposta, ela juntou todas as peças. "Nunca usou seu chapéu, mas usou – bom, demos por falta de vários coletes! Os dois estavam aqui – no ano passado. Aí, o patrão foi-se embora, e Quint ficou sozinho."

Seguia suas palavras, mas fraquejava um pouco. "Sozinho?"

"Sozinho com a gente". E acrescentou, como se isso lhe viesse de uma profundeza ainda mais profunda, "Como mordomo."

"E que foi feito dele?"

Ela demorou tanto a responder que fiquei ainda mais intrigada. "Ele também se foi", disse por fim.

"Foi para onde?"

Sua expressão, nesse momento, tornou-se extraordinária. "Só Deus sabe! Ele morreu."

"Morreu?", eu quase gritei.

Ela pareceu decidida a ser bem resoluta, a ficar bem firme para revelar a coisa espantosa. "Sim. O Senhor Quint morreu."

CAPÍTULO 6

Foi necessária mais de uma passagem como essa para colocar-nos em face daquilo com que tínhamos agora que conviver – minha terrível suscetibilidade a impressões do tipo de que tivéramos tão vívido exemplo, e, por conseguinte, o conhecimento – metade consternação metade compaixão – que minha companheira tinha dessa suscetibilidade. Houve, naquela noite, depois da revelação que me deixara prostrada por uma hora, uma suspensão da ida à igreja para restar apenas um ofício de lágrimas e votos, de rezas e promessas, culminância de juras e compromissos mútuos que fizemos ao nos recolhermos à sala de estudos onde nos trancamos para pôr o caso em claro. O resultado de nossa tentativa de esclarecimento foi simplesmente o de reduzir a nossa situação a seus elementos mais básicos e precisos. Ela própria nada vira, nem a sombra de uma sombra, e ninguém mais na casa passava pelos apuros exclusivos da preceptora; no entanto, ela aceitou, sem diretamente me acusar de falta de sanidade mental, a verdade tal como eu lhe apresentara, e terminou por me mostrar, nesse terreno, uma ternura apreensiva, uma compreensão do meu mais que duvidoso privilégio, das quais a simples lembrança permaneceu comigo como a mais doce das compaixões humanas.

O que ficou combinado entre nós, em virtude disso, naquela noite, foi que teríamos que enfrentar as coisas juntas; e eu nem estava certa se não caberia a ela, apesar de sua isenção, a parte mais pesada do encargo. Eu sabia naquele momento, acho, como sabia depois, o que seria capaz de desafiar a fim de proteger meus alunos; mas demorei mais para ficar completamente certa de que minha honesta parceira estaria preparada para honrar um contrato tão difícil. Eu era uma companhia bem estranha – tal como a minha companheira; mas à medida que vou relembrando aquilo por que passamos, vejo quanto em comum encontramos na única ideia que, por sorte, podia firmar-nos. Era a ideia, o segundo movimento, que me lançou, por assim dizer, para fora da câmara privada do meu terror. Eu podia respirar ar livre do lado de fora, pelo menos, e a Senhora Grose estaria lá, me acompanhando. Recordo agora perfeitamente o modo peculiar pelo qual a minha força me voltou antes que nos despedíssemos naquela noite. Tínhamos repassado várias vezes cada detalhe daquilo que eu vira.

"Disse que ele estava procurando alguém – alguém que não era a senhorita?"

"Ele estava procurando o pequeno Miles." Uma clareza poderosa tomara conta de mim. "Era ele que o homem estava procurando."

"Mas, como a senhorita sabe disso?"

"Eu sei, eu sei, eu sei!". Minha exaltação crescia. "E você sabe, minha cara!"

Ela não o negou, mas eu não precisava mais que isso. Prosseguiu, depois de considerar: "O que aconteceria se ele o visse?"

"O pequeno Miles? É bem o que ele quer!"

Ela pareceu de novo muito assustada. "O menino?"

"Que Deus não permita! O homem. Quer aparecer para eles."

Que ele pudesse fazê-lo era uma ideia tenebrosa, e, no entanto, eu conseguiria evitá-lo; foi o que consegui praticamente provar, enquanto estendíamos nossa conversa. Tinha certeza absoluta de que veria novamente o que já vira, mas algo em mim dizia que me oferecendo corajosamente como o único objeto dessa experiência, aceitando-a, desafiando-a, superando-a, valeria como bode expiatório e garantiria a tranquilidade de meus companheiros. As crianças, em particular, eu daria um jeito de defendê-las e faria de tudo para poupá-las. Recordo uma das últimas coisas que disse naquela noite para a Senhora Grose.

"Me intriga que meus alunos nunca tenham mencionado..."

Ela olhou-me fixamente enquanto eu refletia. "Que ele esteve aqui e o período que passaram com ele?"

"O período que passaram com ele, e o nome, a presença, a história dele, de modo nenhum."

"Oh, a menina não recorda. Nunca soube nada."

"Sobre a morte dele?", refleti com certa intensidade. "Ela não. Mas Miles pode se lembrar – ele deve saber."

"Ah, não pergunte nada a ele!", a Senhora Grose rogou.

Devolvi-lhe o olhar que me lançara. "Não precisa ter medo". Continuei a refletir. "É uma coisa meio esquisita".

"Que ele nunca tenha falado do homem?"

"Nunca fez a mínima alusão. E a senhora me garante que eles eram

'grandes amigos'?"

"Oh, mas não era coisa de Miles!", a Senhora Grose declarou enfaticamente. "Era lá da cabeça do Quint. Brincar com ele, digo – mimá-lo". Fez uma pausa; acrescentou: "Quint era muito abusado."

A afirmação me deu, ao lembrar a minha visão do rosto dele – ah, que rosto! – um súbito revolto de desgosto. "Abusado com meu menino?"

"Abusado demais com todo mundo!"

Não analisei no momento essa descrição, levando em conta o fato de que poderia aplicar-se aos vários membros da casa, à meia dúzia de criadas e criados que ainda pertenciam à nossa pequena colônia. Mas, para amenizar a nossa apreensão, havia o fato feliz de que nenhum boato, nenhum mexerico de cozinha, na memória de todos, brotara desse velho e plácido casarão. Não tinha nome duvidoso nem má fama, e a Senhora Grose, pelo jeito, queria apenas agarrar-se a mim e tremer silenciosamente. Como recurso derradeiro, ainda a submeti a um teste. Foi quando, à meia-noite, ela já estava com a mão à porta da sala de estudos pronta para sair. "Então, posso ficar certa – é de grande importância para mim - que o indivíduo era reconhecidamente mau?"

"Oh, não era de conhecimento geral. Eu sabia – mas o patrão, não."

"E a senhora nunca lhe contou?"

"Bem, ele não gostava de mexericos – ele odiava reclamações. Era muito seco com coisas desse tipo, e se as pessoas eram boas para ele..."

"Não se importaria com o resto?". Isso combinava muito bem com a impressão que eu tivera dele: não era dado a enfrentar problemas, nem exigia muito talvez das companhias que ele escolhia. Apesar disso, dei um aperto em minha interlocutora. "Pois afirmo que eu teria contado!"

Ela sentiu minha discriminação. "Reconheço que estava errada. Mas, é que eu tinha medo"

"Medo de quê?"

"Medo do que aquele homem poderia me fazer. Quint era tão inteligente – era tão penetrante!"

Senti o impacto dessa afirmação mais do que provavelmente demonstrei. "Não sentia medo de outras coisas? Da influência dele... ?"

"Influência dele?", repetiu com uma expressão de angústia e

expectativa enquanto eu hesitava.

"Sobre os nossos preciosos inocentes. Eles estavam sob sua responsabilidade."

"Não, não sob a minha!", ela respondeu decidida e aflitivamente. "O patrão confiava nele e deixou-o aqui porque ele não andava bem de saúde e supunha que o ar do campo podia lhe trazer melhora. Assim, ele podia dizer tudo que quisesse. Sim," – ela confessou – "até sobre eles."

"Sobre eles – aquela criatura?", tive que reprimir um gemido desesperado. "E a senhora suportava isso?"

"Não, não suportava – e ainda não suporto!" E a pobre mulher rompeu em lágrimas.

Um controle rigoroso, a partir do dia seguinte, haveria de ser seguido na vigilância das crianças; contudo, quantas vezes e com que paixão, ao longo da semana, não voltamos as duas a abordar o assunto! Por muito que tivéssemos discutido naquela noite de Domingo, fiquei, principalmente nas horas que se seguiram – porque pode-se imaginar que mal dormi – ainda obcecada pela sombra de alguma coisa que ela não tinha me contado. Eu não fizera reserva sobre nada, mas havia algo que a Senhora Grose me escondera. Ademais, pela manhã, tive a certeza de que ela o fizera não por falta de franqueza, mas porque havia medos em todos os lados. De fato, em retrospecto, parece-me que, quando o sol da manhã ia alto, eu já tinha nervosamente lido nos fatos que se apresentavam a nós todo o significado que eles assumiriam nos acontecimentos mais cruéis que se seguiram. O que me revelavam era acima de tudo a exata figura do homem vivo – o morto podia esperar um pouco! – e os meses que ele tinha passado em Bly, os quais, somados, formavam um período consideravelmente extenso. A conclusão dessa época ruim se deu apenas quando, no raiar de uma manhã de inverno, Peter Quint foi achado, por um trabalhador que saía para a tarefa matinal, rigidamente morto na estrada da aldeia: uma catástrofe explicada – ao menos superficialmente – por um ferimento visível que trazia na cabeça; tal ferimento bem podia ter sido causado – e, numa avaliação final, tinha sido – pelo fato de, no escuro em que mergulhara depois de deixar uma taverna, ter pegado o caminho errado, deparando-se com uma ladeira coberta de gelo traiçoeiro, ao pé da qual seu corpo jazia. A ladeira de gelo escorregadio, o desvio enganoso no escuro e a bebida contavam muito – praticamente, no fim do inquérito e dos mexericos desencontrados, explicavam

tudo; mas havia questões em sua vida – passagens e perigos estranhos, desordens secretas, vícios mais que suspeitos – que teriam revelado muita coisa mais.

Mal sei como colocar a minha história em palavras que possam ser uma pintura crível do meu estado de espírito; mas eu estava naqueles dias literalmente disposta a encontrar alegria no extraordinário arroubo de heroísmo que a ocasião exigia de mim. Vejo agora que tinha sido solicitada a fazer um trabalho admirável e difícil; e haveria uma grandeza em deixar bem à vista – oh, pelo ângulo mais apropriado! – que eu poderia me sair bem onde outras moças tinham fracassado. Era uma imensa ajuda para mim – confesso que devo aplaudir-me nessa visão em retrospecto! – que eu visse meu trabalho com tanta firmeza e simplicidade. Eu lá estava para proteger e defender as pequenas criaturas mais desamparadas e graciosas do mundo e o apelo de seu desamparo tornou-se subitamente muito mais explícito, afetando-me o coração com um sofrimento profundo e constante. Estávamos juntos naquele isolamento; estávamos unidos pelo perigo. Eles não tinham ninguém além de mim, e eu – bem, eu tinha a eles. Era, em suma, uma oportunidade magnífica. Essa oportunidade se apresentava a mim numa imagem ricamente literal. Eu era um biombo – devia ficar diante deles. Quanto mais eu visse, menos eles veriam. Passei a vigiá-los numa ansiedade abafada, numa expectativa dissimulada que poderia, se continuasse por muito tempo, ter-se tornado algo como a loucura. O que me salvou, vejo agora, foi que as coisas tomaram outro rumo. Não duraram enquanto ansiedade – foram suplantadas por provas horríveis. Provas, sim digo surgidas no momento em que pude me dar conta de tudo.

O momento data de uma certa hora da tarde que eu costumava passar nos arredores com o mais jovem de meus alunos. Deixáramos Miles sozinho na casa, estendido lá numa almofada no vão de uma ampla janela; manifestara desejo de finalizar a leitura de um livro, e eu ficara feliz de encorajar esse propósito num rapazinho cujo único defeito era ser, às vezes, ativo em excesso. Sua irmã, ao contrário, se dispusera prontamente a sair, e eu passeei com ela por mais ou menos uma hora, procurando a sombra, porque o sol ia alto e o dia estava anormalmente calorento. Enquanto andávamos, tive de novo a consciência de como, tal o irmão, ela conseguia – e isso era a coisa especial dessas crianças – deixar-me sozinha sem parecer que me abandonava e acompanhar-me sem que isso parecesse assédio. Não eram nunca importunos, mas tampouco eram ausentes. Minha vigilância a eles limitava-se a observá-los

divertirem-se à larga sem mim: isso era um espetáculo que pareciam preparar ativamente e que me requeria como admiradora. Eu entrava num mundo de sua invenção – eles não tinham tempo de ficar recorrendo à minha; assim, meu tempo era tomado com ser, para eles, alguma coisa ou pessoa notável que a brincadeira de um dado momento requeria e que era, devido à minha posição superior, uma privilegiada, elevada e honrosa sinecura. Esqueço-me o que representava naquela vez; recordo apenas que eu era alguma coisa muito importante e silenciosa e que Flora brincava com muito empenho. Estávamos à beira de um lago, e, como tínhamos há pouco começado a estudar geografia, o lago passara a ser o Mar de Azov.

Nessas circunstâncias, de repente, tornei-me consciente de que, da outra margem do Mar de Azov, tínhamos ambas um espectador interessado. A maneira com que essa percepção chegou a mim foi a mais estranha do mundo – mas não mais estranha que a certeza em que rapidamente se transformou. Eu tinha me sentado com algum pedaço de trabalho de costura na mão – porque fazia o papel de um ou outro alguém que podia sentar-se – num velho banco de pedra que ficava diante do lago: e nessa posição eu comecei a sentir com segurança, embora sem contar com uma visão direta, a presença, a uma certa distância, de uma pessoa. As velhas árvores, o espesso matagal, faziam uma grande e agradável sombra, mas tudo estava difuso sob a claridade da hora quente e tranquila. Não havia ambiguidade em nada; nenhuma, pelo menos, na convicção que me vi formando, de um momento para outro, de que eu veria algo bem diante de mim do outro lado do lago em consequência de erguer meus olhos, se o fizesse. Nesse momento, eles estavam presos à costura com a qual eu estava ocupada, e posso sentir novamente agora o espasmo do meu esforço para não tirá-los dali enquanto não me sentisse firme para tomar uma decisão a respeito. Havia um objeto anormal à vista – uma figura cujo direito de estar em nossa presença eu questionei instantânea e apaixonadamente. Recordo que considerei as hipóteses, dizendo a mim mesma que nada era mais natural que, por exemplo, aparecer ali um dos homens do lugar, ou mesmo um mensageiro, um carteiro ou um entregador de mercadorias da aldeia. Esse pensamento teve pouco efeito sobre a convicção real que se formara em mim – mesmo sem olhar – sobre o caráter e a atitude de nosso visitante. Nada mais natural que a coisa fosse justamente o que as outras de modo algum o eram.

Da identidade precisa da aparição eu me asseguraria assim que o pequeno relógio de minha coragem marcasse o instante propício; enquanto isso

não acontecia, com um esforço que era bastante agudo, transferi meus olhos para a pequena Flora, que estava, no momento, a uns dez passos de mim. Meu coração parou por um momento quando me interroguei com espanto e terror se ela também não estaria vendo; prendi a respiração esperando dela algum grito, algum súbito sinal inocente de interesse ou de susto, mas nada veio; então, primeiro – e há nisso algo mais medonho que no resto que tenho que relatar – fui tomada pela sensação de que, naquele minuto, ela tinha parado de fazer qualquer ruído; segundo, pela sensação de que, naquele mesmo minuto, ela tinha dado as costas para a água, continuando sua brincadeira. Essa foi sua atitude quando por fim a olhei – olhei para ela com a convicção firme de que estávamos ambas, ainda, debaixo de um olhar pessoalmente interessado. Ela pegou um pedaço de madeira chata, no qual havia um pequeno orifício que naturalmente sugerira a ela a ideia de ali enfiar outro pedaço que podia representar um mastro, fazendo do conjunto um barco. Nesse átimo de segundo, enquanto a olhava, ela estava muito concentrada em tentar colocá-lo no lugar. Minha percepção do que ela estava fazendo me amparou por alguns segundos, até que me senti pronta para o que viesse. Então, ergui meus olhos de novo – e encarei o que tinha de encarar.

CAPÍTULO 7

Lancei-me sobre a Senhora Grose tão logo que pude, depois disso; e não posso exprimir de maneira inteligível o quanto sofri nesse intervalo. Ainda ouço meu grito ao atirar-me em seus braços: "Eles sabem – é monstruoso demais: eles sabem, eles sabem!".

"Mas o quê, pelo amor de Deus...?", senti a sua incredulidade enquanto me abraçava.

"Sabem tudo que nós sabemos – e sabe Deus que mais!" Então, enquanto ela me soltava de seus braços, relatei-lhe tudo, num relato que talvez apenas nesse momento teve completa coerência até para mim mesma. "Há duas horas atrás, no jardim" – eu mal podia me articular – "Flora viu!"

A Senhora Grose recebeu essa afirmação como se tivesse levado um soco no estômago. "Ela contou à senhorita?", perguntou, angustiada.

"Nem uma palavra – e isso é que é horrível. Ela guardou para ela! Uma criança de oito anos, e que criança!" A estupefação da coisa ainda escapava à minha capacidade de expressão.

A Senhora Grose, naturalmente, podia apenas ficar cada vez mais boquiaberta. "Então, como é que a senhorita sabe?"

"Eu estava lá – vi com meus olhos: vi que ela sabia perfeitamente."

"Sabia da presença dele?»

"Não – da presença dela." Eu sabia que falava de coisas as mais estranhas, porque percebia o lento reflexo delas sobre o rosto de minha companheira. "Uma outra pessoa – desta vez; mas, uma figura tão horrível e monstruosa quanto a primeira: uma mulher de preto, lívida e assustadora – com um jeito, com uma cara! – na outra margem do lago. Eu estava lá com a menina – e estávamos tranquilas; nesse momento, ela veio."

"Veio como – veio de onde?"

"Do lugar de onde eles vêm! Ela apenas apareceu e ficou lá – mas não muito perto."

"E não se aproximou?"

"Oh, mas causava o efeito e dava a sensação de estar tão perto quanto a senhora neste instante!"

Minha amiga, num estranho impulso, recuou um passo. "Era alguém que a senhorita nunca viu?"

"Sim. Mas era alguém que a menina conhecia. Alguém que a senhora conhecia." Então eu disse, para mostrar o quanto havia refletido sobre o assunto: "Minha antecessora – a moça que morreu."

"A Senhorita Jessel?"

"A Senhorita Jessel. Não acredita em mim?", insisti.

Em sua aflição, ela se virava de um lado para outro. "Como a senhorita pode ter certeza?"

A pergunta arrancou de mim, devido ao meu nervosismo, uma explosão de impaciência. "Então pergunte à Flora – ela tem certeza!" Mas, mal tinha falado isso, recuperei-me. "Não, pelo amor de Deus, não! Ela responderá que não – ela mentirá!"

A Senhora Grose não estava tão aturdida que não protestasse instintivamente. "Ah, como é que a senhorita sabe?"

"Porque estou bem certa. Flora não quer que eu saiba."

"Deve ser para poupá-la, então."

"Não, não – há funduras e funduras nisso! Quanto mais avanço, mais vejo, e, quanto mais vejo, mais temo. Não sei o que não veja – o que não tema!"

A Senhora Grose procurava seguir meus raciocínios. "Quer dizer que teme ver a mulher novamente?"

"Oh, não; isso é o mesmo que nada – agora!" Eu expliquei. "O que temo é não poder vê-la."

Mas minha companheira parecia apenas pálida. "Eu não entendo a senhorita."

"Bem, temo que a menina a veja– e ela certamente pode fazê-lo – sem que eu o saiba."

Diante da pintura dessa possibilidade a Senhora Grose quase desmaiou, mas logo se recompôs, como se tirasse forças de algo que lhe dizia que, se recuássemos uns passos que fossem, o pior aconteceria. "Querida, querida, não vamos perder a cabeça! Afinal, a menina não se importa...!" Ainda tentou fazer uma piadinha lúgubre. "Talvez ela até goste!"

"Gostar de tais coisas – aquele pedacinho de gente!"

"Isso não é bem a prova de sua abençoada inocência?", minha amiga corajosamente perguntou.

Por um instante, aquilo quase me convenceu. "Oh, devemos nos agarrar a isso – decididamente! Se não é prova do que a senhora disse, é prova de Deus sabe o quê! Porque a mulher é o horror dos horrores."

A Senhora Grose, ouvindo isso, fixou seus olhos no chão por um minuto; depois, ergueu-os. "Diga-me como é que sabe", falou.

"Então, admite que era isso que ela era?", perguntei.

"Diga-me como é que sabe", minha amiga simplesmente repetiu.

"Como é que sei? Pelo que vi! Pelo que ela mostrava."

"Quer dizer que ela a encarava tão feio assim? "

"Não me encarava – eu até teria suportado. Não me deu nem um relance de olhar. Fitava apenas a menina."

A Senhora Grose tentava visualizar a coisa. "Fitava?"

"Ah, com uns olhos tão medonhos!"

Ela olhou para os meus como se pudessem evocar aqueles aos quais me referia. "Quer dizer, olhos de aversão?"

"Deus nos proteja. De algo bem pior."

"Pior que aversão?" – isso a deixou perdida.

"Com uma determinação – indescritível. Com uma intenção furiosa."

Ela empalideceu. "Intenção?"

"De agarrar a menina." A Senhora Grose – com seus olhos detidos nos meus – teve um estremecimento e afastou-se em direção à janela; enquanto ficou ali, olhando para fora, completei meu esclarecimento. "É isso que Flora sabe."

Pouco depois, ela virou-se. "A pessoa estava de preto, como disse?"

"De luto – meio pobre, quase maltrapilha. Mas – sim – tinha grande beleza." Eu agora reconhecia até onde tinha levado, golpe após golpe, a vítima de minha confidência, porque ela visivelmente pesava cada detalhe. "Oh, bonita – muito, muito", eu insisti; "maravilhosamente bonita. Mas infame."

Ela voltou-se lentamente para mim. "A Senhorita Jessel – era infame." Mais uma vez colocou minha mão entre as suas, apertando-as como se o gesto me pudesse fortalecer contra o acréscimo de inquietação que suas revelações me provocariam. "Os dois eram infames", disse, por fim.

Por um momento, voltávamos a analisar juntas a questão; e encontrei alívio em poder encará-la agora tão diretamente. "Admiro a sua grande decência em não haver falado até agora; mas chegou a hora de me contar tudo", disse. Ela pareceu aquiescer, mas manteve-se em silêncio; vendo isso, continuei: "Preciso saber agora. De que ela morreu? Vamos, alguma coisa havia entre eles."

"Não havia alguma coisa. Havia tudo."

"Apesar da diferença...?"

"Sim. Apesar da diferença de classe, de posição" – ela afirmou, pesarosamente. "Ela era uma dama."

Lembrei do que ocorrera; revi a mulher. "Sim – ela era uma dama."

"E ele tão terrivelmente inferior", disse a Senhora Grose.

Senti que não devia, na sua companhia, pressioná-la demais sobre o lugar de um criado na hierarquia; mas não via nada que me impedisse de aceitar a avaliação de minha companheira sobre o rebaixamento de minha antecessora. Havia um meio apropriado de lidar com o assunto, e eu o adotei; tinha claro à minha frente – como uma evidência – o falecido criado do nosso patrão, inteligente, bonito; e também despudorado, seguro de si, mimado, depravado.

"O sujeito era um cão".

A Senhora Grose considerou o caso como se fosse talvez uma questão de matizes. "Nunca vi um indivíduo como ele. Fazia o que queria."

"Com ela?"

"Com todos."

Era como se agora a própria Senhorita Jessel tivesse aparecido diante de minha amiga. Por um instante, julguei perceber, na sua evocação, a mulher que eu vira lá no lago; e declarei, decididamente: "Devia ser também o que ela queria!"

No rosto da Senhora Grose lia-se que era bem essa a verdade, mas ela afirmou ao mesmo tempo: "Pobre mulher – pagou caro por isso!"

"Então, a Senhora sabe do que ela morreu?", perguntei.

"Não – não sei nada. Eu não queria saber; ficava feliz por não saber; agradeci aos céus por ela ter saído daqui!"

"Mesmo assim, a Senhora fazia uma ideia..."

"Da verdadeira razão da partida? Quanto a isso, sim. Não podia ter ficado. Imagine acontecer uma coisa dessas aqui – com uma preceptora! E depois imaginei – e ainda imagino coisas. E o que eu imagino é horroroso."

"Mas não tão horroroso como o que eu imagino", repliquei; com esta réplica, devo ter-lhe demonstrado – pois estava muito convicta – um ar miserável de derrota. Esse ar despertou de novo toda a sua compaixão por mim, e, ao toque renovado de sua doçura, meu esforço por resistir se esboroou; rompi em lágrimas, tal como a fizera, em outra ocasião, romper; ela me tomou em seu peito maternal, e meus lamentos transbordaram. "Não vou conseguir!", solucei, em desespero; "Não vou conseguir salvá-las nem protegê-las! É muito pior do que tudo que já pensei – as crianças estão perdidas!"

CAPÍTULO 8

O que eu dissera à Senhora Grose era bastante verdadeiro: havia no assunto que eu lhe expusera profundezas e possibilidades que eu não me sentia capaz de sondar; de tal modo que quando o abordamos novamente, achamos que era nosso dever comum resistir às fantasias extravagantes. Na falta de outra coisa, que mantivéssemos pelo menos a cabeça fria – por difícil que fosse fazê-lo diante de algo que, em nossa experiência fora do comum, já era inquestionável. No adiantado das horas daquela noite, enquanto a casa dormia, tivemos outra conversa em meu quarto; na ocasião, ela concordou comigo, acima de qualquer dúvida, em que eu tinha visto exatamente o que tinha visto. Para mantê-la em sintonia, achei que apenas tinha de lhe perguntar como, se eu tivesse "inventado", poderia dar, de cada uma das pessoas que me aparecera, uma pintura detalhada, relatando suas características precisas – um quadro diante do qual ela imediatamente fizera o reconhecimento e dera nomes. Ela queria, naturalmente – e não se pode censurá-la por isso! – ignorar o assunto por completo; e eu fui rápida em assegurá-la que meu próprio interesse no caso tinha tomado a forma de achar um modo de me livrar daquilo. Chegamos a um acordo no ponto de que havia a probabilidade de que, com o hábito – porque tínhamos como o certo que se tornaria um hábito – eu poderia ficar acostumada, insensível ao meu perigo; e declarei que minha exposição pessoal a esse tinha se tornado a menor de minhas preocupações. O intolerável, realmente, era a minha nova suspeita; e mesmo a essa complicação as últimas horas do dia tinham trazido algum alívio.

Deixando-a, depois do meu primeiro desabafo, eu naturalmente retornara aos meus alunos, achando o remédio certo para meu desalento naquele encantamento que vinha deles que eu já considerava ser a coisa que eu podia serenamente cultivar e que ainda não me tinha falhado nenhuma vez. Em outras palavras, eu simplesmente remergulhava no convívio todo especial com Flora e com isso ficava consciente – o que era quase um luxo! – de que ela podia colocar sua mãozinha cuidadosa sobre o lugar onde eu me achava ferida. Olhara-me numa doce tentativa de adivinhar o que acontecia e me acusara de ter "chorado". Supunha ter varrido do meu rosto esses feios sinais; mas, naquele momento, chegava a ficar feliz, diante dessa insondável caridade, por eles não terem desaparecido. Olhar para as profundezas do azul daqueles olhos e concluir que um tal encanto não passava de um truque de astúcia precoce faria com que

eu me sentisse cínica e eu preferia renunciar a um julgamento desse tipo, escapando também à agitação que ele me traria. Não podia renunciar apenas por querer, mas podia repetir à Senhora Grose – como o fizera várias vezes, nas horas mortas da noite passada – que, com suas vozes pelo ar, seus corpos juntos a meu peito e seus rostos perfumados colados ao meu, tudo ruía, exceto o seu comovente desamparo e sua beleza. Era uma pena que, de um modo ou outro, para resolver o assunto, eu tivesse também que reenumerar os sinais de esperteza que na malfadada tarde, perto do lago, fizeram-me dar um espetáculo miraculoso de autocontrole. Era uma pena ser obrigada a reinvestigar a certeza daquele próprio momento e repetir a mim mesma a revelação de que aquela comunicação inconcebível que eu surpreendera não passava, para ambas as partes, de um hábito corriqueiro. Era uma lástima que eu tivesse que repensar as razões que não me permitiram duvidar que a menina tinha visto nossa visitante de modo tão trivial como eu via a Senhora Grose, e que tinha querido, embora a visse como eu, fazer-me supor que não a via, e ao mesmo tempo, sem nada demonstrar, adivinhar até que ponto eu notava a sua presença! Lamentável que eu precisasse mais uma vez descrever a fabulosa diligência nas pequenas coisas com que ela procurava desviar a minha atenção – o aumento perceptível de atividade, a maior intensidade das brincadeiras, da cantoria, da tagarelice, das birutices e do convite para que eu aderisse às suas travessuras.

Contudo, se eu não me tivesse permitido reexaminar os fatos para provar que nada havia, teria perdido os dois ou três elementos vagos de consolo que ainda me restavam. Eu não teria, por exemplo, sido capaz de asseverar à minha amiga de que estava certa – para o bem geral – de não ter, eu ao menos, me enganado. Não teria sido levada, pela pressão ou pela necessidade, pelo desespero mental – nem sei como denominar o que sentia – a exigir de minha companheira um auxílio de inteligência que a punha contra a parede. Ela me contara, em minúcias, pressionada como o fora, um monte de coisas; mas uma ligeira ponta de dúvida no outro lado de tudo quanto dissera, de vez em quando roçava a minha fronte feito uma asa de morcego; e recordo como nessa ocasião – pois a casa estava adormecida e a mistura de nosso perigo com nossa vigilância vinha em nosso auxílio – senti a importância de dar um último puxão na cortina. "Não acredito numa coisa tão horrível", lembro-me ter dito; "não, de jeito nenhum, vamos deixar claro, minha querida. Mas, se acreditasse, exigiria, sem mais poupá-la, saber tudo da senhora. Que era que tinha em mente quando, na sua aflição, quando Miles estava para voltar do colégio, depois daquela carta, sob a minha insistência, a senhora disse que não pretendia afirmar que ele

literalmente nunca fora mau? Nessas semanas em que tem convivido comigo e em que eu o tenho observado tão cuidadosamente, ele literalmente nunca foi mau; tem sido, pelo contrário um imperturbável primor de doçura, de adorável bondade. Portanto, a senhora poderia ter feito todos esses elogios a ele se não tivesse notado, como pode ter ocorrido, uma exceção em seu comportamento. Que coisa foi essa, e a que passagem em sua observação pessoal do menino a senhora estava se referindo?"

Era uma inquirição terrivelmente rigorosa, mas a leviandade não cabia na nossa situação, e, de qualquer modo, antes que a aurora fizesse com que nos despedíssemos, tive a resposta. O que minha amiga tinha em mente veio imensamente a propósito. Era nem mais nem menos que o fato de que por um período de vários meses Quint e o menino tinham sido inseparáveis. Era também o fato muito natural de ela ter se arriscado a criticar essa inconveniência, de dar a entender que uma ligação como essa não estava certa, e mesmo de avançar no assunto, a ponto de abrir-se francamente com a Senhorita Jessel. A predecessora tinha, da maneira mais estranha, respondido que ela fosse cuidar de sua vida, e a boa mulher, por isso, dirigira-se ao próprio Miles. Do que lhe pude tirar, dissera ao menino que gostaria que os rapazinhos de nível mais elevado não esquecessem sua posição.

Diante dessa revelação, pressionei-a mais um pouco. "A senhora fez com que ele visse que Quint não passava de um reles empregado?"

"Foi bem isso! E foi a sua resposta que, por uma coisa, não me agradou."

"Por que coisa?", eu cutucava. "Ele foi contar o que a senhora disse para o Quint?"

"Não, não por aí. Isso era bem o que ele não faria!", ela respondeu, causando-me impressão. "Bom, de qualquer modo, eu estava certa", acrescentou, "que ele não faria. Mas ele negou certas ocasiões."

"Quais?"

"Quando estiveram juntos de tal modo que o Quint até parecia seu professor particular – com ares de grande importância – e a Senhorita Jessel, por sua vez, ficava com a menina. E negou outras quando saía com esse sujeito e passava horas com ele."

"Ele, então, deu evasivas – disse que não tinha nada com o homem?"

Seu assentimento foi tão claro que acrescentei prontamente: "Compreendo. Ele mentiu."

"Oh!", murmurou a Senhora Grose. Sugeria com isso que a coisa não tinha importância; reforçou essa displicência com outra observação. "Veja bem; afinal de contas, a senhorita Jessel não ligava. Ela não proibia o menino."

Refleti. "Então, foi isso que ele colocou para a senhora como justificação?"

Aí, ela se deteve novamente. "Não, nunca me falou disso."

"Nunca falou da ligação da Senhorita Jessel com Quint?"

Ela percebeu, visivelmente ruborizada, aonde eu queria chegar. "Bem, ele nunca demonstrou saber nada. Ele negava", ela repetia, "ele negava".

Deus, como eu a apertava agora! "Então, a senhora percebeu que ele sabia o que se passava entre os dois canalhas?"

"Não sei – não sei!", a pobre mulher gemia.

"A senhora sabe sim, minha cara", repliquei; "é que apenas não tem minha terrível audácia de imaginação, e por timidez, modéstia e delicadeza, guarda para si até a impressão de que, no passado, tinha que debater-se silenciosamente, sem minha ajuda, diante de tudo que acontecia e que a deixava desesperada. Mas vou lhe arrancar tudo! Havia algo no menino que sugeria à senhora", continuei, "que ele protegia e escondia a ligação dos dois?"

"Oh, ele não podia impedir..."

"Que a senhora percebesse a verdade? Bem posso imaginar! Mas, céus!", segui com veemência, pensando em voz alta, "isso mostra o que eles tinham conseguido fazer do menino, até aí!"

"Ah, nada que não seja bom agora!" , defendeu-o ela, lugubremente.

"Não me espanta agora que a senhora estivesse meio estranha", persisti, "quando eu lhe falei da carta que veio do colégio!"

"Duvido que estivesse mais estranha que a senhorita", ela replicou com sua energia rude. "E se o pequeno era tão mau como parecia, por que é que é um anjo tão completo agora?"

"Sim, é isso mesmo – e se ele foi um capeta no colégio! Como, como, como? Bem", disse em meu tormento, "a senhora deve me perguntar isso de

novo, mas só vou poder lhe responder daqui a alguns dias. Mas, não deixe de perguntar!", bradei, de um modo que fez minha amiga arregalar os olhos. "Há certas direções nas quais não vou querer me aventurar, no momento". Enquanto isso, retornei ao seu primeiro exemplo – àquele a que ela se referira anteriormente – da feliz disposição do menino para algum deslize ocasional. "Se Quint – na advertência que a senhora lhe passou daquela vez – não passava de um reles empregado, uma das coisas que Miles deve ter dito, imagino, foi que a senhora também era uma criada." De novo seu assentimento foi tão imediato que eu continuei: "E a senhora o perdoou por isso?"

"A senhorita não o perdoaria?"

"Oh, claro que sim!" E trocamos ali, naquele silêncio, um riso de estranha hilaridade. Então, prossegui: "Em todo caso, enquanto ele ficava com o homem..."

"Flora ficava com a mulher. Era conveniente para todos!"

Também me convinha perfeitamente, pensei; queria dizer que isso se ajustava à particular suspeita mortífera que eu vinha me proibindo de alimentar. Mas me saí tão bem em controlar a manifestação dessa suspeita que não adiantarei outra coisa que não possa ser deduzida da observação final que fiz à Senhora Grose. "O menino ter mentido e sido insolente me parece menos comprometedor do que eu esperava que a senhora revelasse, a respeito do homem natural que vai brotando nele. Ainda assim", refleti, "tenho que levar isso em conta, porque me adverte que é necessário vigiar."

No momento seguinte, fiquei ruborizada ao perceber no rosto de minha amiga como ela perdoava o menino de maneira mais extrovertida, tendo em vista que a brincadeira despertara a minha ternura e me ensejara também fazê-lo. Isso ocorreu à porta da sala de estudos, quando ela já me deixava. "Com certeza, a senhorita não me vai acusar o menino..."

"De esconder uma relação de mim? Ah, lembre bem, até prova em contrário, não vou acusar ninguém." Então, antes de fechar a porta para que ela se dirigisse, por outra passagem, para seu próprio quarto, finalizei: "O que devo fazer é esperar".

CAPÍTULO 9

Esperei e esperei, e os dias, na sua passagem, levaram embora um pouco do meu sofrimento. Na companhia constante dos meus alunos, sem nenhum novo incidente, na verdade, uns poucos dias eram suficientes para passar nos devaneios angustiantes, e mesmo nas lembranças odientas, uma espécie de esponja. Mencionei que minha entrega à sua extraordinária graça infantil era algo que eu cultivava ativamente, e imaginem se eu iria me abster agora de sorver dessa fonte tudo que ela me oferecia. Mais estranho do que possa dizer, naturalmente, era o esforço que eu fazia para apagar as últimas coisas que soubera; contudo, teria sido uma tensão maior se eu não fosse, com frequência, tão bem sucedida. Espantava-me como as crianças podiam não adivinhar que eu pensava delas coisas tão estranhas; e a circunstância de que essas coisas apenas tornavam-nas mais interessantes não era por si mesma uma ajuda direta para mantê-las na ignorância. Tremia toda ao pensar que elas poderiam perceber que a coisa os tornava imensamente mais interessantes. Vendo pelo lado pior, como eu fazia tão constantemente em minhas reflexões, qualquer mancha em sua pureza podia ser apenas – inculpáveis e predestinados como eram – uma razão a mais para correr riscos. Havia momentos nos quais, por um impulso irresistível, eu me surpreendia arrebatando-os e estreitando-os a meu peito. Assim que acabava de fazê-lo, perguntava-me: "Que pensarão disso? Não estarei me traindo?" Teria sido fácil cair num triste, espinhento emaranhado se me dispusesse a pensar em quanto eu podia efetivamente me trair; mas, sentia que a verdadeira razão das horas de tranquilidade de que eu podia ainda desfrutar era que o encanto imediato de meus pequenos companheiros era constituído por um feitiço muito eficaz, ainda que obscurecido pela possibilidade de que fosse bem calculista. Ocorria-me que, por vezes, poderia despertar sua suspeita pelas pequenas erupções de uma paixão por eles que só fizera crescer, e por isso lembro-me que pensava também se não haveria uma certa estranheza no perceptível aumento de suas próprias efusões.

Nessa ocasião, mostravam gostar de mim de um modo extravagante e muito além do natural; o que, afinal de contas, eu podia pensar, talvez não passasse de uma reação graciosa de crianças acostumadas a uma bajulação e um carinho constantes. Esse afeto, em que eram tão pródigos, tinha tão bom efeito sobre meus nervos que nunca me ocorria, posso garantir, procurar nele uma segunda intenção. Nunca quiseram, como naquele tempo, fazer tantas

coisas por sua pobre protetora; quero dizer – embora se saíssem cada vez melhor em seu aprendizado o que naturalmente seria o mais capaz de satisfazê-la – no sentido de diverti-la, entretê-la, surpreendê-la; lendo-lhe composições, contando-lhe histórias, oferecendo-lhe charadas, lançando-se sobre ela, disfarçados de animais ou personagens históricos, e, acima de tudo, deixando-a atônita com os "pedaços" que tinham secretamente decorado e que eram capazes de recitar interminavelmente. Não atingiria jamais o fundo – ainda que me deixasse levar pelas lembranças agora – dos elaborados comentários, todos sob estrita correção, com os quais, naqueles dias, eu acompanhava todas as suas horas. Desde o início, tinham mostrado facilidade para praticamente tudo, uma aptidão genérica que, a cada novo impulso, realizava façanhas memoráveis. Cumpriam suas pequenas tarefas como se as adorassem, e, na exuberância de seus dons, realizavam prodígios espontâneos de memória. Irrompiam diante de mim não apenas como tigres e como guerreiros romanos, mas como personagens de Shakespeare, astrônomos e navegadores. Era tão singular seu caso que seguramente influiu numa coisa que, até hoje, me deixa um pouco confusa: a tranquilidade nada natural com que encarei a possibilidade de uma outra escola para Miles. O que recordo é que, naquele momento, contentava-me em não abrir a espinhosa questão, e o contentamento certamente provinha da impressão que me causava sua perpétua e fabulosa exibição de inteligência. Ele era inteligente demais para ser estragado por uma preceptora medíocre, filha de um pároco; e o mais estranho, se não o mais brilhante, dos fios desse bordado mental a que me referi, era a impressão que eu poderia ter tido, se tivesse ousado dar-me ao trabalho de analisá-la, de que ele estava sob alguma influência que agia sobre sua pequena vida intelectual como um estímulo violento.

Contudo, se era fácil raciocinar que um menino tão bem-dotado podia ter sua volta à escola adiada, era identicamente fácil pensar que um tal menino ser "chutado" fora dos portões escolares por algum diretor constituía uma mistificação sem fim. Permitam-me acrescentar que na companhia das crianças – e eu cuidava com não me afastar demasiado da realidade – nunca pude ir muito longe em farejar alguma coisa. Vivíamos numa nuvem particular de música e amor e triunfo e representações. O senso musical das duas crianças era dos mais vivos, mas o menino, em especial, tinha um dom maravilhoso para captar e reproduzir o que ouvia. O piano da sala de estudos explodia em melodias as mais estrambóticas; e quando elas cessavam, confabulavam lá pelos cantos, e a seguir um deles se retirava animadíssimo para retornar como um personagem novo, imprevisível. Eu própria tinha irmãos, e não era novidade

para mim que as meninas podiam ser escravas idólatras dos meninos. O que ultrapassava meu entendimento era haver no mundo um menino que pudesse mostrar tão grande consideração por uma idade, um sexo e uma inteligência inferiores. Eram extraordinariamente unidos, e dizer que nunca brigavam nem falavam mal um do outro é dar uma ideia grosseira do tipo de doçura que tinham. Por vezes, na verdade, eu própria pecava pela grosseria, imaginando perceber neles sinais de pequenos acordos pelos quais, enquanto um me mantivesse ocupado, o outro poderia escapulir. Há um lado ingênuo, suponho, em toda diplomacia; mas se meus alunos me aprontavam alguma, era certamente sem a menor vulgaridade. Foi bem em outro flanco que, depois de uma trégua, a baixeza apareceu.

Aqui, sinto que vacilo; mas, devo mergulhar. Seguir relatando o que havia de hediondo em Bly não é apenas desafiar a boa-fé – o que pouco me importa – mas – e aí é outro assunto – voltar a sofrer aquilo que sofri, percorrendo o mesmo caminho árduo até o fim. Sobreveio uma hora na qual, relembro, o caso pareceu revestir-se de total sofrimento para mim; mas pelo menos eu tinha atingido seu âmago e a solução mais acertada seria ir em frente. Uma noite – sem que nada me conduzisse ou preparasse para isso – senti o friozinho da impressão que me arrepiara na noite em que chegara; na primeira ocasião, ele fora mais leve, como disse, e não teria me deixado lembrança alguma se minha estada posterior tivesse sido menos agitada. Eu não tinha me recolhido; lia ainda sob a luz de dois candelabros. Havia um quarto cheio de livros velhos em Bly – romances do século passado, entre eles alguns que tinham uma reputação duvidosa, mas não a ponto de virarem relíquia e não chegarem àquele casarão retirado; não tinham perdido seu apelo para minha curiosidade de jovem descomprometida. Lembro-me que o livro que estava em minhas mãos era o "Amélia", de Fielding; lembro-me também que estava completamente desperta. Recordo que estava tomada, simultaneamente, pela convicção de que era já terrivelmente tarde e por uma objeção particular à ideia de consultar meu relógio. Revejo, finalmente, a cortina branca que envolvia, o que era moda naqueles dias, a cabeceira da pequena cama de Flora, e que havia muito me assegurara de que ela repousava perfeitamente bem. Recordo, em resumo, que embora estivesse muito interessada por Fielding, achei-me, ao virar uma página e deixar o seu encanto dissipar-se, erguendo a cabeça e olhando fixamente para a porta do meu quarto. Houve um momento durante o qual escutei bem e notei, lembrando a vaga sensação, que tivera naquela primeira noite, de que havia alguma coisa indefinida movimentando-se na casa, uma brisa que passava

levemente pela janela agitar a cortina entreaberta. E então, dando todas as mostras de uma coragem que teria parecido magnífica se houvesse ali alguém para admirá-la, pus o livro de lado, levantei-me e, pegando um castiçal, saí resoluta do quarto e ainda dali, do corredor, onde minha luz fazia pouca diferença, tranquei a porta ruidosamente.

Não sei dizer agora nem o que me levou a fazê-lo nem o que me guiava, mas fui avante corredor afora, com o castiçal acima da cabeça, até me deparar com uma janela alta que dominava a grande curva da escada. Nesse ponto, tomei rapidamente consciência de três coisas. Eram praticamente simultâneas, embora me viessem em lampejos sucessivos. Minha vela, devido a um movimento brusco, apagou-se, e eu percebi, pela janela desprovida de cortina, que a escassa luz fornecida pela manhã que já surgia a tornava desnecessária. Sem ela, eu vi, a seguir, que havia alguém na escada. Falo de sequências, mas não foi preciso mais que um lapso de segundo para que eu, enrijecida, ficasse preparada para um terceiro encontro com Quint. A aparição, na subida, tinha chegado ao patamar no meio da escada e estava, portanto, no ponto mais próximo à janela, onde, quando me viu, deteve-se e me cravou os olhos exatamente como o fizera da torre e do jardim. Conhecia-me tão bem quanto eu o conhecia; e assim, na fria e tênue luz da manhã, entre o brilho do vidro da janela no alto e o das escadas de carvalho bem enceradas embaixo, ficamos cara a cara, em intensidade mútua. Ele era, naquele momento, uma presença vívida, detestável e perigosa de forma absoluta. Mas, isso não era de modo algum o que de mais espantoso acontecia; reservo essa qualificação para uma circunstância bem diferente: eu tinha perdido inequivocamente o meu terror e não havia nada em mim que não o encarasse e medisse bem.

Tive angústia de sobra depois daquele momento extraordinário, mas, graças a Deus, perdera o terror. E ele notou que eu não o tinha mais – decorrido um instante, tive consciência magnífica desse fato. Senti, num feroz assomo de confiança, que, se permanecesse em meu lugar por mais um minuto, eu poderia – pelo menos, por instantes – confrontá-lo; e durante esse minuto, de fato, a coisa foi tão humana e hedionda como uma entrevista real: hedionda justamente por ser humana, tão humana quanto seria eu haver topado, em horas mortas, numa casa adormecida, com algum inimigo, aventureiro ou criminoso. Era o silêncio de morte de nossa troca de olhares à tão curta distância que dava ao horror todo, incomum como era, sua única nota de sobrenatural. Se eu tivesse topado com um criminoso em tal lugar e em tal hora, teríamos pelo menos nos falado.

Alguma coisa teria se passado, na vida, entre nós; se não tivesse se passado, um de nós ao menos teria se movido. Mas o momento, aquele, foi tão prolongado que, tivesse durado um pouquinho mais, duvidaria até que eu estivesse viva. Não posso exprimir o que veio a seguir senão dizendo que o silêncio em si – o que, na verdade, de certo modo atestava a minha força – tornou-se o elemento no qual vi a figura ir desaparecendo; em silêncio, como se assim eu pudesse contemplar o vil miserável a que pertencera, a figura voltou-se para mim como se esperasse reverentemente uma ordem e passou, com meus olhos presos às costas aversivas que nenhuma corcova teria desfigurado mais, descendo a escada, e afundando-se na escuridão na qual a curva seguinte mergulhava.

CAPÍTULO 10

Permaneci mais um pouco no topo da escada, mas apenas para certificar-me de que, ao retirar-se, meu visitante realmente se fora; depois disso, retornei ao meu quarto. A primeira coisa que lá vi à luz da vela que deixara acesa foi que a caminha de Flora estava vazia; diante disso, prendi meu fôlego com todo o terror a que, cinco minutos atrás, eu fora capaz de resistir. Atirei-me sobre o leito onde a deixara, vendo ali (pois a pequena colcha de seda e os lençóis estavam desarrumados) que as brancas cortinas tinham sido por engano corridas; nesse momento, o meu passo, dando-me um alívio inexprimível, produziu um ruído em resposta; percebi um movimento nas cortinas da janela, e a menina, passando por baixo dela, apareceu prontamente do outro lado. Ali estava, com muita candura e pouca camisola, com os róseos pés descalços e o brilho dourado de seus cabelos encaracolados. Parecia intensamente séria, e nunca tive uma tamanha sensação de perder uma vantagem adquirida (cujo efeito emocional tinha sido tão fantástico) como naquele momento, quando percebi que ela se dirigia a mim com reprovação. "Sua malvada: onde é que a senhorita estava?" – e ao invés de questionar a falta que ela cometera, peguei-me eu mesma em falta e tive que me explicar. Quanto a ela, explicou-se sobre o caso com a mais adorável e ardente simplicidade. Percebera repentinamente, enquanto repousava, que eu estava fora do quarto, e saltara fora da cama para ver o que me acontecera. Com a alegria de seu reaparecimento, eu me deixara cair numa cadeira – sentindo aí, só aí, um certo desfalecimento; ela correu até mim, atirou-se em meus joelhos, entregando-se para que eu a abraçasse com a chama da vela iluminando toda o seu rostinho maravilhoso que ainda estava congestionado de sono. Lembro-me de ter fechado meus olhos por um instante, rendendo-me, conscientemente, diante de alguma coisa excessivamente bela que emanava do azul dos seus. "Procurava por mim olhando para fora?", eu disse. "Pensou que eu podia estar andando lá pelo jardim?"

"Bem, sabe, eu pensei que havia alguém lá" – respondeu, sorrindo, sem empalidecer.

Oh, como eu a olhava agora! "E chegou a ver alguém?"

"Ah, não!", replicou, com todo o privilégio de sua inconsequência infantil, quase ofendida, embora pusesse uma prolongada doçura na ligeira indecisão da negativa.

Naquele momento, pelo estado dos meus nervos, tive certeza absoluta de que estava mentindo; e se fechei meus olhos novamente, foi porque ficavam ofuscados diante das três ou quatro possíveis maneiras pelas quais eu podia considerar a sua resposta. Uma delas, por um momento, tentou-me com intensidade tão singular que, para resistir a ela, devo ter apertado a menininha com um espasmo a que, maravilhosamente, ela se sujeitou, sem gemido ou sinal de susto. Por quê não aproveitar aquele momento e dizer tudo de uma vez por todas? – colocar tudo diante daquele seu rostinho luminoso? "Você vê, você vê, você sabe que sim e já está quase certa de que eu sei; portanto, por quê não confessá-lo para mim, para que possamos enfrentar a situação juntas e talvez aprender, na estranheza de nosso destino, onde estamos e o que ela significa?" Mas a súplica, ai de mim, desvaneceu-se: se eu tivesse sucumbido a ela, teria poupado a mim mesma – bem, vocês verão de quê. Em vez de sucumbir, de novo me pus em pé, olhei para a cama da menina e adotei um meio termo inútil. "Por quê você pôs a cortina sobre o leito, para me fazer pensar que estava ainda ali?"

Ela refletiu por um minuto, luminosamente; depois, disse com seu sorrisinho divino: "Porque eu não gosto de assustar a senhorita!"

"Mas se eu tinha, pela sua lógica, saído ...?"

Ela não estava de modo algum disposta a ficar intrigada; virou seus olhos para a chama da vela como se a questão fosse insignificante, ou pelo menos tão indiferente quanto uma pergunta sobre a Senhora Marcet ou de nove vezes nove. "Oh, mas a senhorita sabia", respondeu jeitosa, "que ia voltar, querida, e foi o que fez!" E, dentro em pouco, quando ela voltou para cama, lá fiquei eu, por longo tempo, tendo que provar, sentada à sua cabeceira e segurando sua mão, como minha volta tinha sido oportuna.

Podem imaginar a complicação geral de minhas noites, a partir daí. Eu ficava em guarda repetidamente, até não sei que horas; escolhia momentos em que minha colega de quarto estava inequivocamente dormindo, e, sorrateiramente, fazia rondas silenciosas na passagem e mesmo em lugares mais além daqueles em que encontrara Quint pela última vez. Mas nunca o reencontrei; e posso dizer agora que nunca mais o vi na casa. Por outro lado, estive quase para perder, na escada, uma aventura diferente. Olhando do topo dela para a descida, reconheci uma vez a presença de uma mulher que estava sentada num dos degraus mais baixos com as costas voltadas para mim, a metade de seu corpo curvada e a cabeça, numa atitude de desolação, enfiada em

suas mãos. Embora eu tenha ficado ali por um instante, ela desapareceu sem me notar. A despeito disso, eu sabia que rosto medonho ela me mostraria, se o fizesse; e me perguntei se, ao invés de estar no topo, eu estivesse lá embaixo, teria tido a coragem que demonstrara frente a Quint no último encontro. Bem, continuava a sobrar oportunidade para mostrar coragem. Na décima primeira noite depois daquele encontro com o referido cavalheiro – porque eu as enumerava agora – tive um sobressalto que a pôs à prova e que se revelou de fato, devido à qualidade particular de seu caráter de inesperado, meu choque mais violento. Foi precisamente na primeira noite desse período em que, cansada de vigiar, sentira que, sem negligência, podia recolher-me na minha hora habitual. Caí no sono imediatamente e, como pude verificar mais tarde, dormi até uma da madrugada; mas, quando acordei, foi em estado de alerta, como se uma mão me houvesse sacudido. Tinha deixado uma vela acesa, mas agora ela estava apagada, e por um instante tinha tido a certeza de que fora Flora quem a apagara. Levantei-me rapidamente no escuro e fui direto para a sua cama, que descobri vazia. Um olhar para a janela me esclareceu, e um fósforo que acendi completou o quadro.

A menina tinha se levantado novamente – dessa vez, apagando a vela, e tinha novamente, com a finalidade de observar ou responder a algo, se espremido atrás da cortina, de onde perscrutava a noite lá fora. Que ela via – como da primeira vez estava convencida de que não o conseguira – ficou provado para mim pelo fato de que não ficou perturbada nem por eu ter voltado a acender a luz nem pelos ruídos que eu fazia para colocar os chinelos e embrulhar-me num roupão. Oculta, protegida, absorta, ela nitidamente se apoiava no parapeito – as persianas abertas para fora – e mostrava-se por inteiro. Havia uma grande lua tranquila para ajudá-la em seu intento, e esse fato influiu na rápida decisão que tomei. Ela estava cara a cara com a aparição que víramos no lago, e podia agora comunicar-se com ela de um modo como, na ocasião, não pudera fazê-lo. Pelo meu lado, o que tinha de ser feito era, sem interrompê-la, sair e alcançar, passando pelo corredor, uma outra janela no mesmo flanco. Cheguei à porta sem que ela me ouvisse; passei por ela, fechei-a e escutei, já do outro lado, algum débil som emitido por ela. Enquanto permanecia na passagem pusera meus olhos na porta do quarto de seu irmão, que não estava a mais que dez passos, o que, indescritivelmente, produziu em mim a renovação do estranho impulso que eu mencionei que antes me tentara. Que tal se eu entrasse ali e marchasse direto para a janela dele? – que tal se, arriscando exibir ante seu assombro infantil a revelação de meus motivos, eu lançasse sobre o resto desse mistério o longo

laço de minha coragem?

Esse pensamento sustentou-me o bastante para cruzar a soleira e fazer uma nova pausa. Eu ouvia tudo com uma nitidez sobrenatural; imaginava as coisas mais fantásticas a partir do que ouvia; me indagava se a cama do menino também não estaria vazia e se ele também não estaria fazendo uma espreita secreta. Foi um momento profundo e silencioso, ao fim do qual meu impulso cedeu. Ele estava muito quieto; podia ser inocente; o risco era hediondo; portanto, tive que me afastar. Havia uma presença nos jardins – um vulto furtivo ansioso por encontrar a sua presa, uma visita com quem Flora tinha encontro marcado; não era, certamente, a visita que ofereceria um interesse lógico ao meu menino. Hesitei de novo, mas por outros motivos e apenas momentaneamente; então, fiz a minha escolha. Havia quartos vazios em Bly, e era apenas uma questão de escolher o mais apropriado. Este logo se provou ser um que se apresentava no térreo – embora acima dos jardins – situado no ângulo sólido da casa que a que me referi como a velha torre. Era um aposento amplo, quadrado, arrumado com uma certa gala, como um quarto de dormir, mas seu tamanho fora do comum o tornava tão incômodo que não vinha sendo ocupado há muitos anos, embora fosse mantido em ordem exemplar pela Senhora Grose. Eu já o tinha admirado e conhecia bem a sua disposição; tinha apenas que, superando o arrepio que me daria a escuridão de seu abandono, atravessá-lo e ir avante para destravar seus postigos. Feito o percurso, afastei a cobertura sem mínimo ruído e, encostando meu rosto à vidraça, notei, devido a haver mais escuridão lá fora que ali dentro, que tinha tomado a direção certa. Aí, vi algo mais. A lua tornava a noite extraordinariamente nítida e mostrou-me no gramado uma pessoa que, diminuída pela distância, ali estava imóvel e como que fascinada, olhando para mais acima de onde eu tinha aparecido – isto é, olhando não diretamente para mim, mas para alguma coisa que estava fora de minha vista, no alto. Havia claramente outra pessoa acima do ponto que eu ocupava – havia uma pessoa na torre; mas a presença no gramado não era de modo algum aquela que eu imaginara e que, cheia de certeza, eu fora correndo para encontrar. Quem estava ali – quase desmaiei ao descobri-lo – era o próprio Miles.

CAPÍTULO 11

Só pude conversar com a Senhora Grose numa hora avançada do dia seguinte; o esforço com que eu mantinha meus alunos sob minhas vistas fazia com frequência que fosse difícil encontrá-la privadamente, e mais ainda porque ambas sentíamos a importância de não provocar – tanto da parte dos empregados quanto da parte das crianças – nenhuma suspeita de uma perturbação secreta ou de uma discussão de mistérios. Nesse particular, eu extraía uma grande segurança do simples fato de a Senhora Grose oferecer uma aparência tranquila. Nada havia em seu rosto radiante que pudesse sugerir aos outros as horríveis confidências que recebia de mim. Ela acreditava em mim absolutamente, creio: se não o fizesse, não sei o que teria me acontecido, porque eu não teria podido suportar tudo aquilo sozinha. Mas, ela era um magnífico monumento à benção que pode ser a falta de imaginação, e, não vendo em nossas crianças nada a não ser sua beleza e afetividade, sua alegria e sua inteligência, não tinha comunicação direta com as fontes de meu dilema. Se eles fossem visivelmente infectados ou feridos ela, procurando os motivos, ficaria perturbada o suficiente para interrogá-los; mas, do modo como as coisas iam, eu sentia, quando ela os vigiava, com seus largos e alvos braços cruzados e o hábito da serenidade em todo o seu rosto, que ela agradecia a Deus achando que, mesmo que eles estivessem destruídos, os pedaços que restavam ainda serviriam. Chamas de fantasia davam lugar, em seu espírito, a um doméstico e sólido foguinho de lareira, e eu já tinha começado a perceber que desenvolvera a convicção de que – tendo os dias transcorridos sem nenhum acidente notório – os pequeninos podiam, afinal de contas, cuidar bem de si mesmos, sendo que ela precisava dirigir as suas atenções para o triste caso da preceptora. Isso, para mim, era uma simplificação saudável; eu podia esforçar-me para que em meu rosto não transparecessem meus problemas, mas teria sido, naquelas condições, uma imensa contrariedade que eu tivesse que me preocupar com o que rosto dela poderia revelar.

Na hora a que me refiro ela tinha se juntado a mim, depois de pressionada, no terraço, onde, com o amenizar da estação, o sol da tarde era agora agradável; e ali nos sentamos, enquanto, diante de nós, a certa distância, mas ao alcance da nossa voz, as crianças passeavam daqui para ali com a melhor das disposições. Moviam-se lentamente, em uníssono, abaixo de nós, sobre o gramado, o garoto, enquanto andavam, lendo em voz alta um livro de histórias e

passando o braço pela cintura da irmã para mantê-la atenta. A Senhora Grose os observava com uma placidez imperturbável; então, percebi o sufocado gemido intelectual com que se voltou intencionalmente para mim a fim de obter uma explicação do que podia haver no avesso daquela tapeçaria. Eu a tinha tornado um receptáculo de coisas sinistras, mas havia um estranho reconhecimento de minha superioridade – devido a meus predicados e à minha função – na paciência que demonstrava diante de minha dor. Ela oferecia seu espírito às minhas revelações como se, caso eu tivesse desejado fazer uma poção de bruxa e lhe propusesse isso com autoridade, me passasse sem protesto uma grande caçarola bem limpa. Essa se tornou sua atitude na ocasião em que, na narrativa que lhe fiz dos fatos da noite anterior, cheguei ao ponto daquilo que Miles me respondera quando, depois de vê-lo, numa hora tão imprópria, quase no mesmo lugar onde brincava agora, eu me precipitara para ir buscá-lo; para isso, tinha escolhido, lá da janela, não um método, mas um meio menos ruidoso, para não alarmar a casa. Dei a entender a ela que não poderia descrever com sucesso, mesmo diante de sua imensa boa vontade, minha impressão de que o menino se saíra com fantástica inspiração diante de minhas perguntas, depois que o repus na casa. Assim que eu aparecera à luz do luar no terraço, caminhou na minha direção da maneira mais tranquila; a seguir, tomei sua mão sem uma palavra e o levei, através de espaços escuros, pela escada acima, passando pelos lugares onde Quint rondara, faminto, à sua procura, pelo vestíbulo onde eu escutara e tremera, e finalmente entramos em seu quarto abandonado.

Nenhuma palavra foi trocada entre nós no caminho, e eu ia me indagando – oh, como me indagava! – o que seu pequeno espírito não estaria tateando à procura de uma explicação que fosse plausível e não demasiado grotesca. A coisa ia requerer seus recursos de invenção, certamente, e eu senti, naquele momento, diante da encrenca em que ele se encontrava, uma curiosa emoção de triunfo. Era uma boa armadilha para alguém tão astucioso! Ele não ia poder mais fingir inocência; assim, como diabos se safaria dessa? De súbito, pensei também, ao colocar apaixonadamente essa questão, como diabos eu me safaria. Estava por fim tendo que me confrontar, como nunca o fizera, com todo o risco que havia em minha atitude horrível. Recordo de fato que, enquanto entrávamos em seu pequeno quarto, onde a cama mal tinha sido remexida e a janela, aberta à luz da lua, tornava tudo tão claro que não era preciso riscar um fósforo – eu subitamente deixara-me cair à beira do leito, sucumbindo ante a força da ideia de que ele devia realmente saber como lidar comigo. Faria o que quisesse, com toda a sua inteligência o ajudando nisso, enquanto eu continuaria

a pertencer à antiga tradição de culpabilidade daqueles mestres que infundem em seus discípulos suas próprias superstições e terrores. Ele me pegara, de fato, e bem de jeito; porque, quem me absolveria, quem me salvaria da forca se, pelo mais leve tremor de uma insinuação, eu era a primeira a introduzir em nossa perfeita relação um elemento tão medonho? Não, não; era inútil tentar fazer a Senhora Grose compreender, como é talvez inútil tentar sugerir aqui, como, em nosso breve e firme embate no escuro, ele ganhou com perícia minha admiração. Naturalmente, fui amável e compassiva o tempo todo; nunca, nunca pusera em seus ombros mãos tão ternas como aquelas com as quais, enquanto sentava em sua cama, mantive-o junto a mim, bem debaixo da luz. Não tinha alternativa senão lhe interrogar, ao menos formalmente.

"Você precisa me contar agora – contar toda a verdade. Para que você foi lá fora? O que estava fazendo lá?"

Ainda revejo seu sorriso maravilhoso, a luz de seus belos olhos e dos pequenos dentes a brilhar na penumbra. "Se eu lhe contar, a senhorita entenderá?". Meu coração quase me saiu pela boca, quando ouvi isso. Ele ia mesmo me revelar o motivo? Eu não achava voz para pedir, e respondi apenas com um vago, repetido sinal de cabeça. Ele era a doçura em pessoa, e enquanto eu a balançava diante dele, portava-se como se ali estivesse um príncipe de conto de fadas. Essas demonstrações todas acabaram por me dar algum alívio. Seriam assim tão grandiosas se ele fosse de fato contar a verdade? "Bem," disse por fim, "fiz o que fiz apenas para que a senhorita fizesse isso."

"Isso o quê?"

"Para que pensasse – para variar – que posso ser malvado!" Não esquecerei nunca o jeito doce e gaiato com que ele proferiu essa palavra, nem como, para completar a cena, ele se inclinou e me beijou. Foi praticamente o fim de tudo. Devolvi-lhe o beijo e tive que fazer, enquanto o estreitava por um minuto em meus braços, o mais fabuloso esforço para não chorar. Ele prestara contas de sua conduta de maneira a não permitir que eu avançasse o sinal, e foi apenas com a finalidade de confirmar minha aceitação de suas palavras que, lançando meu olhar pelo quarto, consegui perguntar – "Então, foi por isso que não tirou a roupa para dormir?"

Ele estava radioso no escuro. "Não foi bem por isso. Decidi ficar lendo."

"E quando foi que você desceu?"

"À meia-noite. Quando sou mau, sou mau de fato!"

"Entendo, entendo – uma coisa encantadora. Mas, como é que tinha certeza de que eu acabaria sabendo?"

"Oh, eu combinei a coisa com Flora." Suas respostas saíam com uma rapidez! "Combinamos que ela se levantaria e olharia pela janela."

"Que foi o que ela fez, realmente". Fui eu que caí na armadilha!

"Portanto, ela chamou a sua atenção, e, para saber para o que ela estava olhando, a senhorita também olhou – e viu."

"Enquanto você" – cooperei – "se arriscava a perder a saúde pegando o ar da noite!"

Ele literalmente explodia de orgulho de sua façanha, a tal ponto que ficou radiante de poder concordar, retrucando: "De que outro modo eu poderia provar que fui malvado de fato?". Assim, depois de outro abraço, o incidente e nossa conversa se encerraram com o meu reconhecimento de todas as reservas de bondade de que, para aprontar sua brincadeira, ele lançara mão.

CAPÍTULO 12

A impressão particular que tivera disso provou-se, à luz da manhã, repito, nada fácil de transmitir a Senhora Grose, embora eu a reforçasse com a menção de outra observação que Miles fizera antes que nos despedíssemos. "Tudo se reduz a meia dúzia de palavras", eu disse a ela, "palavras que resolvem o assunto: "Pense só no que eu poderia fazer!" Aprontou-me isso para provar o quanto é bom. Sabe de sobra o que "poderia" fazer. Deu uma mostra disso ao pessoal lá do colégio."

"Deus do céu, a senhorita muda demais de ideia!", gemeu minha amiga.

"Não mudo – apenas vou tornando a coisa mais clara. Esses quatro, a senhora tenha certeza, vivem se encontrando. Se nessas duas últimas noites a senhora tivesse ficado com as crianças, teria entendido claramente. Quanto mais eu vigiava e esperava, mais sentia que, mesmo que não houvesse mais nada para servir de prova, o silêncio sistemático de ambos serviria. Nunca, nem por descuido, aludiram a nenhum de seus velhos amigos, da mesma forma como nunca Miles aludiu à sua expulsão do colégio. Oh sim, podemos ficar aqui a contemplá-los, e eles ficarão lá mostrando-nos apenas aquilo que lhes apetece; mas mesmo quando fingem estar mergulhados lá no seu faz de conta, estão voltados para a visão dos mortos que voltaram. Ele não está lendo para ela ali", declarei; "conversam sobre eles – coisas horrorosas! Prossigo, eu sei, como se tivesse ficado louca; é estranho que eu ainda não o tenha. O que vi, já teria feito a senhora ficar; mas isso só me fez ficar mais lúcida, me fez compreender muito mais coisas."

Minha lucidez devia parecer medonha, mas a visão das criaturinhas encantadoras que dela eram vítimas, passando e repassando no gramado em doce entrelaçamento, dava à minha companheira alguma coisa em que se apoiar; e senti o quanto se apoiava nessa coisa observando que, sem deixar-se contagiar pela força de minha paixão, ela prosseguia olhando-os com cuidado e carinho. "Que outras coisas a senhorita compreendeu?"

"Ora, essas mesmas coisas que tanto me deliciaram, fascinaram e que, no fundo, como agora vejo, só me mistificaram e atrapalharam meu entendimento. A beleza sobre-humana, a doçura fora do comum dessas crianças. É um jogo", continuei; "é um cálculo e uma impostura!"

"Da parte dessas criaturinhas ...?"

"Que agem como uns bebês adoráveis? Sim, por mais louco que pareça!" O simples ato de conseguir exprimir o que eu sentia ajudava-me a analisar o caso – rastreando-o todo e juntando seus elementos. "As crianças não têm sido boas – têm sido apenas ausentes. Tem sido fácil conviver com elas, porque elas simplesmente possuem uma outra vida. Elas não são minhas – não são nossas. São dele e dela!"

"De Quint e daquela mulher?"

"Sim. Os dois querem aproximar-se delas."

Oh, como a Senhora Grose, ao ouvir isso, olhou para as crianças! "Mas, para quê?"

"Pelo amor de todo o mal que, naqueles dias terríveis, a dupla colocou nelas. Para continuar a insuflar esse mal, seguir com o trabalho dos demônios, é por isso que reaparecem."

"Pai do céu!", exclamou minha amiga em surdina. A exclamação era familiar, mas revelava uma aceitação autêntica da minha prova daquilo que, nos maus tempos – porque houvera tempos piores! – devia ter ocorrido. Não havia melhor justificação para mim que essa simples aceitação, da parte de sua experiência, do sem-fim de depravações que eu supunha ter sido cometido por aquela dupla de sórdidos. Foi numa evidente rendição à memória que ela disse, momentos depois: "Eles eram uns crápulas! Mas, que podem fazer agora?", ela prosseguiu.

"Fazer?", repeti em voz tão alta que Miles e Flora, passando lá ao longe, pararam um instante e olharam para nosso lado. "Já não fazem o bastante?", perguntei num tom mais surdo, enquanto as crianças, depois de sorrir e acenar e mandar beijinhos com as mãos para nós, prosseguiram com sua exibição. Ficamos mudas por um instante; depois disso, eu mesma respondi: "Os dois podem destruí-los!" Ouvindo isso, minha companheira virou-se para mim, mas a indagação que me lançou foi muda, o que fez com que eu ficasse mais explícita. "Eles ainda não sabem como fazê-lo – mas estão tentando saber seja lá como for. Enquanto isso, aparecem aqui e ali – em lugares estranhos e elevados, o alto das torres, o telhado das casas, perto das janelas, no outro lado das águas; mas há neles uma determinação profunda no sentido de encurtar a distância e vencer os obstáculos; o sucesso das tentativas é apenas uma questão de tempo. Eles precisam apenas continuar a sugerir perigo."

"Para as crianças se aproximarem?"

"E perecerem na tentativa!" A Senhora Grose levantou-se devagar, e eu acrescentei escrupulosamente: "A menos, claro, que possamos impedir!"

Plantada ali á minha frente enquanto eu permanecia sentada, ela visivelmente revirava as ideias à procura de soluçã̃o. "O tio das crianças deve impedir. Ele deve levá-las embora."

"E quem vai convencê-lo a fazer isso?"

Ela sondou a distância, pensativa, e voltando a ter uma expressã̃o ingênua, declarou. "A senhorita, naturalmente."

"Escrevendo a ele que sua casa está envenenada e que seus sobrinhos enlouqueceram?"

"Mas, e se eles estiverem, senhorita?"

"E se eu também estiver, é o que a senhora quer dizer? Belas notícias para dar da parte de uma preceptora cujo principal dever era nã̃o lhe dar problemas."

A Sra Grose refletiu, seguindo as crianças novamente com o olhar. "Sim, ele detesta problemas. Essa foi a grande razã̃o..."

"De esses perversos o enganarem por tanto tempo? Sem dúvida, embora a sua negligência deva ter sido também medonha. Como nã̃o sou uma perversa, de qualquer modo, nã̃o vou aborrecê-lo."

Minha companheira, depois de um instante e como resposta, sentou-se novamente e agarrou firmemente o meu braço. "Peça a ele que venha."

Arregalei os olhos. "Que venha a mim?". Fiquei subitamente com medo do que ela poderia fazer. "Ele?"

"Ele precisa estar aqui – ele precisa ajudar."

Levantei-me rapidamente, e creio que lhe exibi um rosto estranho como nunca. "A senhora acha que sou capaz de pedir a ele uma visita?" Nã̃o, com os olhos postos no meu rosto, ela evidentemente nã̃o se atrevia a achar. Ao invés disso – tal como uma mulher lê no rosto de outra – ela via o que eu via: o desfrute, a diversã̃o, o menosprezo dele por eu ter me resignado a viver em tamanha solidã̃o e pelos mecanismos sutis que eu pusera em movimento a fim de atrair sua atençã̃o para meus encantos insignificantes. Ela nã̃o sabia – de resto, ninguém – quanto eu me sentia orgulhosa de servi-lo e ser estritamente fiel ao nosso contrato; contudo, creio que levou bem em conta a advertência que eu

então lhe fiz: "Se a senhora perder a cabeça a ponto de apelar para ele em meu favor..."

Ela se assustou. "Sim, senhorita?"

"Abandono ele e a senhora."

CAPÍTULO 13

Conviver com eles era simples e fácil, mas falar com eles chegou a ser uma coisa quase além das minhas forças – oferecia, em particular, dificuldades tão intransponíveis como sempre. A situação continuou desse modo por um mês, com novos agravantes e notas peculiares, sendo a mais perceptível destas, e cada vez mais acentuada, a que revelava uma leve consciência irônica por parte de meus alunos. Não era, tenho certeza hoje como tinha certeza então, apenas consequência de minha imaginação infernal; era absolutamente visível que tinham consciência de meu padecimento e que essa estranha relação constituía, de certo modo, a atmosfera em que vivíamos. Não quero dizer que me mostrassem a língua ou fizessem algo vulgar, porque não isso não estava entre seus defeitos: quero dizer, ao contrário, que o elemento indizível e inabordável tornou-se, entre nós, maior que qualquer coisa, e que o esforço por evitá-lo não seria tão bem sucedido sem que exigisse uma boa parte de acordo tácito. Era como se, em certos momentos, esbarrássemos em pontos diante dos quais tivéssemos que estacar, desviando repentinamente de becos que percebíamos serem sem saída, fechando com um barulho que fazia com que olhássemos uns para os outros – porque, como todos os barulhos, era um pouco mais alto do que pretendíamos – as portas que tínhamos aberto indiscretamente. Todos os caminhos levam a Roma, e houve ocasiões em que devíamos ter a impressão de que qualquer tópico de estudo ou tema de conversa roçava um terreno proibido. Assim como terreno proibido era a questão do retorno dos mortos em geral e daqueles que, em particular, sobreviviam na lembrança das crianças como amigos que tinham perdido. Houve dias em que eu podia jurar que um deles, com uma cotovelada quase imperceptível, dizia ao outro: "Ela pensa que vai falar dessa vez – mas não vai!". "Falar" significaria, por exemplo – e por uma vez – referir-me à mulher que me antecedera. Tinham um apetite deleitoso e insaciável por passagens de minha própria história, às quais eu várias vezes retornava; tomaram posse de tudo que me acontecera, conscientizando-se, em cada circunstância, da história de minhas pequenas aventuras e das aventuras de meus irmãos e minhas irmãs e mesmo do cão e do gato que tínhamos em minha casa, bem como de alguns pormenores do caráter excêntrico de meu pai, da mobília e da disposição da nossa casa e das conversas das velhas mulheres de nossa aldeia. As coisas se ligavam umas às outras, e não faltava sobre que conversar, contanto que se contornasse rápida e instintivamente o que não podia ser mencionado. Puxavam com uma arte muito própria os cordéis de

minha invenção e de minha memória; e talvez nada tenha despertado em mim tanta suspeita de estar sendo sub-repticiamente observada como essas ocasiões, das quais lembrei-me depois. Em todo caso, era sobre minha vida, meu passado e meus amigos apenas que podíamos conversar com toda comodidade; era um estado de coisas que às vezes os levava, sem a menor pertinência, a invadir minhas recordações sociais. Eu era convidada – sem ligação aparente – a repetir o famoso mote de Goody Gosling ou a de novo confirmar detalhes já fornecidos sobre a inteligência do pônei do vicariato.

Era em parte devido a circunstâncias como essas e também devido a outras que, com o rumo que meus problemas tinham tomado, meu padecimento, como eu o chamava, tinha ficado mais sensível. O fato de que os dias passavam para mim sem qualquer outro encontro devia, pelo que parecia, ter feito alguma coisa no sentido de acalmar meus nervos. Desde o ligeiro roçar, naquela segunda noite no andar de baixo, da presença de uma mulher ao pé da escada, não vira mais nada, fosse dentro ou fora da casa, que fosse preferível não ver. Havia muitos esconsos onde eu podia esperar uma topada com Quint, e muitas situações que, de um modo simplesmente sinistro, teriam favorecido o aparecimento da Senhorita Jessel. O verão veio, o verão se foi; o outono caiu sobre Bly e fez com que metade das nossas luzes se dissipasse. O lugar, com seu céu cinzento e suas grinaldas murchas, seus espaços vazios e suas folhas mortas espalhadas, parecia um teatro depois de encerrada uma apresentação – todo coberto por programas amarrotados. Havia no ar as vibrações e condições exatas de som e de silêncio, das impressões indizíveis daquele tipo de momento propício, que me traziam de volta, prolongada o bastante para que eu a captasse, a sensação do ambiente no qual, naquele entardecer de Junho ao ar livre, eu tivera minha primeira visão de Quint e no qual também, naqueles outros momentos posteriores, depois de vê-lo através da janela, eu procurara por ele inutilmente em meio aos arbustos. Eu reconhecia os sinais, os agouros – reconhecia o momento, o lugar. Mas tudo permanecia desolado e vazio, e eu continuava ali, sem ser molestada; estava tão incólume quanto poderia estar uma moça cuja sensibilidade tivera, do modo mais extraordinário, não uma decaída, mas um aprofundamento. Dissera à Senhora Grose ao falar daquela cena horrenda que sucedera com Flora junto ao lago – e a deixara perplexa ao fazê-lo – que, daquele momento em diante, ficaria muito mais desgostosa em perder meu dom que em conservá-lo. Expressara, então, o que estava vívido em meu espírito: a verdade de que, se as crianças vissem ou não – posto que isso ainda não fora definitivamente provado – eu, em qualquer caso, preferiria, como

salvaguarda, expor-me totalmente. Estava pronta para conhecer o que houvesse de pior para ser conhecido. Tivera então um vislumbre monstruoso de que meus olhos podiam estar selados exatamente quando os das crianças estariam abertos ao máximo. Bem, meus olhos estavam selados, parecia, naquela ocasião – uma conclusão diante da qual seria blasfemo não agradecer a Deus. Havia, ai de mim, uma dificuldade nisso: teria agradecido a Ele com toda a minha alma se não tivesse em medida proporcional a convicção de que meus alunos guardavam um segredo.

Como poderei hoje refazer os estranhos passos de minha obsessão? Havia horas, em nosso convívio, quando eu estava pronta a jurar que, literalmente, em minha presença, mas sem que eu tivesse acesso direto, as crianças recebiam e davam boas-vindas a seus visitantes. Era então que, se não me detivesse o receio oportuno de que um tal dano pudesse ser maior que o dano a ser conjurado, eu teria rompido em exaltação. "Eles estão aqui, eles estão aqui, meus pequenos infelizes!", e teria gritado, "e agora vocês não podem mais negar!". Os pequenos infelizes negavam-no juntando toda a força de sua sociabilidade e de sua ternura, lá das profundezas cristalinas onde – como o lampejo de um peixe na corrente – a sua zombeteira vantagem despontava. O choque, na verdade, me atingira mais profundamente quando, procurando avistar fosse Quint fosse a Senhorita Jessel sob as estrelas, descobrira o menino cujo sono eu até aí julgara estar velando e notara que, imediatamente, ele se recompusera – virara-se diretamente para mim – tirando os olhos lá do alto, das ameias acima do ponto em que eu me encontrava e onde Quint fazia sua aparição hedionda. Se era uma questão de susto, minha descoberta nessa ocasião tinha me assustado mais que qualquer outra, e era nas condições de nervos por ela produzida que eu fazia minhas verdadeiras induções. Elas me atormentavam tanto que às vezes, em estranhos momentos, eu precisava trancar-me no quarto e ensaiar em voz alta – era ao mesmo tempo um alívio fantástico e um desespero renovado – a maneira pela qual poderia abordar o assunto. Tateava-o de um modo ou de outro enquanto vagueava em meu quarto, mas sempre sucumbia quando tinha que proferir os nomes próprios monstruosos. Enquanto estes morriam em meus lábios eu dizia a mim mesma que talvez os estivesse ajudando a representar algo infame já que, pelo fato de pronunciá-los, eu poderia estar violando um caso de delicadeza instintiva que, raro como esse, talvez nenhuma outra sala de estudos houvesse conhecido. Quando eu me dizia: "Eles têm a delicadeza de se calar, e você, tão decente, a baixeza de falar!", me sentia ruborizar e tapava meu rosto com as minhas mãos.

Depois dessas cenas secretas, eu conversava mais que nunca, tagarelando de modo volúvel até que ocorria um de nossos prodigiosos, palpáveis silêncios – não posso chamá-los de outra coisa – e um estranho arrebatamento ou mergulho (procuro os termos!) numa quietude, uma interrupção de toda vida, que não tinha nada a ver com o ruído maior ou menor que pudéssemos estar fazendo no momento e que eu podia ouvir em meio a qualquer animação mais exaltada ou declamação mais apressada ou acordes mais fortes do piano. Significava que os outros, os intrusos, lá estavam. Embora não fossem anjos, "passavam", como dizem os franceses, provocando em mim, enquanto ficavam, um estremecimento de terror por eu pensar que podiam dar às suas vítimas mais jovens alguma mensagem ainda mais infernal ou alguma imagem mais vívida que aquelas que julgavam suficientes para mim.

O que me parecia o mais impossível era eu me livrar da ideia de que, o que quer que eu tenha visto, Miles e Flora tinham visto mais – coisas terríveis e inimagináveis que emergiam das tenebrosas passagens das relações que tinham tido com a dupla no passado. Tais coisas deixavam naturalmente na superfície, por momentos, um arrepio que nós, os rumorosos, negávamos sentir; e tínhamos, todos os três, devido à repetição, chegado a uma técnica tão esplêndida que, de cada vez, para assinalar o fim do incidente, íamos executando quase automaticamente os mesmos movimentos. Era espantoso que as crianças, em todo caso, nunca deixassem de me beijar com uma espécie de selvagem despropósito ou nunca cessassem – ora uma ora outra – de fazer a preciosa pergunta que nos tinha ajudado a cruzar tantos perigos. "Quando você acha que ele virá? Não acha que devemos escrever?" – não havia nada como essa pergunta, aprendêramos por experiência, para espantar qualquer embaraço. "Ele" naturalmente era o tio em Harley Street; e vivíamos a repetir a teoria de que ele poderia chegar a qualquer momento para se juntar a nosso círculo. Impossível haver alguém que desse menos encorajamento a essa doutrina do que ele, mas, se não a usássemos como apoio, teríamos nos privado um aos outros de algumas de nossas mais habilidosas representações. Nunca escrevia às crianças – podia ser uma atitude egoísta, mas era parte da lisonjeira confiança que depositava em mim; pois o modo pelo qual um homem presta seu mais alto tributo a uma mulher pode não ser nada além da celebração festiva de uma das sagradas leis de seu comodismo; e eu seguia fielmente a promessa de não importuná-lo fazendo as crianças perceberem que suas cartas não passavam de encantadores exercícios literários. Eram belas demais para serem postas no correio; eu as guardava comigo; tenho-as até hoje. Essa era, na verdade, uma

regra que apenas aumentava o efeito satírico de eu ter me agarrado à suposição de que ele poderia, a qualquer momento, estar entre nós. Era exatamente como se minhas crianças soubessem que uma coisa dessas poderia ser a mais embaraçosa de todas para mim. Ademais, quando olho para trás, não vejo nenhuma nota mais extraordinária que o simples fato de nunca ter perdido a paciência com eles, apesar de viver em tensão e eles em triunfo. Devem ter sido realmente adoráveis, reflito agora, para que eu não os odiasse naqueles dias! Apesar disso, a exasperação não teria finalmente me traído se o alívio tardasse demais a chegar? Pouco importa, porque o alívio chegou. Chamo-o de alívio, embora fosse apenas o alívio que uma quebra traz a uma tensão ou que a irrupção de uma trovoada traz a um dia de calor sufocante. Era, ao menos, uma mudança, e chegou com fúria.

CAPÍTULO 14

Caminhávamos para a igreja numa certa manhã de domingo, eu levando Miles ao meu lado e sua irmã seguindo à nossa frente pelo braço da Senhora Grose, bem à vista. Era um dia claro, revigorante, o primeiro dessa espécie por uma temporada; a noite trouxera um toque de geada, e o ar de outono, brilhante e vívido, tornava o repicar dos sinos quase alegre. Foi uma estranha associação de pensamentos que me fez, naquele momento, sentir-me particularmente tomada de gratidão pela obediência de minhas crianças. Por que nunca se rebelavam contra minha inexorável, perpétua companhia? Uma ou outra coisa deu-me a sensação bem íntima de que eu trazia o menino como um alfinete espetado em meu xale e, pelo modo com que meus companheiros marchavam diante de mim, podia até parecer que eu encontrara um meio de impedir qualquer tipo de rebelião. Eu agia como um carcereiro de olho nas possíveis surpresas e fugas. Mas tudo isso pertencia – me refiro à sua magnífica submissão – a um conjunto especial de fatos que eram os mais insondáveis. Vestido em caráter domingueiro pelo alfaiate de seu tio, que tinha carta branca e habilidade para fazer coletes que realçavam o seu ar pomposo de menino, os títulos de independência, os direitos de seu sexo e de sua posição, estavam tão patentes em Miles que, se subitamente ele tivesse reclamado liberdade, eu nada teria a dizer. Pela mais estranha das coincidências, eu pensava em como poderia me defrontar com ele num caso desses, quando a revolução inequivocamente aconteceu. Chamo-a de revolução porque vejo agora que, com o que ele disse, a cortina se ergueu para o último ato de meu terrível drama e a catástrofe se precipitou. "Olhe aqui, minha querida, vamos lá", ele disse charmosamente, "pode me dizer, por favor, quando afinal vou voltar para o colégio?"

Transcrita aqui, sua fala parece bastante inofensiva, e ainda mais na maneira como era proferida por ele, num tom doce, alto, casual, que usava para se dirigir a todos, mas muito em especial à sua eterna preceptora, para quem reservava entonações parecidas a um lançamento de rosas. Havia nelas algo que "fisgava" as pessoas , e naquele momento, fui "fisgada" tão efetivamente que parei de modo brusco, como se uma das árvores do parque houvesse caído no caminho. Havia alguma coisa nova ali, entre nós, e ele sabia perfeitamente que eu a reconhecia, embora, para que eu também o fizesse, ele não precisasse abrir mão de nada do seu ar cândido e encantador. Pude sentir que, a partir do fato de que eu nada respondera, ele já percebera que levava uma vantagem. Fiquei tão

lerda para achar alguma coisa que dizer que ele teve tempo de sobra para, depois de um minuto, continuar falando com seu sorriso sugestivo e indeciso: "Você sabe, minha querida, que, para um homem, ficar sempre com uma mulher...!" Trazia nos lábios esse constante "minha querida" ao falar comigo, e nada podia expressar melhor o exato tom de sentimento que eu desejava inspirar a meus alunos do que a familiaridade terna que nele havia. Era tão respeitosamente espontâneo!

Mas, oh, como eu sentia, naquele momento, que tinha escolher muito bem as minhas palavras! Recordo que, para ganhar tempo, tentei rir, e pareci notar no belo rostinho dele como eu devia ter ficado feia e esquisita. "E sempre com a mesma mulher?", respondi.

Ele não vacilou nem piscou. A coisa toda estava bem clara entre nós. "Ah, naturalmente, ela é uma dama alegre, 'perfeita'; mas afinal, sou um homem, não vê? bem – ao menos, já estou ficando."

Fitei-o um pouco mais, comovida com aquela delicadeza. "Sim, você está crescendo." Oh, mas como me sentia desamparada!

Tenho até hoje a triste ideia de que ele sabia muito bem disso e se divertia comigo. "E a senhorita não pode dizer que não tenho sido fantasticamente bom, não é?"

Pus minha mão em seu ombro, porque, embora sentisse que seria muito melhor seguir caminhando, não me sentia capaz disso. "Não, não posso dizer, Miles."

"Exceto por aquela noite, a senhorita sabe...!"

"Aquela noite qual?" Eu não conseguia olhá-lo nos olhos.

"Ora, aquela em que eu desci do quarto – saí da casa."

"Oh, sim. Mas me esqueço por que você fez aquilo."

"Esquece?" – ele falou com a doce extravagância de uma censura infantil. "Ora, era para lhe mostrar que eu podia!"

"Oh, sim, você podia."

"E posso novamente."

Senti que poderia, talvez, afinal de contas, manter a cabeça fria. "Naturalmente. Mas não o fará."

"Não, aquilo outra vez não. Não foi nada."

"Não foi nada", eu disse. "Mas, devemos andar."

Ele retomou os passos comigo, passando sua mão pelo meu ombro. "Então, quando é que vou voltar?"

Para responder à pergunta, adotei o ar mais responsável. "Você estava feliz no colégio?"

Ele refletiu um pouco. "Oh, fico feliz em toda parte!"

"Bom, então", minha voz tremeu, "se você se sente feliz também aqui...!"

"Ah, mas isso não é tudo! Claro, a senhorita sabe muita coisa..."

"Está insinuando que sabe tanto quanto eu?", arrisquei, aproveitando a pausa.

"Nem metade do que queria!", ele confessou com honestidade. "Mas, não é bem isso."

"O que é então?"

"Bem – eu queria conhecer mais a vida."

"Entendo; entendo." A essa altura, chegávamos perto da igreja e de várias pessoas, entre as quais alguns empregados de Bly, que se encaminhavam para ela e que se agrupavam para ver-nos entrar. Apressei nosso passo; eu queria chegar lá antes que a questão entre nós tomasse rumos maiores; refletia ansiosamente que, pelo menos por uma hora, ele teria que ficar em silêncio; pensei com cobiça na relativa obscuridade do banco e na ajuda quase espiritual da almofada na qual apoiaria meus joelhos. Eu parecia literalmente estar disputando uma corrida com alguma confusão à qual ele estava quase conseguindo me reduzir, mas vi que ele tinha chegado em primeiro lugar quando, antes que cruzássemos o cemitério da igreja, ele exclamou – "Quero ficar com gente como eu!"

Isso me deixou literalmente zonza. "Não há muita gente como você, Miles!", ri. "Salvo, talvez, a pequena Flora!"

"Vai me comparar com uma menininha?"

Ouvindo isso, enfraqueci. "Então, você não ama nossa doce Flora?"

"Se eu não a amasse – e amasse a senhorita; se eu não...!", ele repetiu,

como se desse um recuo para saltar, mas deixando seu pensamento tão inconcluído que, depois de chegarmos ao portão, uma outra parada, que me impôs pela pressão sobre meu braço, foi inevitável. A Senhora Grose e Flora tinham entrado na igreja, os outros fiéis também o fizeram, e ficamos, por uns minutos, sozinhos em meio aos velhos e enormes túmulos. Detivemo-nos no caminho que partia do portão, junto a uma tumba baixa, oblonga, em formato de mesa.

"Sim, se não nos amasse...?"

Enquanto eu esperava a resposta, ele olhava para os túmulos. "Bem, a senhorita sabe!". Mas ele não se moveu, acabando por dizer uma coisa que me fez desabar na laje da tumba, como se eu precisasse, subitamente, de descanso. "Meu tio pensa o mesmo que a senhorita?"

Demorei a responder. "Como é que você sabe o que eu penso?"

"Ah bem, claro que não sei; é que me incomoda que a senhorita nunca me diga. Mas o que eu quero saber é se ele sabe?"

"Sabe o quê, Miles?"

"Ora, o que se passa comigo."

Percebi com rapidez que não podia dar a essa pergunta resposta alguma que não implicasse em algum sacrifício para meu patrão. A despeito disso, pareceu-me que todos nós fazíamos, em Bly, sacrifícios o bastante para que a coisa não passasse de um pecado venial. "Eu acho que seu tio não se preocupa muito."

Miles, ouvindo isso, ficou me olhando. "Então, a senhorita não acha que a gente podia fazer com que ele se preocupasse?"

"De que jeito?"

"Ora, fazendo-o vir."

"Mas, quem é que vai conseguir fazê-lo vir?"

"Eu!", o menino disse com um brilho e uma ênfase extraordinários. Lançou-me um outro olhar carregado com aquela determinação e marchou sozinho para dentro da igreja.

CAPÍTULO 15

A questão se encerrou praticamente aí, pois não tive coragem de segui-lo. Era uma lamentável concessão ao meu nervosismo, mas compreender tal coisa não me devolvia a calma. Fiquei lá apenas, sentada em minha tumba, tentando apreender todo o significado do que meu pequeno amigo dissera; quando senti que tinha compreendido a coisa toda, decidira também ir-me embora, alegando depois aos meus alunos e ao resto da congregação o pretexto de que não quisera dar exemplo de atraso. O que eu me dizia acima de tudo era que Miles conseguira uma vantagem sobre mim e que a prova disso, para ele, seria justamente essa embaraçosa ausência. Ele conseguira arrancar de mim que havia algo que eu temia muito e a partir daí poderia sentir-se capaz de fazer uso desse meu medo para ganhar, para executar seus propósitos, mais liberdade. Meu medo era ter que lidar com a intolerável questão dos detalhes de sua expulsão do colégio, pois não era senão a questão atrás de qual os horrores se ocultavam. Que seu tio viesse tratar comigo desse assunto era uma solução que, estritamente falando, eu mesma já devia ter desejado; mas eu tinha tão pouco poder para encarar a feiura e a aflição da coisa que simplesmente adiava e me entregava ao presente. O menino, para minha grande tristeza, estava imensamente certo em seus direitos e mesmo em posição de me dizer: "Ou a senhorita esclarece com meu tutor o mistério dessa interrupção dos meus estudos, ou deixa de esperar que eu viva aqui uma vida que é tão pouco natural para um menino." O que era pouco natural no menino com quem eu lidava era essa súbita revelação de uma consciência e um plano.

Foi o que na verdade me derrotou, o que me impediu de segui-lo. Andei ao redor da igreja hesitando, vacilando; refletia que, junto a ele, já tinha cometido uma falta irreparável. Portanto, não remendaria nada, e seria esforço demasiado procurar lugar ao lado dele no banco: ele estaria mais que nunca confiante para dar-me o braço e fazer-me sentar por uma hora em estreito, silencioso contato para ouvir suas deduções sobre o que conversáramos. Quando parei ao lado da alta janela ao leste e escutei os sons do culto, fui tomada por um impulso que me dominaria por completo, sentia, se eu lhe desse um pouco de estímulo. Eu poderia pôr um fim ao meu padecimento simplesmente desaparecendo. Ali estava minha oportunidade; ninguém me deteria; poderia desistir de tudo – dar minhas costas e recuar. Seria apenas questão de me retirar rapidamente, fazer alguns preparativos, lá na casa, que estaria praticamente

desocupada devido aos empregados terem ido à igreja. Ninguém, em resumo, poderia culpar-me se eu apenas saísse desesperadamente de cena. De que me adiantaria fugir no momento se eu ficaria ausente só até o jantar? Este aconteceria dentro de um par de horas, ao fim do qual – previa com clareza – meus pequenos alunos fingiriam um inocente espanto ante meu não aparecimento junto à comitiva.

"O que a senhorita fez, sua desobediente, malvadinha? Que foi lhe deu que nos deixou tão preocupados – e confundiu nossa cabeça também, não sabe? – abandonar-nos lá, bem na porta da igreja?" Não poderia enfrentar tais perguntas nem, enquanto ele as formulassem, seus falsos olhinhos adoráveis; contudo, isso era tão exatamente o que deveria acontecer que, à medida que a perspectiva se tornava mais clara para mim, acabei por ir-me embora.

Afastei-me, ao menos por aquele momento; saí do cemitério e, refletindo seriamente, fiz o caminho de volta pelo parque. Parecia-me que, ao chegar à casa, já tinha firme a decisão de fugir. A tranquilidade de domingo, que reinava tanto nas cercanias quanto no interior da casa, na qual não encontrei ninguém, ajudou a excitar em mim um senso de oportunidade. Se eu quisesse bater em retirada rapidamente, desse modo, conseguiria fazê-lo sem uma só cena, uma só palavra. Minha rapidez teria que ser notável, contudo, e a questão de arranjar transporte era a mais urgente a resolver. Atormentada, no hall, pelas dificuldades e obstáculos, recordo que me deixei cair ao pé da escada – subitamente desabando ali no primeiro degrau e então, com repulsa, lembrando que foi exatamente naquele lugar que, havia mais de um mês, na escuridão da noite e tão abatida por coisas malignas, eu vira o espectro da mais horrível de todas as mulheres. Diante disso, fui capaz de me dar forças; subi pelo resto do andar superior; perturbada, fui para a sala de estudos, onde havia objetos de minha propriedade que eu teria que levar na fuga. Mas abri a porta apenas para ficar, num relance, com os olhos arregalados. Diante do que vi, cambaleei, tendo que me valer de toda a minha resistência.

Sentada em minha própria mesa, à clara luz do meio-dia, vi uma pessoa que, se eu não tivesse tido minha experiência anterior, poderia ter tomado, no primeiro impacto, por alguma empregada que houvesse ficado em casa para tomar conta do lugar e que, aproveitando-se de um raro momento em que não era observada, da mesa da sala de estudos, de minhas canetas, tinta e papel, tinha se empenhado no considerável esforço de escrever para o namorado. Havia um esforço penoso no jeito com que, pousando seus braços na mesa, suas mãos,

com evidente cansaço, apoiavam sua cabeça; mas, no momento em que percebi isso, já tinha notado que, a despeito de minha chegada, sua atitude persistia estranhamente. Foi então que, ao mudar de postura – com o simples ato de anunciar-se – sua identidade revelou-se por completo. Ela ergueu-se, não como se tivesse me ouvido, mas com uma grande melancolia cheia de indiferença e desapego, e, a cerca de uma dúzia de passos à minha distância, ali estava minha vil antecessora. Desonrada e trágica, desvendava-se toda diante de mim; mas mesmo quando a fixei e, pela memória, me certifiquei de sua identidade, a imagem se desvaneceu. Escura como a meia-noite em seu vestido negro, em sua desfigurada beleza e sua inexprimível desgraça, ela me fitou tempo suficiente para parecer dizer que seu direito de sentar-se à minha mesa era igual ao meu. Enquanto esses instantes duraram, na verdade, tive a sensação arrepiante e extraordinária de que eu sim era a intrusa. Foi protestando furiosamente contra isso que, dirigindo-me a ela – "Mulher terrível, miserável!" – ouvi-me rompendo num grito que, saindo pela porta aberta, ressoou pelo longo corredor e pela casa vazia. Ela olhou-me como se me ouvisse, mas eu me recuperei, abri as janelas e purifiquei o ar. Dentro em pouco, nada havia no quarto senão a claridade do sol e a convicção de que eu devia ficar.

CAPÍTULO 16

Tinha esperado com tanta certeza que a volta dos meus alunos seria marcada por alguma cobrança que fiquei perturbada ao ter que constatar que ficaram silenciosos em relação à minha ausência. Ao invés de alegremente me denunciar e acariciar, eles não fizeram alusão alguma sobre a minha falta, e fiquei restrita a perceber que também ela nada dissera, ao observar a estranha expressão da Senhora Grose. Observei-a para verificar se eles, de algum modo, não tinham-na subornado para que ficasse em silêncio; um silêncio que, de algum modo, eu daria um jeito de quebrar na primeira oportunidade em que ficássemos a sós. Essa oportunidade chegou antes do chá: consegui cinco minutos com ela no aposento da governanta, onde, à luz do crepúsculo, em meio a um cheiro de pão recém-saído do forno, o lugar todo asseado e enfeitado, encontrei-a tomada por melancólica placidez, sentada diante do fogo. Ainda a vejo assim, assim a recordo melhor: fitando a chama dali de sua cadeira no aposento sombrio, polido, uma grande imagem clara de coisas postas à parte – de gavetas fechadas a chave e de repouso irremediável.

"Oh, sim, pediram-me para não dizer nada; e para agradá-los – enquanto estavam lá – é claro que eu prometi. Mas o que aconteceu com a senhorita?"

"Fui com vocês apenas para dar uma caminhada", eu disse. "Tive que voltar para encontrar um amigo."

Ela mostrou-se surpresa. "Um amigo – a senhorita?"

"Oh, sim, tenho um par deles!", ri. "Mas, as crianças não lhe deram uma razão?"

"Para não mencionar que nos deixara? Sim; disseram que a senhorita ia preferir assim. Prefere mesmo?"

A expressão do meu rosto a entristeceu. "Não prefiro, lastimo!" Mas, depois de um instante, acrescentei: "Eles disseram por que eu haveria de preferir?"

"Não; o patrãozinho Miles disse apenas 'Não devemos fazer nada além do que ela gosta!'"

"Que bom se ele me fizesse o que gosto! E o que disse Flora?"

"Foi uma doçura. Ela disse 'Oh, claro, claro' – e eu disse o mesmo."

Refleti um momento. "A senhora foi uma doçura também – pareço estar ouvindo os três. Mas, de qualquer maneira, entre Miles e eu, tudo ficou claro."

"Tudo claro?". Minha companheira fitou-me. "Mas, o que, senhorita?"

"Tudo. Não importa. Tomei uma decisão. Vim para cá, minha cara", continuei, "para ter uma conversa com a Senhorita Jessel."

A essa altura, eu tinha estabelecido o hábito de primeiro ficar com a Senhora Grose literalmente em minhas mãos para poder proferir esse nome; de modo que, mesmo agora, enquanto ela piscava corajosamente sob o impacto de minhas palavras, conseguia mantê-la relativamente firme. "Uma conversa! Quer dizer que ela falou?"

"Foi como se falasse. Encontrei-a, ao retornar, na sala de estudos."

"E o que ela falou?", posso ouvir ainda a boa mulher, e a candura de sua estupefação.

"Que sofre os tormentos... !"

Foi isso, na verdade, que fez com que ela, preenchendo o quadro em sua mente, ficasse boquiaberta. "Quer dizer" – vacilou – "dos perdidos?"

"Dos perdidos. Das almas penadas. E é por isso que, para compartilhá-los..." eu própria vacilei diante do horror da coisa.

Mas minha companheira, dotada de menos imaginação, me susteve. "Para compartilhá-los...?"

"Ela quer Flora." A Senhora Grose, quando eu disse isso, teria fugido, se eu não estivesse prevenida. Mantive-a ali, para provar que estava. "Mas, como eu já lhe disse, não importa."

"Porque a senhorita tomou uma decisão? Mas, decidiu o quê?"

"Tudo."

"E o que a senhorita chama de 'tudo'?"

"Ora, mandar chamar o tio."

"Oh, senhorita, faça isso, por piedade", minha amiga gemeu.

"Ah, mas eu vou chamar, eu vou! Vejo que é o único jeito. O que está 'claro' com Miles, como eu lhe disse, é que, se ele pensa que eu tenho medo disso – e tem ideias do que pode ganhar com esse meu medo – ele verá que está

enganado. Sim, sim; o tio vai saber comigo aqui (e diante do próprio menino, se necessário for) se devo ser censurada pelo fato de não fazer nada para que ele tivesse um outro colégio."

"Sim, senhorita...", minha amiga insistiu.

"Bem, existe um motivo medonho."

Havia tantos motivos desse tipo para a minha pobre companheira que era compreensível que ela fosse vaga. "Mas – qual?"

"Ora, a carta que veio de lá do primeiro."

"Vai mostrá-la ao patrão?"

"Eu devia tê-lo feito no instante em que a recebi."

"Oh, não!", disse a Senhora Grose com decisão.

"Vou mostrar para ele", continuei, inexorável, "que não posso me ocupar de uma questão dessas, de um menino que foi expulso..."

"Por uma razão que nunca chegamos a saber qual!", a Senhora Grose declarou.

"Por perversidade. Que outro motivo haveria – sendo ele tão inteligente e bonito e perfeito? É estúpido? É sujo? É débil? É doente? Ele é primoroso – portanto, só pode ser isso; e esse motivo explicaria tudo. Afinal", eu disse, "é culpa do próprio tio. Se ele deixava aqui esse tipo de gente..."

"Ele não sabia nada a respeito deles. A culpa é minha."

"Bem, a senhora não pagará por isso", respondi.

"As crianças também não devem pagar!", ela respondeu enfaticamente.

Fiquei em silêncio por um instante; olhamos uma para a outra. "Então, o que vou dizer a ele?"

"A senhorita não precisa dizer nada. Eu direi."

Avaliei a resposta. "Quer dizer que a senhora escreverá...?" Lembrando que ela não sabia, voltei a mim. "Como é que a senhora se comunica?"

"Falo ao mordomo. Ele escreve."

"E a senhora gostaria que ele escrevesse a nossa história?"

Minha pergunta tinha uma força sarcástica que não era de todo

intencional, e fez com que ela, depois de um momento, perdesse o controle. As lágrimas voltaram a seus olhos. "Ah, a senhorita escreverá!"

"Bem – hoje à noite o farei", respondi finalmente; e, com isso, nos separamos.

CAPÍTULO 17

À noite, cheguei a escrever um começo de carta. O tempo mudara bastante, lá fora soprava um vento forte e, debaixo da lâmpada, no meu quarto, com Flora dormindo em paz ao meu lado, fiquei durante longo tempo diante de uma folha de papel em branco, escutando o açoite da chuva e o fustigar da ventania. Finalmente saí, levando um castiçal; atravessei o corredor e fiquei um minuto escutando à porta do quarto de Miles. Movida por minha obsessão interminável, eu pretendia descobrir algum sinal de ele não estar dormindo coisa nenhuma, e realmente consegui captar um, mas não da maneira como tinha esperado. A voz do menino retiniu. "Vamos lá, a senhorita aí! – pode entrar." Foi uma nota alegre no ambiente sombrio!

Entrei com meu castiçal e encontrei-o bem desperto e à vontade, na cama. "Bem, o que a senhorita está fazendo por aí?", ele perguntou com uma graça efusiva na qual me ocorreu que a Senhora Grose, se estivesse ali, teria procurado em vão uma prova de que as coisas tinham ficado "claras".

Fiquei diante dele com meu castiçal. "Como é que sabia que eu estava ali?"

"Ora, porque escutei a senhorita. Imaginou por acaso que não fazia barulho? Pois fez, como uma tropa de cavalaria!", ele riu maravilhosamente.

"Então, não estava dormindo?"

"Não muito! Estava acordado e pensava."

Eu pusera meu castiçal, de propósito, um pouco mais além, e então, enquanto ele estendia sua habitual mão amigável para mim, sentei-me à beira de sua cama. "O que é", perguntei, "que você pensava?"

"Em que mais poderia pensar, querida, além da senhorita?"

"Ah, não precisava tudo isso para me deixar orgulhosa! Teria preferido muito mais que estivesse dormindo."

"Bem, eu também pensava, sabe, nesse nosso estranho assunto."

Percebi que sua mãozinha firme esfriara. "Que estranho assunto, Miles?"

"Ora, o jeito que a senhorita me educa. E tudo mais!"

Fiquei com a respiração suspensa por um momento, e mesmo à luz

incerta da vela, havia claridade suficiente para mostrar como ele sorria para mim dali de seu travesseiro. "Que é que você quer dizer com tudo mais?"

"Oh, a senhorita sabe, a senhorita sabe."

Não consegui dizer nada por um minuto, embora sentisse, enquanto apertava a sua mão e nossos olhos continuavam a fitar-se, que meu silêncio tinha todo o jeito de aceitar a sua imputação e que nada no mundo real todo era talvez, naquele momento, tão fabuloso quanto nossa verdadeira relação. "Você vai voltar para o colégio com certeza", eu disse, "se é isso que lhe incomoda. Mas não para aquele – vamos achar outro, um que seja melhor. Como é que eu podia saber que isso lhe incomodava, essa questão, se você nunca me contou, se nunca me falava nada?" Seu rosto claro, atento, aureolado de suave brancura, tornou-o por um momento tão suplicante como algum paciente ansioso de um hospital infantil; e, quando a comparação me ocorreu, senti que teria dado tudo que possuísse neste mundo para ser a enfermeira ou irmã de caridade que conseguisse curá-lo. Bem, mesmo do jeito que as coisas estavam, talvez eu conseguisse ajudá-lo! "Você sabe que nunca me disse uma só palavra sobre seu colégio – me refiro ao velho; nunca o mencionou de modo algum?"

Pareceu refletir; sorria com o encantamento de sempre. Mas, claramente procurava ganhar tempo; ele esperava, suplicava por orientação. "Não falei nada?" Não esperava que eu o ajudasse – esperava ajuda da coisa que eu conhecera!

Alguma coisa em seu tom e na expressão de seu rosto, enquanto me dizia isso, fez com que meu coração doesse com uma angústia tal como eu nunca sentira; tão indizivelmente tocante era ver seu pequeno cérebro confuso e todos os seus pequenos recursos mentais forçados a representar, oprimidos pelo feitiço que o contaminara, um papel que fosse inocente e lógico. "Não, nunca – em nenhum momento desde a hora que você voltou de lá. Você nunca mencionou nenhum de seus professores, nenhum de seus colegas, nem a menor coisa que lhe tivesse acontecido lá. Nunca, pequeno Miles – não, nunca – me deu um traço do que pudesse ter-lhe acontecido no colégio. Portanto, pode imaginar como estou no escuro. Até que falou, daquele jeito, hoje cedo, não tinha, desde a primeira vez em que lhe vi, feito a mais vaga referência que fosse a nada de sua vida anterior. Você parecia aceitar perfeitamente o presente." Era extraordinário como minha certeza absoluta de sua precocidade secreta (ou como quer que eu possa denominar o veneno de uma influência a que só me referia por meias palavras) fazia com que ele, apesar do leve sopro de sua

perturbação interior, parecesse tão acessível como uma pessoa mais velha – impunha-o a mim como se fossemos intelectualmente iguais. "Eu pensei que você quisesse continuar a ser como você é."

Tive a impressão de que, ao ouvir isso, ficou um pouco ruborizado. De qualquer modo, à maneira de um convalescente um pouco fatigado, balançou a cabeça languidamente. "Eu não quero. Eu quero é ir-me embora."

"Está cansado de Bly?"

"Oh, não, eu gosto de Bly."

"Bem, então... ?"

"Oh, a senhorita sabe o que um menino quer!"

Senti que não sabia tão bem como ele, e busquei um refúgio temporário. "Você quer ir ficar com seu tio?"

De novo, ouvindo isso, com seu doce rostinho irônico, ele mexeu-se no travesseiro. "Ah, a senhorita não vai conseguir se livrar com essa!"

Fiquei em silêncio um pouquinho, e penso que fui eu, nesse momento, quem mudou de cor. "Meu querido, eu não estou querendo me livrar!"

"Não pode, mesmo que queira. Não pode, não pode!" – ele exclamou, com os belos olhos fitos em mim. "Meu tio virá, e vocês terão que arrumar as coisas direitinho."

"Se nós o fizermos", respondi com certo espírito, "pode estar certo que será para levar você embora."

"Bem, não compreende que é para isso mesmo que eu estou me preparando? A senhorita terá que contar a ele – contar que foi negligente: terá que contar a ele um monte de coisas!"

A exultação com que disse isso ajudou-me de algum modo, naquele momento, a procurar tirar dele um pouco mais. "E quantas coisas você terá que lhe contar, Miles? Ele na certa lhe fará perguntas!"

Refletiu. "É possível. Mas, que coisas?"

"As que você nunca me contou. Para que ele possa decidir o que fazer com você. Ele não pode lhe mandar de volta para lá."

"Oh, eu não quero voltar, mesmo!", interrompeu. "Quero um ambiente novo."

Ele disse isso com serenidade admirável, com uma satisfação em que nada havia de condenável; e sem dúvida era esse tom o que mais sugeria para mim a pungência, a anormalidade da tragédia infantil que seria a sua volta ao colégio ao fim de três meses com toda essa bravata e ainda mais desonra. Oprimiu-me, então, a certeza de que eu não seria mais capaz de suportar aquilo, e não me contive mais. Lancei-me sobre ele e, na ternura de minha compaixão, abracei-o. "Meu pequeno querido, meu pequeno querido...!"

Meu rosto estava colado ao dele, e ele me deixou beijá-lo, considerando a efusão com bom-humor indulgente. "E aí, minha velha senhora?"

"Não há nada – nada mesmo que você queira me contar?"

Ele recuou um pouco, deixando o olhar vagar sobre a parede e ficou com a mão erguida para olhar, como fazem as crianças enfermas. "Eu lhe contei – eu lhe contei hoje de manhã."

Oh, eu sentia por ele! "Que você quer apenas que eu não o aborreça?"

Ele olhou-me mais detidamente, como que reconhecendo que eu finalmente o entendera; então respondeu, sempre gentil: "Que me deixe em paz".

Havia nessa resposta um toque peculiar de dignidade, algo que me fez soltá-lo, embora, enquanto lentamente me levantava, ainda me demorasse ao seu lado. Deus sabe que nunca desejei importuná-lo, mas senti, depois disso, que simplesmente dar as costas a ele seria abandoná-lo ou, para ser mais verdadeira, perdê-lo. "Há pouco comecei uma carta para o seu tio", disse.

"Bem, então, termine-a!"

Esperei um minuto. "O que aconteceu antes?"

Ergueu os olhos novamente para mim. "Antes de quê?"

"Antes de você voltar. E antes da sua ida."

Permaneceu em silêncio por um momento, mas continuou a fitar-me. "O que aconteceu?"

O som de suas palavras, no qual me pareceu ter captado pela primeira vez um pequeno tremor de aprovação consciente, me afetou – fez com que eu caísse de joelhos ao lado da cama e agarrasse mais uma vez a oportunidade de possuí-lo. "Querido Miles, querido Miles, se você soubesse como eu quero ajudá-lo! É só isso, nada mais que isso o que quero, e eu preferiria morrer a lhe

causar algum sofrimento ou lhe fazer algum dano – morrer a ferir um fio que fosse de seus cabelos. Querido Miles" – continuei, mesmo correndo o risco de ir muito longe – "Eu só quero que você me ajude a salvá-lo!". Mas soube imediatamente que havia me excedido. A resposta ao meu apelo foi instantânea, mas veio na forma de um pé-de-vento e um calafrio, uma rajada de ar gelado e um tremor no quarto tão grande como se, sob efeito do vendaval, os gonzos das janelas estalassem. O menino soltou um longo grito estridente que, confundindo-se com o resto do estrépito, poderia ser tomado, indistintamente, embora eu estivesse tão próxima a ele, por uma nota de júbilo ou de terror. Fiquei de pé rapidamente e tomei consciência da escuridão. Assim ficamos por um momento, enquanto eu, lançando o olhar pelo quarto, vi que as cortinas estendidas estavam imóveis e a janela firmemente fechada. "Ora, a vela se apagou!", então exclamei.

"Fui eu quem a soprou, querida!" – respondeu Miles.

CAPÍTULO 18

No dia seguinte, depois das aulas, a Senhora Grose encontrou um momento para perguntar-me baixinho: "Então, a senhorita escreveu?"

"Sim – eu escrevi." Mas não acrescentei – naquele momento – que a carta, selada e endereçada, continuava no meu bolso. Haveria tempo suficiente para enviá-la antes que o mensageiro fosse à aldeia. Entrementes, tinha havido, da parte de meus alunos, uma manhã brilhante e exemplar como nenhuma outra. Era exatamente como se ambos tivessem decidido, de coração, apagar os indícios de qualquer atrito recente que pudesse ter ocorrido. Desempenharam estonteantes proezas em aritmética, elevando-se muito além de meu fraco alcance, e perpetraram, com o espírito mais animado que nunca, peças geográficas e históricas. Era visível em Miles a particular maneira com que ele parecia, naturalmente, querer demonstrar que podia sobrepujar-me com facilidade. Esse menino, na minha memória, vive ainda num cenário de beleza e miséria que as palavras não conseguem traduzir; havia uma distinção toda própria em cada impulso que ele revelava; nunca houve uma pequena criatura natural, toda composta de franqueza e liberdade para um olhar não iniciado, que fosse assim tão engenhosa e tão extraordinariamente cavalheiresca. Eu tinha que ficar em guarda perpétua contra o impulso de me deixar deslumbrar pela contemplação dentro da qual minha visão experiente me traíra; controlar a facilidade com que caía em olhares de admiração gratuita e suspiros desanimados, pois que, com os últimos, eu constantemente abordava e desistia de entender o enigma do que poderia ter feito esse pequeno gentleman para merecer um tal castigo. Dizia a mim mesma que, pelo negro prodígio que eu bem conhecera, a imaginação de todo mal abrira-se totalmente para ele: todo o senso de justiça que havia em mim palpitava dolorosamente na procura da prova de que esse mal havia florescido em algum ato concreto.

De todo modo, nunca tinha sido tão pouco cavalheiro que quando, depois de nosso jantar antecipado nesse dia tenebroso, ele se aproximou de mim e perguntou-me se não gostaria que, por uma meia hora, me executasse alguma música. David tocando para Saul não mostraria um senso de ocasião mais refinado. Foi literalmente uma encantadora exibição de tato, de magnanimidade, e equivalia quase a dizer sem reservas: "Os verdadeiros cavaleiros sobre os quais apreciamos ler nunca levam longe demais uma vantagem. Sei o que a senhorita quer dizer agora: quer dizer que – para ser

deixada em paz e não vigiada – deixará de espionar-me e preocupar-se comigo, não me manterá tão por perto, deixará que eu vá e venha à vontade. Bem, eu 'venho', como vê – mas, não vou! Haverá tempo de sobra para que eu possa fazê-lo. Fico realmente deleitado com sua companhia, e quero apenas lhe provar que lutava por uma questão de princípio." Pode-se imaginar se eu resisti a esse apelo ou deixei de acompanhá-lo novamente, de mãos dadas, até a sala de estudos. Ele sentou-se ao velho piano e tocou como nunca tinha tocado; e se houver os que digam que era melhor que estivesse jogando futebol, responderei apenas que concordo com eles. Porque, ao fim de um tempo que, sob a influência dele eu cessara de sentir passar, levantei-me com a estranha sensação de haver literalmente dormido em serviço. Foi depois de lanchar, e junto à lareira da sala de estudos, e eu ainda não tinha, na verdade, dormido: fizera na verdade uma coisa pior – tinha esquecido. Onde, nesse tempo todo, tinha ficado Flora? Quando coloquei a pergunta para Miles, tocou um pouquinho mais antes de responder, e por fim disse apenas: "Ora, minha querida, como posso eu saber?" e ainda por cima rompeu numa gargalhada satisfeita, a qual, logo a seguir, como que fazendo uma espécie de acompanhamento vocal, emendou com uma canção incoerente e extravagante.

Subi direto para meu quarto, mas sua irmã não estava lá; depois, antes de descer, verifiquei vários outros. Como não estava em parte alguma por ali, certamente devia estar com a Senhora Grose, a quem, tranquilizada pela ideia, fui procurar. Encontrei-a onde a encontrara na noite anterior, mas ela recebeu minha pergunta com um ar de alheia e assustada ignorância. Tinha apenas suposto que, depois do repasto, eu saíra com ambas as crianças; no que estava inteiramente correta, porque essa fora a primeira vez que eu permitira que a menininha ficasse fora de minha vista sem alguma providência especial. Naturalmente, achei que ela devia estar com as empregadas, de modo que o imediato a fazer era procurá-la sem dar um ar de alarme. Planejamos a coisa prontamente entre nós; mas quando, depois de dez minutos e em obediência ao plano, nos reencontramos no hall, foi apenas para relatar-nos mutuamente, após inquirições reservadas, que tínhamos ambas falhado e não a encontráramos. Por um minuto ali, fora de observação, trocamos nossos mudos sustos, e eu senti com que alto interesse a minha amiga me devolveu tudo que eu já tinha lhe transmitido.

"Deve estar lá em cima", ela disse – "num dos quartos que a senhorita não verificou."

"Não; ela está longe." Eu já tinha compreendido. "Ela saiu."

A Senhora Grose ficou surpresa. "Sem chapéu?"

Eu, naturalmente, também estava perplexa. "Aquela mulher não anda sempre sem chapéu?"

"Flora está com ela?"

"Está com ela!", declarei. "Precisamos achá-las."

Minha mão estava no ombro de minha amiga, mas, naquele momento, confrontada com a seriedade da coisa, ela deixou de responder à minha pressão. Ao contrário, ela só se comunicava, ali, com sua própria inquietação. "E onde está o patrãozinho Miles?"

"Oh, ele está com Quint. Estão lá na sala de estudos."

"Por Deus, senhorita!" Minha visão, eu estava certa – e, portanto, meu próprio tom – nunca tinha atingido tamanha segurança.

"O truque foi feito", continuei; "eles atingiram sucesso em seu plano. Ele achou o jeito mais divino de me manter imóvel enquanto ela fugia."

"Divino?", a Senhora Grose repetiu, desconcertada.

"Infernal, que seja!", eu retruquei quase alegremente. "Ele também arranjou um jeito de escapar. Mas, a senhora venha comigo!"

Ela lançou um olhar desesperado para o andar superior. "A senhorita vai deixá-lo...?"

"Com Quint por tanto tempo? Sim – não me importa, agora."

Ela sempre terminava, nesses momentos, por pegar a minha mão, e dessa maneira conseguia ainda me deter. Mas depois de ficar boquiaberta por um instante com a minha repentina resignação, perguntou ansiosamente: "Por causa da carta?"

Como resposta, rapidamente apalpei a carta, tirei-a do bolso, mostrei-a, e depois, e livrando-me da mão, fui em frente e coloquei-a sobre a grande mesa do hall. "Luke a levará", disse, ao voltar. Atingi a porta da frente e abri-a; já estava nos degraus.

Minha companheira ainda hesitava: a tempestade da noite e da manhã tinha cessado, mas a tarde estava úmida e cinzenta. Desci para o passeio enquanto ela permanecia junto à porta. "Vai sair sem nada?"

"Que me importa, se a menina também saiu deste jeito? Não posso perder tempo me vestindo", exclamei, "e se a senhora quer fazê-lo, pois bem, já vou indo. Enquanto isso, dê uma olhada lá no andar superior".

"Com eles lá?" Oh, ao ouvir isso, a mulher mais que depressa me alcançou!

CAPÍTULO 19

Fomos diretamente para o lago, como era chamado em Bly, e ouso dizer corretamente chamado, embora reflita agora que podia ser não mais que um lençol de água menos notável do que parecia aos meus olhos não viajados. Meu conhecimento de lagos era pequeno, e aquele de Bly, em todos os casos, nas poucas ocasiões em que, protegida pelos meus alunos, consenti em desafiar a sua superfície no velho barco de fundo chato que estava lá atracado para nosso uso, impressionou-me tanto pela extensão quanto pelas águas agitadas. O lugar usual de embarcação era a metade de uma milha distante da casa, mas eu tinha uma convicção profunda de que Flora, estivesse onde estivesse, não estaria por perto. Ela não tinha escapulido de mim nenhuma vez para qualquer pequena aventura, e, desde o dia daquela especial que eu compartilhara com ela às margens do lago, fiquei conhecendo, em nossas caminhadas, o lado para o qual ela parecia mais inclinada a seguir. Era por causa desse conhecimento que eu dava agora aos passos da Senhora Grose uma direção tão precisa – um rumo que ela imediatamente percebeu, opondo-lhe uma resistência que me revelou que ela fora de novo enganada. "Está indo para a água, senhorita? – acha que ela está em ... ?"

"Ela pode estar, embora a profundeza não seja grande em nenhum ponto, creio. Mas o que me parece mais provável é que ela esteja no lugar de onde, no outro dia, vimos juntas o que lhe contei."

"Naquela vez que ela fingiu não ver...?"

"Com aquele espantoso autodomínio! Sempre tive certeza de que ela queria voltar para lá sozinha. E agora o seu irmão arranjou a coisa direitinho para ela."

A Senhora Grose continuava no mesmo lugar onde tinha parado. "A senhorita supõe que as crianças conversam sobre eles?"

Eu tinha uma tal confiança para responder a isso! "Dizem coisas que, se pudéssemos ouvir, ficaríamos simplesmente apavoradas."

"E se ela está lá... ?"

"Sim?"

"Então a Senhorita Jessel também estará?"

"Sem dúvida. A senhora verá."

"Oh, muito obrigada!", minha amiga exclamou, plantando-se tão firmemente no lugar que eu, ao notá-lo, fui em frente sem contar com ela. No momento em que cheguei ao lago, contudo, ela estava bem atrás de mim, e eu compreendi que, em sua apreensão, ela sentia que, acontecesse o que me acontecesse, na minha companhia bem exposta ela correria perigo menor. Soltou um gemido de alívio quando por fim chegamos perto da maior parte da água sem obter um só vislumbre da criança. Não havia nenhum indício de Flora naquele lado mais próximo da margem onde a observara daquela vez com tanto assombro, e nada também no lado oposto, onde, preservado por uma orla de aproximadamente vinte jardas, um capão de mato entrava pela água. O lago, de forma oblonga, tinha tão pouca largura em relação ao seu comprimento que, com seus extremos fora de vista, poderia ser tomado por um riacho. Olhávamos para a extensão deserta, e senti o que sugeriam os olhos de minha amiga. Sabia o que ela queria me dizer e repliquei movendo a cabeça negativamente.

"Não, não, espere! Ela tomou o barco."

Minha companheira fitou o lugar de atracação, que estava vazio, e lançou outro olhar sobre o lago. "Então, onde ele está?"

"Não conseguirmos vê-lo é a mais forte das provas. Ela o usou para atravessar e, depois, fez o que pôde para escondê-lo."

"Tudo isso sozinha – aquela menina?"

"Ela não está sozinha, e nesses momentos não é uma menina: ela é uma mulher velha, velha." Olhei atentamente para toda a margem visível enquanto a Senhora Grose se afundava novamente, diante do elemento estranho que eu lhe oferecia, numa de suas atitudes de submissão; depois, sugeri que o barco poderia perfeitamente estar num pequeno refúgio formado por um dos recessos do lago, uma reentrância disfarçada, pelo lado mais próximo, por um avanço da margem e por uma moita de arbustos que crescia junto à água.

"Mas, se o barco está lá, onde diabos poderá estar ela?" – minha companheira perguntou ansiosamente.

"É precisamente o que devemos descobrir." E comecei a andar depressa.

"Rodeando todo o lago?"

"Certamente, longe que seja. Não vai nos tomar uns dez minutos, mas é longe o bastante para fazer com que ela preferisse não ir a pé. Ela atravessou-o

diretamente."

"Senhor!", exclamou minha amiga novamente; o encadeamento de minha lógica era sempre excessivo para ela. Fê-la grudar em meus calcanhares outra vez, e quando já tínhamos já percorrido metade do caminho – um processo tortuoso, cansativo, por um terreno cheio de irregularidades e por uma senda em que a vegetação muito alta era um obstáculo – dei-lhe uma trégua para respirar. Amparei-a com um braço reconhecido, assegurando-a que podia ser de grande ajuda para mim; isso nos reanimou, de modo que dentro de poucos minutos, atingimos um ponto de onde constatamos que o barco estava mesmo onde eu o supusera. Fora deixado intencionalmente tanto quanto possível fora de vista e estava amarrado a uma das estacas de uma cerca que, bem ali, vinha até à beira do lago valendo como ajuda para o desembarque. Reconheci, quando olhei para o par de curtos e grossos remos, tirados com segurança da água, a natureza prodigiosa do que seria uma proeza para uma menininha; mas, a essa altura, eu já tinha vivido muitos assombros e perdido o fôlego por razões muito mais intensas. Havia um portão na cerca, pelo qual nós passamos, e isso nos levou, depois de um intervalo mínimo, para campo aberto. Então, exclamamos juntas, imediatamente: "Lá está ela!"

Flora, a pouca distância de nós, estava sobre a relva e sorria como se sua travessura agora tivesse se completado. Contudo, o que fez a seguir foi abaixar-se e apanhar, como se isso fosse toda a razão pela qual se encontrava ali – um grande e feio ramalhete de fetos murchos. Imediatamente tive a certeza de que ela saíra do meio do mato. Esperou por nós, sem dar um único passo, e me dei conta da rara solenidade com que nos aproximamos dela. Ela sorria e sorria, e nos olhamos; mas tudo foi feito num silêncio que, a essa altura, se tornara ameaçador. A Senhora Grose foi a primeira a quebrar o encanto: ajoelhou-se e, encostando a criança no seu peito, estreitou num longo abraço o corpo terno e pequenino. Enquanto essa silenciosa efusão durou, eu fiquei apenas observando – o que fiz com mais decisão assim que percebi o rosto de Flora me espiando por sobre os ombros de minha companheira. Era sério agora – a agitação alegre o deixara; mas isso fortalecia a angústia com que naquele momento eu invejava a simplicidade da relação da Senhora Grose com a menina. Mas, nesses momentos, nada mais se passou entre nós exceto que Flora deixou cair no chão seu ridículo ramalhete de fetos. O que eu e ela tínhamos virtualmente dito uma a outra era que os pretextos eram inúteis agora. Quando a Senhora Grose finalmente levantou-se, continuou a segurar a mão da menina, de modo que as

duas estavam ainda diante de mim; e a singular reticência dessa comunhão era ainda mais evidenciada pelo olhar franco que ela me lançou. "Serei enforcada", dizia o olhar, "se me fizerem falar!"

Foi Flora que, olhando para mim com cândido espanto, falou primeiro. Ela estranhara nossa cabeça descoberta. "Ora, onde estão as suas coisas?"

"E onde estão as suas, minha querida?", respondi prontamente.

Ela tinha recuperado sua alegria, e pareceu tomar essa resposta como suficiente. "E onde está Miles?", continuou.

Havia algo na pequena desfaçatez que demonstrava com isso que acabou comigo: essas três palavras ditas por ela foram, num lampejo fulgurante como o desembainhar de uma espada, a gota d´água da taça que, por semanas e semanas, eu segurara alta e cheia até às bordas e que agora, mesmo antes de falar, sentia transbordar em dilúvio. "Eu responderei se você me disser" – surpreendi-me dizendo, e ouvindo o tremor com que o dizia.

"Bem, o quê?"

A ansiedade da Senhora Grose me fulminava, mas era tarde demais agora, e eu fiz a pergunta delicadamente. "Onde está a Senhorita Jessel, minha querida?"

CAPÍTULO 20

Tal como no cemitério da igreja com Miles, a coisa toda desabou sobre nós. Por mais que eu levasse em conta que esse nome nunca havia sido pronunciado em nosso convívio, o rápido, dolorido clarão com que o rosto da menina o recebeu fez com que minha violação do silêncio se assemelhasse a um espatifar de vidraça. Juntou-se a isso o brado de intervenção, como se para atenuar o impacto, com que a Senhora Grose, no mesmo instante, pronunciou-se contra minha violência – o grito de uma criatura assustada, ou melhor, ferida, o qual, por sua vez, dentro de poucos segundos, foi completado por um ofego de minha parte. Agarrei o braço de minha companheira. "Ela está ali, ela está ali!"

A Senhorita Jessel estava diante de nós na margem oposta exatamente como ficara na outra vez, e eu recordo, estranhamente, como a primeira sensação que aquilo me produziu, ter tido um estremecimento de alegria por contar finalmente com uma prova. Ela estava lá para a pobre e apavorada Senhora Grose, mas estava lá muito mais por Flora; e nenhum momento de meu tempo monstruoso foi talvez tão extraordinário quanto esse em que conscientemente dirigi a ela – com a sensação de que, embora não passasse de um pálido e ávido demônio, poderia captá-la e entendê-la – uma inarticulada mensagem de agradecimento. Ela se plantava ereta no lugar que eu e minha amiga tínhamos há pouco deixado, e não havia, no longo alcance de seu desejo, nenhum milímetro de sua maldade que não se irradiasse. Essa primeira nitidez de visão e emoção foi coisa de poucos segundos, durante os quais o fato de a Senhora Grose olhar como que ofuscada para onde eu apontava atingiu-me como um sinal infalível de que ela finalmente também via, assim como fez com que meus olhos se precipitassem sobre a menina. A revelação que tive então da maneira como Flora era afetada por aquilo me alarmou, na verdade, muito mais do que me alarmaria senti-la simplesmente agitada, pois um terror direto era naturalmente o que eu esperava agora. Preparada e bem em guarda como em verdade nossa busca a fizera ficar, ela reprimia qualquer manifestação que pudesse traí-la; portanto, fiquei abalada ali pela percepção clara de que ela se portava de uma maneira que eu não previra. Vê-la assim, sem um único tremor no pequeno rosto rosado, sem nem mesmo fingir dar uma olhada na direção do fenômeno que eu anunciara, mas, ao contrário, dirigindo a mim uma expressão de dura, tranquila seriedade, uma expressão absolutamente nova e sem precedentes que parecia uma leitura e uma acusação e um julgamento de minha

atitude – esse foi um golpe que de um algum modo a transformou na própria presença que podia me fazer recuar. Recuei, embora minha certeza de que ela tinha visto tudo nunca foi maior do que naquele momento, e, na necessidade premente de defender-me, invoquei com paixão o seu testemunho. "Ela está lá, sua coisinha infeliz – lá, lá, lá, e você a vê tão bem como me vê aqui!" Há pouco dissera à Senhora Grose que nesses momentos ela não era uma criança, mas uma mulher velha, velha, e essa descrição não poderia ser mais claramente confirmada do que pela maneira com a qual, em resposta a meu pedido, ela simplesmente me mostrou, sem uma concessão, sem uma admissão de seus olhos, uma fisionomia de profunda e crescente reprovação, que se fixou por completo. A essa altura, eu estava – se posso resumir o que acontecia – mais apavorada com o que podia denominar a sua maneira do que com qualquer outra coisa, embora, ao mesmo tempo, tivesse percebido que a Senhora Grose também, e muito estranhamente, já não era apoio com que eu pudesse contar. Minha idosa companheira, no momento seguinte, apagou de seu rosto tudo que não fosse um afogueamento e um protesto alto, indignado, um jorro de intensa desaprovação. "Que modos pavorosos, senhorita! Onde diabos a senhorita vê alguma coisa?"

Eu só conseguia agarrar o seu braço mais nervosamente, porque, mesmo enquanto ela falava, a hedionda e patente presença lá estava, sem sofrer obscurecimento e sem recuar. Tinha durado um minuto, e durara enquanto eu continuava, agarrando a minha companheira, confiando nela e mostrando a aparição a ela, insistindo com minha mão apontada. "Você não a vê exatamente como nós a vemos? – quer dizer que não a vê agora – agora? Ela é tão clara como um fogaréu! Olhe apenas, caríssima, olhe ...!" Ela olhou, do mesmo modo que eu o fazia, e deu-me, com um gemido profundo de negação, repulsa, compaixão – uma mistura de sua pena com seu alívio por ter escapado a ver – uma sensação, comovente para mim mesmo então, de que teria me apoiado se pudesse. Eu bem devia estar necessitada de apoio, pois, com o sopro áspero da prova de que seus olhos estavam inapelavelmente cegos, senti que minha situação se esboroava horrivelmente, senti – e vi – minha lívida predecessora, lá de seu posto, forçar a minha derrota, e fiquei ciente, mais que tudo, daquilo com que teria de lidar a partir daquele momento ao constatar a assustadora atitude da pequena Flora. A Senhora Grose aderiu imediata e violentamente a essa atitude, rompendo, mesmo diante de minha sensação de fracasso consumado, numa expressão de fabuloso triunfo pessoal, ofegando e oferecendo à menina palavras tranquilizadoras.

"Ela não está lá, senhorinha, e ninguém está lá – e você nunca viu nada, meu doce! Como poderia ver a pobre Senhorita Jessel – quando ela está sem dúvida morta e enterrada? Nós sabemos, não sabemos, amor?" – ela apelava, enganando-se voluntariamente, à criança. "Tudo não passa de simples engano, de preocupação sem sentido, de brincadeira – e vamos para casa o mais rápido possível!"

Nossa companheira, diante disso, respondeu com uma estranha, rápida afetação de dignidade, e com a Senhora Grose a seus pés, ambas ficaram unidas contra mim numa espécie de oposição dolorosa. Flora continuou a me fixar com sua pequena máscara de reprovação, e naquele mesmo momento pedi a Deus para me perdoar por ter achado que, enquanto ela se agarrava fortemente à saia de nossa amiga, sua incomparável beleza infantil se apagara, desaparecera completamente. Eu já o disse – ela estava literal e hediondamente implacável; ela se tornara comum e quase feia. "Eu não sei o que a senhorita quer dizer. Eu não vejo ninguém. Eu não vejo nada. Nunca vi. Eu acho que a senhorita é cruel. Eu não gosto da senhorita!" Então, depois desse desabafo, que podia ter sido feito por alguma atrevida menininha de rua, ela apertou a Senhora Grose com mais força ainda e enterrou o seu terrível rostinho na saia da mulher. Nessa posição ela emitiu um lamento quase furioso. "Leve-me embora, leve-me embora – oh, leve-me para longe dela!"

"De mim?", eu perguntei, ofegante.

"Da senhorita sim – da senhorita!", ela gritou.

Mesmo a Senhora Grose olhou-me com desânimo; enquanto isso, eu nada tinha a fazer senão entrar em comunicação outra vez com a figura que, na margem oposta, sem um movimento, tão rigidamente atenta como, se no intervalo, captasse toda a nossa conversa, estava lá, bem viva para a minha desgraça como não o estivera para meu proveito. A menina infeliz tinha falado exatamente como se recebesse de uma fonte externa suas pequenas palavras ferinas, e eu não pude, portanto, no completo desespero de tudo quanto tinha que aceitar, fazer mais que balançar minha cabeça tristemente diante dela. "Se eu algum dia duvidei, toda a minha dúvida desapareceria agora. Tenho vivido com essa verdade miserável, e agora tudo que ela fez foi fechar-se em torno de mim. É claro que já perdi você: eu interferi, e você achou – sob orientação dela" – nesse ponto, encarei de novo, do outro lado do lago, nossa testemunha infernal – "o meio mais fácil e perfeito de sair disso. Fiz meu melhor, mas perdi você. Adeus." Para a Senhora Grose, emiti um imperativo, um quase frenético

"Vá, vá!" diante do qual, com infinita aflição, mas silenciosamente agarrada à menininha e claramente convencida, a despeito de sua cegueira, de que algo medonho ocorrera e algum colapso desconhecido nos engolfara, ela recuou, retomando o caminho pelo qual viera, com um andar o mais ligeiro possível.

Do que primeiro aconteceu quando fiquei sozinha depois eu não tenho memória subsequente. Sabia apenas que ao fim de, digamos, um quarto de hora, uma umidade e uma aspereza fragrantes, arrepiando e trespassando a minha dor, fizeram com que eu compreendesse que devia ter-me atirado de bruços sobre o chão e dado vazão a uma aflição selvagem. Possivelmente ficara estendida lá por longo tempo e chorado e soluçado, porque quando ergui minha cabeça o dia estava quase acabado. Levantei-me e olhei por um momento, através do crepúsculo, para o lago cinzento e sua margem vazia, assombrada, e empreendi, de volta para casa, minha árida e penosa caminhada. Quando cheguei ao portão na cerca o barco, para a minha surpresa, não estava mais ali, de modo que fiz uma nova reflexão sobre o domínio extraordinário que Flora tivera da situação. Ela passara aquela noite, pela mais tácita, e devo acrescentar, se a palavra não se constituísse uma nota tão grotesca, pela mais feliz das combinações, com a Senhora Grose. Não vi nenhuma das duas em meu retorno, mas, por outro lado, como se por uma ambígua compensação, vi Miles por bastante tempo. Eu o vi – não posso usar outra frase – tantas vezes que era como se fosse mais do que nunca o vira. Nenhuma noite que eu passara em Bly tivera a portentosa qualidade dessa; a despeito disso – e também a despeito dos mais fundos abismos de consternação que abriu sob meus pés – havia literalmente, nas horas do declínio, uma tristeza extraordinariamente doce. Ao chegar em casa, nem me preocupei em procurar o menino; fui diretamente para o meu quarto para trocar de roupa e para tomar ciência, num simples relance de olhar, de muitos testemunhos materiais da ruptura com Flora. Seus pequenos pertences tinham sido todos removidos. Quando mais tarde, junto à lareira da sala de estudos, a empregada habitual me serviu o chá, não cedi, com respeito ao meu outro aluno, a nenhuma espécie de inquirição. Ele tinha sua liberdade agora – e podia tê-la até o fim! Bem, ele a tinha; e ela consistia naquele momento – ao menos parcialmente – em poder entrar perto de oito da noite e sentar-se ao meu lado em silêncio. Na remoção do serviço de chá, eu apagara os candelabros e puxara minha cadeira para mais perto do fogo: tinha consciência de uma espécie de frio mortal e me sentia como se nunca mais fosse possível me aquecer. Assim, quando ele apareceu, estava sentada na penumbra entretida com meus pensamentos. Ele parou um instante perto da porta como se para me olhar

melhor; e então – feito quisesse que eu compartilhasse tais pensamentos com ele – veio ao outro lado da lareira e afundou-se num assento. Ficamos sentados ali em absoluto silêncio; contudo, eu sentia que ele queria ficar comigo.

CAPÍTULO 21

Antes que um novo dia tivesse irrompido completamente em meu quarto, meus olhos se abriram para deparar com a Senhora Grose, que se aproximara de minha cama com notícias ainda piores. Flora estava com uma febre tão alta que possivelmente teria sido acometida de alguma doença; a menina passara uma noite de inquietação extrema, uma noite agitada acima de tudo por medos que tinham como motivo não a sua primeira, mas sim, e totalmente, a sua segunda preceptora. Não era contra a possível reentrada em cena da Senhorita Jessel que ela protestava – era patente e apaixonadamente contra a minha. Ergui-me de pronto, naturalmente, e com muitas perguntas a fazer; ademais, era evidente que minha amiga se preparara para um novo confronto. "Ela persiste em afirmar para a senhora que não viu coisa alguma nem ontem nem nunca?"

O embaraço de minha amiga era, na verdade, bem grande. "Ah, senhorita, não é uma questão de eu poder insistir com ela nesse assunto! E, devo dizer, parece que não é também necessário que eu o faça. A coisa tomou conta dela completamente, tornou-a uma mulher muito velha."

"Oh, eu a vejo perfeitamente daqui. Ela ficou ofendida, como se fosse a mais elevada personagem infantil deste mundo, com a dúvida que lancei sobre a sua palavra, como se eu ferisse a sua própria dignidade. 'A Senhorita Jessel de fato – ela!' Ah, sim ela é muito 'digna', a danadinha! A impressão que ela me deu ontem, asseguro à senhora, foi a mais estranha de todas; foi muito além de qualquer outra. Eu pus o dedo na ferida! Ela não vai falar comigo nunca mais."

Hediondo e obscuro como era, o assunto deixou a Senhora Grose em silêncio; então, ela confirmou meu ponto de vista com uma franqueza que, eu tinha certeza, abrigava muitas outras coisas. "Acho que ela não vai mesmo falar, senhorita. Ela está de fato muito magoada!"

"E essa mágoa" – eu acrescentei – "é praticamente a razão da febre que ela está apresentando."

Oh, era a razão, eu podia ler no rosto da minha visitante, e nada além disso! "Ela me pergunta a cada três minutos se a senhorita não vai aparecer."

"Compreendo – compreendo." Eu, por meu lado, trazia em mim muito mais do que dizia. "Ela disse à senhora desde ontem – exceto para rejeitar que tivesse relação com uma coisa tão terrível – alguma outra coisa sobre a

Senhorita Jessel?"

"Nada, senhorita. E é claro que a senhorita sabe", minha amiga acrescentou, "Lá no lago, consegui tirar dela apenas que não havia ninguém."

"Certo! E, naturalmente, é isso o que ela diz ainda."

"Não vou contradizê-la. Que mais posso fazer?"

"Nada neste mundo! A senhora está lidando com a pessoinha mais inteligente que existe. Eles fizeram dessas crianças – me refiro aos seus dois amigos – ainda mais inteligentes do que já eram por natureza; havia uma matéria-prima maravilhosa com que trabalhar! Flora tem agora sua mágoa, e vai levá-la até o fim."

"Sim, senhorita; mas até que fim?"

"Ora, delatar-me ao seu tio. Ela vai pintar-me para ele como a mais baixa das criaturas...!"

Estremeci diante da cena que se apresentava como que diante do rosto da Senhora Grose; por um momento, pareceu-me que ela nitidamente já visualizava a sobrinha e o tio juntos. "E ele que tem tão elevado conceito da senhorita!"

"Ele tem um jeito bem estranho – é o que me ocorre agora," eu dei uma risada, "... de demonstrá-lo. Mas isso não importa. O que Flora quer, naturalmente, é livrar-se de mim."

Minha companheira, corajosa, respondeu afirmativamente. "Não quer nunca mais olhar para a senhorita."

"De modo que a senhora veio aqui agora", eu perguntei – "para que eu vá embora o mais rápido possível?" Antes que ela tivesse tempo de responder, contudo, eu a dominei. "Tenho uma ideia melhor – o resultado de minhas reflexões. Eu ir-me embora pareceria a coisa certa, e no domingo eu estive terrivelmente perto disso. Mas, não vai funcionar. É a senhora quem deve ir. A senhora deve levar Flora."

Minha visitante, ouvindo isso, especulou. "Mas, para onde neste mundo...?"

"Para longe daqui. Para longe dos dois. Agora, mais que tudo, para longe de mim. Direto para o tio dela."

"Apenas para que ela diga a ele...?"

"Não, não 'apenas' para isso! Para deixar-me aqui, além disso, aplicando o meu remédio."

Ela ainda não parecia compreender. "E qual é o seu remédio?"

"Sua lealdade, para começar. Depois, a de Miles."

Ela olhou fixamente para mim. "A senhorita acha que ele...?"

"Não pode se voltar contra mim, se tiver chance? Sim, eu me arrisco a pensar isso. Em todo caso, quero tentar. Afaste-se com a irmã tão logo seja possível e deixe-me sozinha com ele." Eu estava espantada comigo mesma pela presença de espírito que tinha em reserva, e portanto um pouco desconcertada pelo modo com que ela, apesar do belo exemplo que eu dava, ainda se mantinha hesitante. "Há uma coisa a fazer, porém", eu continuei: "antes de Flora ir, eles não devem se encontrar nem por três segundos". Então, tornou-se claro para mim que, a despeito do presumível isolamento em que Flora ficara depois de retornar do lago, já podia ser tarde demais. "A senhora quer dizer", perguntei ansiosamente, "que eles já se encontraram?"

Ouvindo isso, ela ficou ruborizada. "Ah, senhorita, eu não sou tão boba assim! Se fui forçada a deixá-la três ou quatro vezes, foi de cada vez com uma das empregadas, e neste momento, embora esteja sozinha, ela está muito bem fechada. E no entanto – e no entanto!" Havia coisas demais.

"E no entanto o quê?"

"Bem, como está tão segura assim a respeito do pequeno gentleman?"

"Não estou segura de nada, exceto de que a senhora está aqui comigo. Mas, desde a noite passada, tenho uma nova esperança. Eu acho que o menino quer se abrir comigo. Eu acredito que – coitadinho desse maravilhoso infeliz! – ele quer falar. Ontem, perto da lareira e em silêncio, ele ficou comigo por horas como se quisesse me dizer alguma coisa."

A Senhora Grose olhava fixamente, pela janela, o dia cinzento que começava a firmar-se. "E ele disse essa coisa?"

"Não, embora eu tivesse esperado e esperado, confesso que não, e não quebramos o silêncio nem fizemos a mais leve insinuação à condição e ausência da irmã no beijo de despedida. Pela mesma razão", continuei, "não posso, se o tio vir Flora, consentir em que veja o irmão sem que eu tenha dado a ele – e principalmente porque tudo ficou tão ruim – um pouquinho mais de tempo."

Minha amiga mostrou-se, nesse terreno, mais relutante do que eu podia compreender. "Que quer dizer com mais tempo?"

"Bem, um dia ou dois – para que eu possa esclarecer tudo. Ele então estará do meu lado – coisa de que a senhora pode avaliar a importância. Se ele nada revelar, eu terei apenas fracassado, e a senhora, na pior das hipóteses, fará o que achar mais viável ao chegar à cidade." Assim me posicionei diante dela, mas continuou por alguns momentos tão insondavelmente embaraçada que de novo procurei ajudá-la a entender. "A menos, é claro", emendei, "que a senhora não queira ir."

Vi que, por fim, o seu rosto se iluminava: ela estendeu-me sua mão como uma garantia. "Eu vou – eu vou. Parto ainda nesta manhã."

Eu queria ser muito justa. "Se a senhora por acaso deseja ainda esperar, darei um jeito de Flora não me ver."

"Não, não; estou preocupada com este lugar. Ela tem que sair daqui." Ela fitou-me com olhos pesados, e deixou escapar o resto. "Sua ideia é que é certa. Eu mesma, senhorita..."

"Bem?"

"Não posso ficar."

O olhar que ela me lançou ao dizer isso fez com que eu me animasse a sondá-la esperançosamente. "Quer dizer que, desde ontem, a senhora viu...?"

Ela balançou sua cabeça com dignidade. "Eu ouvi...!"

"Ouviu?"

"Da boca da menina – horrores! Lá!", ela suspirou com um alívio trágico. "Por minha honra, senhorita, as coisas que ela diz...!" Mas, a essa evocação, ela desmoronou; caiu, com um soluço súbito, sobre meu sofá e, como já a vira fazer uma vez, deu vazão a todo o seu desespero.

Foi bem de outra maneira que eu, de minha parte, me manifestei. "Oh, graças a Deus!"

Ela levantou-se rapidamente, enxugando os olhos com um gemido. "Graças a Deus?"

"Isso que a senhora disse vai me justificar!"

"Vai mesmo, senhorita!"

Eu não podia ter desejado maior ênfase, mas ainda hesitava. "Ela é tão horrível?"

Vi na minha companheira que ela mal sabia como expressá-lo. "É chocante, realmente."

"E a meu respeito?"

"A seu respeito, senhorita – já que me pergunta. É muito além do que se poderia esperar, partindo de uma jovenzinha; e eu não consigo imaginar onde ela pode ter aprendido..."

"A pavorosa linguagem que usou para me atacar? Bem, eu posso!", interrompi com uma risada que era sem dúvida bastante significativa.

Mas isso, na verdade, fez com que minha amiga ficasse ainda mais séria. "Bem, talvez eu também a devesse ter aprendido – já que ouvi essa linguagem em algumas ocasiões no passado! Ainda assim, não a suporto", a pobre mulher continuou enquanto olhava, com o mesmo movimento, para o relógio no meu toucador. "Mas preciso ir."

Eu a retive, contudo. "Ah, se a senhora não pode suportá-la...!"

"Como poderei calar a menina, não é? Bem, fazendo exatamente isso: levando-a embora daqui. Para bem longe daqui", ela continuou, "longe dos dois..."

"Será que ela pode ficar diferente? Será que ela pode se libertar?", eu a agarrei, quase com alegria. "Então, apesar do que aconteceu ontem, a senhora acredita...?"

"Nessas coisas?" A simples descrição delas, pela expressão de seu rosto, já não precisava ser feita, e ela confessou-me, como antes nunca o fizera. "Acredito."

Sim, foi uma alegria, e nós estávamos ainda unidas: se eu podia continuar com essa certeza, pouco me importaria o que ainda acontecesse. Meu apoio diante do desastre seria o mesmo que tinha sido quando, no início, precisara de confiança, e se minha amiga respondesse por minha honestidade eu responderia por todo o resto. Quando ela já estava prestes a sair, contudo, fiquei um pouco embaraçada. "Naturalmente, há uma coisa – me ocorreu agora – que preciso lembrar. Minha carta, dando o alarme, terá chegado à cidade antes que a senhora chegue lá."

Percebia agora o quanto ela se debatera em rodeios e como isso chegara a ela só depois de um grande esforço. "Sua carta não estará lá. Sua carta nunca foi mandada."

"Que aconteceu com ela?"

"Só Deus sabe! O patrãozinho Miles..."

"Você quer dizer que ele a pegou?", perguntei, ofegante.

Ela hesitou bastante, mas por fim venceu sua relutância. "Quero dizer que ontem, quando voltava com Flora, vi que ela não estava onde a senhorita a pusera. Mais tarde eu consegui perguntar ao Luke, e ele declarou que não a vira nem tocara nela." Diante disso, trocamos apenas um de nossos olhares de profunda sondagem mútua, e foi ela quem deu prumo a tudo concluindo, quase com alegria: "A senhorita percebe!"

"Sim, percebo que se Miles a pegou, ele provavelmente a leu e destruiu."

"E não percebe mais nada?"

Eu a encarei por um momento com um sorriso triste. "Me impressiona ver que dessa vez os olhos da senhora estavam bem mais abertos que os meus."

De fato estavam, mas, para prová-lo, ela ainda ficava quase ruborizada. "Descubro agora o que ele deve ter feito na escola." E, em sua humilde perspicácia, ela fez um gesto de desapontamento quase engraçado. "Ele roubou!"

Refleti um pouco – procurava ser imparcial. "Bem – talvez."

Ela olhou-me como se estranhasse minha calma inesperada. "Ele roubou cartas!"

Ela não conseguia adivinhar as razões da minha calma, que era, afinal, apenas superficial; então, expliquei-as como pude. "Espero que tenha sido por um propósito melhor que nesse caso! A carta que pus ontem na mesa, de todo modo", continuei "vai lhe dar tão pouca vantagem – porque continha apenas um pedido de entrevista – que ele deve já estar envergonhado de ter ido tão longe por tão pouco, e o que ele devia ter em mente ontem à noite devia ser, então, uma necessidade de confessar." Por um momento, pareceu-me que eu dominara, que eu vira tudo. "Deixe-nos, deixe-nos!" – eu já estava dizendo a ela, à porta, apressando-a o quanto podia. "Eu farei com que ele me conte. Ele vai me

procurar – vai me confessar. Se ele confessar, será salvo. E se ele se salvar.."

"A senhorita também se salvará?" A boa mulher beijou-me ao dizer isso, e eu aceitei sua despedida. "Eu a salvarei sem ele, se for preciso!", ela bradou, afastando-se.

CAPÍTULO 22

Contudo, foi quando ela partiu – e senti a sua falta no lugar – que o aperto realmente chegou. O que quer que eu tenha imaginado que seria ficar sozinha com Miles, percebi, imediatamente, que aquilo me daria a medida. Nenhuma hora da minha estada em Bly foi tão assaltada por apreensões como aquela em que desci para constatar que a carruagem, levando embora a Senhora Grose e a menina, já tinha cruzado os portões. Agora eu estava, disse a mim mesma, frente a frente com a tempestade, e por todo o resto do dia, enquanto lutava com minha fraqueza, refleti que estava sendo extremamente ousada. O ambiente, agora, era muito mais opressivo do que eu já conhecera; ademais, pela primeira vez, eu via no aspecto dos outros empregados um confuso reflexo da crise. O que tinha acontecido, naturalmente, fizera-os espantar; havia pouco que explicar, embora fizéssemos o que pudéssemos para isso, no inesperado procedimento de minha companheira. As empregadas e os serviçais pareciam estupefatos; o efeito disso em meus nervos foi um agravamento, até que vi que tinha a necessidade de transformar aquilo numa ajuda positiva. Em resumo, foi exatamente por agarrar o leme que evitei o naufrágio total; e ouso dizer que, para estar à altura do desafio, tornei-me, naquela manhã, muito imponente e muito seca. Aceitei de bom grado a consciência de que estava incumbida de grande responsabilidade, fazendo com que todos soubessem que, deixada a mim mesma, eu poderia me revelar notavelmente firme. Vaguei com esse aspecto pelas horas seguintes, por todo o lugar, e devia estar parecendo, não tenho dúvida, preparada para qualquer ataque. Assim, para benefício de quem pudesse se interessar, eu desfilava de modo magnífico com um coração angustiado.

A pessoa que pareceu menos interessada por minha atitude foi, até o jantar, o próprio Miles. Minhas andanças pela casa não me deram, no intervalo, um vislumbre sequer do menino, mas tendiam a tornar mais pública a mudança que houvera em nossa relação como consequência de, no dia anterior, ao piano, em benefício de Flora, ele ter me mantido tão fascinada e tapeada. A evidência dos fatos tinha naturalmente se escancarado devido ao isolamento e à partida de Flora, e a própria mudança era agora anunciada claramente pela nossa não observância do hábito de nos reunirmos na sala de estudos. Ele havia desaparecido quando, na minha descida, eu abri sua porta, e soube lá embaixo que já fizera o seu desjejum – na presença de um par de empregadas – com a Senhora Grose e sua irmã. Depois disso saíra, como dissera, para um passeio;

refleti que nada melhor que isso para indicar sua franca visão da abrupta transformação de meu papel. O que ele permitiria agora que esse papel se tornasse estava ainda por ser resolvido: havia um estranho alívio, em todo caso – especialmente quanto a mim – em renunciar a uma pretensão. Se muito disso surgiu à tona, arrisco dizer com bastante convicção que o que mais ficou evidente foi o absurdo de precisarmos prolongar a farsa de que eu tinha ainda algo para ensinar-lhe. Salientava-se, por pequenos truques tácitos nos quais ele mais que eu se encarregava de zelar por minha dignidade, que eu tinha tido que apelar à sua ajuda para confrontá-lo no terreno de sua própria capacidade. De qualquer modo, conseguira sua liberdade agora; eu não voltaria a tolhê-la; ademais, isso eu provara amplamente quando, aproximando-se de mim na noite anterior na sala de estudos, eu não fizera, quanto ao assunto da tarde que passara longe de casa, nenhuma pergunta ou insinuação. Pelo momento, minhas outras ideias me ocupavam demais. No entanto, quando ele por fim chegou, a dificuldade de pô-las em prática, o acúmulo de meus problemas, voltaram todos, trazidos pela bela pequena presença na qual o que acontecera não deixara ainda, ao menos não visivelmente, o menor indício de mácula ou sombra.

Para assinalar, diante da casa, a elevada posição que eu cultivava, decretei que minhas refeições com o menino deveriam ser servidas no andar de baixo, como o chamávamos; de modo que fiquei esperando-o na pompa maciça da sala junto à janela de qual eu recebera da Senhora Grose, naquele primeiro domingo assombrado, meu lampejo de alguma coisa que eu dificilmente chamaria de luz. Ali eu senti novamente – pois já o sentira muitas e muitas vezes – como meu equilíbrio dependia do triunfo de minha rígida vontade, da vontade de cerrar meus olhos o máximo possível à verdade de que aquilo com que eu tinha de lidar era, de um modo revoltante, contra a natureza. Só podia prosseguir se encarasse a "natureza" como coisa toda minha e confiasse nela, tratando minha provação monstruosa como um empurrão feito numa direção sobrenatural e decerto desagradável, mas que ao fim exigia apenas, para que o confronto fosse justo, que eu desse uma outra volta no parafuso da virtude humana comum. Nenhuma tentativa, de modo algum, exigiria mais tato que aquela de uma única pessoa procurar prover toda a natureza. Como eu poderia pôr um pouquinho de naturalidade na supressão da referência do que tinha ocorrido? Como, por outro lado, eu poderia fazer uma referência sem um novo mergulho na obscuridade hedionda? Bem, uma espécie de resposta, depois de alguns momentos, veio a mim, e foi confirmada quando me deparei,

incontestavelmente, com a visão renovada daquilo que meu pequeno companheiro tinha de raro. Na verdade, era como se ele conseguisse encontrar mesmo agora – como tão frequentemente encontrava durante as aulas – uma nova e delicada maneira de me deixar à vontade. Pois, não havia luz naquele fato que, enquanto dividíamos a nossa solidão, revelou-se com um brilho ilusório que, no entanto, nunca se desgastou? – o fato de que (com o auxílio da oportunidade, a oportunidade que agora surgia), seria disparatado, com uma criança tão bem-dotada, abrir mão do amparo que se poderia arrancar de uma inteligência absoluta? Para quê lhe fora dada essa inteligência senão para salvá-lo? Para atingir sua mente, não seria lícito correr o risco de fazer uma desfiguração em seu caráter? Tudo se deu como se, enquanto ficávamos face a face na sala de jantar, ele literalmente me mostrasse a solução. O assado de carneiro estava na mesa, e eu dispensara o atendimento da criada. Antes de sentar-se, ele ficara por um momento com as mãos nos bolsos e olhara para o quarto de carne, sobre o qual parecera a ponto de fazer algum julgamento cômico. Mas o que ele de fato disse foi: "Ouça, minha querida: a menina está tão doente assim?"

"A pequena Flora? Não é caso tão grave que não possa melhorar. Londres fará bem a ela. Bly deixou de ser-lhe conveniente. Venha aqui e sirva-se de carneiro."

Obedeceu-me ligeiro, carregou o prato cuidadosamente para o seu lugar e, uma vez acomodado, prosseguiu: "Bly deixou de ser bom para ela assim tão de repente?"

"Não tão de repente quanto você possa pensar. Notava-se o que estava acontecendo."

"Então, por que não a mandou embora antes?"

"Antes do quê?"

"Antes que ela ficasse doente demais para viajar."

Eu me sentia preparada. "Ela não está doente demais para viajar: ela podia ter ficado assim se houvesse permanecido. Foi o momento propício para isso. A viagem vai dissipar a influência" – oh, eu era ótima! – "e eliminá-la".

"Entendo, entendo" – Miles, no tocante ao assunto, também era ótimo. Ele se compusera para o repasto com as encantadoras "maneiras de mesa" que, desde o dia de sua chegada, me dispensaram de lhe passar qualquer

descompostura ou lhe fazer qualquer advertência. Qualquer que fosse o motivo de sua expulsão do colégio, com certeza não fora por comer sem modos. Naquele dia, estava, como sempre, irrepreensível; mas estava, de modo inequívoco, mais consciente de desempenhar um papel. Estava visivelmente tentando tomar como certas mais coisas que aquelas que poderia descobrir sozinho; caíra em plácido silêncio enquanto avaliava a sua situação. Nossa refeição foi das mais breves – a minha nada mais que pretexto, e pedi que retirassem logo a minha mesa. Enquanto isso era feito Miles se pusera de novo em pé, com as mãos em seus pequenos bolsos e de costas para mim – para olhar para fora da ampla janela através da qual, naquele dia, eu tinha visto o que tanto me perturbara. Continuamos em silêncio enquanto a empregada estava conosco – tão silenciosos, me ocorreu de modo absurdo, quanto um jovem casal que, em sua viagem de núpcias, numa taberna, ficasse inibido em presença do garçom. Só se virou para mim quando o garçom nos deixou. "Bem – enfim, sós!"

CAPÍTULO 23

"Oh, mais ou menos", imagino com que pálido sorriso respondi. "Não em absoluto. Não gostaríamos disso!", continuei.

"Não – suponho que não gostaríamos. Claro que estamos acompanhados"

"Estamos acompanhados – temos os outros, de fato", eu concordei.

"Mas, embora tenhamos os outros", ele retornou, ainda com as mãos nos bolsos e plantado à minha frente, "eles não contam muito, não é mesmo?"

Procurava ser ágil e brilhante, mas me sentia apagada. "Depende do que você chama de 'muito'!"

"Sim" – com toda condescendência – "tudo depende!" Dizendo isso, contudo, ele virou o rosto para a janela e aproximou-se dela com seus vagos, inquietos e refletidos passos. Permaneceu ali por um momento, com a testa encostada na vidraça, contemplando os estúpidos arbustos e a paisagem monótona de Novembro. Eu podia sempre contar com meu fingido "trabalho", atrás do qual me escondia agora, acomodada no sofá. Firmando-me com ele ali como já o fizera repetidamente nos momentos de suplício que descrevi como sendo aqueles em que notava que as crianças ficavam à mercê de alguma coisa da qual eu estava excluída, eu obedecia apenas ao meu hábito de ficar preparada para o pior. Mas uma impressão extraordinária me tomou quando extraía um significado da atitude do menino, que estava embaraçado, de costas para mim – nada menos que a impressão de que eu não era mais uma excluída. Essa dedução, em minutos, transformou-se em algo intensamente agudo e parecia juntar-se à direta percepção de que, nesse momento, o excluído era ele. As molduras e retângulos da grande janela eram, para ele, imagens de uma espécie de derrota. Senti que o via, de qualquer modo, fechado por dentro ou fechado por fora. Ele estava admirável, mas não à vontade: tomei consciência disso com uma palpitação de esperança. Pois ele não procurava, através da vidraça mal assombrada, uma coisa que não podia ver? – e não era essa a primeira vez na história toda que ele tinha consciência de que a tal coisa lhe falhava? A primeira, a primeiríssima: achei um esplêndido presságio. A falha o tornava ansioso, embora ele se policiasse; tinha ficado ansioso o dia todo e, mesmo quando com suas doces pequenas maneiras se sentara à mesa, precisara recorrer a seu pequeno estranho gênio para dar ao ato um certo verniz. Quando ele por fim

virou-se para falar comigo era como se seu gênio houvesse sucumbido. "Bem, acho que estou satisfeito por Bly ser boa para mim!"

"Você com certeza parece que aproveitou de Bly, nessas vinte e quatro horas, muito mais do que aproveitara antes. Espero", continuei corajosamente, "que com isso tenha se divertido."

"Oh, sim, nunca tinha explorado tanto o lugar; todas as cercanias – quilômetros e quilômetros longe daqui. Nunca me senti tão livre."

Ele tinha realmente uma distinção toda sua, e eu podia apenas tentar ficar à altura. "Bem, você gosta?"

Sorriu, nesse momento; por fim, colocou em três palavras – "E a senhorita?" – mais significado do que eu jamais pensei que três palavras pudessem conter. Antes que eu tivesse tempo para lidar com aquilo, contudo, ele continuou como que consciente de que cometera uma impertinência que agora precisava atenuar. "Nada poderia ser mais encantador que o modo como a senhorita encara as coisas, pois, naturalmente, se estamos sozinhos agora, é a senhorita quem o está mais. Mas espero", ele acrescentou, "que não se preocupe particularmente com isso!"

"Ter que me preocupar com você?", perguntei. "Meu querido menino, como poderia deixar de me preocupar? Apesar de haver renunciado ao direito de exigir sua companhia – você está tão além de mim! – é claro que a aprecio muito. Por que outra razão eu teria ficado aqui?"

Olhou para mim mais diretamente, e a expressão de seu rosto, mais séria agora, atingiu-me como a mais bela que havia nele encontrado. "A senhorita fica apenas por causa disso?"

"Certamente. Fico como sua amiga, devido ao tremendo interesse que tenho em você, até que alguma coisa que lhe valha mais a pena possa ser feita. Isso não precisava lhe surpreender." Minha voz tremia tanto que eu achava impossível suprimir-lhe o tremor. "Não se lembra como lhe disse, quando fui sentar-me ao seu lado na cama, na noite daquela tempestade, que não havia nada neste mundo que eu não quisesse fazer por você?"

"Sim, sim!" Ele, por seu lado, visivelmente mais e mais nervoso, também precisava controlar o tom da voz; mas era tão mais bem-sucedido do que eu que, rindo em meio à sua própria seriedade, podia fingir que estávamos brincando prazerosamente. "Só que eu acho que disse aquilo para que eu fizesse

alguma coisa pela senhorita!"

"Foi em parte para que você me fizesse uma coisa", concedi. "Mas você sabe que não a fez."

"Oh, sim", ele disse com o mais vivo e superficial dos ardores, "a senhorita queria que eu lhe contasse alguma coisa."

"É isso. Que fosse bem direto. Que me revelasse o que há em seu espírito, como sabe."

"Ah, então, é para isso que a senhorita ficou?"

Ele falava com uma alegria através da qual eu podia captar o mais leve tremor de ressentimento passional; mas não posso nem tentar expressar a impressão que me causou esse sinal de que estava sendo derrotado, embora ele fosse tão débil. Foi como se tudo pelo que eu tivesse mais suspirado me chegasse finalmente apenas para me deixar atônita. "Bem, sim – posso agora confessar. Foi exatamente para isso."

Ele esperou por tanto tempo que supus que o fizera com o propósito de repudiar a premissa em que minha ação se baseava; mas o que disse finalmente foi: "A senhorita quer dizer agora – aqui?"

"Não poderia haver lugar ou tempo melhor." Ele olhou ao redor com desconforto, e eu tive a rara – oh, melhor dizer, a esquisita! – impressão de haver visto nele, pela primeira vez, um sintoma de medo. Era como se subitamente tivesse medo de mim – o que me fez pensar que era talvez a melhor coisa que eu lhe poderia transmitir. No entanto, na própria ânsia do esforço eu senti que era inútil tentar ser severa, e eu ouvi minha voz, no instante seguinte, modular-se de modo tão gentil que parecia quase grotesca. "Você deseja tanto ir embora novamente?"

"Terrivelmente!" Sorriu para mim de modo heroico, e a pequena bravura comovente que havia no sorriso era realçada pelo rubor que o sofrimento lhe infundia. Ele apanhara seu chapéu, e ficara retorcendo-o de um modo que me dava, mesmo que nesse momento eu estivesse chegando ao porto, um horror perverso ao que eu lhe estava fazendo. Fazê-lo de qualquer modo era um ato de violência, pois de que consistia senão da introdução de uma ideia de vulgaridade e culpa numa pequena criatura indefesa que representara para mim a revelação de possibilidades de uma relação cheia de beleza? Não seria baixo demais criar para uma criatura tão primorosa um embaraço que lhe fosse tão

alheio? Suponho que hoje leio nossa situação com uma clareza que não pudera ter naquele tempo, porque eu parecia ver nossos pobres olhos já iluminados por algum lampejo que pressagiava a angústia que estava por chegar. Assim, o que fazíamos era andar em círculos, com terrores e escrúpulos, como dois lutadores que não ousavam aproximar-se. Mas era um do outro que tínhamos medo! Aquilo nos manteve por mais algum tempo suspensos e incólumes. "Vou lhe contar tudo", Miles disse – "Quero dizer que vou lhe contar tudo que a senhorita quiser. Ficará comigo e nós dois ficaremos bem e vou lhe contar – juro que vou. Mas não agora."

"Por que não agora?"

Minha insistência fez com que se afastasse de mim e aproximar-se da janela num silêncio tal entre nós que, enquanto durou, era possível ouvir o som da queda de um alfinete. Então, virou-se para mim com o ar de uma pessoa para quem, pelo lado de fora, alguém com quem deveria entender-se se encontrasse à espera. "Preciso ver Luke."

Eu ainda não o tinha reduzido a uma mentira tão crassa, e me senti proporcionalmente envergonhada. Mas, por mais que isso fosse horrível, suas mentiras fortaleciam meu desejo de contar a verdade. Dei pensativamente mais alguns pontos no tricô. "Bem, então, vá lá ver o Luke, e eu esperarei pelo que você prometeu. Mas, em troca disso, vou querer que você satisfaça, antes de sair, a um pedido bem menos importante."

Ele parecia sentir-se bem-sucedido o bastante para ser capaz de fazer ainda um pouco de barganha. "Bem menos importante...?"

"Sim, uma pequena fração do todo. Diga-me" – oh, meu tricô me preocupava, e eu estava muito alheia! – "se ontem pela tarde, você tirou minha carta da mesa do hall."

CAPÍTULO 24

Minha percepção de como ele recebeu o pedido, por um minuto, sofreu de algo que posso descrever apenas como sendo um feroz desdobramento – um golpe que, no início, quando me levantei, reduziu-me ao simples movimento cego de agarrá-lo, estreitá-lo e, recuando para procurar apoio no móvel mais próximo, mantê-lo instintivamente de costas para a janela. A aparição estava lá, de olhos cravados sobre nós, mais perto do que já a vira: Peter Quint fazia a sua entrada como uma sentinela zelando de uma prisão. O que vi a seguir foi que, pelo lado de fora, ele tinha alcançado a janela, e então percebi que, grudado à vidraça e lançando um olhar furioso através dela, oferecia mais uma vez ao aposento a sua face lívida de danação. Dizer que tomei uma decisão num segundo é representar de forma grosseira o que me aconteceu; no entanto, acredito que nenhuma outra mulher, tão oprimida como eu estava, recuperasse em tempo tão breve seu controle do ato. Ocorreu a mim no meio do horror à presença imediata que o ato seria, vendo e encarando o que eu via e encarava, encontrar um meio de proteger o menino da visão. A inspiração – não posso chamá-la de outro modo – era eu perceber, de maneira voluntária, de maneira transcendente, como eu podia fazê-lo. Era como lutar com um demônio pela salvação de uma alma humana, e, quando avaliei isso, vi como a alma humana – mantida, no tremor de minhas mãos, ao longo de meu braço – trazia um orvalho de suor na adorável fronte infantil. O rosto que estava tão perto do meu mostrava-se tão lívido quanto o rosto que estava contra a vidraça, e dele saiu um som, nem baixo nem fraco, mas como se viesse de muito, muito longe, que sorvi como uma aragem de perfume.

"Sim – eu tirei."

Ouvindo isso, com um gemido de alegria, estreitei-o, apertei-o ainda mais fortemente contra meu peito; e enquanto o mantinha ali, onde podia sentir na súbita febre de seu pequeno corpo a tremenda palpitação do pequeno coração, não tirava meus olhos da coisa que estava lá na janela, notando, a seguir, que ela se movia e mudava de posição. Comparei-a a uma sentinela, mas sua lenta rotação, por um momento, parecia-se mais com a ronda de uma besta frustrada na busca da presa. Mas minha coragem era tão grande naquele momento que, para não deixá-la evidente, tive que reduzir, por assim dizer, a sua chama. Enquanto isso a ferocidade do rosto estava de volta à janela, onde o miserável fitava como se vigiasse e esperasse. Foi a convicção de que podia

desafiá-lo agora, bem como a certeza positiva de que a criança nada percebia, que me fez continuar. "Para que você pegou a carta?"

"Para saber o que você dizia de mim."

"Você a abriu?"

"Sim, abri."

Meus olhos estavam agora, enquanto afrouxava meu abraço, sobre o rosto de Miles, no qual a cessação da ironia me mostrava como foi completa a ruína feita pela inquietação. Era prodigioso que finalmente, graças a meu triunfo, seus sentidos tivessem se fechado e a comunicação cessado: ele sabia que havia ali uma presença, mas não sabia de quê, e sabia ainda menos que eu também a percebia e conhecia. E que me importava essa fadiga atormentada se meus olhos tinham voltado à janela apenas para constatar que o ar estava puro outra vez e que – por meu triunfo pessoal – a influência se extinguira? Não havia mais nada ali. Senti que a causa disso fora a minha ação e que eu conseguira tudo. "E você não achou nada!" – pronunciei bem clara a minha conclusão.

Ele balançou a cabeça com a mais melancólica e pensativa das negativas. "Nada."

"Nada, nada!", eu quase gritava de alegria.

"Nada, nada", ele repetiu tristemente.

Beijei a sua testa; estava encharcada de suor. "Então, que foi que fez com ela?"

"Eu a queimei."

"Queimou-a?" Era agora ou nunca. "Era isso que você fazia no colégio?"

Oh, que coisas isso despertou! "No colégio?"

"Você pegava cartas? – ou pegava outras coisas?"

"Outras coisas?" Ele parecia agora pensar em alguma coisa muito remota e isso o atingia apenas através da pressão de sua ansiedade. No entanto, o atingia. "Quer dizer que eu roubava?"

Senti-me corada até a raiz dos cabelos, pensando se era mais estranho colocar a um cavalheiro uma tal questão ou vê-lo considerá-la com uma

indulgência que dava bem a medida da queda que sofrera. "Era por isso que você não podia voltar para lá?"

A única coisa que pareceu sentir foi uma triste e ligeira surpresa. "A senhorita sabia que eu não poderia voltar?"

"Eu sei tudo."

Ouvindo isso, lançou-me o mais estranho e longo dos olhares. "Tudo?"

"Tudo. Portanto, você...?" Mas não pude dizê-lo novamente.

Miles podia, de uma maneira muito simples. "Não. Eu não roubava."

Meu rosto devia estar mostrando que eu acreditava nele completamente; contudo, minhas mãos – mas eu o fazia por simples ternura – sacudiam-no como se eu quisesse lhe perguntar por que, se a coisa toda era por nada, ele tinha me condenado a meses de tormento. "O que foi que você fez, então?"

Ele olhou com uma dor vaga para o alto do quarto e tomou fôlego, duas ou três vezes, como se a resposta lhe fosse difícil. Parecia estar no fundo do mar e erguendo seus olhos na direção de alguma débil luz esverdeada. "Bem – eu dizia coisas."

"Só isso?"

"Acharam que era o bastante!"

"Para lhe expulsar?"

Nunca, na verdade, uma pessoa "expulsa" mostrara tão pouco capaz de explicar o fato como essa pequena criatura! Parecia pesar a minha questão, mas numa maneira completamente alheia e quase desamparada. "Bem, suponho que não devia ter feito aquilo."

"Mas a quem você dizia tais coisas?"

Ele fazia um esforço evidente para lembrar, mas a coisa lhe falhava – ele a perdia. "Eu não sei!"

Quase sorria para mim na desolação de sua derrota, que era de fato, nesse momento, tão completa que eu bem que devia ter parado aí. Mas eu estava fanática – minha vitória me deixava cega, tendo por conseqüência que, aquilo que devia aproximá-lo de mim, acabava por ser o causador de uma separação maior. "Dizia para todos?", perguntei.

"Não; disse apenas para...?" Mas tremeu a cabeça, enfastiado. "Eu não recordo os nomes deles."

"Eram tantos assim, então?"

"Não – só alguns. Aqueles de quem eu gostava."

Aqueles de quem gostava? Eu parecia flutuar não numa zona de claridade, mas noutra muito mais obscura, e dentro em pouco tinha ocorrido a mim, em meio à minha compaixão, a apavorante hipótese de ele talvez ser inocente. Era uma ideia confusa e abissal pois, se ele fosse inocente, que diabos seria eu? Paralisada, enquanto durou, pelo simples roçar da questão, deixei-o afastar-se um pouco, de modo que, com um suspiro profundo, deu-me de novo as costas; enquanto ele olhava para fora da janela clara, eu sofria, sentindo que não havia ali mais nada de que eu precisasse lhe proteger. "E eles repetiam o que você dizia?", continuei, um momento depois.

Ele tomara certa distância de mim, ainda respirando penosamente e com o jeito, embora sem se revoltar contra isso, de estar confinado contra a sua vontade. Mais uma vez, como o fizera antes, olhava para o dia fosco como se, de tudo que até aí o alimentara, nada mais restasse senão uma ansiedade indizível. "Oh, sim", ele respondeu, apesar de tudo – "eles devem ter repetido. Para aqueles de quem eles gostavam", acrescentou.

Havia, de algum modo, menos revelações do que eu esperara; mas eu insistia. "E essas coisas chegavam aos ouvidos...?"

"Dos professores? Não – meus colegas nunca disseram. É por isso que eu pergunto à senhorita."

Ele virou para mim novamente seu pequeno rosto febril. "Sim, era bem malvado."

"Bem malvado?"

"O que suponho ter dito algumas vezes. Para que eles chegassem a escrever para casa."

Não posso descrever a estranheza patética da contradição entre essa fala e quem a proferia; só sei dizer que nesse instante ouvi-me retrucar com energia familiar: "Bobagem e absurdo!" Mas a seguir devo ter parecido bastante severa. "Que coisas eram essas?"

Minha severidade dirigia-se toda ao seu juiz, ao seu carrasco; no

entanto, fez com que ele se desviasse, e esse movimento fez, por sua vez, com que eu me atirasse sobre ele, com um simples salto e um grito irreprimível. Pois lá estava de novo, atrás da vidraça, como se quisesse arruinar a sua confissão e estancar a sua resposta, o autor hediondo de nossa infelicidade – a lívida face da danação. Senti vertigens com o desmoronamento de minha vitória e com o todo o retorno de minha batalha, de modo que o ímpeto de meu verdadeiro salto servira apenas para me trair. Vi Miles, no meio de meu ato, olhando como se tentasse adivinhar, e percebendo que mesmo agora ele só tateava, e que, para seus olhos, a janela estava apenas vazia, deixei que o meu arrebatamento transformasse o clímax de sua decepção na própria prova de sua libertação. "Nunca mais, nunca mais, nunca mais!", eu gritava, enquanto tentava apertá-lo junto a mim, para meu visitante.

"Ela está aqui?" – perguntou Miles, ofegante, enquanto captava com seus olhos selados a direção das minhas palavras. A seguir, como seu estranho "ela" me fizera estremecer e, arfando, eu o repetira, ele, com uma fúria súbita, exclamou: "A Senhorita Jessel, a Senhorita Jessel!".

Estupefata, aproveitei-me de sua suposição – alguma sequela do que fizéramos com Flora, mas só o fiz por querer mostrar a ele que o que tínhamos ali era ainda melhor. "Não é a Senhorita Jessel! Mas está lá, na janela – direto diante de nós. Está lá – o monstro covarde, pela última vez!"

Ouvindo isso, depois de um momento em que sua cabeça fez um movimento parecido ao de um cão que tivesse perdido a pista e balançasse freneticamente à caça de ar e luz, voltou-se para mim lívido de raiva, aturdido, olhando inutilmente por toda parte e não encontrando a presença ampla e opressora que eu, nesse próprio momento, sentia encher o aposento com um gosto de veneno. "É ele?"

Eu estava tão decidida a obter todas as provas que me transformei em gelo para desafiá-lo. "Quem você quer dizer com 'ele'?"

"Peter Quint – seu demônio!" Seu rosto lançou novamente, vagando pelo quarto, uma convulsiva súplica. "Onde?"

Ainda estão em meus ouvidos sua rendição suprema ao nome e seu tributo à minha devoção. "Que importa ele agora, meu querido? – que importância poderá ter de agora em diante? Eu tenho você", dirigi-me à besta na janela, "mas ele perdeu você para sempre!" Então, como demonstração do meu trabalho, "Lá, lá!", eu disse para Miles.

Mas ele já saíra dos meus braços e vagava ao redor, arregalando os olhos, olhando com fúria, sem ver nada além de um dia tranquilo. Golpeado pela perda de que eu me orgulhava, ele emitiu o grito de uma criatura arremessada a um abismo, e o gesto com que o agarrei bem poderia ter sido o de recuperá-lo em plena queda. Eu recuperei-o, sim, eu abracei-o – pode-se imaginar com que paixão; mas ao fim de um minuto comecei a sentir o que na verdade estava abraçando. Estávamos a sós com o dia tranquilo, e seu pequeno coração, despossuído, deixara de bater.

FIM

THE TURN OF THE SCREW

PREFACE

The story had held us, round the fire, sufficiently breathless, but except the obvious remark that it was gruesome, as, on Christmas Eve in an old house, a strange tale should essentially be, I remember no comment uttered till somebody happened to say that it was the only case he had met in which such a visitation had fallen on a child. The case, I may mention, was that of an apparition in just such an old house as had gathered us for the occasion – an appearance, of a dreadful kind, to a little boy sleeping in the room with his mother and waking her up in the terror of it; waking her not to dissipate his dread and soothe him to sleep again, but to encounter also, herself, before she had succeeded in doing so, the same sight that had shaken him. It was this observation that drew from Douglas – not immediately, but later in the evening – a reply that had the interesting consequence to which I call attention. Someone else told a story not particularly effective, which I saw he was not following. This I took for a sign that he had himself something to produce and that we should only have to wait. We waited in fact till two nights later; but that same evening, before we scattered, he brought out what was in his mind.

"I quite agree – in regard to Griffin's ghost, or whatever it was – that its appearing first to the little boy, at so tender an age, adds a particular touch. But it's not the first occurrence of its charming kind that I know to have involved a child. If the child gives the effect another turn of the screw, what do you say to TWO children?"

"We say, of course," somebody exclaimed, "that they give two turns! Also that we want to hear about them."

I can see Douglas there before the fire, to which he had got up to present his back, looking down at his interlocutor with his hands in his pockets. "Nobody but me, till now, has ever heard. It's quite too horrible." This, naturally, was declared by several voices to give the thing the utmost price, and our friend, with quiet art, prepared his triumph by turning his eyes over the rest of us and going on: "It's beyond everything. Nothing at all that I know touches it."

"For sheer terror?" I remember asking.

He seemed to say it was not so simple as that; to be really at a loss how to qualify it. He passed his hand over his eyes, made a little wincing grimace.

"For dreadful – dreadfulness!"

"Oh, how delicious!" cried one of the women.

He took no notice of her; he looked at me, but as if, instead of me, he saw what he spoke of. "For general uncanny ugliness and horror and pain."

"Well then," I said, "just sit right down and begin."

He turned round to the fire, gave a kick to a log, watched it an instant. Then as he faced us again: "I can't begin. I shall have to send to town." There was a unanimous groan at this, and much reproach; after which, in his preoccupied way, he explained. "The story's written. It's in a locked drawer – it has not been out for years. I could write to my man and enclose the key; he could send down the packet as he finds it." It was to me in particular that he appeared to propound this – appeared almost to appeal for aid not to hesitate. He had broken a thickness of ice, the formation of many a winter; had had his reasons for a long silence. The others resented postponement, but it was just his scruples that charmed me. I adjured him to write by the first post and to agree with us for an early hearing; then I asked him if the experience in question had been his own. To this his answer was prompt. "Oh, thank God, no!"

"And is the record yours? You took the thing down?"

"Nothing but the impression. I took that HERE" – he tapped his heart. "I've never lost it."

"Then your manuscript?"

"Is in old, faded ink, and in the most beautiful hand." He hung fire again. "A woman's. She has been dead these twenty years. She sent me the pages in question before she died." They were all listening now, and of course there was somebody to be arch, or at any rate to draw the inference. But if he put the inference by without a smile it was also without irritation. "She was a most charming person, but she was ten years older than I. She was my sister's governess," he quietly said. "She was the most agreeable woman I've ever known in her position; she would have been worthy of any whatever. It was long ago, and this episode was long before. I was at Trinity, and I found her at home on my coming down the second summer. I was much there that year – it was a beautiful one; and we had, in her off-hours, some strolls and talks in the garden – talks in which she struck me as awfully clever and nice. Oh yes; don't grin: I liked her extremely and am glad to this day to think she liked me, too. If

she hadn't she wouldn't have told me. She had never told anyone. It wasn't simply that she said so, but that I knew she hadn't. I was sure; I could see. You'll easily judge why when you hear."

"Because the thing had been such a scare?"

He continued to fix me. "You'll easily judge," he repeated: "YOU will."

I fixed him, too. "I see. She was in love."

He laughed for the first time. "You ARE acute.

Yes, she was in love. That is, she had been. That came out – she couldn't tell her story without its coming out. I saw it, and she saw I saw it; but neither of us spoke of it. I remember the time and the place – the corner of the lawn, the shade of the great beeches and the long, hot summer afternoon. It wasn't a scene for a shudder; but oh!" He quitted the fire and dropped back into his chair.

"You'll receive the packet Thursday morning?" I inquired.

"Probably not till the second post."

"Well then; after dinner"

"You'll all meet me here?" He looked us round again. "Isn't anybody going?" It was almost the tone of hope.

"Everybody will stay!"

"I will" – and "I will!" cried the ladies whose departure had been fixed. Mrs. Griffin, however, expressed the need for a little more light. "Who was it she was in love with?"

"The story will tell," I took upon myself to reply.

"Oh, I can't wait for the story!"

"The story WON'T tell," said Douglas; "not in any literal, vulgar way."

"More's the pity, then. That's the only way I ever understand."

"Won't YOU tell, Douglas?" somebody else inquired.

He sprang to his feet again. "Yes – tomorrow. Now I must go to bed. Good night." And quickly catching up a candlestick, he left us slightly bewildered. From our end of the great brown hall we heard his step on the stair; whereupon Mrs. Griffin spoke. "Well, if I don't know who she was in love with,

I know who HE was."

"She was ten years older," said her husband.

"Raison de plus – at that age! But it's rather nice, his long reticence."

"Forty years!" Griffin put in.

"With this outbreak at last."

"The outbreak," I returned, "will make a tremendous occasion of Thursday night;" and everyone so agreed with me that, in the light of it, we lost all attention for everything else. The last story, however incomplete and like the mere opening of a serial, had been told; we handshook and "candlestuck," as somebody said, and went to bed.

I knew the next day that a letter containing the key had, by the first post, gone off to his London apartments; but in spite of – or perhaps just on account of – the eventual diffusion of this knowledge we quite let him alone till after dinner, till such an hour of the evening, in fact, as might best accord with the kind of emotion on which our hopes were fixed. Then he became as communicative as we could desire and indeed gave us his best reason for being so. We had it from him again before the fire in the hall, as we had had our mild wonders of the previous night. It appeared that the narrative he had promised to read us really required for a proper intelligence a few words of prologue. Let me say here distinctly, to have done with it, that this narrative, from an exact transcript of my own made much later, is what I shall presently give. Poor Douglas, before his death – when it was in sight – committed to me the manuscript that reached him on the third of these days and that, on the same spot, with immense effect, he began to read to our hushed little circle on the night of the fourth. The departing ladies who had said they would stay didn't, of course, thank heaven, stay: they departed, in consequence of arrangements made, in a rage of curiosity, as they professed, produced by the touches with which he had already worked us up. But that only made his little final auditory more compact and select, kept it, round the hearth, subject to a common thrill.

The first of these touches conveyed that the written statement took up the tale at a point after it had, in a manner, begun. The fact to be in possession of was therefore that his old friend, the youngest of several daughters of a poor country parson, had, at the age of twenty, on taking service for the first time in the schoolroom, come up to London, in trepidation, to answer in person an advertisement that had already placed her in brief correspondence with the

advertiser. This person proved, on her presenting herself, for judgment, at a house in Harley Street, that impressed her as vast and imposing – this prospective patron proved a gentleman, a bachelor in the prime of life, such a figure as had never risen, save in a dream or an old novel, before a fluttered, anxious girl out of a Hampshire vicarage. One could easily fix his type; it never, happily, dies out. He was handsome and bold and pleasant, offhand and gay and kind. He struck her, inevitably, as gallant and splendid, but what took her most of all and gave her the courage she afterward showed was that he put the whole thing to her as a kind of favor, an obligation he should gratefully incur. She conceived him as rich, but as fearfully extravagant – saw him all in a glow of high fashion, of good looks, of expensive habits, of charming ways with women. He had for his own town residence a big house filled with the spoils of travel and the trophies of the chase; but it was to his country home, an old family place in Essex, that he wished her immediately to proceed.

He had been left, by the death of their parents in India, guardian to a small nephew and a small niece, children of a younger, a military brother, whom he had lost two years before. These children were, by the strangest of chances for a man in his position – a lone man without the right sort of experience or a grain of patience – very heavily on his hands. It had all been a great worry and, on his own part doubtless, a series of blunders, but he immensely pitied the poor chicks and had done all he could; had in particular sent them down to his other house, the proper place for them being of course the country, and kept them there, from the first, with the best people he could find to look after them, parting even with his own servants to wait on them and going down himself, whenever he might, to see how they were doing. The awkward thing was that they had practically no other relations and that his own affairs took up all his time. He had put them in possession of Bly, which was healthy and secure, and had placed at the head of their little establishment – but below stairs only – an excellent woman, Mrs. Grose, whom he was sure his visitor would like and who had formerly been maid to his mother. She was now housekeeper and was also acting for the time as superintendent to the little girl, of whom, without children of her own, she was, by good luck, extremely fond. There were plenty of people to help, but of course the young lady who should go down as governess would be in supreme authority. She would also have, in holidays, to look after the small boy, who had been for a term at school – young as he was to be sent, but what else could be done? – and who, as the holidays were about to begin, would be back from one day to the other. There had been for the two children at

first a young lady whom they had had the misfortune to lose. She had done for them quite beautifully – she was a most respectable person – till her death, the great awkwardness of which had, precisely, left no alternative but the school for little Miles. Mrs. Grose, since then, in the way of manners and things, had done as she could for Flora; and there were, further, a cook, a housemaid, a dairywoman, an old pony, an old groom, and an old gardener, all likewise thoroughly respectable.

So far had Douglas presented his picture when someone put a question. "And what did the former governess die of? – of so much respectability?"

Our friend's answer was prompt. "That will come out. I don't anticipate."

"Excuse me – I thought that was just what you ARE doing."

"In her successor's place," I suggested, "I should have wished to learn if the office brought with it"

"Necessary danger to life?" Douglas completed my thought. "She did wish to learn, and she did learn. You shall hear tomorrow what she learned. Meanwhile, of course, the prospect struck her as slightly grim. She was young, untried, nervous: it was a vision of serious duties and little company, of really great loneliness. She hesitated – took a couple of days to consult and consider. But the salary offered much exceeded her modest measure, and on a second interview she faced the music, she engaged." And Douglas, with this, made a pause that, for the benefit of the company, moved me to throw in.

"The moral of which was of course the seduction exercised by the splendid young man. She succumbed to it."

He got up and, as he had done the night before, went to the fire, gave a stir to a log with his foot, then stood a moment with his back to us. "She saw him only twice."

"Yes, but that's just the beauty of her passion."

A little to my surprise, on this, Douglas turned round to me. "It WAS the beauty of it. There were others," he went on, "who hadn't succumbed. He told her frankly all his difficulty – that for several applicants the conditions had been prohibitive. They were, somehow, simply afraid. It sounded dull – it sounded strange; and all the more so because of his main condition."

"Which was?"

"That she should never trouble him – but never, never: neither appeal nor complain nor write about anything; only meet all questions herself, receive all moneys from his solicitor, take the whole thing over and let him alone. She promised to do this, and she mentioned to me that when, for a moment, disburdened, delighted, he held her hand, thanking her for the sacrifice, she already felt rewarded."

"But was that all her reward?" one of the ladies asked.

"She never saw him again."

"Oh!" said the lady; which, as our friend immediately left us again, was the only other word of importance contributed to the subject till, the next night, by the corner of the hearth, in the best chair, he opened the faded red cover of a thin old-fashioned gilt-edged album. The whole thing took indeed more nights than one, but on the first occasion the same lady put another question. "What is your title?"

"I haven't one."

"Oh, I have!" I said. But Douglas, without heeding me, had begun to read with a fine clearness that was like a rendering to the ear of the beauty of his author's hand.

CHAPTER 1

I remember the whole beginning as a succession of flights and drops, a little seesaw of the right throbs and the wrong. After rising, in town, to meet his appeal, I had at all events a couple of very bad days – found myself doubtful again, felt indeed sure I had made a mistake. In this state of mind I spent the long hours of bumping, swinging coach that carried me to the stopping place at which I was to be met by a vehicle from the house. This convenience, I was told, had been ordered, and I found, toward the close of the June afternoon, a commodious fly in waiting for me. Driving at that hour, on a lovely day, through a country to which the summer sweetness seemed to offer me a friendly welcome, my fortitude mounted afresh and, as we turned into the avenue, encountered a reprieve that was probably but a proof of the point to which it had sunk. I suppose I had expected, or had dreaded, something so melancholy that what greeted me was a good surprise. I remember as a most pleasant impression the broad, clear front, its open windows and fresh curtains and the pair of maids looking out; I remember the lawn and the bright flowers and the crunch of my wheels on the gravel and the clustered treetops over which the rooks circled and cawed in the golden sky. The scene had a greatness that made it a different affair from my own scant home, and there immediately appeared at the door, with a little girl in her hand, a civil person who dropped me as decent a curtsy as if I had been the mistress or a distinguished visitor. I had received in Harley Street a narrower notion of the place, and that, as I recalled it, made me think the proprietor still more of a gentleman, suggested that what I was to enjoy might be something beyond his promise.

I had no drop again till the next day, for I was carried triumphantly through the following hours by my introduction to the younger of my pupils. The little girl who accompanied Mrs. Grose appeared to me on the spot a creature so charming as to make it a great fortune to have to do with her. She was the most beautiful child I had ever seen, and I afterward wondered that my employer had not told me more of her. I slept little that night – I was too much excited; and this astonished me, too, I recollect, remained with me, adding to my sense of the liberality with which I was treated. The large, impressive room, one of the best in the house, the great state bed, as I almost felt it, the full, figured draperies, the long glasses in which, for the first time, I could see myself from head to foot, all struck me – like the extraordinary charm of my small charge – as

so many things thrown in. It was thrown in as well, from the first moment, that I should get on with Mrs. Grose in a relation over which, on my way, in the coach, I fear I had rather brooded. The only thing indeed that in this early outlook might have made me shrink again was the clear circumstance of her being so glad to see me. I perceived within half an hour that she was so glad – stout, simple, plain, clean, wholesome woman – as to be positively on her guard against showing it too much. I wondered even then a little why she should wish not to show it, and that, with reflection, with suspicion, might of course have made me uneasy.

But it was a comfort that there could be no uneasiness in a connection with anything so beatific as the radiant image of my little girl, the vision of whose angelic beauty had probably more than anything else to do with the restlessness that, before morning, made me several times rise and wander about my room to take in the whole picture and prospect; to watch, from my open window, the faint summer dawn, to look at such portions of the rest of the house as I could catch, and to listen, while, in the fading dusk, the first birds began to twitter, for the possible recurrence of a sound or two, less natural and not without, but within, that I had fancied I heard. There had been a moment when I believed I recognized, faint and far, the cry of a child; there had been another when I found myself just consciously starting as at the passage, before my door, of a light footstep. But these fancies were not marked enough not to be thrown off, and it is only in the light, or the gloom, I should rather say, of other and subsequent matters that they now come back to me. To watch, teach, "form" little Flora would too evidently be the making of a happy and useful life. It had been agreed between us downstairs that after this first occasion I should have her as a matter of course at night, her small white bed being already arranged, to that end, in my room. What I had undertaken was the whole care of her, and she had remained, just this last time, with Mrs. Grose only as an effect of our consideration for my inevitable strangeness and her natural timidity. In spite of this timidity – which the child herself, in the oddest way in the world, had been perfectly frank and brave about, allowing it, without a sign of uncomfortable consciousness, with the deep, sweet serenity indeed of one of Raphael's holy infants, to be discussed, to be imputed to her, and to determine us – I feel quite sure she would presently like me. It was part of what I already liked Mrs. Grose herself for, the pleasure I could see her feel in my admiration and wonder as I sat at supper with four tall candles and with my pupil, in a high chair and a bib, brightly facing me, between them, over bread and milk. There

were naturally things that in Flora's presence could pass between us only as prodigious and gratified looks, obscure and roundabout allusions.

"And the little boy – does he look like her? Is he too so very remarkable?"

One wouldn't flatter a child. "Oh, miss, MOST remarkable. If you think well of this one!" – and she stood there with a plate in her hand, beaming at our companion, who looked from one of us to the other with placid heavenly eyes that contained nothing to check us.

"Yes; if I do?"

"You WILL be carried away by the little gentleman!"

"Well, that, I think, is what I came for – to be carried away. I'm afraid, however," I remember feeling the impulse to add, "I'm rather easily carried away. I was carried away in London!"

I can still see Mrs. Grose's broad face as she took this in. "In Harley Street?"

"In Harley Street."

"Well, miss, you're not the first – and you won't be the last."

"Oh, I've no pretension," I could laugh, "to being the only one. My other pupil, at any rate, as I understand, comes back tomorrow?"

"Not tomorrow – Friday, miss. He arrives, as you did, by the coach, under care of the guard, and is to be met by the same carriage."

I forthwith expressed that the proper as well as the pleasant and friendly thing would be therefore that on the arrival of the public conveyance I should be in waiting for him with his little sister; an idea in which Mrs. Grose concurred so heartily that I somehow took her manner as a kind of comforting pledge – never falsified, thank heaven! – that we should on every question be quite at one. Oh, she was glad I was there!

What I felt the next day was, I suppose, nothing that could be fairly called a reaction from the cheer of my arrival; it was probably at the most only a slight oppression produced by a fuller measure of the scale, as I walked round them, gazed up at them, took them in, of my new circumstances. They had, as it were, an extent and mass for which I had not been prepared and in the presence of which I found myself, freshly, a little scared as well as a little proud. Lessons,

in this agitation, certainly suffered some delay; I reflected that my first duty was, by the gentlest arts I could contrive, to win the child into the sense of knowing me. I spent the day with her out-of-doors; I arranged with her, to her great satisfaction, that it should be she, she only, who might show me the place. She showed it step by step and room by room and secret by secret, with droll, delightful, childish talk about it and with the result, in half an hour, of our becoming immense friends. Young as she was, I was struck, throughout our little tour, with her confidence and courage with the way, in empty chambers and dull corridors, on crooked staircases that made me pause and even on the summit of an old machicolated square tower that made me dizzy, her morning music, her disposition to tell me so many more things than she asked, rang out and led me on. I have not seen Bly since the day I left it, and I daresay that to my older and more informed eyes it would now appear sufficiently contracted. But as my little conductress, with her hair of gold and her frock of blue, danced before me round corners and pattered down passages, I had the view of a castle of romance inhabited by a rosy sprite, such a place as would somehow, for diversion of the young idea, take all color out of storybooks and fairytales. Wasn't it just a storybook over which I had fallen adoze and adream? No; it was a big, ugly, antique, but convenient house, embodying a few features of a building still older, half-replaced and half-utilized, in which I had the fancy of our being almost as lost as a handful of passengers in a great drifting ship. Well, I was, strangely, at the helm!

CHAPTER 2

This came home to me when, two days later, I drove over with Flora to meet, as Mrs. Grose said, the little gentleman; and all the more for an incident that, presenting itself the second evening, had deeply disconcerted me. The first day had been, on the whole, as I have expressed, reassuring; but I was to see it wind up in keen apprehension. The postbag, that evening – it came late – contained a letter for me, which, however, in the hand of my employer, I found to be composed but of a few words enclosing another, addressed to himself, with a seal still unbroken. "This, I recognize, is from the headmaster, and the headmaster's an awful bore. Read him, please; deal with him; but mind you don't report. Not a word. I'm off!" I broke the seal with a great effort – so great a one that I was a long time coming to it; took the unopened missive at last up to my room and only attacked it just before going to bed. I had better have let it wait till morning, for it gave me a second sleepless night. With no counsel to take, the next day, I was full of distress; and it finally got so the better of me that I determined to open myself at least to Mrs. Grose.

"What does it mean? The child's dismissed his school."

She gave me a look that I remarked at the moment; then, visibly, with a quick blankness, seemed to try to take it back. "But aren't they all?"

"Sent home – yes. But only for the holidays. Miles may never go back at all."

Consciously, under my attention, she reddened. "They won't take him?"

"They absolutely decline."

At this she raised her eyes, which she had turned from me; I saw them fill with good tears. "What has he done?"

I hesitated; then I judged best simply to hand her my letter – which, however, had the effect of making her, without taking it, simply put her hands behind her. She shook her head sadly. "Such things are not for me, miss."

My counselor couldn't read! I winced at my mistake, which I attenuated as I could, and opened my letter again to repeat it to her; then, faltering in the act and folding it up once more, I put it back in my pocket. "Is he really BAD?"

The tears were still in her eyes. "Do the gentlemen say so?"

"They go into no particulars. They simply express their regret that it should be impossible to keep him. That can have only one meaning." Mrs. Grose listened with dumb emotion; she forbore to ask me what this meaning might be; so that, presently, to put the thing with some coherence and with the mere aid of her presence to my own mind, I went on: "That he's an injury to the others."

At this, with one of the quick turns of simple folk, she suddenly flamed up.

"Master Miles! HIM an injury?"

There was such a flood of good faith in it that, though I had not yet seen the child, my very fears made me jump to the absurdity of the idea. I found myself, to meet my friend the better, offering it, on the spot, sarcastically. "To his poor little innocent mates!"

"It's too dreadful," cried Mrs. Grose, "to say such cruel things! Why, he's scarce ten years old."

"Yes, yes; it would be incredible."

She was evidently grateful for such a profession. "See him, miss, first. THEN believe it!" I felt forthwith a new impatience to see him; it was the beginning of a curiosity that, for all the next hours, was to deepen almost to pain. Mrs. Grose was aware, I could judge, of what she had produced in me, and she followed it up with assurance. "You might as well believe it of the little lady. Bless her," she added the next moment "LOOK at her!"

I turned and saw that Flora, whom, ten minutes before, I had established in the schoolroom with a sheet of white paper, a pencil, and a copy of nice "round o's," now presented herself to view at the open door. She expressed in her little way an extraordinary detachment from disagreeable duties, looking to me, however, with a great childish light that seemed to offer it as a mere result of the affection she had conceived for my person, which had rendered necessary that she should follow me. I needed nothing more than this to feel the full force of Mrs. Grose's comparison, and, catching my pupil in my arms, covered her with kisses in which there was a sob of atonement.

Nonetheless, the rest of the day I watched for further occasion to approach my colleague, especially as, toward evening, I began to fancy she rather sought to avoid me. I overtook her, I remember, on the staircase; we went down

together, and at the bottom I detained her, holding her there with a hand on her arm. "I take what you said to me at noon as a declaration that YOU'VE never known him to be bad."

She threw back her head; she had clearly, by this time, and very honestly, adopted an attitude. "Oh, never known him – I don't pretend THAT!"

I was upset again. "Then you HAVE known him?"

"Yes indeed, miss, thank God!"

On reflection I accepted this. "You mean that a boy who never is?"

"Is no boy for ME!"

I held her tighter. "You like them with the spirit to be naughty?" Then, keeping pace with her answer, "So do I!" I eagerly brought out. "But not to the degree to contaminate"

"To contaminate?" – my big word left her at a loss. I explained it. "To corrupt."

She stared, taking my meaning in; but it produced in her an odd laugh. "Are you afraid he'll corrupt YOU?" She put the question with such a fine bold humor that, with a laugh, a little silly doubtless, to match her own, I gave way for the time to the apprehension of ridicule.

But the next day, as the hour for my drive approached, I cropped up in another place. "What was the lady who was here before?"

"The last governess? She was also young and pretty – almost as young and almost as pretty, miss, even as you."

"Ah, then, I hope her youth and her beauty helped her!" I recollect throwing off. "He seems to like us young and pretty!"

"Oh, he DID," Mrs. Grose assented: "it was the way he liked everyone!" She had no sooner spoken indeed than she caught herself up. "I mean that's HIS way - the master's."

I was struck. "But of whom did you speak first?"

She looked blank, but she colored. "Why, of HIM."

"Of the master?"

"Of who else?"

There was so obviously no one else that the next moment I had lost my impression of her having accidentally said more than she meant; and I merely asked what I wanted to know. "Did SHE see anything in the boy?"

"That wasn't right? She never told me."

I had a scruple, but I overcame it. "Was she careful – particular?"

Mrs. Grose appeared to try to be conscientious. "About some things – yes."

"But not about all?"

Again she considered. "Well, miss – she's gone. I won't tell tales."

"I quite understand your feeling," I hastened to reply; but I thought it, after an instant, not opposed to this concession to pursue: "Did she die here?"

"No – she went off."

I don't know what there was in this brevity of Mrs. Grose's that struck me as ambiguous. "Went off to die?" Mrs. Grose looked straight out of the window, but I felt that, hypothetically, I had a right to know what young persons engaged for Bly were expected to do. "She was taken ill, you mean, and went home?"

"She was not taken ill, so far as appeared, in this house. She left it, at the end of the year, to go home, as she said, for a short holiday, to which the time she had put in had certainly given her a right. We had then a young woman – a nursemaid who had stayed on and who was a good girl and clever; and SHE took the children altogether for the interval. But our young lady never came back, and at the very moment I was expecting her I heard from the master that she was dead."

I turned this over. "But of what?"

"He never told me! But please, miss," said Mrs. Grose, "I must get to my work."

CHAPTER 3

Her thus turning her back on me was fortunately not, for my just preoccupations, a snub that could check the growth of our mutual esteem. We met, after I had brought home little Miles, more intimately than ever on the ground of my stupefaction, my general emotion: so monstrous was I then ready to pronounce it that such a child as had now been revealed to me should be under an interdict. I was a little late on the scene, and I felt, as he stood wistfully looking out for me before the door of the inn at which the coach had put him down, that I had seen him, on the instant, without and within, in the great glow of freshness, the same positive fragrance of purity, in which I had, from the first moment, seen his little sister. He was incredibly beautiful, and Mrs. Grose had put her finger on it: everything but a sort of passion of tenderness for him was swept away by his presence. What I then and there took him to my heart for was something divine that I have never found to the same degree in any child – his indescribable little air of knowing nothing in the world but love. It would have been impossible to carry a bad name with a greater sweetness of innocence, and by the time I had got back to Bly with him I remained merely bewildered – so far, that is, as I was not outraged – by the sense of the horrible letter locked up in my room, in a drawer. As soon as I could compass a private word with Mrs. Grose I declared to her that it was grotesque.

She promptly understood me. "You mean the cruel charge?"

"It doesn't live an instant. My dear woman, LOOK at him!"

She smiled at my pretention to have discovered his charm. "I assure you, miss, I do nothing else! What will you say, then?" she immediately added.

"In answer to the letter?" I had made up my mind. "Nothing."

"And to his uncle?"

I was incisive. "Nothing."

"And to the boy himself?"

I was wonderful. "Nothing."

She gave with her apron a great wipe to her mouth. "Then I'll stand by you. We'll see it out."

"We'll see it out!" I ardently echoed, giving her my hand to make it a

vow.

She held me there a moment, then whisked up her apron again with her detached hand. "Would you mind, miss, if I used the freedom.

"To kiss me? No!" I took the good creature in my arms and, after we had embraced like sisters, felt still more fortified and indignant.

This, at all events, was for the time: a time so full that, as I recall the way it went, it reminds me of all the art I now need to make it a little distinct. What I look back at with amazement is the situation I accepted. I had undertaken, with my companion, to see it out, and I was under a charm, apparently, that could smooth away the extent and the far and difficult connections of such an effort. I was lifted aloft on a great wave of infatuation and pity. I found it simple, in my ignorance, my confusion, and perhaps my conceit, to assume that I could deal with a boy whose education for the world was all on the point of beginning. I am unable even to remember at this day what proposal I framed for the end of his holidays and the resumption of his studies. Lessons with me, indeed, that charming summer, we all had a theory that he was to have; but I now feel that, for weeks, the lessons must have been rather my own. I learned something – at first, certainly – that had not been one of the teachings of my small, smothered life; learned to be amused, and even amusing, and not to think for the morrow. It was the first time, in a manner, that I had known space and air and freedom, all the music of summer and all the mystery of nature. And then there was consideration – and consideration was sweet. Oh, it was a trap – not designed, but deep – to my imagination, to my delicacy, perhaps to my vanity; to whatever, in me, was most excitable. The best way to picture it all is to say that I was off my guard. They gave me so little trouble – they were of a gentleness so extraordinary. I used to speculate – but even this with a dim disconnectedness – as to how the rough future (for all futures are rough!) would handle them and might bruise them. They had the bloom of health and happiness; and yet, as if I had been in charge of a pair of little grandees, of princes of the blood, for whom everything, to be right, would have to be enclosed and protected, the only form that, in my fancy, the afteryears could take for them was that of a romantic, a really royal extension of the garden and the park. It may be, of course, above all, that what suddenly broke into this gives the previous time a charm of stillness – that hush in which something gathers or crouches. The change was actually like the spring of a beast.

In the first weeks the days were long; they often, at their finest, gave me

what I used to call my own hour, the hour when, for my pupils, teatime and bedtime having come and gone, I had, before my final retirement, a small interval alone. Much as I liked my companions, this hour was the thing in the day I liked most; and I liked it best of all when, as the light faded – or rather, I should say, the day lingered and the last calls of the last birds sounded, in a flushed sky, from the old trees – I could take a turn into the grounds and enjoy, almost with a sense of property that amused and flattered me, the beauty and dignity of the place. It was a pleasure at these moments to feel myself tranquil and justified; doubtless, perhaps, also to reflect that by my discretion, my quiet good sense and general high propriety, I was giving pleasure – if he ever thought of it! – to the person to whose pressure I had responded. What I was doing was what he had earnestly hoped and directly asked of me, and that I COULD, after all, do it proved even a greater joy than I had expected. I daresay I fancied myself, in short, a remarkable young woman and took comfort in the faith that this would more publicly appear. Well, I needed to be remarkable to offer a front to the remarkable things that presently gave their first sign.

It was plump, one afternoon, in the middle of my very hour: the children were tucked away, and I had come out for my stroll. One of the thoughts that, as I don't in the least shrink now from noting, used to be with me in these wanderings was that it would be as charming as a charming story suddenly to meet someone. Someone would appear there at the turn of a path and would stand before me and smile and approve. I didn't ask more than that – I only asked that he should KNOW; and the only way to be sure he knew would be to see it, and the kind light of it, in his handsome face. That was exactly present to me – by which I mean the face was – when, on the first of these occasions, at the end of a long June day, I stopped short on emerging from one of the plantations and coming into view of the house. What arrested me on the spot – and with a shock much greater than any vision had allowed for – was the sense that my imagination had, in a flash, turned real. He did stand there! – but high up, beyond the lawn and at the very top of the tower to which, on that first morning, little Flora had conducted me. This tower was one of a pair – square, incongruous, crenelated structures – that was distinguished, for some reason, though I could see little difference, as the new and the old. They flanked opposite ends of the house and were probably architectural absurdities, redeemed in a measure indeed by not being wholly disengaged nor of a height too pretentious, dating, in their gingerbread antiquity, from a romantic revival that was already a respectable past. I admired them, had fancies about them, for

we could all profit in a degree, especially when they loomed through the dusk, by the grandeur of their actual battlements; yet it was not at such an elevation that the figure I had so often invoked seemed most in place.

It produced in me, this figure, in the clear twilight, I remember, two distinct gasps of emotion, which were, sharply, the shock of my first and that of my second surprise. My second was a violent perception of the mistake of my first: the man who met my eyes was not the person I had precipitately supposed. There came to me thus a bewilderment of vision of which, after these years, there is no living view that I can hope to give. An unknown man in a lonely place is a permitted object of fear to a young woman privately bred; and the figure that faced me was – a few more seconds assured me – as little anyone else I knew as it was the image that had been in my mind. I had not seen it in Harley Street – I had not seen it anywhere. The place, moreover, in the strangest way in the world, had, on the instant, and by the very fact of its appearance, become solitude. To me at least, making my statement here with a deliberation with which I have never made it, the whole feeling of the moment returns. It was as if, while I took in – what I did take in – all the rest of the scene had been stricken with death. I can hear again, as I write, the intense hush in which the sounds of evening dropped. The rooks stopped cawing in the golden sky, and the friendly hour lost, for the minute, all its voice. But there was no other change in nature, unless indeed it was a change that I saw with a stranger sharpness. The gold was still in the sky, the clearness in the air, and the man who looked at me over the battlements was as definite as a picture in a frame. That's how I thought, with extraordinary quickness, of each person that he might have been and that he was not. We were confronted across our distance quite long enough for me to ask myself with intensity who then he was and to feel, as an effect of my inability to say, a wonder that in a few instants more became intense.

The great question, or one of these, is, afterward, I know, with regard to certain matters, the question of how long they have lasted. Well, this matter of mine, think what you will of it, lasted while I caught at a dozen possibilities, none of which made a difference for the better, that I could see, in there having been in the house – and for how long, above all? – a person of whom I was in ignorance. It lasted while I just bridled a little with the sense that my office demanded that there should be no such ignorance and no such person. It lasted while this visitant, at all events – and there was a touch of the strange freedom, as I remember, in the sign of familiarity of his wearing no hat – seemed to fix me,

from his position, with just the question, just the scrutiny through the fading light, that his own presence provoked. We were too far apart to call to each other, but there was a moment at which, at shorter range, some challenge between us, breaking the hush, would have been the right result of our straight mutual stare. He was in one of the angles, the one away from the house, very erect, as it struck me, and with both hands on the ledge. So I saw him as I see the letters I form on this page; then, exactly, after a minute, as if to add to the spectacle, he slowly changed his place – passed, looking at me hard all the while, to the opposite corner of the platform. Yes, I had the sharpest sense that during this transit he never took his eyes from me, and I can see at this moment the way his hand, as he went, passed from one of the crenelations to the next. He stopped at the other corner, but less long, and even as he turned away still markedly fixed me. He turned away; that was all I knew.

CHAPTER 4

It was not that I didn't wait, on this occasion, for more, for I was rooted as deeply as I was shaken. Was there a "secret" at Bly – a mystery of Udolpho or an insane, an unmentionable relative kept in unsuspected confinement? I can't say how long I turned it over, or how long, in a confusion of curiosity and dread, I remained where I had had my collision; I only recall that when I re-entered the house darkness had quite closed in. Agitation, in the interval, certainly had held me and driven me, for I must, in circling about the place, have walked three miles; but I was to be, later on, so much more overwhelmed that this mere dawn of alarm was a comparatively human chill. The most singular part of it, in fact – singular as the rest had been – was the part I became, in the hall, aware of in meeting Mrs. Grose. This picture comes back to me in the general train – the impression, as I received it on my return, of the wide white panelled space, bright in the lamplight and with its portraits and red carpet, and of the good surprised look of my friend, which immediately told me she had missed me. It came to me straightway, under her contact, that, with plain heartiness, mere relieved anxiety at my appearance, she knew nothing whatever that could bear upon the incident I had there ready for her. I had not suspected in advance that her comfortable face would pull me up, and I somehow measured the importance of what I had seen by my thus finding myself hesitate to mention it. Scarce anything in the whole history seems to me so odd as this fact that my real beginning of fear was one, as I may say, with the instinct of sparing my companion. On the spot, accordingly, in the pleasant hall and with her eyes on me, I, for a reason that I couldn't then have phrased, achieved an inward resolution – offered a vague pretext for my lateness and, with the plea of the beauty of the night and of the heavy dew and wet feet, went as soon as possible to my room.

Here it was another affair; here, for many days after, it was a queer affair enough. There were hours, from day to day – or at least there were moments, snatched even from clear duties – when I had to shut myself up to think. It was not so much yet that I was more nervous than I could bear to be as that I was remarkably afraid of becoming so; for the truth I had now to turn over was, simply and clearly, the truth that I could arrive at no account whatever of the visitor with whom I had been so inexplicably and yet, as it seemed to me, so intimately concerned. It took little time to see that I could sound without forms

of inquiry and without exciting remark any domestic complications. The shock I had suffered must have sharpened all my senses; I felt sure, at the end of three days and as the result of mere closer attention, that I had not been practiced upon by the servants nor made the object of any "game." Of whatever it was that I knew, nothing was known around me. There was but one sane inference: someone had taken a liberty rather gross. That was what, repeatedly, I dipped into my room and locked the door to say to myself. We had been, collectively, subject to an intrusion; some unscrupulous traveler, curious in old houses, had made his way in unobserved, enjoyed the prospect from the best point of view, and then stolen out as he came. If he had given me such a bold hard stare, that was but a part of his indiscretion. The good thing, after all, was that we should surely see no more of him.

This was not so good a thing, I admit, as not to leave me to judge that what, essentially, made nothing else much signify was simply my charming work. My charming work was just my life with Miles and Flora, and through nothing could I so like it as through feeling that I could throw myself into it in trouble. The attraction of my small charges was a constant joy, leading me to wonder afresh at the vanity of my original fears, the distaste I had begun by entertaining for the probable gray prose of my office. There was to be no gray prose, it appeared, and no long grind; so how could work not be charming that presented itself as daily beauty? It was all the romance of the nursery and the poetry of the schoolroom. I don't mean by this, of course, that we studied only fiction and verse; I mean I can express no otherwise the sort of interest my companions inspired. How can I describe that except by saying that instead of growing used to them –and it's a marvel for a governess: I call the sisterhood to witness! – I made constant fresh discoveries. There was one direction, assuredly, in which these discoveries stopped: deep obscurity continued to cover the region of the boy's conduct at school. It had been promptly given me, I have noted, to face that mystery without a pang. Perhaps even it would be nearer the truth to say that – without a word – he himself had cleared it up. He had made the whole charge absurd. My conclusion bloomed there with the real rose flush of his innocence: he was only too fine and fair for the little horrid, unclean school world, and he had paid a price for it. I reflected acutely that the sense of such differences, such superiorities of quality, always, on the part of the majority – which could include even stupid, sordid headmasters – turn infallibly to the vindictive.

Both the children had a gentleness (it was their only fault, and it never made Miles a muff) that kept them – how shall I express it? – almost impersonal and certainly quite unpunishable. They were like the cherubs of the anecdote, who had – morally, at any rate – nothing to whack! I remember feeling with Miles in especial as if he had had, as it were, no history. We expect of a small child a scant one, but there was in this beautiful little boy something extraordinarily sensitive, yet extraordinarily happy, that, more than in any creature of his age I have seen, struck me as beginning anew each day. He had never for a second suffered. I took this as a direct disproof of his having really been chastised. If he had been wicked he would have "caught" it, and I should have caught it by the rebound – I should have found the trace. I found nothing at all, and he was therefore an angel. He never spoke of his school, never mentioned a comrade or a master; and I, for my part, was quite too much disgusted to allude to them. Of course I was under the spell, and the wonderful part is that, even at the time, I perfectly knew I was. But I gave myself up to it; it was an antidote to any pain, and I had more pains than one. I was in receipt in these days of disturbing letters from home, where things were not going well. But with my children, what things in the world mattered? That was the question I used to put to my scrappy retirements. I was dazzled by their loveliness.

There was a Sunday – to get on – when it rained with such force and for so many hours that there could be no procession to church; in consequence of which, as the day declined, I had arranged with Mrs. Grose that, should the evening show improvement, we would attend together the late service. The rain happily stopped, and I prepared for our walk, which, through the park and by the good road to the village, would be a matter of twenty minutes. Coming downstairs to meet my colleague in the hall, I remembered a pair of gloves that had required three stitches and that had received them – with a publicity perhaps not edifying – while I sat with the children at their tea, served on Sundays, by exception, in that cold, clean temple of mahogany and brass, the "grown-up" dining room. The gloves had been dropped there, and I turned in to recover them. The day was gray enough, but the afternoon light still lingered, and it enabled me, on crossing the threshold, not only to recognize, on a chair near the wide window, then closed, the articles I wanted, but to become aware of a person on the other side of the window and looking straight in. One step into the room had sufficed; my vision was instantaneous; it was all there. The person looking straight in was the person who had already appeared to me. He appeared thus again with I won't say greater distinctness, for that was

impossible, but with a nearness that represented a forward stride in our intercourse and made me, as I met him, catch my breath and turn cold. He was the same – he was the same, and seen, this time, as he had been seen before, from the waist up, the window, though the dining room was on the ground floor, not going down to the terrace on which he stood. His face was close to the glass, yet the effect of this better view was, strangely, only to show me how intense the former had been. He remained but a few seconds – long enough to convince me he also saw and recognized; but it was as if I had been looking at him for years and had known him always. Something, however, happened this time that had not happened before; his stare into my face, through the glass and across the room, was as deep and hard as then, but it quitted me for a moment during which I could still watch it, see it fix successively several other things. On the spot there came to me the added shock of a certitude that it was not for me he had come there. He had come for someone else.

The flash of this knowledge – for it was knowledge in the midst of dread – produced in me the most extraordinary effect, started as I stood there, a sudden vibration of duty and courage. I say courage because I was beyond all doubt already far gone. I bounded straight out of the door again, reached that of the house, got, in an instant, upon the drive, and, passing along the terrace as fast as I could rush, turned a corner and came full in sight. But it was in sight of nothing now – my visitor had vanished. I stopped, I almost dropped, with the real relief of this; but I took in the whole scene – I gave him time to reappear. I call it time, but how long was it? I can't speak to the purpose today of the duration of these things. That kind of measure must have left me: they couldn't have lasted as they actually appeared to me to last. The terrace and the whole place, the lawn and the garden beyond it, all I could see of the park, were empty with a great emptiness. There were shrubberies and big trees, but I remember the clear assurance I felt that none of them concealed him. He was there or was not there: not there if I didn't see him. I got hold of this; then, instinctively, instead of returning as I had come, went to the window. It was confusedly present to me that I ought to place myself where he had stood. I did so; I applied my face to the pane and looked, as he had looked, into the room. As if, at this moment, to show me exactly what his range had been, Mrs. Grose, as I had done for himself just before, came in from the hall. With this I had the full image of a repetition of what had already occurred. She saw me as I had seen my own visitant; she pulled up short as I had done; I gave her something of the shock that I had received. She turned white, and this made me ask myself if I had

blanched as much. She stared, in short, and retreated on just MY lines, and I knew she had then passed out and come round to me and that I should presently meet her. I remained where I was, and while I waited I thought of more things than one. But there's only one I take space to mention. I wondered why SHE should be scared.

CHAPTER 5

Oh, she let me know as soon as, round the corner of the house, she loomed again into view. "What in the name of goodness is the matter?" She was now flushed and out of breath.

I said nothing till she came quite near. "With me?" I must have made a wonderful face. "Do I show it?"

"You're as white as a sheet. You look awful."

I considered; I could meet on this, without scruple, any innocence. My need to respect the bloom of Mrs. Grose's had dropped, without a rustle, from my shoulders, and if I wavered for the instant it was not with what I kept back. I put out my hand to her and she took it; I held her hard a little, liking to feel her close to me. There was a kind of support in the shy heave of her surprise. "You came for me for church, of course, but I can't go."

"Has anything happened?"

"Yes. You must know now. Did I look very queer?"

"Through this window? Dreadful!"

"Well," I said, "I've been frightened." Mrs. Grose's eyes expressed plainly that SHE had no wish to be, yet also that she knew too well her place not to be ready to share with me any marked inconvenience. Oh, it was quite settled that she MUST share! "Just what you saw from the dining room a minute ago was the effect of that. What I saw – just before – was much worse."

Her hand tightened. "What was it?"

"An extraordinary man. Looking in."

"What extraordinary man?"

"I haven't the least idea."

Mrs. Grose gazed round us in vain. "Then where is he gone?"

"I know still less."

"Have you seen him before?"

"Yes – once. On the old tower."

She could only look at me harder. "Do you mean he's a stranger?"

"Oh, very much!"

"Yet you didn't tell me?"

"No – for reasons. But now that you've guessed."

Mrs. Grose's round eyes encountered this charge. "Ah, I haven't guessed!" she said very simply. "How can I if YOU don't imagine?"

"I don't in the very least."

"You've seen him nowhere but on the tower?"

"And on this spot just now."

Mrs. Grose looked round again. "What was he doing on the tower?"

"Only standing there and looking down at me."

She thought a minute. "Was he a gentleman?"

I found I had no need to think. "No." She gazed in deeper wonder. "No."

"Then nobody about the place? Nobody from the village?"

"Nobody – nobody. I didn't tell you, but I made sure."

She breathed a vague relief: this was, oddly, so much to the good. It only went indeed a little way. "But if he isn't a gentleman"

"What IS he? He's a horror."

"A horror?"

"He's – God help me if I know WHAT he is!"

Mrs. Grose looked round once more; she fixed her eyes on the duskier distance, then, pulling herself together, turned to me with abrupt inconsequence. "It's time we should be at church."

"Oh, I'm not fit for church!"

"Won't it do you good?"

"It won't do THEM! I nodded at the house.

"The children?"

"I can't leave them now."

"You're afraid?"

I spoke boldly. "I'm afraid of HIM."

Mrs. Grose's large face showed me, at this, for the first time, the faraway faint glimmer of a consciousness more acute: I somehow made out in it the delayed dawn of an idea I myself had not given her and that was as yet quite obscure to me. It comes back to me that I thought instantly of this as something I could get from her; and I felt it to be connected with the desire she presently showed to know more. "When was it – on the tower?"

"About the middle of the month. At this same hour."

"Almost at dark," said Mrs. Grose.

"Oh, no, not nearly. I saw him as I see you."

"Then how did he get in?"

"And how did he get out?" I laughed. "I had no opportunity to ask him! This evening, you see," I pursued, "he has not been able to get in."

"He only peeps?"

"I hope it will be confined to that!" She had now let go my hand; she turned away a little. I waited an instant; then I brought out: "Go to church. Goodbye. I must watch."

Slowly she faced me again. "Do you fear for them?"

We met in another long look. "Don't YOU?" Instead of answering she came nearer to the window and, for a minute, applied her face to the glass. "You see how he could see," I meanwhile went on.

She didn't move. "How long was he here?"

"Till I came out. I came to meet him."

Mrs. Grose at last turned round, and there was still more in her face. "I couldn't have come out."

"Neither could I!" I laughed again. "But I did come. I have my duty."

"So have I mine," she replied; after which she added: "What is he like?"

"I've been dying to tell you. But he's like nobody."

"Nobody?" she echoed.

"He has no hat." Then seeing in her face that she already, in this, with a

deeper dismay, found a touch of picture, I quickly added stroke to stroke. "He has red hair, very red, close-curling, and a pale face, long in shape, with straight, good features and little, rather queer whiskers that are as red as his hair. His eyebrows are, somehow, darker; they look particularly arched and as if they might move a good deal. His eyes are sharp, strange – awfully; but I only know clearly that they're rather small and very fixed. His mouth's wide, and his lips are thin, and except for his little whiskers he's quite clean-shaven. He gives me a sort of sense of looking like an actor."

"An actor!" It was impossible to resemble one less, at least, than Mrs. Grose at that moment.

"I've never seen one, but so I suppose them. He's tall, active, erect," I continued, "but never – no, never! – a gentleman."

My companion's face had blanched as I went on; her round eyes started and her mild mouth gaped. "A gentleman?" she gasped, confounded, stupefied: "a gentleman HE?"

"You know him then?"

She visibly tried to hold herself. "But he IS handsome?"

I saw the way to help her. "Remarkably!"

"And dressed?"

"In somebody's clothes. "They're smart, but they're not his own."

She broke into a breathless affirmative groan: "They're the master's!"

I caught it up. "You DO know him?"

She faltered but a second. "Quint!" she cried.

"Quint?"

"Peter Quint – his own man, his valet, when he was here!"

"When the master was?"

Gaping still, but meeting me, she pieced it all together. "He never wore his hat, but he did wear – well, there were waistcoats missed. They were both here – last year. Then the master went, and Quint was alone."

I followed, but halting a little. "Alone?"

"Alone with US." Then, as from a deeper depth, "In charge," she

added.

"And what became of him?"

She hung fire so long that I was still more mystified. "He went, too," she brought out at last.

"Went where?"

Her expression, at this, became extraordinary. "God knows where! He died."

"Died?" I almost shrieked.

She seemed fairly to square herself, plant herself more firmly to utter the wonder of it. "Yes. Mr. Quint is dead."

CHAPTER 6

It took of course more than that particular passage to place us together in presence of what we had now to live with as we could – my dreadful liability to impressions of the order so vividly exemplified, and my companion's knowledge, henceforth – a knowledge half consternation and half compassion – of that liability. There had been, this evening, after the revelation left me, for an hour, so prostrate – there had been, for either of us, no attendance on any service but a little service of tears and vows, of prayers and promises, a climax to the series of mutual challenges and pledges that had straightway ensued on our retreating together to the schoolroom and shutting ourselves up there to have everything out. The result of our having everything out was simply to reduce our situation to the last rigor of its elements. She herself had seen nothing, not the shadow of a shadow, and nobody in the house but the governess was in the governess's plight; yet she accepted without directly impugning my sanity the truth as I gave it to her, and ended by showing me, on this ground, an awestricken tenderness, an expression of the sense of my more than questionable privilege, of which the very breath has remained with me as that of the sweetest of human charities.

What was settled between us, accordingly, that night, was that we thought we might bear things together; and I was not even sure that, in spite of her exemption, it was she who had the best of the burden. I knew at this hour, I think, as well as I knew later, what I was capable of meeting to shelter my pupils; but it took me some time to be wholly sure of what my honest ally was prepared for to keep terms with so compromising a contract. I was queer company enough – quite as queer as the company I received; but as I trace over what we went through I see how much common ground we must have found in the one idea that, by good fortune, COULD steady us. It was the idea, the second movement, that led me straight out, as I may say, of the inner chamber of my dread. I could take the air in the court, at least, and there Mrs. Grose could join me. Perfectly can I recall now the particular way strength came to me before we separated for the night. We had gone over and over every feature of what I had seen.

"He was looking for someone else, you say – someone who was not you?"

"He was looking for little Miles." A portentous clearness now

possessed me. "THAT'S whom he was looking for."

"But how do you know?"

"I know, I know, I know!" My exaltation grew. "And YOU know, my dear!"

She didn't deny this, but I required, I felt, not even so much telling as that. She resumed in a moment, at any rate: "What if HE should see him?"

"Little Miles? That's what he wants!"

She looked immensely scared again. "The child?"

"Heaven forbid! The man. He wants to appear to THEM." That he might was an awful conception, and yet, somehow, I could keep it at bay; which, moreover, as we lingered there, was what I succeeded in practically proving. I had an absolute certainty that I should see again what I had already seen, but something within me said that by offering myself bravely as the sole subject of such experience, by accepting, by inviting, by surmounting it all, I should serve as an expiatory victim and guard the tranquility of my companions. The children, in especial, I should thus fence about and absolutely save. I recall one of the last things I said that night to Mrs. Grose.

"It does strike me that my pupils have never mentioned"

She looked at me hard as I musingly pulled up. "His having been here and the time they were with him?"

"The time they were with him, and his name, his presence, his history, in any way."

"Oh, the little lady doesn't remember. She never heard or knew."

"The circumstances of his death?" I thought with some intensity.

"Perhaps not. But Miles would remember – Miles would know."

"Ah, don't try him!" broke from Mrs. Grose.

I returned her the look she had given me. "Don't be afraid." I continued to think. "It IS rather odd."

"That he has never spoken of him?"

"Never by the least allusion. And you tell me they were `great friends'?"

"Oh, it wasn't HIM!" Mrs. Grose with emphasis declared. "It was

Quint's own fancy. To play with him, I mean – to spoil him." She paused a moment; then she added: "Quint was much too free."

This gave me, straight from my vision of his face – SUCH a face! – a sudden sickness of disgust. "Too free with MY boy?"

"Too free with everyone!"

I forbore, for the moment, to analyze this description further than by the reflection that a part of it applied to several of the members of the household, of the half-dozen maids and men who were still of our small colony. But there was everything, for our apprehension, in the lucky fact that no discomfortable legend, no perturbation of scullions, had ever, within anyone's memory attached to the kind old place. It had neither bad name nor ill fame, and Mrs. Grose, most apparently, only desired to cling to me and to quake in silence. I even put her, the very last thing of all, to the test. It was when, at midnight, she had her hand on the schoolroom door to take leave "I have it from you then – for it's of great importance – which he was definitely and admittedly bad?"

"Oh, not admittedly. I knew it – but the master didn't."

"And you never told him?"

"Well, he didn't like tale-bearing – he hated complaints. He was terribly short with anything of that kind, and if people were all right to HIM"

"He wouldn't be bothered with more?" This squared well enough with my impressions of him: he was not a trouble-loving gentleman, nor so very particular perhaps about some of the company HE kept. All the same, I pressed my interlocutress. "I promise you I would have told!"

She felt my discrimination. "I daresay I was wrong. But, really, I was afraid."

"Afraid of what?"

"Of things that man could do. Quint was so clever – he was so deep."

I took this in still more than, probably, I showed. "You weren't afraid of anything else? Not of his effect?"

"His effect?" she repeated with a face of anguish and waiting while I faltered.

"On innocent little precious lives. They were in your charge."

"No, they were not in mine!" she roundly and distressfully returned. "The master believed in him and placed him here because he was supposed not to be well and the country air so good for him. So he had everything to say. Yes" – she let me have it" even about THEM."

"Them – that creature?" I had to smother a kind of howl. "And you could bear it!"

"No. I couldn't – and I can't now!" And the poor woman burst into tears.

A rigid control, from the next day, was, as I have said, to follow them; yet how often and how passionately, for a week, we came back together to the subject! Much as we had discussed it that Sunday night, I was, in the immediate later hours in especial – for it may be imagined whether I slept – still haunted with the shadow of something she had not told me. I myself had kept back nothing, but there was a word Mrs. Grose had kept back. I was sure, moreover, by morning, that this was not from a failure of frankness, but because on every side there were fears. It seems to me indeed, in retrospect, that by the time the morrow's sun was high I had restlessly read into the fact before us almost all the meaning they were to receive from subsequent and more cruel occurrences. What they gave me above all was just the sinister figure of the living man – the dead one would keep awhile! – and of the months he had continuously passed at Bly, which, added up, made a formidable stretch. The limit of this evil time had arrived only when, on the dawn of a winter's morning, Peter Quint was found, by a laborer going to early work, stone dead on the road from the village: a catastrophe explained – superficially at least – by a visible wound to his head; such a wound as might have been produced – and as, on the final evidence, HAD been – by a fatal slip, in the dark and after leaving the public house, on the steepish icy slope, a wrong path altogether, at the bottom of which he lay. The icy slope, the turn mistaken at night and in liquor, accounted for much – practically, in the end and after the inquest and boundless chatter, for everything; but there had been matters in his life – strange passages and perils, secret disorders, vices more than suspected – that would have accounted for a good deal more.

I scarce know how to put my story into words that shall be a credible picture of my state of mind; but I was in these days literally able to find a joy in the extraordinary flight of heroism the occasion demanded of me. I now saw that I had been asked for a service admirable and difficult; and there would be a

greatness in letting it be seen – oh, in the right quarter! – that I could succeed where many another girl might have failed. It was an immense help to me – I confess I rather applaud myself as I look back! – that I saw my service so strongly and so simply. I was there to protect and defend the little creatures in the world the most bereaved and the most lovable, the appeal of whose helplessness had suddenly become only too explicit, a deep, constant ache of one's own committed heart. We were cut off, really, together; we were united in our danger. They had nothing but me, and I – well, I had THEM. It was in short a magnificent chance. This chance presented itself to me in an image richly material. I was a screen – I was to stand before them. The more I saw, the less they would. I began to watch them in a stifled suspense, a disguised excitement that might well, had it continued too long, have turned to something like madness. What saved me, as I now see, was that it turned to something else altogether. It didn't last as suspense – it was superseded by horrible proofs. Proofs, I say, yes – from the moment I really took hold.

This moment dated from an afternoon hour that I happened to spend in the grounds with the younger of my pupils alone. We had left Miles indoors, on the red cushion of a deep window seat; he had wished to finish a book, and I had been glad to encourage a purpose so laudable in a young man whose only defect was an occasional excess of the restless. His sister, on the contrary, had been alert to come out, and I strolled with her half an hour, seeking the shade, for the sun was still high and the day exceptionally warm. I was aware afresh, with her, as we went, of how, like her brother, she contrived – it was the charming thing in both children – to let me alone without appearing to drop me and to accompany me without appearing to surround. They were never importunate and yet never listless. My attention to them all really went to seeing them amuse themselves immensely without me: this was a spectacle they seemed actively to prepare and that engaged me as an active admirer. I walked in a world of their invention – they had no occasion whatever to draw upon mine; so that my time was taken only with being, for them, some remarkable person or thing that the game of the moment required and that was merely, thanks to my superior, my exalted stamp, a happy and highly distinguished sinecure. I forget what I was on the present occasion; I only remember that I was something very important and very quiet and that Flora was playing very hard. We were on the edge of the lake, and, as we had lately begun geography, the lake was the Sea of Azof.

Suddenly, in these circumstances, I became aware that, on the other

side of the Sea of Azof, we had an interested spectator. The way this knowledge gathered in me was the strangest thing in the world – the strangest, that is, except the very much stranger in which it quickly merged itself. I had sat down with a piece of work – for I was something or other that could sit – on the old stone bench which overlooked the pond; and in this position I began to take in with certitude, and yet without direct vision, the presence, at a distance, of a third person. The old trees, the thick shrubbery, made a great and pleasant shade, but it was all suffused with the brightness of the hot, still hour. There was no ambiguity in anything; none whatever, at least, in the conviction I from one moment to another found myself forming as to what I should see straight before me and across the lake as a consequence of raising my eyes. They were attached at this juncture to the stitching in which I was engaged, and I can feel once more the spasm of my effort not to move them till I should so have steadied myself as to be able to make up my mind what to do. There was an alien object in view – a figure whose right of presence I instantly, passionately questioned. I recollect counting over perfectly the possibilities, reminding myself that nothing was more natural, for instance, then the appearance of one of the men about the place, or even of a messenger, a postman, or a tradesman's boy, from the village. That reminder had as little effect on my practical certitude as I was conscious – still even without looking – of its having upon the character and attitude of our visitor. Nothing was more natural than that these things should be the other things that they absolutely were not.

Of the positive identity of the apparition I would assure myself as soon as the small clock of my courage should have ticked out the right second; meanwhile, with an effort that was already sharp enough, I transferred my eyes straight to little Flora, who, at the moment, was about ten yards away. My heart had stood still for an instant with the wonder and terror of the question whether she too would see; and I held my breath while I waited for what a cry from her, what some sudden innocent sign either of interest or of alarm, would tell me. I waited, but nothing came; then, in the first place – and there is something more dire in this, I feel, than in anything I have to relate – I was determined by a sense that, within a minute, all sounds from her had previously dropped; and, in the second, by the circumstance that, also within the minute, she had, in her play, turned her back to the water. This was her attitude when I at last looked at her –looked with the confirmed conviction that we were still, together, under direct personal notice. She had picked up a small flat piece of wood, which happened to have in it a little hole that had evidently suggested to

her the idea of sticking in another fragment that might figure as a mast and make the thing a boat. This second morsel, as I watched her, she was very markedly and intently attempting to tighten in its place. My apprehension of what she was doing sustained me so that after some seconds I felt I was ready for more. Then I again shifted my eyes – I faced what I had to face.

CHAPTER 7

I got hold of Mrs. Grose as soon after this as I could; and I can give no intelligible account of how I fought out the interval. Yet I still hear myself cry as I fairly threw myself into her arms: "They KNOW – it's too monstrous: they know, they know!"

"And what on earth?" I felt her incredulity as she held me.

"Why, all that WE know – and heaven knows what else besides!" Then, as she released me, I made it out to her, made it out perhaps only now with full coherency even to myself. "Two hours ago, in the garden"–I could scarce articulate –"Flora SAW!"

Mrs. Grose took it as she might have taken a blow in the stomach. "She has told you?" she panted.

"Not a word – that's the horror. She kept it to herself! The child of eight, THAT child!" Unutterable still, for me, was the stupefaction of it.

Mrs. Grose, of course, could only gape the wider. "Then how do you know?"

"I was there – I saw with my eyes: saw that she was perfectly aware."

"Do you mean aware of HIM?"

"No – of HER." I was conscious as I spoke that I looked prodigious things, for I got the slow reflection of them in my companion's face. "Another person – this time; but a figure of quite as unmistakable horror and evil: a woman in black, pale and dreadful – with such an air also, and such a face! – on the other side of the lake. I was there with the child – quiet for the hour; and in the midst of it she came."

"Came how – from where?"

"From where they come from! She just appeared and stood there – but not so near."

"And without coming nearer?"

"Oh, for the effect and the feeling, she might have been as close as you!"

My friend, with an odd impulse, fell back a step. "Was she someone you've never seen?"

"Yes. But someone the child has. Someone YOU have." Then, to show how I had thought it all out: "My predecessor – the one who died."

"Miss Jessel?"

"Miss Jessel. You don't believe me?" I pressed.

She turned right and left in her distress. "How can you be sure?"

This drew from me, in the state of my nerves, a flash of impatience. "Then ask Flora... SHE'S sure!" But I had no sooner spokenthan I caught myself up. "No, for God's sake, DON'T!" She'll say she isn't... she'll lie!"

Mrs. Grose was not too bewildered instinctively to protest."Ah, how CAN you?"

"Because I'm clear. Flora doesn't want me to know."

"It's only then to spare you."

"No, no... there are depths, depths! The more I go over it, the more I see in it, and the more I see in it, the more I fear. I don't know what I DON'T see... what I DON'T fear!"

Mrs. Grose tried to keep up with me. "You mean you're afraid of seeing her again?"

"Oh, no; that's nothing... now!" Then I explained. "It's of NOT seeing her."

But my companion only looked wan. "I don't understand you."

"Why, it's that the child may keep it up...and that the child assuredly WILL... without my knowing it."

At the image of this possibility Mrs. Grose for a moment collapsed, yet presently to pull herself together again, as if from the positive force of the sense of what, should we yield an inch, there would really be to give way to. "Dear, dear... we must keep our heads! And after all, if she doesn't mind it...!" She even tried a grim joke. "Perhaps she likes it!"

"Likes SUCH things... a scrap of an infant!"

"Isn't it just a proof of her blessed innocence?" my friend bravely inquired.

She brought me, for the instant, almost round. "Oh, we must clutch at THAT... we must cling to it! If it isn't a proof of what you say, it's a proof of...

God knows what! For the woman's a horror of horrors."

Mrs. Grose, at this, fixed her eyes a minute on the ground; then at last raising them, "Tell me how you know," she said.

"Then you admit it's what she was?" I cried.

"Tell me how you know," my friend simply repeated.

"Know? By seeing her! By the way she looked."

"At you, do you mean... so wickedly?"

"Dear me, no... I could have borne that. She gave me never a glance. She only fixed the child."

Mrs. Grose tried to see it. "Fixed her?"

"Ah, with such awful eyes!"

She stared at mine as if they might really have resembled them. "Do you mean of dislike?"

"God help us, no. Of something much worse."

"Worse than dislike? – this left her indeed at a loss.

"With a determination... indescribable. With a kind of fury of intention."

I made her turn pale. "Intention?"

"To get hold of her." Mrs. Grose... her eyes just lingering on mine – gave a shudder and walked to the window; and while she stood there looking out I completed my statement. "THAT'S what Flora knows."

After a little she turned round. "The person was in black, you say?"

"In mourning... rather poor, almost shabby. But... yes... With extraordinary beauty." I now recognized to what I had at last, stroke by stroke, brought the victim of my confidence, for she quite visibly weighed this. "Oh, handsome... very, very," I insisted; "wonderfully handsome. But infamous."

She slowly came back to me. "Miss Jessel... WAS infamous." She once more took my hand in both her own, holding it as tight as if to fortify me against the increase of alarm I might draw from this disclosure. "They were both infamous," she finally said.

So, for a little, we faced it once more together; and I found absolutely a

degree of help in seeing it now so straight. "I appreciate," I said, "the great decency of your not having hitherto spoken; but the time has certainly come to give me the whole thing." She appeared to assent to this, but still only in silence; seeing which I went on: "I must have it now. Of what did she die? Come, there was something between them."

"There was everything."

"In spite of the difference...?"

"Oh, of their rank, their condition", she brought it woefully out. "SHE was a lady."

I turned it over; I again saw. "Yes,she was a lady."

"And he so dreadfully below," said Mrs. Grose.

I felt that I doubtless needn't press too hard, in such company, on the place of a servant in the scale; but there was nothing to prevent an acceptance of my companion's own measure of my predecessor's abasement. There was a way to deal with that, and I dealt; the more readily for my full vision – on the evidence – of our employer's late clever, good-looking "own" man; impudent, assured, spoiled, depraved. "The fellow was a hound."

Mrs. Grose considered as if it were perhaps a little a case for a sense of shades. "I've never seen one like him. He did what he wished."

"With HER?"

"With them all."

It was as if now in my friend's own eyes Miss Jessel had again appeared. I seemed at any rate, for an instant, to see their evocation of her as distinctly as I had seen her by the pond; and I brought out with decision: "It must have been also what SHE wished!"

Mrs. Grose's face signified that it had been indeed, but she said at the same time: "Poor woman, she paid for it!"

"Then you do know what she died of?" I asked.

"No, I know nothing. I wanted not to know; I was glad enough I didn't; and I thanked heaven she was well out of this!"

"Yet you had, then, your idea..."

"Of her real reason for leaving? Oh, yes, as to that. She couldn't have

stayed. Fancy it here… for a governess! And afterward I imagined… and I still imagine. And what I imagine is dreadful."

"Not so dreadful as what I do," I replied; on which I must have shown her… as I was indeed but too conscious… a front of miserable defeat. It brought out again all her compassion for me, and at the renewed touch of her kindness my power to resist broke down. I burst, as I had, the other time, made her burst, into tears; she took me to her motherly breast, and my lamentation overflowed. "I don't do it!" I sobbed in despair; "I don't save or shield them! It's far worse than I dreamed… they're lost!"

CHAPTER 8

What I had said to Mrs. Grose was true enough: there were in the matter I had put before her depths and possibilities that I lacked resolution to sound; so that when we met once more in the wonder of it we were of a common mind about the duty of resistance to extravagant fancies. We were to keep our heads if we should keep nothing else – difficult indeed as that might be in the face of what, in our prodigious experience, was least to be questioned. Late that night, while the house slept, we had another talk in my room, when she went all the way with me as to its being beyond doubt that I had seen exactly what I had seen. To hold her perfectly in the pinch of that, I found I had only to ask her how, if I had "made it up," I came to be able to give, of each of the persons appearing to me, a picture disclosing, to the last detail, their special marks, a portrait on the exhibition of which she had instantly recognized and named them. She wished of course, small blame to her!, to sink the whole subject; and I was quick to assure her that my own interest in it had now violently taken the form of a search for the way to escape from it. I encountered her on the ground of a probability that with recurrence... for recurrence we took for granted... I should get used to my danger, distinctly professing that my personal exposure had suddenly become the least of my discomforts. It was my new suspicion that was intolerable; and yet even to this complication the later hours of the day had brought a little ease.

On leaving her, after my first outbreak, I had of course returned to my pupils, associating the right remedy for my dismay with that sense of their charm which I had already found to be a thing I could positively cultivate and which had never failed me yet. I had simply, in other words, plunged afresh into Flora's special society and there become aware – it was almost a luxury! – that she could put her little conscious hand straight upon the spot that ached. She had looked at me in sweet speculation and then had accused me to my face of having "cried." I had supposed I had brushed away the ugly signs: but I could literally – for the time, at all events – rejoice, under this fathomless charity, that they had not entirely disappeared. To gaze into the depths of blue of the child's eyes and pronounce their loveliness a trick of premature cunning was to be guilty of a cynicism in preference to which I naturally preferred to abjure my judgment and, so far as might be, my agitation. I couldn't abjure for merely wanting to, but I could repeat to Mrs. Grose – as I did there, over and over, in

the small hours – that with their voices in the air, their pressure on one's heart, and their fragrant faces against one's cheek, everything fell to the ground but their incapacity and their beauty. It was a pity that, somehow, to settle this once for all, I had equally to re-enumerate the signs of subtlety that, in the afternoon, by the lake had made a miracle of my show of self-possession. It was a pity to be obliged to reinvestigate the certitude of the moment itself and repeat how it had come to me as a revelation that the inconceivable communion I then surprised was a matter, for either party, of habit. It was a pity that I should have had to quaver out again the reasons for my not having, in my delusion, so much as questioned that the little girl saw our visitant even as I actually saw Mrs. Grose herself, and that she wanted, by just so much as she did thus see, to make me suppose she didn't, and at the same time, without showing anything, arrive at a guess as to whether I myself did! It was a pity that I needed once more to describe the portentous little activity by which she sought to divert my attention – the perceptible increase of movement, the greater intensity of play, the singing, the gabbling of nonsense, and the invitation to romp.

Yet if I had not indulged, to prove there was nothing in it, in this review, I should have missed the two or three dim elements of comfort that still remained to me. I should not for instance have been able to asseverate to my friend that I was certain – which was so much to the good – that I at least had not betrayed myself. I should not have been prompted, by stress of need, by desperation of mind – I scarce know what to call it – to invoke such further aid to intelligence as might spring from pushing my colleague fairly to the wall. She had told me, bit by bit, under pressure, a great deal; but a small shifty spot on the wrong side of it all still sometimes brushed my brow like the wing of a bat; and I remember how on this occasion – for the sleeping house and the concentration alike of our danger and our watch seemed to help – I felt the importance of giving the last jerk to the curtain. "I don't believe anything so horrible," I recollect saying; "no, let us put it definitely, my dear, that I don't. But if I did, you know, there's a thing I should require now, just without sparing you the least bit more – oh, not a scrap, come! – to get out of you. What was it you had in mind when, in our distress, before Miles came back, over the letter from his school, you said, under my insistence, that you didn't pretend for him that he had not literally EVER been `bad'? He has NOT literally 'ever,' in these weeks that I myself have lived with him and so closely watched him; he has been an imperturbable little prodigy of delightful, lovable goodness. Therefore you might perfectly have made the claim for him if you had not, as it happened, seen

an exception to take. What was your exception, and to what passage in your personal observation of him did you refer?"

It was a dreadfully austere inquiry, but levity was not our note, and, at any rate, before the gray dawn admonished us to separate I had got my answer. What my friend had had in mind proved to be immensely to the purpose. It was neither more nor less than the circumstance that for a period of several months Quint and the boy had been perpetually together. It was in fact the very appropriate truth that she had ventured to criticize the propriety, to hint at the incongruity, of so close an alliance, and even to go so far on the subject as a frank overture to Miss Jessel. Miss Jessel had, with a most strange manner, requested her to mind her business, and the good woman had, on this, directly approached little Miles. What she had said to him, since I pressed, was that SHE liked to see young gentlemen not forget their station.

I pressed again, of course, at this. "You reminded him that Quint was only a base menial?"

"As you might say! And it was his answer, for one thing, that was bad."

"And for another thing?" I waited. "He repeated your words to Quint?"

"No, not that. It's just what he WOULDN'T!" she could still impress upon me. "I was sure, at any rate," she added, "that he didn't. But he denied certain occasions."

"What occasions?"

"When they had been about together quite as if Quint were his tutor – and a very grand one – and Miss Jessel only for the little lady. When he had gone off with the fellow, I mean, and spent hours with him."

"He then prevaricated about it – he said he hadn't?" Her assent was clear enough to cause me to add in a moment: "I see. He lied."

"Oh!" Mrs. Grose mumbled. This was a suggestion that it didn't matter; which indeed she backed up by a further remark. "You see, after all, Miss Jessel didn't mind. She didn't forbid him."

I considered. "Did he put that to you as a justification?"

At this she dropped again. "No, he never spoke of it."

"Never mentioned her in connection with Quint?"

She saw, visibly flushing, where I was coming out. "Well, he didn't show anything. He denied," she repeated; "he denied."

Lord, how I pressed her now! "So that you could see he knew what was between the two wretches?"

"I don't know – I don't know!" the poor woman groaned.

"You do know, you dear thing," I replied; "only you haven't my dreadful boldness of mind, and you keep back, out of timidity and modesty and delicacy, even the impression that, in the past, when you had, without my aid, to flounder about in silence, most of all made you miserable. But I shall get it out of you yet! There was something in the boy that suggested to you," I continued, "that he covered and concealed their relation."

"Oh, he couldn't prevent – "

"Your learning the truth? I daresay! But, heavens," I fell, with vehemence, athinking, "what it shows that they must, to that extent, have succeeded in making of him!"

"Ah, nothing that's not nice NOW!" Mrs. Grose lugubriously pleaded.

"I don't wonder you looked queer," I persisted, "when I mentioned to you the letter from his school!"

"I doubt if I looked as queer as you!" she retorted with homely force. "And if he was so bad then as that comes to, how is he such an angel now?"

"Yes, indeed – and if he was a fiend at school! How, how, how? Well," I said in my torment, "you must put it to me again, but I shall not be able to tell you for some days. Only, put it to me again!" I cried in a way that made my friend stare. "There are directions in which I must not for the present let myself go." Meanwhile I returned to her first example – the one to which she had just previously referred – of the boy's happy capacity for an occasional slip. "If Quint – on your remonstrance at the time you speak of – was a base menial, one of the things Miles said to you, I find myself guessing, was that you were another." Again her admission was so adequate that I continued: "And you forgave him that?"

"Wouldn't YOU?"

"Oh, yes!" And we exchanged there, in the stillness, a sound of the oddest amusement. Then I went on: "At all events, while he was with the man"

"Miss Flora was with the woman. It suited them all!"

It suited me, too, I felt, only too well; by which I mean that it suited exactly the particularly deadly view I was in the very act of forbidding myself to entertain. But I so far succeeded in checking the expression of this view that I will throw, just here, no further light on it than may be offered by the mention of my final observation to Mrs. Grose. "His having lied and been impudent are, I confess, less engaging specimens than I had hoped to have from you of the outbreak in him of the little natural man. Still," I mused, "They must do, for they make me feel more than ever that I must watch."

It made me blush, the next minute, to see in my friend's face how much more unreservedly she had forgiven him than her anecdote struck me as presenting to my own tenderness an occasion for doing. This came out when, at the schoolroom door, she quitted me. "Surely you don't accuse HIM"

"Of carrying on an intercourse that he conceals from me? Ah, remember that, until further evidence, I now accuse nobody." Then, before shutting her out to go, by another passage, to her own place, "I must just wait," I wound up.

CHAPTER 9

I waited and waited, and the days, as they elapsed, took something from my consternation. A very few of them, in fact, passing, in constant sight of my pupils, without a fresh incident, sufficed to give to grievous fancies and even to odious memories a kind of brush of the sponge. I have spoken of the surrender to their extraordinary childish grace as a thing I could actively cultivate, and it may be imagined if I neglected now to address myself to this source for whatever it would yield. Stranger than I can express, certainly, was the effort to struggle against my new lights; it would doubtless have been, however, a greater tension still had it not been so frequently successful. I used to wonder how my little charges could help guessing that I thought strange things about them; and the circumstances that these things only made them more interesting was not by itself a direct aid to keeping them in the dark. I trembled lest they should see that they WERE so immensely more interesting. Putting things at the worst, at all events, as in meditation I so often did, any clouding of their innocence could only be - blameless and foredoomed as they were – a reason the more for taking risks. There were moments when, by an irresistible impulse, I found myself catching them up and pressing them to my heart. As soon as I had done so I used to say to myself: "What will they think of that? Doesn't it betray too much?" It would have been easy to get into a sad, wild tangle about how much I might betray; but the real account, I feel, of the hours of peace that I could still enjoy was that the immediate charm of my companions was a beguilement still effective even under the shadow of the possibility that it was studied. For if it occurred to me that I might occasionally excite suspicion by the little outbreaks of my sharper passion for them, so too I remember wondering if I mightn't see a queerness in the traceable increase of their own demonstrations.

They were at this period extravagantly and preternaturally fond of me; which, after all, I could reflect, was no more than a graceful response in children perpetually bowed over and hugged. The homage of which they were so lavish succeeded, in truth, for my nerves, quite as well as if I never appeared to myself, as I may say, literally to catch them at a purpose in it. They had never, I think, wanted to do so many things for their poor protectress; I mean – though they got their lessons better and better, which was naturally what would please her most – in the way of diverting, entertaining, surprising her; reading her passages, telling her stories, acting her charades, pouncing out at her, in disguises, as

animals and historical characters, and above all astonishing her by the "pieces" they had secretly got by heart and could interminably recite. I should never get to the bottom – were I to let myself go even now - of the prodigious private commentary, all under still more private correction, with which, in these days, I overscored their full hours. They had shown me from the first a facility for everything, a general faculty which, taking a fresh start, achieved remarkable flights. They got their little tasks as if they loved them, and indulged, from the mere exuberance of the gift, in the most unimposed little miracles of memory. They not only popped out at me as tigers and as Romans, but as Shakespeareans, astronomers, and navigators. This was so singularly the case that it had presumably much to do with the fact as to which, at the present day, I am at a loss for a different explanation: I allude to my unnatural composure on the subject of another school for Miles. What I remember is that I was content not, for the time, to open the question, and that contentment must have sprung from the sense of his perpetually striking show of cleverness. He was too clever for a bad governess, for a parson's daughter, to spoil; and the strangest if not the brightest thread in the pensive embroidery I just spoke of was the impression I might have got, if I had dared to work it out, that he was under some influence operating in his small intellectual life as a tremendous incitement.

If it was easy to reflect, however, that such a boy could postpone school, it was at least as marked that for such a boy to have been "kicked out" by a schoolmaster was a mystification without end. Let me add that in their company now – and I was careful almost never to be out of it – I could follow no scent very far. We lived in a cloud of music and love and success and private theatricals. The musical sense in each of the children was of the quickest, but the elder in especial had a marvelous knack of catching and repeating. The schoolroom piano broke into all gruesome fancies; and when that failed there were confabulations in corners, with a sequel of one of them going out in the highest spirits in order to "come in" as something new. I had had brothers myself, and it was no revelation to me that little girls could be slavish idolaters of little boys. What surpassed everything was that there was a little boy in the world who could have for the inferior age, sex, and intelligence so fine a consideration. They were extraordinarily at one, and to say that they never either quarreled or complained is to make the note of praise coarse for their quality of sweetness. Sometimes, indeed, when I dropped into coarseness, I perhaps came across traces of little understandings between them by which one of them should keep me occupied while the other slipped away. There is a naive

side, I suppose, in all diplomacy; but if my pupils practiced upon me, it was surely with the minimum of grossness. It was all in the other quarter that, after a lull, the grossness broke out.

I find that I really hang back; but I must take my plunge. In going on with the record of what was hideous at Bly, I not only challenge the most liberal faith – for which I little care; but – and this is another matter – I renew what I myself suffered, I again push my way through it to the end. There came suddenly an hour after which, as I look back, the affair seems to me to have been all pure suffering; but I have at least reached the heart of it, and the straightest road out is doubtless to advance. One evening – with nothing to lead up or to prepare it – I felt the cold touch of the impression that had breathed on me the night of my arrival and which, much lighter then, as I have mentioned, I should probably have made little of in memory had my subsequent sojourn been less agitated. I had not gone to bed; I sat reading by a couple of candles. There was a roomful of old books at Bly – last-century fiction, some of it, which, to the extent of a distinctly deprecated renown, but never to so much as that of a stray specimen, had reached the sequestered home and appealed to the unavowed curiosity of my youth. I remember that the book I had in my hand was Fielding's Amelia; also that I was wholly awake. I recall further both a general conviction that it was horribly late and a particular objection to looking at my watch. I figure, finally, that the white curtain draping, in the fashion of those days, the head of Flora's little bed, shrouded, as I had assured myself long before, the perfection of childish rest. I recollect in short that, though I was deeply interested in my author, I found myself, at the turn of a page and with his spell all scattered, looking straight up from him and hard at the door of my room. There was a moment during which I listened, reminded of the faint sense I had had, the first night, of there being something undefinably astir in the house, and noted the soft breath of the open casement just move the half-drawn blind. Then, with all the marks of a deliberation that must have seemed magnificent had there been anyone to admire it, I laid down my book, rose to my feet, and, taking a candle, went straight out of the room and, from the passage, on which my light made little impression, noiselessly closed and locked the door.

I can say now neither what determined nor what guided me, but I went straight along the lobby, holding my candle high, till I came within sight of the tall window that presided over the great turn of the staircase. At this point I precipitately found myself aware of three things. They were practically

simultaneous, yet they had flashes of succession. My candle, under a bold flourish, went out, and I perceived, by the uncovered window, that the yielding dusk of earliest morning rendered it unnecessary. Without it, the next instant, I saw that there was someone on the stair. I speak of sequences, but I required no lapse of seconds to stiffen myself for a third encounter with Quint. The apparition had reached the landing halfway up and was therefore on the spot nearest the window, where at sight of me, it stopped short and fixed me exactly as it had fixed me from the tower and from the garden. He knew me as well as I knew him; and so, in the cold, faint twilight, with a glimmer in the high glass and another on the polish of the oak stair below, we faced each other in our common intensity. He was absolutely, on this occasion, a living, detestable, dangerous presence. But that was not the wonder of wonders; I reserve this distinction for quite another circumstance: the circumstance that dread had unmistakably quitted me and that there was nothing in me there that didn't meet and measure him.

I had plenty of anguish after that extraordinary moment, but I had, thank God, no terror. And he knew I had not – I found myself at the end of an instant magnificently aware of this. I felt, in a fierce rigor of confidence, that if I stood my ground a minute I should cease – for the time, at least – to have him to reckon with; and during the minute, accordingly, the thing was as human and hideous as a real interview: hideous just because it WAS human, as human as to have met alone, in the small hours, in a sleeping house, some enemy, some adventurer, some criminal. It was the dead silence of our long gaze at such close quarters that gave the whole horror, huge as it was, its only note of the unnatural. If I had met a murderer in such a place and at such an hour, we still at least would have spoken. Something would have passed, in life, between us; if nothing had passed, one of us would have moved. The moment was so prolonged that it would have taken but little more to make me doubt if even I were in life. I can't express what followed it save by saying that the silence itself – which was indeed in a manner an attestation of my strength - became the element into which I saw the figure disappear; in which I definitely saw it turn as I might have seen the low wretch to which it had once belonged turn on receipt of an order, and pass, with my eyes on the villainous back that no hunch could have more disfigured, straight down the staircase and into the darkness in which the next bend was lost.

CHAPTER 10

I remained awhile at the top of the stair, but with the effect presently of understanding that when my visitor had gone, he had gone: then I returned to my room. The foremost thing I saw there by the light of the candle I had left burning was that Flora's little bed was empty; and on this I caught my breath with all the terror that, five minutes before, I had been able to resist. I dashed at the place in which I had left her lying and over which (for the small silk counterpane and the sheets were disarranged) the white curtains had been deceivingly pulled forward; then my step, to my unutterable relief, produced an answering sound: I perceived an agitation of the window blind, and the child, ducking down, emerged rosily from the other side of it. She stood there in so much of her candor and so little of her nightgown, with her pink bare feet and the golden glow of her curls. She looked intensely grave, and I had never had such a sense of losing an advantage acquired (the thrill of which had just been so prodigious) as on my consciousness that she addressed me with a reproach. "You naughty: where HAVE you been?"- instead of challenging her own irregularity I found myself arraigned and explaining. She herself explained, for that matter, with the loveliest, eagerest simplicity. She had known suddenly, as she lay there, that I was out of the room, and had jumped up to see what had become of me. I had dropped, with the joy of her reappearance, back into my chair – feeling then, and then only, a little faint; and she had pattered straight over to me, thrown herself upon my knee, given herself to be held with the flame of the candle full in the wonderful little face that was still flushed with sleep. I remember closing my eyes an instant, yieldingly, consciously, as before the excess of something beautiful that shone out of the blue of her own. "You were looking for me out of the window?" I said. "You thought I might be walking in the grounds?"

"Well, you know, I thought someone was" – she never blanched as she smiled out that at me.

Oh, how I looked at her now! "And did you see anyone?"

"Ah, NO!" she returned, almost with the full privilege of childish inconsequence, resentfully, though with a long sweetness in her little drawl of the negative.

At that moment, in the state of my nerves, I absolutely believed she lied;

and if I once more closed my eyes it was before the dazzle of the three or four possible ways in which I might take this up. One of these, for a moment, tempted me with such singular intensity that, to withstand it, I must have gripped my little girl with a spasm that, wonderfully, she submitted to without a cry or a sign of fright. Why not break out at her on the spot and have it all over? - give it to her straight in her lovely little lighted face? "You see, you see, you KNOW that you do and that you already quite suspect I believe it; therefore, why not frankly confess it to me, so that we may at least live with it together and learn perhaps, in the strangeness of our fate, where we are and what it means?" This solicitation dropped, alas, as it came: if I could immediately have succumbed to it I might have spared myself – well, you'll see what. Instead of succumbing I sprang again to my feet, looked at her bed, and took a helpless middle way. "Why did you pull the curtain over the place to make me think you were still there?"

Flora luminously considered; after which, with her little divine smile: "Because I don't like to frighten you!"

"But if I had, by your idea, gone out?"

She absolutely declined to be puzzled; she turned her eyes to the flame of the candle as if the question were as irrelevant, or at any rate as impersonal, as Mrs. Marcet or nine-times-nine. "Oh, but you know," she quite adequately answered, "that you might come back, you dear, and that you HAVE!" And after a little, when she had got into bed, I had, for a long time, by almost sitting on her to hold her hand, to prove that I recognized the pertinence of my return.

You may imagine the general complexion, from that moment, of my nights. I repeatedly sat up till I didn't know when; I selected moments when my roommate unmistakably slept, and, stealing out, took noiseless turns in the passage and even pushed as far as to where I had last met Quint. But I never met him there again; and I may as well say at once that I on no other occasion saw him in the house. I just missed, on the staircase, on the other hand, a different adventure. Looking down it from the top I once recognized the presence of a woman seated on one of the lower steps with her back presented to me, her body half-bowed and her head, in an attitude of woe, in her hands. I had been there but an instant, however, when she vanished without looking round at me. I knew, nonetheless, exactly what dreadful face she had to show; and I wondered whether, if instead of being above I had been below, I should have had, for going up, the same nerve I had lately shown Quint. Well, there

continued to be plenty of chance for nerve. On the eleventh night after my latest encounter with that gentleman - they were all numbered now – I had an alarm that perilously skirted it and that indeed, from the particular quality of its unexpectedness, proved quite my sharpest shock. It was precisely the first night during this series that, weary with watching, I had felt that I might again without laxity lay myself down at my old hour. I slept immediately and, as I afterward knew, till about one o'clock; but when I woke it was to sit straight up, as completely roused as if a hand had shook me. I had left a light burning, but it was now out, and I felt an instant certainty that Flora had extinguished it. This brought me to my feet and straight, in the darkness, to her bed, which I found she had left. A glance at the window enlightened me further, and the striking of a match completed the picture.

The child had again got up – this time blowing out the taper, and had again, for some purpose of observation or response, squeezed in behind the blind and was peering out into the night. That she now saw - as she had not, I had satisfied myself, the previous time – was proved to me by the fact that she was disturbed neither by my reillumination nor by the haste I made to get into slippers and into a wrap. Hidden, protected, absorbed, she evidently rested on the sill - the casement opened forward – and gave herself up. There was a great still moon to help her, and this fact had counted in my quick decision. She was face to face with the apparition we had met at the lake, and could now communicate with it as she had not then been able to do. What I, on my side, had to care for was, without disturbing her, to reach, from the corridor, some other window in the same quarter. I got to the door without her hearing me; I got out of it, closed it, and listened, from the other side, for some sound from her. While I stood in the passage I had my eyes on her brother's door, which was but ten steps off and which, indescribably, produced in me a renewal of the strange impulse that I lately spoke of as my temptation. What if I should go straight in and march to HIS window? – what if, by risking to his boyish bewilderment a revelation of my motive, I should throw across the rest of the mystery the long halter of my boldness?

This thought held me sufficiently to make me cross to his threshold and pause again. I preternaturally listened; I figured to myself what might portentously be; I wondered if his bed were also empty and he too were secretly at watch. It was a deep, soundless minute, at the end of which my impulse failed. He was quiet; he might be innocent; the risk was hideous; I turned away.

There was a figure in the grounds – a figure prowling for a sight, the visitor with whom Flora was engaged; but it was not the visitor most concerned with my boy. I hesitated afresh, but on other grounds and only for a few seconds; then I had made my choice. There were empty rooms at Bly, and it was only a question of choosing the right one. The right one suddenly presented itself to me as the lower one – though high above the gardens – in the solid corner of the house that I have spoken of as the old tower. This was a large, square chamber, arranged with some state as a bedroom, the extravagant size of which made it so inconvenient that it had not for years, though kept by Mrs. Grose in exemplary order, been occupied. I had often admired it and I knew my way about in it; I had only, after just faltering at the first chill gloom of its disuse, to pass across it and unbolt as quietly as I could one of the shutters. Achieving this transit, I uncovered the glass without a sound and, applying my face to the pane, was able, the darkness without being much less than within, to see that I commanded the right direction. Then I saw something more. The moon made the night extraordinarily penetrable and showed me on the lawn a person, diminished by distance, who stood there motionless and as if fascinated, looking up to where I had appeared – looking, that is, not so much straight at me as at something that was apparently above me. There was clearly another person above me – there was a person on the tower; but the presence on the lawn was not in the least what I had conceived and had confidently hurried to meet. The presence on the lawn – I felt sick as I made it out – was poor little Miles himself.

CHAPTER 11

It was not till late next day that I spoke to Mrs. Grose; the rigor with which I kept my pupils in sight making it often difficult to meet her privately, and the more as we each felt the importance of not provoking – on the part of the servants quite as much as on that of the children – any suspicion of a secret flurry or that of a discussion of mysteries. I drew a great security in this particular from her mere smooth aspect. There was nothing in her fresh face to pass on to others my horrible confidences. She believed me, I was sure, absolutely: if she hadn't I don't know what would have become of me, for I couldn't have borne the business alone. But she was a magnificent monument to the blessing of a want of imagination, and if she could see in our little charges nothing but their beauty and amiability, their happiness and cleverness, she had no direct communication with the sources of my trouble. If they had been at all visibly blighted or battered, she would doubtless have grown, on tracing it back, haggard enough to match them; as matters stood, however, I could feel her, when she surveyed them, with her large white arms folded and the habit of serenity in all her look, thank the Lord's mercy that if they were ruined the pieces would still serve. Flights of fancy gave place, in her mind, to a steady fireside glow, and I had already begun to perceive how, with the development of the conviction that – as time went on without a public accident – our young things could, after all, look out for themselves, she addressed her greatest solicitude to the sad case presented by their instructress. That, for myself, was a sound simplification: I could engage that, to the world, my face should tell no tales, but it would have been, in the conditions, an immense added strain to find myself anxious about hers.

At the hour I now speak of she had joined me, under pressure, on the terrace, where, with the lapse of the season, the afternoon sun was now agreeable; and we sat there together while, before us, at a distance, but within call if we wished, the children strolled to and fro in one of their most manageable moods. They moved slowly, in unison, below us, over the lawn, the boy, as they went, reading aloud from a storybook and passing his arm round his sister to keep her quite in touch. Mrs. Grose watched them with positive placidity; then I caught the suppressed intellectual creak with which she conscientiously turned to take from me a view of the back of the tapestry. I had made her a receptacle of lurid things, but there was an odd recognition of my

superiority – my accomplishments and my function – in her patience under my pain. She offered her mind to my disclosures as, had I wished to mix a witch's broth and proposed it with assurance, she would have held out a large clean saucepan. This had become thoroughly her attitude by the time that, in my recital of the events of the night, I reached the point of what Miles had said to me when, after seeing him, at such a monstrous hour, almost on the very spot where he happened now to be, I had gone down to bring him in; choosing then, at the window, with a concentrated need of not alarming the house, rather that method than a signal more resonant. I had left her meanwhile in little doubt of my small hope of representing with success even to her actual sympathy my sense of the real splendor of the little inspiration with which, after I had got him into the house, the boy met my final articulate challenge. As soon as I appeared in the moonlight on the terrace, he had come to me as straight as possible; on which I had taken his hand without a word and led him, through the dark spaces, up the staircase where Quint had so hungrily hovered for him, along the lobby where I had listened and trembled, and so to his forsaken room.

Not a sound, on the way, had passed between us, and I had wondered – oh, HOW I had wondered! – if he were groping about in his little mind for something plausible and not too grotesque. It would tax his invention, certainly, and I felt, this time, over his real embarrassment, a curious thrill of triumph. It was a sharp trap for the inscrutable! He couldn't play any longer at innocence; so how the deuce would he get out of it? There beat in me indeed, with the passionate throb of this question an equal dumb appeal as to how the deuce I should. I was confronted at last, as never yet, with all the risk attached even now to sounding my own horrid note. I remember in fact that as we pushed into his little chamber, where the bed had not been slept in at all and the window, uncovered to the moonlight, made the place so clear that there was no need of striking a match – I remember how I suddenly dropped, sank upon the edge of the bed from the force of the idea that he must know how he really, as they say, "had" me. He could do what he liked, with all his cleverness to help him, so long as I should continue to defer to the old tradition of the criminality of those caretakers of the young who minister to superstitions and fears. He "had" me indeed, and in a cleft stick; for who would ever absolve me, who would consent that I should go unhung, if, by the faintest tremor of an overture, I were the first to introduce into our perfect intercourse an element so dire? No, no: it was useless to attempt to convey to Mrs. Grose, just as it is scarcely less so to attempt to suggest here, how, in our short, stiff brush in the dark, he fairly shook

me with admiration. I was of course thoroughly kind and merciful; never, never yet had I placed on his little shoulders hands of such tenderness as those with which, while I rested against the bed, I held him there well under fire. I had no alternative but, in form at least, to put it to him.

"You must tell me now – and all the truth. What did you go out for? What were you doing there?" I can still see his wonderful smile, the whites of his beautiful eyes, and the uncovering of his little teeth shine to me in the dusk. "If I tell you why, will you understand?" My heart, at this, leaped into my mouth. WOULD he tell me why? I found no sound on my lips to press it, and I was aware of replying only with a vague, repeated, grimacing nod. He was gentleness itself, and while I wagged my head at him he stood there more than ever a little fairy prince. It was his brightness indeed that gave me a respite. Would it be so great if he were really going to tell me? "Well," he said at last, "just exactly in order that you should do this."

"Do what?"

"Think me – for a change – BAD!" I shall never forget the sweetness and gaiety with which he brought out the word, nor how, on top of it, he bent forward and kissed me. It was practically the end of everything. I met his kiss and I had to make, while I folded him for a minute in my arms, the most stupendous effort not to cry. He had given exactly the account of himself that permitted least of my going behind it, and it was only with the effect of confirming my acceptance of it that, as I presently glanced about the room, I could say.

"Then you didn't undress at all?"

He fairly glittered in the gloom. "Not at all. I sat up and read."

"And when did you go down?"

"At midnight. When I'm bad I AM bad!"

"I see, I see – it's charming. But how could you be sure I would know it?"

"Oh, I arranged that with Flora." His answers rang out with a readiness! "She was to get up and look out."

"Which is what she did do." It was I who fell into the trap!

"So she disturbed you, and, to see what she was looking at, you also

looked – you saw."

"While you," I concurred, "caught your death in the night air!"

He literally bloomed so from this exploit that he could afford radiantly to assent. "How otherwise should I have been bad enough?" he asked. Then, after another embrace, the incident and our interview closed on my recognition of all the reserves of goodness that, for his joke, he had been able to draw upon.

CHAPTER 12

The particular impression I had received proved in the morning light, I repeat, not quite successfully presentable to Mrs. Grose, though I reinforced it with the mention of still another remark that he had made before we separated. "It all lies in half a dozen words," I said to her, "words that really settle the matter. 'Think, you know, what I MIGHT do!' He threw that off to show me how good he is. He knows down to the ground what he `might' do. That's what he gave them a taste of at school."

"Lord, you do change!" cried my friend.

"I don't change – I simply make it out. The four, depend upon it, perpetually meet. If on either of these last nights you had been with either child, you would clearly have understood. The more I've watched and waited the more I've felt that if there were nothing else to make it sure it would be made so by the systematic silence of each. NEVER, by a slip of the tongue, have they so much as alluded to either of their old friends, any more than Miles has alluded to his expulsion. Oh, yes, we may sit here and look at them, and they may show off to us there to their fill; but even while they pretend to be lost in their fairytale they're steeped in their vision of the dead restored. He's not reading to her," I declared; "they're talking of THEM – they're talking horrors! I go on, I know, as if I were crazy; and it's a wonder I'm not. What I've seen would have made YOU so; but it has only made me more lucid, made me get hold of still other things."

My lucidity must have seemed awful, but the charming creatures who were victims of it, passing and repassing in their interlocked sweetness, gave my colleague something to hold on by; and I felt how tight she held as, without stirring in the breath of my passion, she covered them still with her eyes. "Of what other things have you got hold?"

"Why, of the very things that have delighted, fascinated, and yet, at bottom, as I now so strangely see, mystified and troubled me. Their more than earthly beauty, their absolutely unnatural goodness. It's a game," I went on; "it's a policy and a fraud!"

"On the part of little darlings?"

"As yet mere lovely babies? Yes, mad as that seems!" The very act of bringing it out really helped me to trace it – follow it all up and piece it all

together. "They haven't been good – they've only been absent. It has been easy to live with them, because they're simply leading a life of their own. They're not mine – they're not ours. They're his and they're hers!"

"Quint's and that woman's?"

"Quint's and that woman's. They want to get to them."

Oh, how, at this, poor Mrs. Grose appeared to study them! "But for what?"

"For the love of all the evil that, in those dreadful days, the pair put into them. And to ply them with that evil still, to keep up the work of demons, is what brings the others back."

"Laws!" said my friend under her breath. The exclamation was homely, but it revealed a real acceptance of my further proof of what, in the bad time - for there had been a worse even than this! – must have occurred. There could have been no such justification for me as the plain assent of her experience to whatever depth of depravity I found credible in our brace of scoundrels. It was in obvious submission of memory that she brought out after a moment: "They WERE rascals! But what can they now do?" she pursued.

"Do?" I echoed so loud that Miles and Flora, as they passed at their distance, paused an instant in their walk and looked at us. "Don't they do enough?" I demanded in a lower tone, while the children, having smiled and nodded and kissed hands to us, resumed their exhibition. We were held by it a minute; then I answered: "They can destroy them!" At this my companion did turn, but the inquiry she launched was a silent one, the effect of which was to make me more explicit. "They don't know, as yet, quite how – but they're trying hard. They're seen only across, as it were, and beyond – in strange places and on high places, the top of towers, the roof of houses, the outside of windows, the further edge of pools; but there's a deep design, on either side, to shorten the distance and overcome the obstacle; and the success of the tempters is only a question of time. They've only to keep to their suggestions of danger."

"For the children to come?"

"And perish in the attempt!" Mrs. Grose slowly got up, and I scrupulously added: "Unless, of course, we can prevent!"

Standing there before me while I kept my seat, she visibly turned things over. "Their uncle must do the preventing. He must take them away."

"And who's to make him?"

She had been scanning the distance, but she now dropped on me a foolish face. "You, miss."

"By writing to him that his house is poisoned and his little nephew and niece mad?"

"But if they ARE, miss?"

"And if I am myself, you mean? That's charming news to be sent him by a governess whose prime undertaking was to give him no worry."

Mrs. Grose considered, following the children again. "Yes, he do hate worry. That was the great reason…"

"Why those fiends took him in so long? No doubt, though his indifference must have been awful. As I'm not a fiend, at any rate, I shouldn't take him in."

My companion, after an instant and for all answer, sat down again and grasped my arm. "Make him at any rate come to you."

I stared. "To ME?" I had a sudden fear of what she might do. "'Him'?"

"He ought to BE here – he ought to help."

I quickly rose, and I think I must have shown her a queerer face than ever yet. "You see me asking him for a visit?" No, with her eyes on my face she evidently couldn't. Instead of it even - as a woman reads another – she could see what I myself saw: his derision, his amusement, his contempt for the breakdown of my resignation at being left alone and for the fine machinery I had set in motion to attract his attention to my slighted charms. She didn't know – no one knew – how proud I had been to serve him and to stick to our terms; yet she nonetheless took the measure, I think, of the warning I now gave her. "If you should so lose your head as to appeal to him for me"

She was really frightened. "Yes, miss?"

"I would leave, on the spot, both him and you."

CHAPTER 13

It was all very well to join them, but speaking to them proved quite as much as ever an effort beyond my strength – offered, in close quarters, difficulties as insurmountable as before. This situation continued a month, and with new aggravations and particular notes, the note above all, sharper and sharper, of the small ironic consciousness on the part of my pupils. It was not, I am as sure today as I was sure then, my mere infernal imagination: it was absolutely traceable that they were aware of my predicament and that this strange relation made, in a manner, for a long time, the air in which we moved. I don't mean that they had their tongues in their cheeks or did anything vulgar, for that was not one of their dangers: I do mean, on the other hand, that the element of the unnamed and untouched became, between us, greater than any other, and that so much avoidance could not have been so successfully effected without a great deal of tacit arrangement. It was as if, at moments, we were perpetually coming into sight of subjects before which we must stop short, turning suddenly out of alleys that we perceived to be blind, closing with a little bang that made us look at each other – for, like all bangs, it was something louder than we had intended – the doors we had indiscreetly opened. All roads lead to Rome, and there were times when it might have struck us that almost every branch of study or subject of conversation skirted forbidden ground. Forbidden ground was the question of the return of the dead in general and of whatever, in especial, might survive, in memory, of the friends little children had lost. There were days when I could have sworn that one of them had, with a small invisible nudge, said to the other: "She thinks she'll do it this time – but she WON'T!" To "do it" would have been to indulge for instance – and for once in a way – in some direct reference to the lady who had prepared them for my discipline. They had a delightful endless appetite for passages in my own history, to which I had again and again treated them; they were in possession of everything that had ever happened to me, had had, with every circumstance the story of my smallest adventures and of those of my brothers and sisters and of the cat and the dog at home, as well as many particulars of the eccentric nature of my father, of the furniture and arrangement of our house, and of the conversation of the old women of our village. There were things enough, taking one with another, to chatter about, if one went very fast and knew by instinct when to go round. They pulled with an art of their own the strings of my invention and my memory; and nothing else perhaps, when I thought of such

occasions afterward, gave me so the suspicion of being watched from under cover. It was in any case over MY life, MY past, and MY friends alone that we could take anything like our ease – a state of affairs that led them sometimes without the least pertinence to break out into sociable reminders. I was invited – with no visible connection – to repeat afresh Goody Gosling's celebrated mot or to confirm the details already supplied as to the cleverness of the vicarage pony.

It was partly at such junctures as these and partly at quite different ones that, with the turn my matters had now taken, my predicament, as I have called it, grew most sensible. The fact that the days passed for me without another encounter ought, it would have appeared, to have done something toward soothing my nerves. Since the light brush, that second night on the upper landing, of the presence of a woman at the foot of the stair, I had seen nothing, whether in or out of the house, that one had better not have seen. There was many a corner round which I expected to come upon Quint, and many a situation that, in a merely sinister way, would have favored the appearance of Miss Jessel. The summer had turned, the summer had gone; the autumn had dropped upon Bly and had blown out half our lights. The place, with its gray sky and withered garlands, its bared spaces and scattered dead leaves, was like a theater after the performance – all strewn with crumpled playbills. There were exactly states of the air, conditions of sound and of stillness, unspeakable impressions of the KIND of ministering moment, that brought back to me, long enough to catch it, the feeling of the medium in which, that June evening out of doors, I had had my first sight of Quint, and in which, too, at those other instants, I had, after seeing him through the window, looked for him in vain in the circle of shrubbery. I recognized the signs, the portents – I recognized the moment, the spot. But they remained unaccompanied and empty, and I continued unmolested; if unmolested one could call a young woman whose sensibility had, in the most extraordinary fashion, not declined but deepened. I had said in my talk with Mrs. Grose on that horrid scene of Flora's by the lake – and had perplexed her by so saying – that it would from that moment distress me much more to lose my power than to keep it. I had then expressed what was vividly in my mind: the truth that, whether the children really saw or not – since, that is, it was not yet definitely proved – I greatly preferred, as a safeguard, the fullness of my own exposure. I was ready to know the very worst that was to be known. What I had then had an ugly glimpse of was that my eyes might be sealed just while theirs were most opened. Well, my eyes WERE

sealed, it appeared, at present – a consummation for which it seemed blasphemous not to thank God. There was, alas, a difficulty about that: I would have thanked him with all my soul had I not had in a proportionate measure this conviction of the secret of my pupils.

How can I retrace today the strange steps of my obsession? There were times of our being together when I would have been ready to swear that, literally, in my presence, but with my direct sense of it closed, they had visitors who were known and were welcome. Then it was that, had I not been deterred by the very chance that such an injury might prove greater than the injury to be averted, my exultation would have broken out. "They're here, they're here, you little wretches," I would have cried, "and you can't deny it now!" The little wretches denied it with all the added volume of their sociability and their tenderness, in just the crystal depths of which – like the flash of a fish in a stream – the mockery of their advantage peeped up. The shock, in truth, had sunk into me still deeper than I knew on the night when, looking out to see either Quint or Miss Jessel under the stars, I had beheld the boy over whose rest I watched and who had immediately brought in with him - had straightway, there, turned it on me – the lovely upward look with which, from the battlements above me, the hideous apparition of Quint had played. If it was a question of a scare, my discovery on this occasion had scared me more than any other, and it was in the condition of nerves produced by it that I made my actual inductions. They harassed me so that sometimes, at odd moments, I shut myself up audibly to rehearse - it was at once a fantastic relief and a renewed despair - the manner in which I might come to the point. I approached it from one side and the other while, in my room, I flung myself about, but I always broke down in the monstrous utterance of names. As they died away on my lips, I said to myself that I should indeed help them to represent something infamous, if, by pronouncing them, I should violate as rare a little case of instinctive delicacy as any schoolroom, probably, had ever known. When I said to myself: "THEY have the manners to be silent, and you, trusted as you are, the baseness to speak!" I felt myself crimson and I covered my face with my hands. After these secret scenes I chattered more than ever, going on volubly enough till one of our prodigious, palpable hushes occurred – I can call them nothing else - the strange, dizzy lift or swim (I try for terms!) into a stillness, a pause of all life, that had nothing to do with the more or less noise that at the moment we might be engaged in making and that I could hear through any deepened exhilaration or quickened recitation or louder strum of the piano. Then it was that the others,

the outsiders, were there. Though they were not angels, they "passed," as the French say, causing me, while they stayed, to tremble with the fear of their addressing to their younger victims some yet more infernal message or more vivid image than they had thought good enough for myself.

What it was most impossible to get rid of was the cruel idea that, whatever I had seen, Miles and Flora saw MORE – things terrible and unguessable and that sprang from dreadful passages of intercourse in the past. Such things naturally left on the surface, for the time, a chill which we vociferously denied that we felt; and we had, all three, with repetition, got into such splendid training that we went, each time, almost automatically, to mark the close of the incident, through the very same movements. It was striking of the children, at all events, to kiss me inveterately with a kind of wild irrelevance and never to fail – one or the other - of the precious question that had helped us through many a peril. "When do you think he WILL come? Don't you think we OUGHT to write?" – there was nothing like that inquiry, we found by experience, for carrying off an awkwardness. "He" of course was their uncle in Harley Street; and we lived in much profusion of theory that he might at any moment arrive to mingle in our circle. It was impossible to have given less encouragement than he had done to such a doctrine, but if we had not had the doctrine to fall back upon we should have deprived each other of some of our finest exhibitions. He never wrote to them – that may have been selfish, but it was a part of the flattery of his trust of me; for the way in which a man pays his highest tribute to a woman is apt to be but by the more festal celebration of one of the sacred laws of his comfort; and I held that I carried out the spirit of the pledge given not to appeal to him when I let my charges understand that their own letters were but charming literary exercises. They were too beautiful to be posted; I kept them myself; I have them all to this hour. This was a rule indeed which only added to the satiric effect of my being plied with the supposition that he might at any moment be among us. It was exactly as if my charges knew how almost more awkward than anything else that might be for me. There appears to me, moreover, as I look back, no note in all this more extraordinary than the mere fact that, in spite of my tension and of their triumph, I never lost patience with them. Adorable they must in truth have been, I now reflect, that I didn't in these days hate them! Would exasperation, however, if relief had longer been postponed, finally have betrayed me? It little matters, for relief arrived. I call it relief, though it was only the relief that a snap brings to a strain or the burst of a thunderstorm to a day of suffocation. It was at least change, and

it came with a rush.

CHAPTER 14

Walking to church a certain Sunday morning, I had little Miles at my side and his sister, in advance of us and at Mrs. Grose's, well in sight. It was a crisp, clear day, the first of its order for some time; the night had brought a touch of frost, and the autumn air, bright and sharp, made the church bells almost gay. It was an odd accident of thought that I should have happened at such a moment to be particularly and very gratefully struck with the obedience of my little charges. Why did they never resent my inexorable, my perpetual society? Something or other had brought nearer home to me that I had all but pinned the boy to my shawl and that, in the way our companions were marshaled before me, I might have appeared to provide against some danger of rebellion. I was like a gaoler with an eye to possible surprises and escapes. But all this belonged – I mean their magnificent little surrender - just to the special array of the facts that were most abysmal. Turned out for Sunday by his uncle's tailor, who had had a free hand and a notion of pretty waistcoats and of his grand little air, Miles's whole title to independence, the rights of his sex and situation, were so stamped upon him that if he had suddenly struck for freedom I should have had nothing to say. I was by the strangest of chances wondering how I should meet him when the revolution unmistakably occurred. I call it a revolution because I now see how, with the word he spoke, the curtain rose on the last act of my dreadful drama, and the catastrophe was precipitated. "Look here, my dear, you know," he charmingly said, "when in the world, please, am I going back to school?"

Transcribed here the speech sounds harmless enough, particularly as uttered in the sweet, high, casual pipe with which, at all interlocutors, but above all at his eternal governess, he threw off intonations as if he were tossing roses. There was something in them that always made one "catch," and I caught, at any rate, now so effectually that I stopped as short as if one of the trees of the park had fallen across the road. There was something new, on the spot, between us, and he was perfectly aware that I recognized it, though, to enable me to do so, he had no need to look a whit less candid and charming than usual. I could feel in him how he already, from my at first finding nothing to reply, perceived the advantage he had gained. I was so slow to find anything that he had plenty of time, after a minute, to continue with his suggestive but inconclusive smile: "You know, my dear, that for a fellow to be with a lady ALWAYS!" His "my dear" was constantly on his lips for me, and nothing could have expressed more

the exact shade of the sentiment with which I desired to inspire my pupils than its fond familiarity. It was so respectfully easy.

But, oh, how I felt that at present I must pick my own phrases! I remember that, to gain time, I tried to laugh, and I seemed to see in the beautiful face with which he watched me how ugly and queer I looked. "And always with the same lady?" I returned.

He neither blanched nor winked. The whole thing was virtually out between us. "Ah, of course, she's a jolly, `perfect' lady; but, after all, I'm a fellow, don't you see? that's – well, getting on."

I lingered there with him an instant ever so kindly. "Yes, you're getting on." Oh, but I felt helpless!

I have kept to this day the heartbreaking little idea of how he seemed to know that and to play with it. "And you can't say I've not been awfully good, can you?"

I laid my hand on his shoulder, for, though I felt how much better it would have been to walk on, I was not yet quite able. "No, I can't say that, Miles."

"Except just that one night, you know!"

"That one night?" I couldn't look as straight as he.

"Why, when I went down – went out of the house."

"Oh, yes. But I forget what you did it for."

"You forget?" – he spoke with the sweet extravagance of childish reproach. "Why, it was to show you I could!"

"Oh, yes, you could."

"And I can again."

I felt that I might, perhaps, after all, succeed in keeping my wits about me. "Certainly. But you won't."

"No, not THAT again. It was nothing."

"It was nothing," I said. "But we must go on."

He resumed our walk with me, passing his hand into my arm. "Then when AM I going back?"

I wore, in turning it over, my most responsible air. "Were you very happy at school?"

He just considered. "Oh, I'm happy enough anywhere!"

"Well, then," I quavered, "if you're just as happy here…!"

"Ah, but that isn't everything! Of course YOU know a lot…"

"But you hint that you know almost as much?" I risked as he paused.

"Not half I want to!" Miles honestly professed. "But it isn't so much that."

"What is it, then?"

"Well – I want to see more life."

"I see; I see." We had arrived within sight of the church and of various persons, including several of the household of Bly, on their way to it and clustered about the door to see us go in. I quickened our step; I wanted to get there before the question between us opened up much further; I reflected hungrily that, for more than an hour, he would have to be silent; and I thought with envy of the comparative dusk of the pew and of the almost spiritual help of the hassock on which I might bend my knees. I seemed literally to be running a race with some confusion to which he was about to reduce me, but I felt that he had got in first when, before we had even entered the churchyard, he threw out.

"I want my own sort!"

It literally made me bound forward. "There are not many of your own sort, Miles!" I laughed. "Unless perhaps dear little Flora!"

"You really compare me to a baby girl?"

This found me singularly weak. "Don't you, then, LOVE our sweet Flora?"

"If I didn't – and you, too; if I didn't…!" he repeated as if retreating for a jump, yet leaving his thought so unfinished that, after we had come into the gate, another stop, which he imposed on me by the pressure of his arm, had become inevitable. Mrs. Grose and Flora had passed into the church, the other worshippers had followed, and we were, for the minute, alone among the old, thick graves. We had paused, on the path from the gate, by a low, oblong, tablelike tomb.

"Yes, if you didn't?"

He looked, while I waited, at the graves. "Well, you know what!" But he didn't move, and he presently produced something that made me drop straight down on the stone slab, as if suddenly to rest. "Does my uncle think what YOU think?"

I markedly rested. "How do you know what I think?"

"Ah, well, of course I don't; for it strikes me you never tell me. But I mean does HE know?"

"Know what, Miles?"

"Why, the way I'm going on."

I perceived quickly enough that I could make, to this inquiry, no answer that would not involve something of a sacrifice of my employer. Yet it appeared to me that we were all, at Bly, sufficiently sacrificed to make that venial. "I don't think your uncle much cares."

Miles, on this, stood looking at me. "Then don't you think he can be made to?"

"In what way?"

"Why, by his coming down."

"But who'll get him to come down?"

"I will!" the boy said with extraordinary brightness and emphasis. He gave me another look charged with that expression and then marched off alone into church.

CHAPTER 15

The business was practically settled from the moment I never followed him. It was a pitiful surrender to agitation, but my being aware of this had somehow no power to restore me. I only sat there on my tomb and read into what my little friend had said to me the fullness of its meaning; by the time I had grasped the whole of which I had also embraced, for absence, the pretext that I was ashamed to offer my pupils and the rest of the congregation such an example of delay. What I said to myself above all was that Miles had got something out of me and that the proof of it, for him, would be just this awkward collapse. He had got out of me that there was something I was much afraid of and that he should probably be able to make use of my fear to gain, for his own purpose, more freedom. My fear was of having to deal with the intolerable question of the grounds of his dismissal from school, for that was really but the question of the horrors gathered behind. That his uncle should arrive to treat with me of these things was a solution that, strictly speaking, I ought now to have desired to bring on; but I could so little face the ugliness and the pain of it that I simply procrastinated and lived from hand to mouth. The boy, to my deep discomposure, was immensely in the right, was in a position to say to me: "Either you clear up with my guardian the mystery of this interruption of my studies, or you cease to expect me to lead with you a life that's so unnatural for a boy." What was so unnatural for the particular boy I was concerned with was this sudden revelation of a consciousness and a plan.

That was what really overcame me, what prevented my going in. I walked round the church, hesitating, hovering; I reflected that I had already, with him, hurt myself beyond repair. Therefore I could patch up nothing, and it was too extreme an effort to squeeze beside him into the pew: he would be so much more sure than ever to pass his arm into mine and make me sit there for an hour in close, silent contact with his commentary on our talk. For the first minute since his arrival I wanted to get away from him. As I paused beneath the high east window and listened to the sounds of worship, I was taken with an impulse that might master me, I felt, completely should I give it the least encouragement. I might easily put an end to my predicament by getting away altogether. Here was my chance; there was no one to stop me; I could give the whole thing up – turn my back and retreat. It was only a question of hurrying again, for a few preparations, to the house which the attendance at church of so

many of the servants would practically have left unoccupied. No one, in short, could blame me if I should just drive desperately off. What was it to get away if I got away only till dinner? That would be in a couple of hours, at the end of which - I had the acute prevision – my little pupils would play at innocent wonder about my nonappearance in their train.

"What DID you do, you naughty, bad thing? Why in the world, to worry us so – and take our thoughts off, too, don't you know? - did you desert us at the very door?" I couldn't meet such questions nor, as they asked them, their false little lovely eyes; yet it was all so exactly what I should have to meet that, as the prospect grew sharp to me, I at last let myself go.

I got, so far as the immediate moment was concerned, away; I came straight out of the churchyard and, thinking hard, retraced my steps through the park. It seemed to me that by the time I reached the house I had made up my mind I would fly. The Sunday stillness both of the approaches and of the interior, in which I met no one, fairly excited me with a sense of opportunity. Were I to get off quickly, this way, I should get off without a scene, without a word. My quickness would have to be remarkable, however, and the question of a conveyance was the great one to settle. Tormented, in the hall, with difficulties and obstacles, I remember sinking down at the foot of the staircase – suddenly collapsing there on the lowest step and then, with a revulsion, recalling that it was exactly where more than a month before, in the darkness of night and just so bowed with evil things, I had seen the specter of the most horrible of women. At this I was able to straighten myself; I went the rest of the way up; I made, in my bewilderment, for the schoolroom, where there were objects belonging to me that I should have to take. But I opened the door to find again, in a flash, my eyes unsealed. In the presence of what I saw I reeled straight back upon my resistance.

Seated at my own table in clear noonday light I saw a person whom, without my previous experience, I should have taken at the first blush for some housemaid who might have stayed at home to look after the place and who, availing herself of rare relief from observation and of the schoolroom table and my pens, ink, and paper, had applied herself to the considerable effort of a letter to her sweetheart. There was an effort in the way that, while her arms rested on the table, her hands with evident weariness supported her head; but at the moment I took this in I had already become aware that, in spite of my entrance, her attitude strangely persisted. Then it was – with the very act of its

announcing itself - that her identity flared up in a change of posture. She rose, not as if she had heard me, but with an indescribable grand melancholy of indifference and detachment, and, within a dozen feet of me, stood there as my vile predecessor. Dishonored and tragic, she was all before me; but even as I fixed and, for memory, secured it, the awful image passed away. Dark as midnight in her black dress, her haggard beauty and her unutterable woe, she had looked at me long enough to appear to say that her right to sit at my table was as good as mine to sit at hers. While these instants lasted, indeed, I had the extraordinary chill of feeling that it was I who was the intruder. It was as a wild protest against it that, actually addressing her – "You terrible, miserable woman!" – I heard myself break into a sound that, by the open door, rang through the long passage and the empty house. She looked at me as if she heard me, but I had recovered myself and cleared the air. There was nothing in the room the next minute but the sunshine and a sense that I must stay.

CHAPTER 16

I had so perfectly expected that the return of my pupils would be marked by a demonstration that I was freshly upset at having to take into account that they were dumb about my absence. Instead of gaily denouncing and caressing me, they made no allusion to my having failed them, and I was left, for the time, on perceiving that she too said nothing, to study Mrs. Grose's odd face. I did this to such purpose that I made sure they had in some way bribed her to silence; a silence that, however, I would engage to break down on the first private opportunity. This opportunity came before tea: I secured five minutes with her in the housekeeper's room, where, in the twilight, amid a smell of lately baked bread, but with the place all swept and garnished, I found her sitting in pained placidity before the fire. So I see her still, so I see her best: facing the flame from her straight chair in the dusky, shining room, a large clean image of the "put away" – of drawers closed and locked and rest without a remedy.

"Oh, yes, they asked me to say nothing; and to please them - so long as they were there – of course I promised. But what had happened to you?"

"I only went with you for the walk," I said. "I had then to come back to meet a friend."

She showed her surprise. "A friend – YOU?"

"Oh, yes, I have a couple!" I laughed. "But did the children give you a reason?"

"For not alluding to your leaving us? Yes; they said you would like it better. Do you like it better?"

My face had made her rueful. "No, I like it worse!" But after an instant I added: "Did they say why I should like it better?"

"No; Master Miles only said, "We must do nothing but what she likes!"

"I wish indeed he would. And what did Flora say?"

"Miss Flora was too sweet. She said, `Oh, of course, of course!' - and I said the same."

I thought a moment. "You were too sweet, too – I can hear you all. But nonetheless, between Miles and me, it's now all out."

"All out?" My companion stared. "But what, miss?"

"Everything. It doesn't matter. I've made up my mind. I came home, my dear," I went on, "for a talk with Miss Jessel."

I had by this time formed the habit of having Mrs. Grose literally well in hand in advance of my sounding that note; so that even now, as she bravely blinked under the signal of my word, I could keep her comparatively firm. "A talk! Do you mean she spoke?"

"It came to that. I found her, on my return, in the schoolroom."

"And what did she say?" I can hear the good woman still, and the candor of her stupefaction.

"That she suffers the torments!"

It was this, of a truth, that made her, as she filled out my picture, gape. "Do you mean," she faltered, " – of the lost?"

"Of the lost. Of the damned. And that's why, to share them" I faltered myself with the horror of it.

But my companion, with less imagination, kept me up. "To share them – ?"

"She wants Flora." Mrs. Grose might, as I gave it to her, fairly have fallen away from me had I not been prepared. I still held her there, to show I was. "As I've told you, however, it doesn't matter."

"Because you've made up your mind? But to what?"

"To everything."

"And what do you call `everything'?"

"Why, sending for their uncle."

"Oh, miss, in pity do," my friend broke out.

"Ah, but I will, I WILL! I see it's the only way. What's `out,' as I told you, with Miles is that if he thinks I'm afraid to – and has ideas of what he gains by that - he shall see he's mistaken. Yes, yes; his uncle shall have it here from me on the spot (and before the boy himself, if necessary) that if I'm to be reproached with having done nothing again about more school."

"Yes, miss – " my companion pressed me.

"Well, there's that awful reason."

There were now clearly so many of these for my poor colleague that she was excusable for being vague. "But… a… which?"

"Why, the letter from his old place."

"You'll show it to the master?"

"I ought to have done so on the instant."

"Oh, no!" said Mrs. Grose with decision.

"I'll put it before him," I went on inexorably, "that I can't undertake to work the question on behalf of a child who has been expelled"

"For we've never in the least known what!" Mrs. Grose declared.

"For wickedness. For what else – when he's so clever and beautiful and perfect? Is he stupid? Is he untidy? Is he infirm? Is he ill-natured? He's exquisite – so it can be only THAT; and that would open up the whole thing. After all," I said, "it's their uncle's fault. If he left here such people!"

"He didn't really in the least know them. The fault's mine." She had turned quite pale.

"Well, you shan't suffer," I answered.

"The children shan't!" she emphatically returned.

I was silent awhile; we looked at each other. "Then what am I to tell him?"

"You needn't tell him anything. I'll tell him."

I measured this. "Do you mean you'll write – ?" Remembering she couldn't, I caught myself up. "How do you communicate?"

"I tell the bailiff. HE writes."

"And should you like him to write our story?"

My question had a sarcastic force that I had not fully intended, and it made her, after a moment, inconsequently break down. The tears were again in her eyes. "Ah, miss, YOU write!"

"Well – tonight," I at last answered; and on this we separated.

CHAPTER 17

I went so far, in the evening, as to make a beginning. The weather had changed back, a great wind was abroad, and beneath the lamp, in my room, with Flora at peace beside me, I sat for a long time before a blank sheet of paper and listened to the lash of the rain and the batter of the gusts. Finally I went out, taking a candle; I crossed the passage and listened a minute at Miles's door. What, under my endless obsession, I had been impelled to listen for was some betrayal of his not being at rest, and I presently caught one, but not in the form I had expected. His voice tinkled out. "I say, you there – come in." It was a gaiety in the gloom!

I went in with my light and found him, in bed, very wide awake, but very much at his ease. "Well, what are YOU up to?" he asked with a grace of sociability in which it occurred to me that Mrs. Grose, had she been present, might have looked in vain for proof that anything was "out."

I stood over him with my candle. "How did you know I was there?"

"Why, of course I heard you. Did you fancy you made no noise? You're like a troop of cavalry!" he beautifully laughed.

"Then you weren't asleep?"

"Not much! I lie awake and think."

I had put my candle, designedly, a short way off, and then, as he held out his friendly old hand to me, had sat down on the edge of his bed. "What is it," I asked, "that you think of?"

"What in the world, my dear, but YOU?"

"Ah, the pride I take in your appreciation doesn't insist on that! I had so far rather you slept."

"Well, I think also, you know, of this queer business of ours."

I marked the coolness of his firm little hand. "Of what queer business, Miles?"

"Why, the way you bring me up. And all the rest!"

I fairly held my breath a minute, and even from my glimmering taper there was light enough to show how he smiled up at me from his pillow. "What do you mean by all the rest?"

"Oh, you know, you know!"

I could say nothing for a minute, though I felt, as I held his hand and our eyes continued to meet, that my silence had all the air of admitting his charge and that nothing in the whole world of reality was perhaps at that moment so fabulous as our actual relation. "Certainly you shall go back to school," I said, "if it be that that troubles you. But not to the old place – we must find another, a better. How could I know it did trouble you, this question, when you never told me so, never spoke of it at all?" His clear, listening face, framed in its smooth whiteness, made him for the minute as appealing as some wistful patient in a children's hospital; and I would have given, as the resemblance came to me, all I possessed on earth really to be the nurse or the sister of charity who might have helped to cure him. Well, even as it was, I perhaps might help! "Do you know you've never said a word to me about your school - I mean the old one; never mentioned it in any way?"

He seemed to wonder; he smiled with the same loveliness. But he clearly gained time; he waited, he called for guidance. "Haven't I?" It wasn't for ME to help him - it was for the thing I had met!

Something in his tone and the expression of his face, as I got this from him, set my heart aching with such a pang as it had never yet known; so unutterably touching was it to see his little brain puzzled and his little resources taxed to play, under the spell laid on him, a part of innocence and consistency. "No, never – from the hour you came back. You've never mentioned to me one of your masters, one of your comrades, nor the least little thing that ever happened to you at school. Never, little Miles – no, never – have you given me an inkling of anything that MAY have happened there. Therefore you can fancy how much I'm in the dark. Until you came out, that way, this morning, you had, since the first hour I saw you, scarce even made a reference to anything in your previous life. You seemed so perfectly to accept the present." It was extraordinary how my absolute conviction of his secret precocity (or whatever I might call the poison of an influence that I dared but half to phrase) made him, in spite of the faint breath of his inward trouble, appear as accessible as an older person – imposed him almost as an intellectual equal. "I thought you wanted to go on as you are."

It struck me that at this he just faintly colored. He gave, at any rate, like a convalescent slightly fatigued, a languid shake of his head. "I don't – I don't. I want to get away."

"You're tired of Bly?"

"Oh, no, I like Bly."

"Well, then?"

"Oh, YOU know what a boy wants!"

I felt that I didn't know so well as Miles, and I took temporary refuge. "You want to go to your uncle?"

Again, at this, with his sweet ironic face, he made a movement on the pillow. "Ah, you can't get off with that!"

I was silent a little, and it was I, now, I think, who changed color. "My dear, I don't want to get off!"

"You can't, even if you do. You can't, you can't!" he lay beautifully staring. "My uncle must come down, and you must completely settle things."

"If we do," I returned with some spirit, "you may be sure it will be to take you quite away."

"Well, don't you understand that that's exactly what I'm working for? You'll have to tell him – about the way you've let it all drop: you'll have to tell him a tremendous lot!"

The exultation with which he uttered this helped me somehow, for the instant, to meet him rather more. "And how much will YOU, Miles, have to tell him? There are things he'll ask you!"

He turned it over. "Very likely. But what things?"

"The things you've never told me. To make up his mind what to do with you. He can't send you back…"

"Oh, I don't want to go back!" he broke in. "I want a new field."

He said it with admirable serenity, with positive unimpeachable gaiety; and doubtless it was that very note that most evoked for me the poignancy, the unnatural childish tragedy, of his probable reappearance at the end of three months with all this bravado and still more dishonor. It overwhelmed me now that I should never be able to bear that, and it made me let myself go. I threw myself upon him and in the tenderness of my pity I embraced him. "Dear little Miles, dear little Miles!"

My face was close to his, and he let me kiss him, simply taking it with

indulgent good humor. "Well, old lady?"

"Is there nothing – nothing at all that you want to tell me?"

He turned off a little, facing round toward the wall and holding up his hand to look at as one had seen sick children look. "I've told you – I told you this morning."

Oh, I was sorry for him! "That you just want me not to worry you?"

He looked round at me now, as if in recognition of my understanding him; then ever so gently, "To let me alone," he replied.

There was even a singular little dignity in it, something that made me release him, yet, when I had slowly risen, linger beside him. God knows I never wished to harass him, but I felt that merely, at this, to turn my back on him was to abandon or, to put it more truly, to lose him. "I've just begun a letter to your uncle," I said.

"Well, then, finish it!"

I waited a minute. "What happened before?"

He gazed up at me again. "Before what?"

"Before you came back. And before you went away."

For some time he was silent, but he continued to meet my eyes. "What happened?"

It made me, the sound of the words, in which it seemed to me that I caught for the very first time a small faint quaver of consenting consciousness – it made me drop on my knees beside the bed and seize once more the chance of possessing him. "Dear little Miles, dear little Miles, if you KNEW how I want to help you! It's only that, it's nothing but that, and I'd rather die than give you a pain or do you a wrong - I'd rather die than hurt a hair of you. Dear little Miles" - oh, I brought it out now even if I SHOULD go too far" I just want you to help me to save you!" But I knew in a moment after this that I had gone too far. The answer to my appeal was instantaneous, but it came in the form of an extraordinary blast and chill, a gust of frozen air, and a shake of the room as great as if, in the wild wind, the casement had crashed in. The boy gave a loud, high shriek, which, lost in the rest of the shock of sound, might have seemed, indistinctly, though I was so close to him, a note either of jubilation or of terror. I jumped to my feet again and was conscious of darkness. So for a moment we

remained, while I stared about me and saw that the drawn curtains were unstirred and the window tight. "Why, the candle's out!" I then cried.

"It was I who blew it, dear!" said Miles.

CHAPTER 18

The next day, after lessons, Mrs. Grose found a moment to say to me quietly: "Have you written, miss?"

"Yes – I've written." But I didn't add – for the hour – that my letter, sealed and directed, was still in my pocket. There would be time enough to send it before the messenger should go to the village. Meanwhile there had been, on the part of my pupils, no more brilliant, more exemplary morning. It was exactly as if they had both had at heart to gloss over any recent little friction. They performed the dizziest feats of arithmetic, soaring quite out of MY feeble range, and perpetrated, in higher spirits than ever, geographical and historical jokes. It was conspicuous of course in Miles in particular that he appeared to wish to show how easily he could let me down. This child, to my memory, really lives in a setting of beauty and misery that no words can translate; there was a distinction all his own in every impulse he revealed; never was a small natural creature, to the uninitiated eye all frankness and freedom, a more ingenious, a more extraordinary little gentleman. I had perpetually to guard against the wonder of contemplation into which my initiated view betrayed me; to check the irrelevant gaze and discouraged sigh in which I constantly both attacked and renounced the enigma of what such a little gentleman could have done that deserved a penalty. Say that, by the dark prodigy I knew, the imagination of all evil HAD been opened up to him: all the justice within me ached for the proof that it could ever have flowered into an act.

He had never, at any rate, been such a little gentleman as when, after our early dinner on this dreadful day, he came round to me and asked if I shouldn't like him, for half an hour, to play to me. David playing to Saul could never have shown a finer sense of the occasion. It was literally a charming exhibition of tact, of magnanimity, and quite tantamount to his saying outright: "The true knights we love to read about never push an advantage too far. I know what you mean now: you mean that - to be let alone yourself and not followed up – you'll cease to worry and spy upon me, won't keep me so close to you, will let me go and come. Well, I 'come,' you see – but I don't go! There'll be plenty of time for that. I do really delight in your society, and I only want to show you that I contended for a principle." It may be imagined whether I resisted this appeal or failed to accompany him again, hand in hand, to the schoolroom. He sat down at the old piano and played as he had never played; and if there are

those who think he had better have been kicking a football I can only say that I wholly agree with them. For at the end of a time that under his influence I had quite ceased to measure, I started up with a strange sense of having literally slept at my post. It was after luncheon, and by the schoolroom fire, and yet I hadn't really, in the least, slept: I had only done something much worse - I had forgotten. Where, all this time, was Flora? When I put the question to Miles, he played on a minute before answering and then could only say: "Why, my dear, how do I know?" – breaking moreover into a happy laugh which, immediately after, as if it were a vocal accompaniment, he prolonged into incoherent, extravagant song.

I went straight to my room, but his sister was not there; then, before going downstairs, I looked into several others. As she was nowhere about she would surely be with Mrs. Grose, whom, in the comfort of that theory, I accordingly proceeded in quest of. I found her where I had found her the evening before, but she met my quick challenge with blank, scared ignorance. She had only supposed that, after the repast, I had carried off both the children; as to which she was quite in her right, for it was the very first time I had allowed the little girl out of my sight without some special provision. Of course now indeed she might be with the maids, so that the immediate thing was to look for her without an air of alarm. This we promptly arranged between us; but when, ten minutes later and in pursuance of our arrangement, we met in the hall, it was only to report on either side that after guarded inquiries we had altogether failed to trace her. For a minute there, apart from observation, we exchanged mute alarms, and I could feel with what high interest my friend returned me all those I had from the first given her.

"She'll be above," she presently said, "in one of the rooms you haven't searched."

"No; she's at a distance." I had made up my mind. "She has gone out."

Mrs. Grose stared. "Without a hat?"

I naturally also looked volumes. "Isn't that woman always without one?"

"She's with HER?"

"She's with HER!" I declared. "We must find them."

My hand was on my friend's arm, but she failed for the moment,

confronted with such an account of the matter, to respond to my pressure. She communed, on the contrary, on the spot, with her uneasiness. "And where's Master Miles?"

"Oh, HE'S with Quint. They're in the schoolroom."

"Lord, miss!" My view, I was myself aware - and therefore I suppose my tone - had never yet reached so calm an assurance.

"The trick's played," I went on; "they've successfully worked their plan. He found the most divine little way to keep me quiet while she went off."

"'Divine'?" Mrs. Grose bewilderedly echoed.

"Infernal, then!" I almost cheerfully rejoined. "He has provided for himself as well. But come!"

She had helplessly gloomed at the upper regions. "You leave him?"

"So long with Quint? Yes – I don't mind that now."

She always ended, at these moments, by getting possession of my hand, and in this manner she could at present still stay me. But after gasping an instant at my sudden resignation, "Because of your letter?" she eagerly brought out.

I quickly, by way of answer, felt for my letter, drew it forth, held it up, and then, freeing myself, went and laid it on the great hall table. "Luke will take it," I said as I came back. I reached the house door and opened it; I was already on the steps.

My companion still demurred: the storm of the night and the early morning had dropped, but the afternoon was damp and gray. I came down to the drive while she stood in the doorway. "You go with nothing on?"

"What do I care when the child has nothing? I can't wait to dress," I cried, "and if you must do so, I leave you. Try meanwhile, yourself, upstairs."

"With THEM?" Oh, on this, the poor woman promptly joined me!

CHAPTER 19

We went straight to the lake, as it was called at Bly, and I daresay rightly called, though I reflect that it may in fact have been a sheet of water less remarkable than it appeared to my untraveled eyes. My acquaintance with sheets of water was small, and the pool of Bly, at all events on the few occasions of my consenting, under the protection of my pupils, to affront its surface in the old flat-bottomed boat moored there for our use, had impressed me both with its extent and its agitation. The usual place of embarkation was half a mile from the house, but I had an intimate conviction that, wherever Flora might be, she was not near home. She had not given me the slip for any small adventure, and, since the day of the very great one that I had shared with her by the pond, I had been aware, in our walks, of the quarter to which she most inclined. This was why I had now given to Mrs. Grose's steps so marked a direction – a direction that made her, when she perceived it, oppose a resistance that showed me she was freshly mystified. "You're going to the water, Miss? - you think she's IN?"

"She may be, though the depth is, I believe, nowhere very great. But what I judge most likely is that she's on the spot from which, the other day, we saw together what I told you."

"When she pretended not to see?"

"With that astounding self-possession? I've always been sure she wanted to go back alone. And now her brother has managed it for her."

Mrs. Grose still stood where she had stopped. "You suppose they really TALK of them?"

"I could meet this with a confidence! "They say things that, if we heard them, would simply appall us."

"And if she IS there"

"Yes?"

"Then Miss Jessel is?"

"Beyond a doubt. You shall see."

"Oh, thank you!" my friend cried, planted so firm that, taking it in, I went straight on without her. By the time I reached the pool, however, she was close behind me, and I knew that, whatever, to her apprehension, might befall

me, the exposure of my society struck her as her least danger. She exhaled a moan of relief as we at last came in sight of the greater part of the water without a sight of the child. There was no trace of Flora on that nearer side of the bank where my observation of her had been most startling, and none on the opposite edge, where, save for a margin of some twenty yards, a thick copse came down to the water. The pond, oblong in shape, had a width so scant compared to its length that, with its ends out of view, it might have been taken for a scant river. We looked at the empty expanse, and then I felt the suggestion of my friend's eyes. I knew what she meant and I replied with a negative headshake.

"No, no; wait! She has taken the boat."

My companion stared at the vacant mooring place and then again across the lake. "Then where is it?"

"Our not seeing it is the strongest of proofs. She has used it to go over, and then has managed to hide it."

"All alone – that child?"

"She's not alone, and at such times she's not a child: she's an old, old woman." I scanned all the visible shore while Mrs. Grose took again, into the queer element I offered her, one of her plunges of submission; then I pointed out that the boat might perfectly be in a small refuge formed by one of the recesses of the pool, an indentation masked, for the hither side, by a projection of the bank and by a clump of trees growing close to the water.

"But if the boat's there, where on earth's SHE?" my colleague anxiously asked.

"That's exactly what we must learn." And I started to walk further.

"By going all the way round?"

"Certainly, far as it is. It will take us but ten minutes, but it's far enough to have made the child prefer not to walk. She went straight over."

"Laws!" cried my friend again; the chain of my logic was ever too much for her. It dragged her at my heels even now, and when we had got halfway round – a devious, tiresome process, on ground much broken and by a path choked with overgrowth - I paused to give her breath. I sustained her with a grateful arm, assuring her that she might hugely help me; and this started us afresh, so that in the course of but few minutes more we reached a point from which we found the boat to be where I had supposed it. It had been

intentionally left as much as possible out of sight and was tied to one of the stakes of a fence that came, just there, down to the brink and that had been an assistance to disembarking. I recognized, as I looked at the pair of short, thick oars, quite safely drawn up, the prodigious character of the feat for a little girl; but I had lived, by this time, too long among wonders and had panted to too many livelier measures. There was a gate in the fence, through which we passed, and that brought us, after a trifling interval, more into the open. Then, "There she is!" we both exclaimed at once.

Flora, a short way off, stood before us on the grass and smiled as if her performance was now complete. The next thing she did, however, was to stoop straight down and pluck – quite as if it were all she was there for – a big, ugly spray of withered fern. I instantly became sure she had just come out of the copse. She waited for us, not herself taking a step, and I was conscious of the rare solemnity with which we presently approached her. She smiled and smiled, and we met; but it was all done in a silence by this time flagrantly ominous. Mrs. Grose was the first to break the spell: she threw herself on her knees and, drawing the child to her breast, clasped in a long embrace the little tender, yielding body. While this dumb convulsion lasted I could only watch it – which I did the more intently when I saw Flora's face peep at me over our companion's shoulder. It was serious now – the flicker had left it; but it strengthened the pang with which I at that moment envied Mrs. Grose the simplicity of HER relation. Still, all this while, nothing more passed between us save that Flora had let her foolish fern again drop to the ground. What she and I had virtually said to each other was that pretexts were useless now. When Mrs. Grose finally got up she kept the child's hand, so that the two were still before me; and the singular reticence of our communion was even more marked in the frank look she launched me. "I'll be hanged," it said, "if I'll speak!"

It was Flora who, gazing all over me in candid wonder, was the first. She was struck with our bareheaded aspect. "Why, where are your things?"

"Where yours are, my dear!" I promptly returned.

She had already got back her gaiety, and appeared to take this as an answer quite sufficient. "And where's Miles?" she went on.

There was something in the small valor of it that quite finished me: these three words from her were, in a flash like the glitter of a drawn blade, the jostle of the cup that my hand, for weeks and weeks, had held high and full to

the brim that now, even before speaking, I felt overflow in a deluge. "I'll tell you if you'll tell ME" I heard myself say, then heard the tremor in which it broke.

"Well, what?"

Mrs. Grose's suspense blazed at me, but it was too late now, and I brought the thing out handsomely. "Where, my pet, is Miss Jessel?"

CHAPTER 20

Just as in the churchyard with Miles, the whole thing was upon us. Much as I had made of the fact that this name had never once, between us, been sounded, the quick, smitten glare with which the child's face now received it fairly likened my breach of the silence to the smash of a pane of glass. It added to the interposing cry, as if to stay the blow, that Mrs. Grose, at the same instant, uttered over my violence – the shriek of a creature scared, or rather wounded, which, in turn, within a few seconds, was completed by a gasp of my own. I seized my colleague's arm. "She's there, she's there!"

Miss Jessel stood before us on the opposite bank exactly as she had stood the other time, and I remember, strangely, as the first feeling now produced in me, my thrill of joy at having brought on a proof. She was there, and I was justified; she was there, and I was neither cruel nor mad. She was there for poor scared Mrs. Grose, but she was there most for Flora; and no moment of my monstrous time was perhaps so extraordinary as that in which I consciously threw out to her – with the sense that, pale and ravenous demon as she was, she would catch and understand it – an inarticulate message of gratitude. She rose erect on the spot my friend and I had lately quitted, and there was not, in all the long reach of her desire, an inch of her evil that fell short. This first vividness of vision and emotion were things of a few seconds, during which Mrs. Grose's dazed blink across to where I pointed struck me as a sovereign sign that she too at last saw, just as it carried my own eyes precipitately to the child. The revelation then of the manner in which Flora was affected startled me, in truth, far more than it would have done to find her also merely agitated, for direct dismay was of course not what I had expected. Prepared and on her guard as our pursuit had actually made her, she would repress every betrayal; and I was therefore shaken, on the spot, by my first glimpse of the particular one for which I had not allowed. To see her, without a convulsion of her small pink face, not even feign to glance in the direction of the prodigy I announced, but only, instead of that, turn at ME an expression of hard, still gravity, an expression absolutely new and unprecedented and that appeared to read and accuse and judge me – this was a stroke that somehow converted the little girl herself into the very presence that could make me quail. I quailed even though my certitude that she thoroughly saw was never greater than at that instant, and in the immediate need to defend myself I called it passionately to witness. "She's

there, you little unhappy thing – there, there, THERE, and you see her as well as you see me!" I had said shortly before to Mrs. Grose that she was not at these times a child, but an old, old woman, and that description of her could not have been more strikingly confirmed than in the way in which, for all answer to this, she simply showed me, without a concession, an admission, of her eyes, a countenance of deeper and deeper, of indeed suddenly quite fixed, reprobation. I was by this time - if I can put the whole thing at all together – more appalled at what I may properly call her manner than at anything else, though it was simultaneously with this that I became aware of having Mrs. Grose also, and very formidably, to reckon with. My elder companion, the next moment, at any rate, blotted out everything but her own flushed face and her loud, shocked protest, a burst of high disapproval. "What a dreadful turn, to be sure, miss! Where on earth do you see anything?"

I could only grasp her more quickly yet, for even while she spoke the hideous plain presence stood undimmed and undaunted. It had already lasted a minute, and it lasted while I continued, seizing my colleague, quite thrusting her at it and presenting her to it, to insist with my pointing hand. "You don't see her exactly as WE see? - you mean to say you don't now – NOW? She's as big as a blazing fire! Only look, dearest woman, LOOK…!" She looked, even as I did, and gave me, with her deep groan of negation, repulsion, compassion – the mixture with her pity of her relief at her exemption – a sense, touching to me even then, that she would have backed me up if she could. I might well have needed that, for with this hard blow of the proof that her eyes were hopelessly sealed I felt my own situation horribly crumble, I felt – I saw – my livid predecessor press, from her position, on my defeat, and I was conscious, more than all, of what I should have from this instant to deal with in the astounding little attitude of Flora. Into this attitude Mrs. Grose immediately and violently entered, breaking, even while there pierced through my sense of ruin a prodigious private triumph, into breathless reassurance.

"She isn't there, little lady, and nobody's there – and you never see nothing, my sweet! How can poor Miss Jessel – when poor Miss Jessel's dead and buried? WE know, don't we, love? – and she appealed, blundering in, to the child. "It's all a mere mistake and a worry and a joke – and we'll go home as fast as we can!"

Our companion, on this, had responded with a strange, quick primness of propriety, and they were again, with Mrs. Grose on her feet, united, as it were,

in pained opposition to me. Flora continued to fix me with her small mask of reprobation, and even at that minute I prayed God to forgive me for seeming to see that, as she stood there holding tight to our friend's dress, her incomparable childish beauty had suddenly failed, had quite vanished. I've said it already – she was literally, she was hideously, hard; she had turned common and almost ugly. "I don't know what you mean. I see nobody. I see nothing. I never HAVE. I think you're cruel. I don't like you!"

Then, after this deliverance, which might have been that of a vulgarly pert little girl in the street, she hugged Mrs. Grose more closely and buried in her skirts the dreadful little face. In this position she produced an almost furious wail. "Take me away, take me away – oh, take me away from HER!"

"From ME?" I panted.

"From you – from you!" she cried.

Even Mrs. Grose looked across at me dismayed, while I had nothing to do but communicate again with the figure that, on the opposite bank, without a movement, as rigidly still as if catching, beyond the interval, our voices, was as vividly there for my disaster as it was not there for my service. The wretched child had spoken exactly as if she had got from some outside source each of her stabbing little words, and I could therefore, in the full despair of all I had to accept, but sadly shake my head at her. "If I had ever doubted, all my doubt would at present have gone. I've been living with the miserable truth, and now it has only too much closed round me. Of course I've lost you: I've interfered, and you've seen – under HER dictation" – with which I faced, over the pool again, our infernal witness – "the easy and perfect way to meet it. I've done my best, but I've lost you. Goodbye." For Mrs. Grose I had an imperative, an almost frantic "Go, go!" before which, in infinite distress, but mutely possessed of the little girl and clearly convinced, in spite of her blindness, that something awful had occurred and some collapse engulfed us, she retreated, by the way we had come, as fast as she could move.

Of what first happened when I was left alone I had no subsequent memory. I only knew that at the end of, I suppose, a quarter of an hour, an odorous dampness and roughness, chilling and piercing my trouble, had made me understand that I must have thrown myself, on my face, on the ground and given way to a wildness of grief. I must have lain there long and cried and sobbed, for when I raised my head the day was almost done. I got up and looked

a moment, through the twilight, at the gray pool and its blank, haunted edge, and then I took, back to the house, my dreary and difficult course. When I reached the gate in the fence the boat, to my surprise, was gone, so that I had a fresh reflection to make on Flora's extraordinary command of the situation. She passed that night, by the most tacit, and I should add, were not the word so grotesque a false note, the happiest of arrangements, with Mrs. Grose. I saw neither of them on my return, but, on the other hand, as by an ambiguous compensation, I saw a great deal of Miles. I saw – I can use no other phrase – so much of him that it was as if it were more than it had ever been. No evening I had passed at Bly had the portentous quality of this one; in spite of which – and in spite also of the deeper depths of consternation that had opened beneath my feet – there was literally, in the ebbing actual, an extraordinarily sweet sadness. On reaching the house I had never so much as looked for the boy; I had simply gone straight to my room to change what I was wearing and to take in, at a glance, much material testimony to Flora's rupture. Her little belongings had all been removed. When later, by the schoolroom fire, I was served with tea by the usual maid, I indulged, on the article of my other pupil, in no inquiry whatever. He had his freedom now – he might have it to the end! Well, he did have it; and it consisted – in part at least – of his coming in at about eight o'clock and sitting down with me in silence. On the removal of the tea things I had blown out the candles and drawn my chair closer: I was conscious of a mortal coldness and felt as if I should never again be warm. So, when he appeared, I was sitting in the glow with my thoughts. He paused a moment by the door as if to look at me; then - as if to share them – came to the other side of the hearth and sank into a chair. We sat there in absolute stillness; yet he wanted, I felt, to be with me.

CHAPTER 21

Before a new day, in my room, had fully broken, my eyes opened to Mrs. Grose, who had come to my bedside with worse news. Flora was so markedly feverish that an illness was perhaps at hand; she had passed a night of extreme unrest, a night agitated above all by fears that had for their subject not in the least her former, but wholly her present, governess. It was not against the possible re-entrance of Miss Jessel on the scene that she protested – it was conspicuously and passionately against mine. I was promptly on my feet of course, and with an immense deal to ask; the more that my friend had discernibly now girded her loins to meet me once more. This I felt as soon as I had put to her the question of her sense of the child's sincerity as against my own. "She persists in denying to you that she saw, or has ever seen, anything?"

My visitor's trouble, truly, was great. "Ah, miss, it isn't a matter on which I can push her! Yet it isn't either, I must say, as if I much needed to. It has made her, every inch of her, quite old."

"Oh, I see her perfectly from here. She resents, for all the world like some high little personage, the imputation on her truthfulness and, as it were, her respectability. 'Miss Jessel indeed – SHE!' Ah, she's 'respectable,' the chit! The impression she gave me there yesterday was, I assure you, the very strangest of all; it was quite beyond any of the others. I DID put my foot in it! She'll never speak to me again."

Hideous and obscure as it all was, it held Mrs. Grose briefly silent; then she granted my point with a frankness which, I made sure, had more behind it. "I think indeed, miss, she never will. She do have a grand manner about it!"

"And that manner" – I summed it up – "is practically what's the matter with her now!"

Oh, that manner, I could see in my visitor's face, and not a little else besides! "She asks me every three minutes if I think you're coming in."

"I see - I see." I, too, on my side, had so much more than worked it out. "Has she said to you since yesterday – except to repudiate her familiarity with anything so dreadful - a single other word about Miss Jessel?"

"Not one, miss. And of course you know," my friend added, "I took it from her, by the lake, that, just then and there at least, there WAS nobody."

"Rather! and, naturally, you take it from her still."

"I don't contradict her. What else can I do?"

"Nothing in the world! You've the cleverest little person to deal with. They've made them – their two friends, I mean – still cleverer even than nature did; for it was wondrous material to play on! Flora has now her grievance, and she'll work it to the end."

"Yes, miss; but to WHAT end?"

"Why, that of dealing with me to her uncle. She'll make me out to him the lowest creature…!"

I winced at the fair show of the scene in Mrs. Grose's face; she looked for a minute as if she sharply saw them together. "And him who thinks so well of you!"

"He has an odd way – it comes over me now," I laughed," – of proving it! But that doesn't matter. What Flora wants, of course, is to get rid of me."

My companion bravely concurred. "Never again to so much as look at you."

"So that what you've come to me now for," I asked, "is to speed me on my way?" Before she had time to reply, however, I had her in check. "I've a better idea - the result of my reflections. My going WOULD seem the right thing, and on Sunday I was terribly near it. Yet that won't do. It's YOU who must go. You must take Flora."

My visitor, at this, did speculate. "But where in the world?"

"Away from here. Away from THEM. Away, even most of all, now, from me. Straight to her uncle."

"Only to tell on you?"

"No, not `only'! To leave me, in addition, with my remedy."

She was still vague. "And what IS your remedy?"

"Your loyalty, to begin with. And then Miles's."

She looked at me hard. "Do you think he…?"

"Won't, if he has the chance, turn on me? Yes, I venture still to think it. At all events, I want to try. Get off with his sister as soon as possible and leave me with him alone." I was amazed, myself, at the spirit I had still in reserve, and

therefore perhaps a trifle the more disconcerted at the way in which, in spite of this fine example of it, she hesitated. "There's one thing, of course," I went on: "they mustn't, before she goes, see each other for three seconds." Then it came over me that, in spite of Flora's presumable sequestration from the instant of her return from the pool, it might already be too late. "Do you mean," I anxiously asked, "that they HAVE met?"

At this she quite flushed. "Ah, miss, I'm not such a fool as that! If I've been obliged to leave her three or four times, it has been each time with one of the maids, and at present, though she's alone, she's locked in safe. And yet – and yet!" There were too many things.

"And yet what?"

"Well, are you so sure of the little gentleman?"

"I'm not sure of anything but YOU. But I have, since last evening, a new hope. I think he wants to give me an opening. I do believe that – poor little exquisite wretch! - he wants to speak. Last evening, in the firelight and the silence, he sat with me for two hours as if it were just coming."

Mrs. Grose looked hard, through the window, at the gray, gathering day. "And did it come?"

"No, though I waited and waited, I confess it didn't, and it was without a breach of the silence or so much as a faint allusion to his sister's condition and absence that we at last kissed for good night. All the same," I continued, "I can't, if her uncle sees her, consent to his seeing her brother without my having given the boy – and most of all because things have got so bad - a little more time."

My friend appeared on this ground more reluctant than I could quite understand. "What do you mean by more time?"

"Well, a day or two – really to bring it out. He'll then be on MY side – of which you see the importance. If nothing comes, I shall only fail, and you will, at the worst, have helped me by doing, on your arrival in town, whatever you may have found possible." So I put it before her, but she continued for a little so inscrutably embarrassed that I came again to her aid. "Unless, indeed," I wound up, "you really want NOT to go."

I could see it, in her face, at last clear itself; she put out her hand to me as a pledge. "I'll go – I'll go. I'll go this morning."

I wanted to be very just. "If you SHOULD wish still to wait, I would engage she shouldn't see me."

"No, no: it's the place itself. She must leave it." She held me a moment with heavy eyes, then brought out the rest. "Your idea's the right one. I myself, miss"

"Well?"

"I can't stay."

The look she gave me with it made me jump at possibilities. "You mean that, since yesterday, you HAVE seen?"

She shook her head with dignity. "I've HEARD!"

"Heard?"

"From that child – horrors! There!" she sighed with tragic relief. "On my honor, miss, she says things!" But at this evocation she broke down; she dropped, with a sudden sob, upon my sofa and, as I had seen her do before, gave way to all the grief of it.

It was quite in another manner that I, for my part, let myself go. "Oh, thank God!"

She sprang up again at this, drying her eyes with a groan. "'Thank God'?"

"It so justifies me!"

"It does that, miss!"

I couldn't have desired more emphasis, but I just hesitated. "She's so horrible?"

I saw my colleague scarce knew how to put it. "Really shocking."

"And about me?"

"About you, miss – since you must have it. It's beyond everything, for a young lady; and I can't think wherever she must have picked up"

"The appalling language she applied to me? I can, then!" I broke in with a laugh that was doubtless significant enough.

It only, in truth, left my friend still more grave. "Well, perhaps I ought to also – since I've heard some of it before! Yet I can't bear it," the poor woman

went on while, with the same movement, she glanced, on my dressing table, at the face of my watch. "But I must go back."

I kept her, however. "Ah, if you can't bear it!"

"How can I stop with her, you mean? Why, just FOR that: to get her away. Far from this," she pursued, "far from THEM"

"She may be different? She may be free?" I seized her almost with joy. "Then, in spite of yesterday, you BELIEVE"

"In such doings?" Her simple description of them required, in the light of her expression, to be carried no further, and she gave me the whole thing as she had never done. "I believe."

Yes, it was a joy, and we were still shoulder to shoulder: if I might continue sure of that I should care but little what else happened. My support in the presence of disaster would be the same as it had been in my early need of confidence, and if my friend would answer for my honesty, I would answer for all the rest. On the point of taking leave of her, nonetheless, I was to some extent embarrassed. "There's one thing, of course – it occurs to me – to remember. My letter, giving the alarm, will have reached town before you."

I now perceived still more how she had been beating about the bush and how weary at last it had made her. "Your letter won't have got there. Your letter never went."

"What then became of it?"

"Goodness knows! Master Miles"

"Do you mean HE took it?" I gasped.

She hung fire, but she overcame her reluctance. "I mean that I saw yesterday, when I came back with Miss Flora, that it wasn't where you had put it.

Later in the evening I had the chance to question Luke, and he declared that he had neither noticed nor touched it." We could only exchange, on this, one of our deeper mutual soundings, and it was Mrs. Grose who first brought up the plumb with an almost elated "You see!"

"Yes, I see that if Miles took it instead he probably will have read it and destroyed it."

"And don't you see anything else?"

I faced her a moment with a sad smile. "It strikes me that by this time your eyes are open even wider than mine."

They proved to be so indeed, but she could still blush, almost, to show it. "I make out now what he must have done at school." And she gave, in her simple sharpness, an almost droll disillusioned nod. "He stole!"

I turned it over – I tried to be more judicial. "Well – perhaps."

She looked as if she found me unexpectedly calm. "He stole LETTERS!"

She couldn't know my reasons for a calmness after all pretty shallow; so I showed them off as I might. "I hope then it was to more purpose than in this case! The note, at any rate, that I put on the table yesterday," I pursued, "will have given him so scant an advantage – for it contained only the bare demand for an interview - that he is already much ashamed of having gone so far for so little, and that what he had on his mind last evening was precisely the need of confession." I seemed to myself, for the instant, to have mastered it, to see it all. "Leave us, leave us"- I was already, at the door, hurrying her off. "I'll get it out of him. He'll meet me - he'll confess. If he confesses, he's saved. And if he's saved"

"Then YOU are?" The dear woman kissed me on this, and I took her farewell. "I'll save you without him!" she cried as she went.

CHAPTER 22

Yet it was when she had got off – and I missed her on the spot – that the great pinch really came. If I had counted on what it would give me to find myself alone with Miles, I speedily perceived, at least, that it would give me a measure. No hour of my stay in fact was so assailed with apprehensions as that of my coming down to learn that the carriage containing Mrs. Grose and my younger pupil had already rolled out of the gates. Now I WAS, I said to myself, face to face with the elements, and for much of the rest of the day, while I fought my weakness, I could consider that I had been supremely rash. It was a tighter place still than I had yet turned round in; all the more that, for the first time, I could see in the aspect of others a confused reflection of the crisis. What had happened naturally caused them all to stare; there was too little of the explained, throw out whatever we might, in the suddenness of my colleague's act. The maids and the men looked blank; the effect of which on my nerves was an aggravation until I saw the necessity of making it a positive aid. It was precisely, in short, by just clutching the helm that I avoided total wreck; and I dare say that, to bear up at all, I became, that morning, very grand and very dry. I welcomed the consciousness that I was charged with much to do, and I caused it to be known as well that, left thus to myself, I was quite remarkably firm. I wandered with that manner, for the next hour or two, all over the place and looked, I have no doubt, as if I were ready for any onset. So, for the benefit of whom it might concern, I paraded with a sick heart.

The person it appeared least to concern proved to be, till dinner, little Miles himself. My perambulations had given me, meanwhile, no glimpse of him, but they had tended to make more public the change taking place in our relation as a consequence of his having at the piano, the day before, kept me, in Flora's interest, so beguiled and befooled. The stamp of publicity had of course been fully given by her confinement and departure, and the change itself was now ushered in by our nonobservance of the regular custom of the schoolroom. He had already disappeared when, on my way down, I pushed open his door, and I learned below that he had breakfasted – in the presence of a couple of the maids – with Mrs. Grose and his sister. He had then gone out, as he said, for a stroll; than which nothing, I reflected, could better have expressed his frank view of the abrupt transformation of my office. What he would not permit this office to consist of was yet to be settled: there was a queer relief, at all events – I mean for

myself in especial - in the renouncement of one pretension. If so much had sprung to the surface, I scarce put it too strongly in saying that what had perhaps sprung highest was the absurdity of our prolonging the fiction that I had anything more to teach him. It sufficiently stuck out that, by tacit little tricks in which even more than myself he carried out the care for my dignity, I had had to appeal to him to let me off straining to meet him on the ground of his true capacity. He had at any rate his freedom now; I was never to touch it again; as I had amply shown, moreover, when, on his joining me in the schoolroom the previous night, I had uttered, on the subject of the interval just concluded, neither challenge nor hint. I had too much, from this moment, my other ideas. Yet when he at last arrived, the difficulty of applying them, the accumulations of my problem, were brought straight home to me by the beautiful little presence on which what had occurred had as yet, for the eye, dropped neither stain nor shadow.

To mark, for the house, the high state I cultivated I decreed that my meals with the boy should be served, as we called it, downstairs; so that I had been awaiting him in the ponderous pomp of the room outside of the window of which I had had from Mrs. Grose, that first scared Sunday, my flash of something it would scarce have done to call light. Here at present I felt afresh – for I had felt it again and again - how my equilibrium depended on the success of my rigid will, the will to shut my eyes as tight as possible to the truth that what I had to deal with was, revoltingly, against nature. I could only get on at all by taking "nature" into my confidence and my account, by treating my monstrous ordeal as a push in a direction unusual, of course, and unpleasant, but demanding, after all, for a fair front, only another turn of the screw of ordinary human virtue. No attempt, nonetheless, could well require more tact than just this attempt to supply, one's self, ALL the nature. How could I put even a little of that article into a suppression of reference to what had occurred? How, on the other hand, could I make reference without a new plunge into the hideous obscure? Well, a sort of answer, after a time, had come to me, and it was so far confirmed as that I was met, incontestably, by the quickened vision of what was rare in my little companion. It was indeed as if he had found even now – as he had so often found at lessons – still some other delicate way to ease me off. Wasn't there light in the fact which, as we shared our solitude, broke out with a specious glitter it had never yet quite worn? - the fact that (opportunity aiding, precious opportunity which had now come) it would be preposterous, with a child so endowed, to forego the help one might wrest from absolute intelligence?

What had his intelligence been given him for but to save him? Mightn't one, to reach his mind, risk the stretch of an angular arm over his character? It was as if, when we were face to face in the dining room, he had literally shown me the way. The roast mutton was on the table, and I had dispensed with attendance. Miles, before he sat down, stood a moment with his hands in his pockets and looked at the joint, on which he seemed on the point of passing some humorous judgment. But what he presently produced was: "I say, my dear, is she really very awfully ill?"

"Little Flora? Not so bad but that she'll presently be better. London will set her up. Bly had ceased to agree with her. Come here and take your mutton."

He alertly obeyed me, carried the plate carefully to his seat, and, when he was established, went on. "Did Bly disagree with her so terribly suddenly?"

"Not so suddenly as you might think. One had seen it coming on."

"Then why didn't you get her off before?"

"Before what?"

"Before she became too ill to travel."

I found myself prompt. "She's NOT too ill to travel: she only might have become so if she had stayed. This was just the moment to seize. The journey will dissipate the influence" – oh, I was grand! – "and carry it off."

"I see, I see" – Miles, for that matter, was grand, too. He settled to his repast with the charming little "table manner" that, from the day of his arrival, had relieved me of all grossness of admonition. Whatever he had been driven from school for, it was not for ugly feeding. He was irreproachable, as always, today; but he was unmistakably more conscious. He was discernibly trying to take for granted more things than he found, without assistance, quite easy; and he dropped into peaceful silence while he felt his situation. Our meal was of the briefest – mine a vain pretense, and I had the things immediately removed. While this was done Miles stood again with his hands in his little pockets and his back to me – stood and looked out of the wide window through which, that other day, I had seen what pulled me up. We continued silent while the maid was with us - as silent, it whimsically occurred to me, as some young couple who, on their wedding journey, at the inn, feel shy in the presence of the waiter. He turned round only when the waiter had left us. "Well – so we're alone!"

CHAPTER 23

"Oh, more or less." I fancy my smile was pale. "Not absolutely. We shouldn't like that!" I went on.

"No – I suppose we shouldn't. Of course we have the others."

"We have the others – we have indeed the others," I concurred.

"Yet even though we have them," he returned, still with his hands in his pockets and planted there in front of me, "they don't much count, do they?"

I made the best of it, but I felt wan. "It depends on what you call `much'!"

"Yes" – with all accommodation – "everything depends!" On this, however, he faced to the window again and presently reached it with his vague, restless, cogitating step. He remained there awhile, with his forehead against the glass, in contemplation of the stupid shrubs I knew and the dull things of November. I had always my hypocrisy of "work," behind which, now, I gained the sofa. Steadying myself with it there as I had repeatedly done at those moments of torment that I have described as the moments of my knowing the children to be given to something from which I was barred, I sufficiently obeyed my habit of being prepared for the worst. But an extraordinary impression dropped on me as I extracted a meaning from the boy's embarrassed back – none other than the impression that I was not barred now. This inference grew in a few minutes to sharp intensity and seemed bound up with the direct perception that it was positively HE who was. The frames and squares of the great window were a kind of image, for him, of a kind of failure. I felt that I saw him, at any rate, shut in or shut out. He was admirable, but not comfortable: I took it in with a throb of hope. Wasn't he looking, through the haunted pane, for something he couldn't see? – and wasn't it the first time in the whole business that he had known such a lapse? The first, the very first: I found it a splendid portent. It made him anxious, though he watched himself; he had been anxious all day and, even while in his usual sweet little manner he sat at table, had needed all his small strange genius to give it a gloss. When he at last turned round to meet me, it was almost as if this genius had succumbed. "Well, I think I'm glad Bly agrees with ME!"

"You would certainly seem to have seen, these twenty-four hours, a good deal more of it than for some time before. I hope," I went on bravely, "that

you've been enjoying yourself."

"Oh, yes, I've been ever so far; all round about – miles and miles away. I've never been so free."

He had really a manner of his own, and I could only try to keep up with him. "Well, do you like it?"

He stood there smiling; then at last he put into two words – "Do YOU?" – more discrimination than I had ever heard two words contain. Before I had time to deal with that, however, he continued as if with the sense that this was an impertinence to be softened. "Nothing could be more charming than the way you take it, for of course if we're alone together now it's you that are alone most. But I hope," he threw in, "you don't particularly mind!"

"Having to do with you?" I asked. "My dear child, how can I help minding? Though I've renounced all claim to your company – you're so beyond me - I at least greatly enjoy it. What else should I stay on for?"

He looked at me more directly, and the expression of his face, graver now, struck me as the most beautiful I had ever found in it. "You stay on just for THAT?"

"Certainly. I stay on as your friend and from the tremendous interest I take in you till something can be done for you that may be more worth your while. That needn't surprise you." My voice trembled so that I felt it impossible to suppress the shake. "Don't you remember how I told you, when I came and sat on your bed the night of the storm, that there was nothing in the world I wouldn't do for you?"

"Yes, yes!" He, on his side, more and more visibly nervous, had a tone to master; but he was so much more successful than I that, laughing out through his gravity, he could pretend we were pleasantly jesting. "Only that, I think, was to get me to do something for YOU!"

"It was partly to get you to do something," I conceded. "But, you know, you didn't do it."

"Oh, yes," he said with the brightest superficial eagerness, "you wanted me to tell you something."

"That's it. Out, straight out. What you have on your mind, you know."

"Ah, then, is THAT what you've stayed over for?"

He spoke with a gaiety through which I could still catch the finest little quiver of resentful passion; but I can't begin to express the effect upon me of an implication of surrender even so faint. It was as if what I had yearned for had come at last only to astonish me. "Well, yes – I may as well make a clean breast of it. it was precisely for that."

He waited so long that I supposed it for the purpose of repudiating the assumption on which my action had been founded; but what he finally said was: "Do you mean now – here?"

"There couldn't be a better place or time." He looked round him uneasily, and I had the rare – oh, the queer! – impression of the very first symptom I had seen in him of the approach of immediate fear. It was as if he were suddenly afraid of me – which struck me indeed as perhaps the best thing to make him. Yet in the very pang of the effort I felt it vain to try sternness, and I heard myself the next instant so gentle as to be almost grotesque. "You want so to go out again?"

"Awfully!" He smiled at me heroically, and the touching little bravery of it was enhanced by his actually flushing with pain. He had picked up his hat, which he had brought in, and stood twirling it in a way that gave me, even as I was just nearly reaching port, a perverse horror of what I was doing. To do it in ANY way was an act of violence, for what did it consist of but the obtrusion of the idea of grossness and guilt on a small helpless creature who had been for me a revelation of the possibilities of beautiful intercourse? Wasn't it base to create for a being so exquisite a mere alien awkwardness? I suppose I now read into our situation a clearness it couldn't have had at the time, for I seem to see our poor eyes already lighted with some spark of a prevision of the anguish that was to come. So we circled about, with terrors and scruples, like fighters not daring to close. But it was for each other we feared! That kept us a little longer suspended and unbruised. "I'll tell you everything," Miles said,. "I mean I'll tell you anything you like. You'll stay on with me, and we shall both be all right, and I WILL tell you – I WILL. But not now."

"Why not now?"

My insistence turned him from me and kept him once more at his window in a silence during which, between us, you might have heard a pin drop. Then he was before me again with the air of a person for whom, outside, someone who had frankly to be reckoned with was waiting. "I have to see

Luke."

I had not yet reduced him to quite so vulgar a lie, and I felt proportionately ashamed. But, horrible as it was, his lies made up my truth. I achieved thoughtfully a few loops of my knitting. "Well, then, go to Luke, and I'll wait for what you promise. Only, in return for that, satisfy, before you leave me, one very much smaller request."

He looked as if he felt he had succeeded enough to be able still a little to bargain. "Very much smaller?"

"Yes, a mere fraction of the whole. Tell me" – oh, my work preoccupied me, and I was offhand! – "if, yesterday afternoon, from the table in the hall, you took, you know, my letter."

CHAPTER 24

My sense of how he received this suffered for a minute from something that I can describe only as a fierce split of my attention – a stroke that at first, as I sprang straight up, reduced me to the mere blind movement of getting hold of him, drawing him close, and, while I just fell for support against the nearest piece of furniture, instinctively keeping him with his back to the window. The appearance was full upon us that I had already had to deal with here: Peter Quint had come into view like a sentinel before a prison. The next thing I saw was that, from outside, he had reached the window, and then I knew that, close to the glass and glaring in through it, he offered once more to the room his white face of damnation. It represents but grossly what took place within me at the sight to say that on the second my decision was made; yet I believe that no woman so overwhelmed ever in so short a time recovered her grasp of the ACT. It came to me in the very horror of the immediate presence that the act would be, seeing and facing what I saw and faced, to keep the boy himself unaware. The inspiration - I can call it by no other name – was that I felt how voluntarily, how transcendently, I MIGHT. It was like fighting with a demon for a human soul, and when I had fairly so appraised it I saw how the human soul – held out, in the tremor of my hands, at arm's length - had a perfect dew of sweat on a lovely childish forehead. The face that was close to mine was as white as the face against the glass, and out of it presently came a sound, not low nor weak, but as if from much further away, that I drank like a waft of fragrance.

"Yes – I took it."

At this, with a moan of joy, I enfolded, I drew him close; and while I held him to my breast, where I could feel in the sudden fever of his little body the tremendous pulse of his little heart, I kept my eyes on the thing at the window and saw it move and shift its posture. I have likened it to a sentinel, but its slow wheel, for a moment, was rather the prowl of a baffled beast. My present quickened courage, however, was such that, not too much to let it through, I had to shade, as it were, my flame. Meanwhile the glare of the face was again at the window, the scoundrel fixed as if to watch and wait. It was the very confidence that I might now defy him, as well as the positive certitude, by this time, of the child's unconsciousness, that made me go on. "What did you take it for?"

"To see what you said about me."

"You opened the letter?"

"I opened it."

My eyes were now, as I held him off a little again, on Miles's own face, in which the collapse of mockery showed me how complete was the ravage of uneasiness. What was prodigious was that at last, by my success, his sense was sealed and his communication stopped: he knew that he was in presence, but knew not of what, and knew still less that I also was and that I did know. And what did this strain of trouble matter when my eyes went back to the window only to see that the air was clear again and – by my personal triumph – the influence quenched? There was nothing there. I felt that the cause was mine and that I should surely get ALL. "And you found nothing!" I let my elation out.

He gave the most mournful, thoughtful little headshake. "Nothing."

"Nothing, nothing!" I almost shouted in my joy.

"Nothing, nothing," he sadly repeated.

I kissed his forehead; it was drenched. "So what have you done with it?"

"I've burned it."

"Burned it?" It was now or never. "Is that what you did at school?"

Oh, what this brought up! "At school?"

"Did you take letters? - or other things?"

"Other things?" He appeared now to be thinking of something far off and that reached him only through the pressure of his anxiety. Yet it did reach him. "Did I STEAL?"

I felt myself redden to the roots of my hair as well as wonder if it were more strange to put to a gentleman such a question or to see him take it with allowances that gave the very distance of his fall in the world. "Was it for that you mightn't go back?"

The only thing he felt was rather a dreary little surprise. "Did you know I mightn't go back?"

"I know everything."

He gave me at this the longest and strangest look. "Everything?"

"Everything. Therefore DID you…?" But I couldn't say it again.

Miles could, very simply. "No. I didn't steal."

My face must have shown him I believed him utterly; yet my hands - but it was for pure tenderness – shook him as if to ask him why, if it was all for nothing, he had condemned me to months of torment. "What then did you do?"

He looked in vague pain all round the top of the room and drew his breath, two or three times over, as if with difficulty. He might have been standing at the bottom of the sea and raising his eyes to some faint green twilight. "Well… I said things."

"Only that?"

"They thought it was enough!"

"To turn you out for?"

Never, truly, had a person "turned out" shown so little to explain it as this little person! He appeared to weigh my question, but in a manner quite detached and almost helpless. "Well, I suppose I oughtn't."

"But to whom did you say them?"

He evidently tried to remember, but it dropped – he had lost it. "I don't know!"

He almost smiled at me in the desolation of his surrender, which was indeed practically, by this time, so complete that I ought to have left it there. But I was infatuated - I was blind with victory, though even then the very effect that was to have brought him so much nearer was already that of added separation. "Was it to everyone?" I asked.

"No; it was only to" But he gave a sick little headshake.

"I don't remember their names."

"Were they then so many?"

"No – only a few. Those I liked."

Those he liked? I seemed to float not into clearness, but into a darker obscure, and within a minute there had come to me out of my very pity the appalling alarm of his being perhaps innocent. It was for the instant confounding and bottomless, for if he WERE innocent, what then on earth was I? Paralyzed, while it lasted, by the mere brush of the question, I let him go a little, so that, with a deep-drawn sigh, he turned away from me again; which, as

he faced toward the clear window, I suffered, feeling that I had nothing now there to keep him from. "And did they repeat what you said?" I went on after a moment.

He was soon at some distance from me, still breathing hard and again with the air, though now without anger for it, of being confined against his will. Once more, as he had done before, he looked up at the dim day as if, of what had hitherto sustained him, nothing was left but an unspeakable anxiety. "Oh, yes," he nevertheless replied" they must have repeated them. To those THEY liked," he added.

There was, somehow, less of it than I had expected; but I turned it over. "And these things came round?"

"To the masters? Oh, yes!" he answered very simply. "But I didn't know they'd tell."

"The masters? They didn't - they've never told. That's why I ask you."

He turned to me again his little beautiful fevered face. "Yes, it was too bad."

"Too bad?"

"What I suppose I sometimes said. To write home."

I can't name the exquisite pathos of the contradiction given to such a speech by such a speaker; I only know that the next instant I heard myself throw off with homely force: "Stuff and nonsense!" But the next after that I must have sounded stern enough. "What WERE these things?"

My sternness was all for his judge, his executioner; yet it made him avert himself again, and that movement made ME, with a single bound and an irrepressible cry, spring straight upon him. For there again, against the glass, as if to blight his confession and stay his answer, was the hideous author of our woe – the white face of damnation. I felt a sick swim at the drop of my victory and all the return of my battle, so that the wildness of my veritable leap only served as a great betrayal. I saw him, from the midst of my act, meet it with a divination, and on the perception that even now he only guessed, and that the window was still to his own eyes free, I let the impulse flame up to convert the climax of his dismay into the very proof of his liberation. "No more, no more, no more!" I shrieked, as I tried to press him against me, to my visitant.

"Is she HERE?" Miles panted as he caught with his sealed eyes the

direction of my words. Then as his strange "she" staggered me and, with a gasp, I echoed it, "Miss Jessel, Miss Jessel!" he with a sudden fury gave me back.

I seized, stupefied, his supposition – some sequel to what we had done to Flora, but this made me only want to show him that it was better still than that. "It's not Miss Jessel! But it's at the window – straight before us. It's THERE - the coward horror, there for the last time!"

At this, after a second in which his head made the movement of a baffled dog's on a scent and then gave a frantic little shake for air and light, he was at me in a white rage, bewildered, glaring vainly over the place and missing wholly, though it now, to my sense, filled the room like the taste of poison, the wide, overwhelming presence. "It's HE?"

I was so determined to have all my proof that I flashed into ice to challenge him. "Whom do you mean by `he'?"

"Peter Quint – you devil!" His face gave again, round the room, its convulsed supplication. "WHERE?"

They are in my ears still, his supreme surrender of the name and his tribute to my devotion. "What does he matter now, my own? – what will he EVER matter? I have you," I launched at the beast, "but he has lost you forever!" Then, for the demonstration of my work, "There, THERE!" I said to Miles.

But he had already jerked straight round, stared, glared again, and seen but the quiet day. With the stroke of the loss I was so proud of he uttered the cry of a creature hurled over an abyss, and the grasp with which I recovered him might have been that of catching him in his fall. I caught him, yes, I held him – it may be imagined with what a passion; but at the end of a minute I began to feel what it truly was that I held. We were alone with the quiet day, and his little heart, dispossessed, had stopped.

FINIS

HENRY JAMES

Nascido na cidade de Nova York, EUA, de uma família rica, em 15 de abril de 1843, HENRY JAMES foi o segundo de cinco filhos de sir Henry James, um importante filósofo e teólogo de sua época. Entre os irmãos, outro nome de cultura se destacou, o do psicólogo e filósofo pragmatista William James. Produziu ao longo de toda sua carreira uma vasta obra literária que inclui 20 novelas, além de 112 histórias, 12 jogos e inúmeras críticas literárias.

Na juventude, Henry James manteve-se em trânsito entre a América e a Europa, estudando em Genebra, Londres, Paris, Bolonha e Bonn. Estudou Direito nos Estados Unidos, na Harvard Law School, mas, apenas por um ano, porque a Literatura o interessava muito mais. Desde cedo, Henry James tinha lido clássicos da Literatura inglesa, americana, francesa e alemã, além de traduções dos clássicos russos. Sempre se sentiu muito mais inclinado a viver na Europa, achando a América hostil à vida de um homem que só queria dedicar-se à arte literária, mas, o tema do americano atraído e, eventualmente, traído pelos valores do Velho Mundo é frequente em sua obra. Enquanto viajava de Veneza a Paris, escreveu sua primeira novela, Watch and Ward (1871). Obras como Roderick Hudson (1875), The American (1877) e The Europeans abordam o tema das diferenças entre os dois continentes.

Em Paris, conheceu grandes nomes da literatura como Flaubert e o russo Turgueniev. Fascinado pela Inglaterra, James viveu primeiro em Londres e depois em Rye, Sussex. Considerava Londres uma espécie de "capital da raça humana". Escreveu obras populares como Daisy Miller (1879), A Portrait of a Lady (1882) e The Princess Casamassima (1886). Produzindo vinte novelas e cerca de uma centena de contos, também escreveu várias peças de teatro, mas teve sucesso limitado como dramaturgo. Atingiu um refinamento literário que muitos críticos consideram incomparável em suas últimas obras, como What Maisie Knew (1897), The Awkward Age (1899), The Wings of the Dove (1902) e The Golden Bowl (1904).

O estilo de Henry James revela um enorme domínio da língua inglesa. Em sua época, o autor foi muito admirado por esse talento entre os literatos ingleses, da velha ou da nova geração. Por fidelidade muito forte às coisas britânicas, Henry James acabou naturalizando-se inglês em 1915, depois do início da Primeira Guerra Mundial. O acontecimento, aliás, perturbou o espírito do civilizado e refinado escritor, que lamentou "o horror de ter vivido para

testemunhar tudo aquilo". Faleceu em 28 de fevereiro de 1916, após sofrer um colapso em dezembro do ano anterior. Enquanto aguardava a morte, exclamou: "So this is it at last, the distinguished thing!"